



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia – SOL
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Tese de Doutorado em Sociologia

TESE DE DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

**NOS BARES DA CIDADE:
LAZER E SOCIABILIDADE EM BRASÍLIA**

Gilberto Luiz Lima Barral

Brasília-DF
Agosto-2012

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia – SOL
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Tese de Doutorado em Sociologia

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

**NOS BARES DA CIDADE:
LAZER E SOCIABILIDADE EM BRASÍLIA**

Gilberto Luiz Lima Barral

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira

Brasília-DF
Agosto-2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Nos bares da cidade: lazer e sociabilidade em Brasília

Autor: Gilberto Luiz Lima Barral

Área de Concentração: Sociedade e Transformação

Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Nos bares da cidade: lazer e sociabilidade em Brasília.** Defesa de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. 231 p.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira
Presidente – Orientador (UnB/PPGSol)

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes
Membro Externo (UFF)

Profa. Dra. Valeska Maria Zanello de Loyola
Membro Externo (UnB/PPGIP)

Profa. Dra. Mariza Veloso Motta Santos
Membro Interno (UnB/PPGSol)

Prof. Dra. Carla Costa Teixeira
Membro Externa (UnB/DAN)

Profa. Dra. Fernanda Antônia da Fonseca Sobral
Membro Suplente (UnB/PPGSol)

Defendida a tese

Em: 28/08/2012

*Olho em redor do bar em que escrevo estas linhas.
Aquele homem ali no balcão, caninha após caninha,
nem desconfia que se acha conosco desde o início
das eras. Pensa que está somente afogando
problemas
dele, João Silva... Ele está é bebendo a milenar
inquietação do mundo!*

Mário Quintana

À minha mãe, Gércina Teixeira Barral (em memória), que por pouco não fruiu conosco desta comensalidade.

Aos generosos participantes desta pesquisa: proprietários, funcionários e “ilustres frequentadores”, sujeitos imprescindíveis para a produção desta tese e também para a construção de espaços de lazer nesta Cidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar os meus agradecimentos às pessoas e entidades que cooperaram para a concretização desta pesquisa, em especial:

Ao Professor Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira, meu orientador, pela generosidade, compreensão e dedicação na condução deste trabalho.

Aos membros da banca, em especial ao Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes, pelas reflexões e contribuições sobre Brasília e pela amizade, à Profa. Dra. Carla Costa Teixeira, pelas sugestões e críticas, Profa. Dra. Valeska Maria Zanello de Loyola, Profa. Dra. Mariza Veloso Motta Santos, e Profa. Dra. Fernanda Antônia da Fonseca Sobral, que aceitaram prontamente fazer parte da apreciação e avaliação desta tese.

À Gislene Barral pela dedicação, apoio e fraternidade em toda minha trajetória de vida e acadêmica.

À Maíra Zenun de Oliveira, primeiramente pela amizade e dedicação de muitos anos; pelo esmerado trabalho de fotografia e parceria na produção audiovisual, acadêmica e artística.

À Raquel de Souza Mello, pela amizade, conversas e iluminações no percurso da pesquisa.

Aos amigos e parceiros de muitas conversas e trabalhos, especialmente na produção audiovisual Jacques Sanfilippo e Leyberson Lélis.

Ao meu cunhado Guilherme Felipe da Silva pela “fraternidade”, apoio e conhecimentos técnicos em informática.

Aos meus colegas e amigos da Pós-Graduação no PGSOI, especialmente Rosevel Gutemberg, Elder Patrick Maia, Fernando Rodrigues e Ticiania Ramos.

Aos Professores e Colegas da Secretaria de Educação do DF, especialmente os colegas do GESM (Grupo de Pesquisa em Educação e Sujeitos à Margem): Airam, Angélica, Cléssia, Gislene Barral, José Nildo, Wellington de Jesus, e, especialmente Celina, pela amizade, leituras e sugestões.

Aos funcionários da secretaria do PGSOL/UnB, em particular, Evaldo e Márcia Araújo, pelo auxílio e consideração no desenvolvimento dos estudos.

Ao meu Pai, Lázaro Lima, e meus filhos, Daniel e Gabriel, pela compreensão e carinho.

Às amigas Ana Larissa, Gabriela Garcia, Fernanda Nóbrega, Morgana Gomes; Tielle Mariano.

A todos, o meu muito obrigado.

RESUMO

O bar, em determinado espaço e tempo, aparece como lugar do advento da opinião pública, como um lócus de experiências e conhecimentos das coisas pela vivência e/ou observação, transformando-se em local de conversas e práticas de lazer políticas e culturais. Neste sentido, esta tese de doutorado se situa no campo de estudo das formas de sociabilidade propiciadas pelas práticas de lazer. O objetivo é observar determinada prática de lazer, particularmente no bar, com a finalidade de produzir uma sociologia do cotidiano e uma sociologia do lazer e da cultura. Investiga-se a organização e o funcionamento do bar, buscando compreender que sociabilidade se desenvolve em determinados bares de Brasília e, ainda, apresentar as redes de interdependência que envolvem e propiciam formas de ocupação e uso dos espaços da cidade. Com esta perspectiva, o objeto de estudo da tese construiu-se em torno do pensar o espaço do lazer e as formas de sociabilidade envolvidas nessas práticas em bares como configurador de uma sociabilidade específica, ora apresentada como uma sociabilidade de bar. O estudo teve como referenciais teóricos as ideias de autores como Erving Goffman, Georg Simmel, Johan Huizinga, Joffre Dumazedier, Norbert Elias, Michel Maffesoli, Karl Mannheim, entre outros. Para dar suporte ao argumento da tese, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com ênfase em uma etnografia de alguns bares: observação direta, prolongada e aberta, voltada para um olhar interdisciplinar (MANNHEIM, 2001; CUNHA, 1982). Em campo foram feitas anotações de observações, de conversas, de ideias. Ainda foram realizadas entrevistas, fotografias e produzidos registros audiovisuais que se transformaram, em parte, em vídeos. Buscando realizar uma sociologia da vida cotidiana nos bares da cidade, a pesquisa se apoiou ainda nas metodologias da sociologia da imagem e da fotografia (ACHUTTI, 1997; MARTINS, 2009). O recorte empírico proposto para se estudar a relação entre lazer e sociabilidade são alguns bares da Asa Sul de Brasília, situados nas áreas comerciais das quadras 109, 113 e 403. Na Asa Norte da cidade, as quadras comerciais 115, 216, 403, 408 e a Vila Planalto. As considerações relativas ao percurso da pesquisa e seus resultados face à construção do problema teórico e empírico proposto apontam o crescimento dos bares na cidade como espaços de lazer e sociabilidade; a projeção desses espaços nas vivências, comportamentos e representações dessas práticas de lazer; e as redes de interdependência que se articulam e redesenham os espaços de lazer em Brasília.

Palavras-chave: Sociologia da Cultura; Lazer; Sociabilidade; Redes de Interdependência; Interação social; Bar; Cotidiano; Etnografia; Imagem; Comportamento; Conduta; Espaço; Cidade; Brasília.

ABSTRACT

The bar, at any given time and space, appears as the place of the advent of public opinion, as a locus of experience and knowledge of things through experience and / or observation, transforming itself into local of conversations and political and cultural practices of leisure. In this sense, this thesis of doctorate is situated in the field of study of the forms of sociability offered by leisure practices. The aim is to observe a particular practice of leisure, particularly in the bar, with the finality of producing a sociology of everyday life and a sociology of leisure and culture. It is investigated the organization and operation of the bar, trying to understand the sociability that develops in some bars of Brasilia and also to present the networks of interdependence that surround and provide forms of occupation and use of spaces of the city. With this perspective, the study object of this thesis was built around the thinking about the space of leisure and sociability forms involved in these practices in bars as a configurator of specific sociability, sometimes presented as a bar sociability. The study had as theoretical references the ideas of authors such as Erving Goffman, Georg Simmel, Johan Huizinga, Joffre Dumazedier, Norbert Elias, Michel Maffesoli, Karl Mannheim, among others. To support the argument of the thesis, it was conducted a qualitative research, with emphasis on the ethnography of some bars: direct, prolonged and open observation, toward an interdisciplinary view (MANNHEIM, 2001; CUNHA, 1982). In the field, notes of observations, conversations and ideas were made. Were also interviewed, made photographs and audiovisual recordings produced which became, in part, on video. Seeking to make a sociology of everyday life in bars of the city, the research was also supported in methodologies of sociology of the image and of the photograph (ACHUTTI, 1997; MARTINS, 2009). The empirical focus proposed to study the relationship between leisure and sociability are some bars in the Asa Sul of Brasilia, situated in the commercial areas of the blocks 109, 113 and 403. In the Asa Norte of the city, the commercial blocks 115, 216, 403, 408 and Vila Planalto. Considerations related to the course of the study and its results, facing the construction of the theoretical and empirical problem proposed, point to the growth of bars in the city as a leisure and sociability spaces; the projection of these spaces in the experiences, behaviors and representations of such leisure practices; and networks of interdependence that are articulated and redraw the leisure spaces in Brasilia.

Keywords: Sociology of Culture; Leisure; Sociability; Networks of Interdependence; Social Interaction; Bar; Everyday; Ethnography; Image; Behavior; Conduct; Space; City; Brasilia.

RESUMEN

El bar, en un dado momento y espacio, aparece como el lugar de la llegada de la opinión pública, como un lugar de la experiencia y conocimiento de las cosas mediante la experiencia y / o observación, transformándose en conversaciones y prácticas locales de las políticas de ocio y culturales. En este sentido, esta tesis se encuentra en el campo de estudio de las formas de sociabilidad propiciadas por las prácticas de ocio. El objetivo es observar una práctica de tiempo libre, especialmente en el bar, con el fin de producir una sociología de la vida cotidiana y una sociología del ocio y la cultura. Investiga la organización y el funcionamiento del bar, tratando de entender la sociabilidad que se desarrolla en ciertos bares de Brasilia y también presentar las redes de interdependencia que la rodean y proporcionan formas de ocupación y uso de los espacios de la ciudad. Con esta perspectiva, el objeto de estudio de esta tesis fue construido alrededor del espacio pensando en formas de ocio y sociabilidad que participan en estas prácticas en los bares como una sociabilidad específica, ora presentada como una sociabilidad del bar. El estudio tuvo como referente las ideas teóricas de autores como Erving Goffman, Georg Simmel, Johan Huizinga, Dumazedier Joffre, Norbert Elias, Michel Maffesoli, Karl Mannheim, entre otros. Para apoyar el argumento de la tesis, se realizó una investigación cualitativa, con énfasis en la etnografía de algunos bares: la observación directa, prolongada y abierta con un enfoque interdisciplinar (Mannheim, 2001; CUNHA, 1982). Notas del campo de las observaciones, conversaciones y ideas fueron hechas. Las entrevistas se llevaron a cabo, fotografías y grabaciones audiovisuales realizadas, que en parte, se convirtió en vídeo. Tratando de hacer una sociología de la vida cotidiana en los bares, también apoyó las metodologías de investigación en la sociología de la imagen y de la fotografía (Achutti 1997, Martins, 2009). La propuesta empírica para estudiar la relación entre el ocio y la sociabilidad son algunos de los bares en el Ala Sur de Brasilia, situado en las áreas comerciales de los bloques 109, 113 y 403. En el Ala Norte de la ciudad, los bloques comerciales 115, 216, 403, 408 y Vila Planalto. Consideraciones sobre el curso del estudio y sus resultados face la construcción de los problemas teóricos y empíricos propuestos apuntan el crecimiento de los bares en la ciudad como un centro de ocio y sociabilidad, la proyección de estos espacios en las experiencias, comportamientos y representaciones de las prácticas de ocio tales, y redes de interdependencia que se articulan y vuelven a dibujar las instalaciones de ocio en Brasilia.

Palabras-clave: Sociología de la Cultura; Recreación; Sociabilidad; Redes de interdependencia; Interacción social; Bar; Etnografía; Cotidiano; Imágenes; Comportamientos; Conductas; Espacio; Ciudad; Brasilia.

Tabela 1 – Atores do bar

NOME	CODINOME	ORDEM DE APARECIMENTO	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ORIGEM	CATEGORIA	ESTABELECIMENTO	OBSERVAÇÕES
Antonia	Viúva do Careca	P. 07	F	60-70	CE	Proprietária	Bar do Careca	
Raul	Sr. Generoso	P. 8	M	70-80	Portugal	Proprietário	Paulicéia Bar	
	Sra. Atendimento	P. 10	F				SINDHOBAR	
	Sr. Médico	P. 17	M	40-50		Frequentador	Bar Beirute	
	Sr. Advogado	P. 17	M	70-80		Frequentador	Bar Piauí	
	Sr. Jornalista	P. 17	M	40-50		Frequentador	Bar Piauí	
	Sra. Professora	P. 17	F	50-60	MG	Frequentadora	Bar Beirute	
Francisco Emiliano	Jovem Emiliano	P. 18	M	20-30	Brasília – DF	Proprietário	Bar Beirute	Filho de um dos primeiros proprietários do Bar Beirute
Daniel	Dani Boi	P. 20	M	20-30	Brasília – DF	Frequentador	Meu Bar/ Bar Piauí/ Paulicéia	
Francisco Gurgel	Chiquim	P. 30	M		PI	Proprietário	Bar Piauí	
	Sr. Delegado	P. 32	M			Frequentador	Bar Piauí	Integrante do Grupo “Amigos Piauí”
João Carlos	Gato	P. 38	M	20-30	Planaltina – DF	Proprietário	Bar do Careca	Filho da Viúva, adotado do Careca.
	Duda	P. 38	M	20-30	DF	Frequentador/ Vizinho	Bar do Careca	Pequeno traficante local.
Amauri	Tipo A	P. 39	M	Falecido (20-30)	GO	Frequentador/ Funcionário/Vizinh	Bar do Careca	Ajudante temporário do Bar Careca.
	Sarado	P. 39	M	20-30		Frequentador	Bar do Careca	
Édipo	Negomano	P. 40	M	20-30	Planaltina – DF	Funcionário	Bar do Careca	Sobrinho da proprietária do Bar do Careca.
	Asanortina	P. 51	F	40-50	MG	Frequentadora	Bar Paixão	
	Bicicletino	P. 52	M	20-30	DF	Funcionário	Bar Paixão	
César	Cezinha	P. 53	M	30-40	Brasília – DF	Frequentador	Só Drink's Bar	
Nilton	Da Farmácia	P. 53	M	50-60	Rio de Janeiro	Proprietário	Só Drink's Bar	
José	Zé	P. 58	M	50-60	Pirenópolis – DF	Proprietário	Meu Bar	
Valdivino	Prequeté	P. 58	M	50-60	Pirenópolis – DF	Proprietário	Meu Bar	
	Sr. Historiador	P. 65	M	20-30		Frequentador	Me Bar	
	Sr. Presidente	P. 73	M			Representante local, Vizinho	Beirute	
	Sr. Professor	P. 74	M	40-50	Brasília – DF	Frequentador	Beirute	
Morgana	Molly Billie	P. 90	F	20-30	Patos – MG	Frequentadora	Meu Bar/ Bar Piauí	

Gomes								
Mara Beau	Mara B	P. 93	F	40-50		Vizinha	Bar Paixão	
Carlos	Carlos C	P. 93	M	30-40		Vizinho	Bar Paixão	
Sandra	Morena	P. 97	F	20-30	Piauí	Funcionária	Bar Piauí	
	Sr. Entrega	P. 103	M	30-40		Frequentedor/ Frequentedor	Bar do Careca	
Marcelo	Dr. Cirurgião	P. 104	M	40-50	GO	Frequentedor	Bar Paixão	Filho de grande proprietária terras no estado do Goiás.
	Mineirinha	P. 120	F	30-40	Goiás	Vizinha	Bar Paixão	
Ana Luisa	Amiga	P. 130	F	30-40	Brasília – DF	Frequentedora	Bar Paixão	
Maxwell Gurgel	Caçula	P. 134	M	20-30	Brasília – DF	Proprietário	Bar Piauí	
Maicon Gurgel	Segundo	P. 134	M	20-30	Brasília – DF	Proprietário	Bar Piauí	
	Filha	P. 134	F	20-30	Brasília – DF	Proprietária	Bar Piauí	
Ana	Moreninha	P. 135	F	30-40	PI	Funcionária	Bar Piauí	
Celiana	Lora	P. 135	F	20-30	PI	Funcionária	Bar Piauí	
	Lorinha	P. 135	F	30-40	PI	Funcionária	Bar Piauí	
César Abreu	São César	P. 139	M	Falecido (40-50)	Rio de Janeiro RJ	Proprietário	Bar Paixão	
	Goiano	P. 141	M	20-30	GO	Funcionário	Bar Piauí	
Gilberto	Calango	P. 141	M	40-50	GO	Funcionário	Bar Piauí	
	Soza	P. 142	M	30-40	PI	Funcionário	Bar Piauí	
Geremias	Chapeleiro	P. 142	M	30-40	GO	Funcionário	Bar Piauí	Ajudante, tipo faz-tudo.
Felipe	Filipera	P. 143	M	20-30	DF	Funcionário	Bar Piauí	
	Perna	P. 143	M	40-50	GO	Funcionário	Meu Bar	Ajudante no serviço do bar.
	Porteiro	P. 143	M	40-50		Vizinho	Bar Paixão	
Augusto	Menino	P. 143	M	15-20	DF	Funcionário	Bar do Careca	Ajudante no serviço do bar.
	Sr. Embaixador	P. 152	M	70-80	Rio de Janeiro RJ	Frequentedor	Bar Piauí	
Luís	Sanpaulino	P. 152	M	20-30	SP	Frequentedor	Bar Paixão	
Patrícia	Patie	P. 154	F	20-30	DF	Frequentedora	Piauí/Meu Bar	
Ana Paula	Cravo e Canela	P. 155	F	20-30	GO	Frequentedora	Meu Bar/Piauí	

TABELA 2 – Fotografia

FOTO - NÚMERO	PÁGINA	LEGENDA	AUTOR
FOTO 1	30	A fotografia como registro etnográfico	Gilberto Barral
FOTO 2	35	Período de pesquisas, observações	Maíra Zenun.
FOTO 3	37	Geometrias de Brasília	Maíra Zenun.
FOTO 4	43	A homogeneização nos espaços dos bares acontece na fachada, nos móveis, em utensílios. Diversos bares em diversas cidades têm ganhado esse colorido, promovido em acordos de merchandising e comodato pelas grandes cervejarias do país.	Maíra Zenun.
FOTO 5	45	Relação de generosidade com a pesquisa e pesquisador	Maíra Zenun
FOTO 6	46	Toldos se estendem e se recolhem ao sabor dos “ajustes e acordos” com a cidade	Maíra Zenun
FOTO 7	49	Uma entrada no Piauí, porta voltada para a rua	Maíra Zenun
FOTO 8	50	Projeto de jardinagem, ocupação dos espaços fronteiros entre as áreas comerciais e residências. Uso de brita sobre o solo do jardim, ao fundo os blocos residências da superquadra	Maíra Zenun
FOTO 9	51	Normas de higiene nem sempre são seguidas conforme as orientações de cartilhas produzidas e divulgadas por órgãos como Sindhobar e Abrasel	Maíra Zenun
FOTO 10	56	Ambientes vazados, entradas de luz	Maíra Zenun
FOTO 11	59	Complexo de bares da quadra comercial 408 N, espaço de jovens universitários	Maíra Zenun
FOTO 12	60	Bar do Careca, Vila Planalto, outra forma de organização territorial	Maíra Zenun
FOTO 13	64	Bar dos Cunhados, “amigos para sempre”, “desde 1981”: tradição e família nos valores da sociabilidade do bar	Maíra Zenun
FOTO 14	65	Comércio ambulante, espaço de lazer e sociabilidade nas esquinas dos blocos	Maíra Zenun
FOTO 15	65	Ocupação das “esquinas” com equipamentos móveis, em acordo com as normas dos “puxadinhos”	Maíra Zenun
FOTO 16	66	Existem vários tipos de lugares que vendem bebidas e comidas. A venda de churrascos, outros petiscos, sanduiches e bebidas ocorre em várias “esquinas” de blocos comerciais em Brasília	Maíra Zenun
FOTO 17	67	Futebol e bar, lazer em dose dupla	Gilberto Barral
FOTO 18	70	Novos tempos no Paixão, sob nova administração	Maíra Zenun
FOTO 19	74	Homens no bar	Maíra Zenun
FOTO 20	79	Algumas regras e normas de bar	Maíra Zenun
FOTO 21	80	Bar abrindo, “ilustres frequentadores” do turno matutino, chegando com o jornal do dia, consumindo bebidas e divertindo	Maíra Zenun
FOTO 22	81	Novas formas de boêmia: estudantes, professores, atores, cineastas, poetas, bebida e conversas. Momento de reflexões aprimoradas e substanciais	Maíra Zenun
FOTO 23	82	Infraestrutura mínima, no Meu Bar é somente bebida e diversão...	Maíra Zenun
FOTO 24	84	Brasília, “cidade fria, vazia, sem nada pra fazer”?	Maíra Zenun

FOTO 25	87	Frequentadores do matutino, o bar se abrindo...	Maíra Zenun
FOTO 26	91	Muito além dos jardins: enfeitamento e ocupação de amplas áreas da escala bucólica	Maíra Zenun
FOTO 27	98	“Estica e puxa”, “ajuste e acordo”: a solução dos “puxadinhos”	Maíra Zenun
FOTO 28	101	Solução parcial de conflitos	Maíra Zenun
FOTO 29	105	Ocupação de áreas públicas e, ao fundo, pilotis de edifício, cercado de vidro e transformado em salão de festas	Gilberto Barral
FOTO 30	107	Ocupações do cotidiano	Maíra Zenun
FOTO 31	112	Os aparelhos de TV/DVD têm sido um atrativo nos bares. Esse estabelecimento, situado na comercial da quadra 210 Norte, utiliza o que há de mais moderno em tecnologia de audiovisual	Maíra Zenun
FOTO 32	122	Disponível em: < https://www.facebook.com/beirute.brasilia >, redes sociais, milhares de “amigos”	Maíra Zenun
FOTO 33	130	Formas de ocupação de áreas públicas	Maíra Zenun
FOTO 34	134	408 N Bar, boteco, botequim...	Maíra Zenun
FOTO 35	136	Serviços de um garçom: o bar e a rua	Maíra Zenun
FOTO 36	141	No meio da tarde, tranquilidade e espera	Maíra Zenun
FOTO 37	146	Autênticos tiragostos em autêntica vitrine	Maíra Zenun
FOTO 38	147	Mais bebida e comida: uma receita contra a bebedeira	Maíra Zenun
FOTO 39	150	Dedicação e cuidado com as normas de higiene	Maíra Zenun
FOTO 40	161	Viúva do Careca, atual proprietária do bar	Maíra Zenun
FOTO 41	168	Pioneiros moradores e segunda geração de frequentadores	Maíra Zenun
FOTO 42	172	Sagrado descanso: funcionários no intervalo	Maíra Zenun
FOTO 43	181	Intimidades Lado B: banquinho, balcão, balconista	Maíra Zenun
FOTO 44	187	Humor e jocosidade: “se você tem olho gordo, use colírio diet”	Maíra Zenun
FOTO 45	189	Ambiência feminina: nécessaire, batom e garrafa com flor	Maíra Zenun
FOTO 46	191	“Ilustres frequentadoras”	Maíra Zenun
FOTO 47	192	Práticas de lazer no Plano Piloto	Maíra Zenun
FOTO 48	197	Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília: cinema, teatro, exposições... entretenimento	Maíra Zenun
FOTO 49	202	“Amigos do Piauí”, sob o sol da manhã	Gilberto Barral
FOTO 50	203	Lazer gratuito, artístico e espontâneo	Maíra Zenun
FOTO 51	204	Fim de jogo: observação direta, aberta e prolongada	Maíra Zenun

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bares do Distrito Federal.....	34
Tabela 2 – Restaurantes do Distrito Federal.....	34

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Faixa “Cáustica” 1	73
Ilustração 2 – Faixa “Cáustica” 2.....	73
Ilustração 3 – Faixa “Cáustica” 3.....	74
Ilustração 4 – Comércio local e ruas, modelo conquistado	94
Ilustração 5 – Galeria da fama: cartazes, placas, condecorações	97
Ilustração 6 – Serviços de garçom: o bar e a casa – imitação do bar ou representação no lar?	137
Ilustração 7 – “Tenho o Beirute estando em casa. Desculpem, sou feliz e sei disso”	139
Ilustração 8 – Família e Propriedade.....	164
Ilustração 9 – A famigerada carta.....	178
Ilustração 10 – O lugar da mulher no bar: proprietária, funcionária, frequentadora	189

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – A fotografia como registro etnográfico.....	31
Foto 2 – Período de pesquisas, observações	36
Foto 3 – Geometrias de Brasília.....	38
Foto 4 – A homogeneização nos espaços dos bares acontece na fachada, nos móveis, em utensílios. Diversos bares em diversas cidades têm ganhado esse colorido, promovido em acordos de merchandising e comodato pelas grandes cervejarias do país.	44
Foto 5 – Relação de generosidade com a pesquisa e pesquisador	46
Foto 6 – Toldos se estendem e se recolhem ao sabor dos “ajustes e acordos” com a cidade.....	47
Foto 7 – Uma entrada no Piauí, porta voltada para a rua	50
Foto 8 – Projeto de jardinagem, ocupação dos espaços fronteiros entre as áreas comerciais e residências. Uso de brita sobre o solo do jardim, ao fundo os blocos residências da superquadra	51
Foto 9 – Normas de higiene nem sempre são seguidas conforme as orientações de cartilhas produzidas e divulgadas por órgãos como Sindhobar e Abrasel	52
Foto 10 – Ambientes vazados, entradas de luz.....	57
Foto 11 – Complexo de bares da quadra comercial 408 N, espaço de jovens universitários	60
Foto 12 – Bar do Careca, Vila Planalto, outra forma de organização territorial.....	61
Foto 13 – Bar dos Cunhados, “amigos para sempre”, “desde 1981”: tradição e família nos valores da sociabilidade do bar	65
Foto 14 – Comércio ambulante, espaço de lazer e sociabilidade nas esquinas dos blocos.....	66
Foto 15 – Ocupação das “esquinas” com equipamentos móveis, em acordo com as normas dos “puxadinhos”	67
Foto 16 – Existem vários tipos de lugares que vendem bebidas e comidas. A venda de churrascos, outros petiscos, sanduiches e bebidas ocorre em várias “esquinas” de blocos comerciais em Brasília.....	68
Foto 17 – Futebol e bar, lazer em dose dupla	69
Foto 18 – Novos tempos no Paixão, sob nova administração.....	72

Foto 19 – Homens no bar.....	76
Foto 20 – Algumas regras e normas de bar	79
Foto 21 – Bar abrindo, “ilustres frequentadores” do turno matutino, chegando com o jornal do dia, consumindo bebidas e divertindo.....	81
Foto 22 – Novas formas de boêmia: estudantes, professores, atores, cineastas, poetas, bebida e conversas. Momento de reflexões aprimoradas e substanciais.....	82
Foto 23 – Infraestrutura mínima, no Meu Bar é somente bebida e diversão.....	83
Foto 24 – Brasília, “cidade fria, vazia, sem nada pra fazer”?	85
Foto 25 – Frequentadores do matutino, o bar se abrindo... ..	88
Foto 26 – Muito além dos jardins: enfeitamento e ocupação de amplas áreas da escala bucólica.....	92
Foto 27 – “Estica e puxa”, “ajuste e acordo”: a solução dos “puxadinhos”	99
Foto 28 – Solução parcial de conflitos.....	102
Foto 29 – Ocupação de áreas públicas e, ao fundo, pilotis de edifício, cercado de vidro e transformado em salão de festas	106
Foto 30 – Ocupações do cotidiano.....	108
Foto 31 – Os aparelhos de TV/DVD têm sido um atrativo nos bares. Esse estabelecimento, situado na comercial da quadra 210 Norte, utiliza o que há de mais moderno em tecnologia de audiovisual	113
Foto 32 – Disponível em: < https://www.facebook.com/beirute.brasilia >, redes sociais, milhares de “amigos”	123
Foto 33 – Formas de ocupação de áreas públicas.....	131
Foto 34 – 408 N – Bar, boteco, botequim.....	135
Foto 35 – Serviços de um garçom: o bar e a rua	137
Foto 36 – No meio da tarde, tranquilidade e espera	142
Foto 37 – Autênticos tira-gostos em autêntica vitrine.....	147
Foto 38 – Mais bebida e comida: uma receita contra a bebedeira	148
Foto 39 – Dedicção e cuidado com as normas de higiene	151
Foto 40 – Viúva do Careca, atual proprietária do bar.....	162
Foto 41 – Pioneiros moradores e segunda geração de frequentadores.....	169
Foto 42 – Sagrado descanso: funcionários no intervalo.....	173
Foto 43 – Intimidades Lado B: banquinho, balcão, balconista	182
Foto 44 – Humor e jocosidade: “se você tem olho gordo, use colírio diet”	188
Foto 45 – Ambiência feminina: nécessaire, batom e garrafa com flor.....	190

Foto 46 – “Ilustres frequentadoras”	192
Foto 47 – Práticas de lazer no Plano Piloto	193
Foto 48 – Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília: cinema, teatro, exposições... entretenimento.....	198
Foto 49 – “Amigos do <i>Piau</i> ” <i>í, sob o sol da manhã</i>	203
Foto 50 – Lazer gratuito, artístico e espontâneo	204
Foto 51 – Fim de jogo: observação direta, aberta e prolongada	205

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS NA TESE

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil
ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
Abrasel – Associação Brasileira de Bares e Restaurantes
AMBEV – Companhia de Bebidas das Américas
CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil
CLDF – Câmara Legislativa do Distrito Federal
CLS – Comércio Local Sul
COFINS – Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social
CTB – Código de Trânsito Brasileiro
DENATRAM – Departamento Nacional de Trânsito
DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito
DVD – *Digital Versatile Disc* (em português, Disco Digital Versátil)
ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição
GDF – Governo do Distrito Federal
IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília
IML – Instituto Médico-Legal
INSS – Instituto Nacional de Seguro Social
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
ISS – Imposto sobre Serviço de Qualquer Natureza
JK – Juscelino Kubitschek
LabConsS-FF/UFRJ – Laboratório de Vida Urbana, Consumo & Saúde da Faculdade de Farmácia/Universidade Federal do Rio de Janeiro
LCD – Liquid Crystal Display (em português, Mostradores em Cristal Líquido)
MPDF – Ministério Público do Distrito Federal
NEV/USP – Núcleo de Estudos sobre Violência/Universidade de São Paulo
PDOT – Plano Diretor de Ordenamento Territorial
PM – Polícia Militar
PP – Plano Piloto
PRÓ-DF – Programa de Promoção do Desenvolvimento Econômico Integrado e Sustentável

RUVs – Restaurantes das Unidades de Vizinhança

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Sindhobar – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal

SSP – Secretário de Segurança Pública

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

Apresentação	17
Considerações metodológicas	20
Capítulo 1 Entre o lúdico e o conflito	27
1.1 Universo da pesquisa e identificação do objeto	27
1.2 Os bares em Brasília	29
1.3 Bares de Brasília	36
1.3.1 Bares da Asa Sul.....	37
1.3.1.1 Bar Beirute, uma “sociedade de esquina”.....	37
1.3.1.2 Bar Paulicéia, puxadinhos bucólicos	44
1.3.1.3 Bar Distribuidora de bebidas Piauí: cenas natalícias.....	50
1.3.1.4 Observações preliminares e os primeiros bares.....	57
1.3.2 Bares da Asa Norte	60
1.3.2.1 Bar do Careca, ordens de vizinhanças	60
1.3.2.2 Bar Distribuidora Paixão, política, humor e cidadania	71
1.3.2.3 Bar Só Drinks, onde o time é o Botafogo.....	76
1.3.2.4 Bar Meu Bar, ou bar do Zé	80
1.3.2.5 Outras observações de outros bares.....	88
Capítulo 2 Cotidiano de bares: exteriores	90
2.1 O bar e a quadra: as redes de interdependências	92
2.2 Entre as leis e as ordens	93
2.2.1 Ocupação de áreas públicas.....	99
2.2.2 Os sons dos bares	112
2.2.3 Separações	125
2.2.4 Vizinhança e <i>outsiders</i>	131
2.3 Brigas de bar em Brasília: sociabilidade e socialização	146
2.3.1 Proprietários.....	162
2.3.2 Funcionários.....	173
2.3.3 “Ilustres frequentadores”	182
Capítulo 3 Lazer, tempo livre e sociabilidade	193
3.1 Lazer, escolha ou adesão?.....	197
3.2 Formas e conteúdos do lazer	201

3.3 Formas e conteúdos do lazer em bar	205
3.4 Lazer e sociabilidade em Brasília	210
Considerações finais	213
Referências	219
Referências audiovisuais	225
Sites consultados.....	226

APRESENTAÇÃO

Esta tese de doutorado se situa no campo de estudo das formas de sociabilidade propiciadas pelas práticas de lazer. O objetivo é realizar uma etnografia de uma determinada prática de lazer: observar, descrever e interpretar como determinado espaço de lazer desenvolve sociabilidade no “estar junto coletivamente”. De um lado, produzir uma sociologia do cotidiano; de outro, mais amplo, uma sociologia do lazer e da cultura. Em palavras diretas, o que este trabalho pretende é observar e descrever uma forma específica de lazer: a organização e o funcionamento do bar, enquanto espaço de lazer, e principalmente compreender que sociabilidade se desenvolve em determinados bares de Brasília; e, ainda, apresentar as redes de interdependência que envolvem e propiciam a forma de ocupação e o uso dos espaços da cidade.

Interpreto que, em Brasília, as práticas de lazer seriam um dos diferenciais na construção dos espaços físicos e sociais da cidade. Especulo que, em grande medida, o lazer resulta das formas de sociabilidade, planejadas e desenhadas na prancheta original da cidade, enquanto lugar de promoção de uma qualidade de vida peculiar, ligada ao trabalho, à moradia e ao lazer, mas, sobretudo, é preciso considerar as novas formas de ocupação, uso e representação dos espaços da cidade.

Se Brasília foi planejada, desde seu projeto, no sentido de promover as condições ideais de lazer, também não se pode deixar de lembrar que, nos anos 1980, essa foi uma das maiores reivindicações da cidade, ou pelo menos de parte importante dela, que foi uma das juventudes da geração de jovens brasilienses desse período. A ausência de equipamentos de lazer produziu um imaginário de que em Brasília não se tinha “nada de interessante para fazer”, como musicou o compositor Renato Russo (2006) na canção “Tédio (com um T bem grande pra você)”. A vivência se fez representação simbólica.

Delimitar um local para o estudo do lazer e da sociabilidade não é uma escolha aleatória. Em muitos momentos, conversando sobre esta pesquisa, surgiram muitos lugares e pessoas “que eu precisaria conhecer”, e que talvez respondessem a algumas perguntas que eu fazia sobre o lazer: por que os bares têm sido um dos espaços de lazer preferenciais de muitas pessoas? Que transformações vêm se

operando no bar, possibilitando sua fixação no tempo e no espaço? Como é a sociabilidade do bar?

Nesta perspectiva, então, o objeto de estudo da tese construiu-se em torno do pensar o espaço do lazer e as formas de sociabilidade decorrentes dessa interação. Um recorte mais preciso: as práticas de lazer em bares como configurador de uma sociabilidade específica, ora apresentada como uma sociabilidade de bar. Que possibilidades e anseios de interação social o desenvolvimento dos bares promove na vida urbana, diferentemente de outros lazeres?

Brasília, como será mostrado, de segunda a segunda, ambienta uma série de produtos para diversão, lazer e entretenimento. Os bares não fogem a esse frenesi ininterrupto de ocupação do tempo, do espaço e de consumo nesta cidade, sobrepujando outras práticas de lazer. Os dados quantitativos sobre a produção cultural e de entretenimento credenciam Brasília, como se tem apresentado, como a capital sul-americana da produção cultural, seja lá o que isto possa significar em termos prospectivos.

A cidade parece, indiferente aos códigos de conduta atualizados dos departamentos de segurança e outros serviços de fiscalização, avançar, por exemplo, seu espaço de lazer voltado aos bares. Do lado do lazer etílico-gastronômico, tem-se uma população consumidora que fomenta a abertura de novas e cosmopolitas casas comerciais. O frenesi em torno da comida e da bebida anima o encontro de indivíduos e grupos. Entretenimento e lazer que não escapam à lógica da expansão da produção e consumo em Brasília. Lógica, de um lado, ambígua, diante das dinâmicas locais e do próprio processo de construção da cidade.

Brasília, cidade modernista, é uma proposta de estilo de vida urbano, com elementos de uma pretensa estética cosmopolita ligada aos espaços de lazer: bares, clubes, *shows*, cinema, espaços culturais. Desde o projeto original de construção da Capital Federal, pensou-se em uma cidade voltada para atender condições de lazer e cultura (MEDEIROS, 1975). Na proposta de construção de espaços de entretenimento, cultura e lazer, pode-se perceber certa concepção de homologia entre estrutura espacial e estrutura social.

A revisão da literatura sobre Brasília a mostra de vários ângulos, já que muito se tem produzido sobre esta cidade (PAVIANI, 1991, 1985; NUNES, 1997, 2003, 2004, 2009; MEDINA, 1998; HOLSTON, 1993; MELLO, 2006; VIDAL, 2009; CATALDO, 2010; TEIXEIRA, 2011). Contudo, estudos que objetivem contemplar os

moradores da cidade em suas práticas cotidianas de lazer ainda são raros e incomuns (ALMEIDA, 2003; BARRAL, 2006; FERREIRA, 2007).

Os bares têm desenvolvido essa importância na vida de Brasília, por muitos fatores: o número de ofertas de estabelecimentos dessa natureza, os produtos e serviços oferecidos, a relação custo-benefício, a forma de sociabilidade que propicia e desenvolve, o descanso, o prazer, as estratégias das cervejarias e suas campanhas publicitárias, a ampliação e afirmação das novas marcas e bebidas. Para além desses fatores, a própria participação desses estabelecimentos na ordenação do tempo e espaço das práticas do lazer e do tempo livre.

Contudo, pesquisas sobre esse tipo de comércio e negócios são raras, ou, quando são feitas, aproximam-se, na maior parte dos casos, das áreas da saúde, da segurança, e, mais recentemente, do turismo e da gastronomia. (SPANG, 2003; FLANDRIN, 1998). A literatura sociológica sobre bares é ínfima se comparada à sua relevância para se pensar o modo de vida urbano e uma compreensão mais ampla das formas de sociabilidade e de ocupação dos espaços da cidade. (BARRAL, 2006; SILVA, 2011; GASTALDO, 2005).

O bar, em determinado espaço e tempo, aparece como lugar do advento da opinião pública, como um lócus de experiências e conhecimentos das coisas pela vivência e/ou observação, transformando-se em local de conversas e práticas políticas e culturais. Lugar onde, por exemplo, fala-se da cidade, às vezes sob uma narrativa homogênea, consensual, esperada, outras vezes ouvem-se falas polarizadas, provocadoras. Aventa-se a possibilidade de se pensar em algo como uma sociabilidade do bar, específica, gerando condutas, comportamentos, imaginários e vivências específicas. Uma sociabilidade carregada de carga lúdica, embora as regras e normas da interação estejam presentes.

A etnografia dos bares pode revelar elementos que vêm agregando valor material e simbólico à prática de lazer. Os desdobramentos dessas práticas sobre as condutas e comportamentos dos indivíduos e grupos devem ser considerados. O cotidiano do lazer nos bares, por exemplo, reserva espaço para a crítica dos costumes, da política, para a conversa sobre temas do noticiário, da mídia, do cotidiano. Pode-se dizer que uma simples reunião em torno de uma mesa de bar não significa participação política, contudo não corresponde necessariamente a uma passividade. Assuntos da política, por exemplo, no bar *Paixão*, viravam manchetes nas faixas “cáusticas”, produzidas pelo proprietário deste estabelecimento.

O lazer no bar comparece como sentidos de vida, de movimento, de sinergia, de animação, de provocação de estímulos, de pragmatismo. Com um sentido de *anima*, de dar vida e ânimos aos frequentadores e colorir o espaço do divertimento e do prazer. Em termos de uma reflexão da linguagem da performance, caberia considerar alguns gestos, deslocamentos, posturas, entabulações experimentados nessa sociabilidade do bar como um *happening*: “o caso do *Chiquim* e sua bebedeira” põe a refletir sobre as maneiras de beber, ao mesmo tempo em que é um monólogo em atos sobre o árduo trabalho de construção do bar como espaço de lazer em Brasília. O bar torna-se palco de aparições dos seus atores, que são ao mesmo tempo seu público. Lugar onde proprietário, frequentador, funcionário vem a ser o espectador-atuante das encenações acontecidas dentro do “estar-junto” como em uma formação ritualizada. (COHEN, 2009: 29).

Considerações metodológicas

Em termos metodológicos, para dar suporte ao argumento da tese, foi realizada uma pesquisa de campo, com ênfase em uma etnografia de alguns bares: observação direta, prolongada e aberta, voltada para um olhar interdisciplinar (MANNHEIM, 2001). A observação direta se fez a partir de uma participação espontânea e prolongada nos bares. Desde essa observação, “os quadros da vida social” foram sendo vistos, sentidos, descritos, reconstruídos e apresentados à interpretação (GOFFMAN, 2012).

Em campo foram anotadas observações, de conversas, de ideias. Ainda foram realizadas entrevistas, fotografias e produzidos registros audiovisuais que se transformaram, em parte, em vídeo e postados no site do Youtube. Para além de usar imagens como registros de dados etnográficos, buscou-se utilizar a imagem como resultado de dado de trabalho de campo.¹ Foram realizadas pesquisas e levantamento em: material jornalístico e de mídia impressa, produtos audiovisuais, *sites* de redes sociais da Internet e outros *sites*.

¹ O estar ali, na pesquisa envolve a presença direta, aberta e prolongada em campo, sendo assim, “não há pesquisa sociológica nem antropológica sem interação entre pesquisador e as populações que estuda e às quais recorre para obter de viva voz respostas, depoimentos e narrativas”. (MARTINS, 2009: 12).

Buscando realizar uma sociologia da vida cotidiana nos bares da cidade, a pesquisa se apoiou ainda nas metodologias da sociologia da imagem e da fotografia (ACHUTTI, 1997; MARTINS, 2009). Como afirmou o cineasta Wladimir Carvalho, Brasília é uma cidade que já nasce registrada em imagens. Desde seus primeiros momentos, a capital federal é fotografada, filmada, exibida. E mais, a própria cidade nasce de um *croqui*, de uma referência imagética. O filme *A invenção de Brasília*, de Renato Barbieri, tomado como exemplo, argumenta-se nesse sentido, de Brasília como uma cidade de imagens. A utilização de recursos visuais apura os sentidos que se querem desse olhar interdisciplinar sobre esses espaços de lazer.

O recorte empírico proposto para se estudar a relação entre lazer e sociabilidade forma alguns bares da Asa Sul de Brasília, situados nas áreas comerciais das quadras 109, 113 e 403. Na Asa Norte da cidade, as quadras comerciais 115, 216, 403, 408 e a Vila Planalto. Se comparado ao projeto original, a cidade tem passado por um profundo processo de transformação de seus espaços comerciais destinados aos bares. Esse recorte possui elementos para se pensarem as redes de interdependência que possibilitam a realização do lazer em bares da cidade. E sua relação com essa transformação espacial em curso.

A escolha desses bares não se deu de forma aleatória. Na seleção dos locais da pesquisa, foram levados em consideração o público frequentador do estabelecimento, as faixas etárias, o movimento dos bares, a localização, a inserção na vida pública da cidade, os aspectos físicos do local, as semelhanças e diferenças com outros bares, e a relevância para a discussão do problema do lazer e da sociabilidade.

Um olhar ainda mais demorado sobre os bares veio mostrar que existem determinadas especificidades a serem tratadas, na construção teórica desse objeto empírico. O bar é, na linguagem comum, uma realidade mundana, lugar para bebida, mas também para uma série de outras possibilidades do ponto de vista da pesquisa. O estabelecimento comercial denominado bar possui uma série de diferenças em termos de tratamento teórico e empírico. Em geral, pode-se conceituar o bar como um lugar de bebida e comida. Sociologicamente, outros significados podem lhe ser atribuídos, dadas as especificidades locais, sociais, culturais que se elencou: espaço de prática de lazer, ocupação do tempo livre, conversação, encontros, enfim, uma sociabilidade do bar.

Por certo, há diferenças e especificidades a serem tratadas sobre os comportamentos no espaço do bar. Os bares de Brasília justificam esta etnografia, na medida em que apresentam observações e descrições sobre este espaço de produção e consumo de lazer, mas, sobretudo, por revelarem as diferenças e aproximações que a *própria* cidade possui e possibilita em seu interior. A etnografia, como metodologia descritiva da vida social, apresentou essas especificidades e seus desdobramentos, em termos de interação “real” entre os atores no cotidiano. (GARFINKEL, 1967; JOHNSON, 1997).

Durante aproximadamente seis anos, entre as pesquisas de mestrado e de doutorado, foram feitas várias incursões pelos bares selecionados para a observação: trabalho e lazer. Em algumas visitas aos bares, estava claro o sentido de pesquisa tanto para o pesquisador quanto para os observados. Em alguns casos, houve agendamento de entrevistas com proprietários, funcionários e frequentadores. Em outros casos, as conversas eram espontâneas, improvisadas e surgidas no momento e no lugar.

Especificamente para a pesquisa desta tese foram realizadas as seguintes entrevistas com equipamentos de filmagem e fotografia: três nos bares *Beirute* e *Paulicéia*; três com frequentadores no bar *Piauí*, sendo uma com o grupo “amigos do Piauí”, e outras duas com outros frequentadores; no *Meu bar* foram feitas duas entrevistas com o proprietário e outras duas com frequentadores. Foram realizadas incursões para fotografias nos bares: uma no *Só drinks*; duas no *Careca*; duas no *Cunhados*; duas no *Paixão*. Das entrevistas filmadas no bar *Beirute*, uma resultou no vídeo “Alcoolistas autênticos do bar”, postado no site Youtube. As duas entrevistas no bar *Meu bar* foram editadas em vídeo com os nomes “Hora do recreio” e “Memórias póstumas de bares e culpas” e postadas no site Youtube.

Do material fotográfico, algumas reproduções encontram-se no corpo da tese, mas outro grande número de fotografias pode ser acompanhado nas páginas do Facebook denominadas “Mostra permanente de audiovisual e educação” e “A palmatória”. O material fotográfico, que foi realizado em parceria com a fotógrafa e socióloga Maíra Zenun, também pode ser encontrado na Internet no *blog* “Flores de Maio”, de autoria dessa fotógrafa.

Embora houvesse rigor em relação às observações e visitas aos bares, contudo não ocorreu um registro rígido do número de inserções no campo empírico. Dos bares pesquisados, o número de visitas foi menor nos bares *Só drinks* e

Cunhados. Daí, inclusive um menor número de citações e descrições de observações desses lugares. O trabalho de campo concentrou-se, principalmente, nos bares *Meu bar*, *Paixão*, *Piauí* e *Careca*. Nestes bares foram realizadas observações sistemáticas, particularmente no período matutino e vespertino, devido ao tipo de público frequentador e o interesse da pesquisa.

Mas, grande parte do trabalho de pesquisa também foi realizada em idas aos bares com sentido de lazer. A proposta metodológica de uma noção de *observação prolongada* tem a ver, exatamente, com essa espontaneidade que se alcança ao se deixar absorver pelo objeto de pesquisa. Muitas vezes, foi em meio ao tempo livre, que se pôde encontrar situações, comportamentos e condutas que exigiram do pesquisador uma mudança nas estratégias de pesquisa.

Essa observação prolongada propiciou o envolvimento com uma série de atores dos ambientes pesquisados. Por isso, houve possibilidades de encontros e reencontros, o que favoreceu a descoberta de dados e situações curiosas no bar. Somente, por exemplo, se pôde acompanhar as bebedeiras, tão raras, do *Chiquim*, quando se descobriu os períodos do ano em que essas aconteciam. Somente, por isso, se pôde acompanhar os atos do seu melodrama. Daí apresentar o modelo de interação que ele vem construindo com e entre seus funcionários: parentesco e trabalho.

Ademais, essa *observação prolongada* pode, aos poucos, descobrir os horários de trabalho e de frequentação dos bares por determinados atores. Foi, por exemplo, estando no bar *Piauí*, pela manhã, para conversar com os “amigos do *Piauí*”, que se pôde ter acesso ao trabalho voluntário da lavagem e higienização semanal de mesas e cadeiras. Isso ajudou a compreender a relação de solidariedade e reciprocidade construída entre os funcionários e proprietários desse bar.

Ainda, em termos de observação direta, em muitos casos as idas aos bares aconteciam em locais, dias e horários aleatórios. Muitas vezes, sentindo falta de alguma informação ou esperando encontrar algum dado novo, era preciso sair a campo. Saídas, muitas vezes improvisadas, e que não correspondiam a um exercício racionalizado de um pesquisador, daqueles com cadernetas e gravadores. Mas, de algum modo, as cenas, as conversas, as imagens eram registradas, em algum material. Muitas vezes se usou o telefone celular para gravar observações e imagens, anotar contatos.

Nos casos em que se fez registro audiovisual para postagem na Internet, houve trabalho de pré-produção, roteirização e edição de áudio e imagens, contudo, o conteúdo das conversas, das entrevistas surgiu durante as gravações, embora os argumentos girassem em torno dos bares. A produção audiovisual, em muitos casos, foi acompanhada de produção de fotografias, de textos. As fotografias foram, em sua maioria, realizadas pela fotógrafa Maíra Zenun de Oliveira, sob o roteiro e a direção de imagens atreladas ao propósito da etnografia sobre bares, como espaço de lazer e sociabilidade.

Algumas pessoas durante as observações foram sendo selecionadas para o aprofundamento de algumas questões em entrevistas registradas em material audiovisual e fotográfico. As entrevistas foram realizadas nos bares, em dias e horários aleatórios. Nessas entrevistas foram registradas as conversas sobre acontecimentos no bar, sobre lazer e tempo livre com frequentadores, proprietários, e funcionários. Em um dos bares da Asa Sul, foi realizada uma entrevista agendada, em um sábado pela manhã, quando um grupo de amigos se reúne semanalmente; e outra, também agendada, em um dos bares da Asa Norte, com outro grupo de frequentadores e o proprietário do bar.

A produção de imagens como método e técnica na pesquisa de campo, enquanto registro de dados etnográficos, pareceu uma alternativa “segura” e “objetiva” de captar os comportamentos e fazer o registro das observações de campo. A imagem, como expressão de um processo de pesquisa, auxilia a observação, que possui certas limitações quanto à produção do conhecimento. As imagens também produzem ideias, devido ao seu conteúdo estético e polissêmico. (ACHUTTI, 1997; CANEVACCI, 2001; MARTINS, 2009).

O trabalho de campo também utilizou os recursos da metodologia da sociologia da imagem na intenção de dar a conhecer melhor sobre o objeto pesquisado. Na perspectiva da sociologia da imagem, acredita-se que “a fotografia (e também o filme e o vídeo) possa ser utilizada como fonte de registro factual de informações (residuais) de trato sociológico (e antropológico) sobre a realidade social” (MARTINS, 2009: 9). Ainda, “o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais” (Id.: 10).

É preciso ressaltar que os nomes dos entrevistados foram resguardados, mas em alguns casos os nomes nos foram revelados e autorizados ao uso. Ao fazer

referências às suas falas, utilizou-se pseudônimos ou codinomes como forma alternativa, os quais se encontram em um quadro com registro dos nomes fictícios dos entrevistados e um breve perfil desses, na Tabela 1: Atores do Bar.

É interessante observar que as conversas, embora no ambiente de descanso e tranquilidade para uns, e trabalho para outros, foram entabuladas de maneira generosa da parte dos participantes. Na verdade, o que ocorreu foi que, devido à longa exposição do pesquisador no ambiente dos bares, durante as observações se estabeleceu uma certa intimidade entre este e entrevistados. Em muitos casos, a categoria *entrevistado* não seria a definição exata, já que se tratava muito mais de conversas, que situações do tipo pergunta-resposta. Acredito nisso, pois recorrentes foram as falas de pesquisados de que esperavam algo já da parte do observador. A frequência cotidiana nesses bares possibilitou essa interação, que teve importância central para o trabalho etnográfico, descritivo.

A tese foi organizada em três capítulos, subdivididas em seções. A primeira seção do primeiro capítulo apresenta o universo da pesquisa e a identificação dos objetos, teórico e empírico, de estudos. Em seções separadas, trazem-se a descrição dos bares e seus atores – proprietários, funcionários, frequentadores, vizinhança, representantes, administradores – e a legislação sobre esses estabelecimentos e sua forma de organização e funcionamento no espaço público.

No segundo capítulo, em seções separadas, são descritos e apresentados os locais de observação selecionados para a pesquisa, ou seja, alguns bares de Brasília, suas ambiências, os atores do seu dia a dia, os acontecimentos cotidianos. Esse capítulo contém o levantamento etnográfico e imagético, dados colhidos, observações realizadas, falas de entrevistas, as vivências no cotidiano dos bares.

No terceiro capítulo são apresentadas considerações teóricas sobre lazer, tempo livre e sociabilidade. Nesse sentido, são sumarizadas as principais correntes no debate sobre o lazer, tendo em perspectiva a reflexão do lazer entre escolha ou adesão. Argumento que o lazer no bar é uma prática de conteúdo associativo e cultural que realiza, desenvolve e propicia a sociabilidade, em seu sentido formal, de interação lúdica, gratuita e espontânea. (SIMMEL, 1939).

Em uma seção final, em separado, são trazidas as considerações relativas ao percurso da pesquisa e seus resultados face à construção do problema

teórico e empírico proposto: o crescimento dos bares na cidade como espaços de lazer e sociabilidade; a projeção desses espaços nas vivências, comportamentos e representações dessas práticas de lazer; e as redes de interdependência que se articulam e redesenham os espaços de lazer em Brasília.

CAPÍTULO 1 ENTRE O LÚDICO E O CONFLITO

1.1 UNIVERSO DA PESQUISA E IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO

A escolha do bar como local de pesquisa empírica acompanha um interesse em pensar sobre as diferentes formas de interação no espaço urbano. Em particular, observar a forma de sociabilidade que ocorre no espaço do bar, lugar de encontro entre indivíduos e grupos sociais. Ou, pensando mais acertadamente, como Erving Goffman, lugar de ajuntamento de atores. (GOFFMAN, 2010, 2011). Da perspectiva da sociologia do lazer, argumentar-se-á que a sociabilidade do bar proporciona conteúdos de gratuidade (SIMMEL, 1983) e ludicidade (HUIZINGA, 1971), à tensão agradável (ELIAS, 1994a, 1987). Ainda, é uma prática de lazer que é mais uma escolha da pessoa, do que propriamente uma adesão irrestrita, passiva. (ADORNO, 2004; DUMAZEDIER, 1976; MAFFESOLLI, 2004).

No recorte empírico, proponho que alguns bares da cidade de Brasília se constituem como importantes lugares de lazer e de ocupação do tempo livre e, por outro lado, especialmente de frequência cotidiana. Ao mesmo tempo, constituem-se enquanto espaço social, lugar de múltiplas atrações ligadas à participação na vida pública da vizinhança, da cidade e suas práticas socioculturais. Dentro dos bares se desenvolvem formas de sociabilidade que poderiam tratar de consumo, exibição, performances, espetáculo, como, igualmente, do diálogo ou da discussão ordinária, moderada e mediada por acontecimentos da vida cotidiana local, nacional e global.

A escolha pelos bares como objeto de pesquisa foi realizada ao longo dos anos de frequência a esses lugares. Em tempos de pesquisa de mestrado, no início dos anos 2000, observou-se em alguns bares de Brasília, a emergência dessa prática de lazer entre jovens do Plano Piloto. O bar considerado naquele momento seria um dos espaços preferenciais de lazer entre os jovens da cidade, particularmente, universitários de classe média e média alta. Mas, outras coisas quis continuar a observar nos bares, principalmente porque percebi que o bar, em Brasília, projetara-se como espaço de lazer entre diferentes faixas etárias, classes sociais e gênero.

Por que essa preferência e frequência a esses lugares? Com que atrativos esses lugares operam? Qual o lugar do bar nas interações sociais? Que sociabilidade se desenvolve no bar? A sociabilidade do bar pode facilitar, em grande medida, a compreensão de como a sociedade é possível. Nesse espaço se desenvolvem afetividades, formas de estar um com o outro, onde um e outro são indivíduos em interação cara a cara, com todas as suas qualidades. Os bares, em todas as cidades, vividas e imaginadas, são lugares que falam da cidade e dos cidadãos.

Um argumento da tese, a partir da observação direta dos lugares empíricos de pesquisa, é a de que esses estabelecimentos não se constituem apenas como espaços de lazer étílico e gastronômico, mas lugar de sociabilidade, práticas e representações, e de uma certa comensalidade (FLANDRIM, 1998). A comensalidade implica em uma atitude de desfrute do prazer de sentar, comer, beber e conversar à mesa, que propicia aprendizagens e experiências de construção da realidade social. A escolha do bar como objeto de pesquisa tem a ver com a centralidade que esse espaço vem conquistando como prática de lazer em Brasília, entre várias gerações. Ao colocar determinados elementos em cena, como consumo étílico e gastronômico, conversação, vizinhança, performances e “frequentadores ilustres”, esses espaços se configuram como espaços de socialização.

O estabelecimento dos bares em Brasília não foi de nenhuma maneira um projeto, não foi uma invenção na planta da cidade. À medida que ela foi sendo construída, esses lugares começaram a ser inventados. Primeiro, foram o *Arabeske* e o *Bar do Luís*, depois vieram outros. Há pioneiros, habitantes de Brasília, que reivindicam para si a tarefa da invenção dos bares. Há moradores que não frequentam e não gostam de bares.

Pensemos na existência de dois bares: um interior – palco de consumo de bebida, comida e tempo, da brincadeira, do riso, do lúdico – e outro exterior – espaço de conflitos com determinada ordem social e espacial. Na sua interação com a cidade, o bar vem, aqui e ali, vivendo e provocando ajustes, acordos, novos modos de viver em Brasília.

1.2 OS BARES EM BRASÍLIA²

Brasília traz como marca identitária o fato de ser uma cidade planejada, desenhada para um uso racional do espaço. A setorialização das atividades consiste em sua proposta mais radical: cada coisa em seu lugar – escolas, indústrias gráficas, rádio e televisão, bancos, residências, hospitais, clubes, diversões. Não há um setor de bares, e no setor de diversões existem poucos bares. Mas eles estão por todas as quadras comerciais da cidade. No início não era assim, eles eram poucos, mas foram ocupando outros espaços planejados e os vazios de Brasília³.

O título acima sugere certa homogeneidade em relação aos bares de uma cidade. Esta tese, contudo, toma apenas alguns bares de Brasília como lugares de pesquisa. A partir de observações e dados levantados, pode-se falar em algumas características que poderiam ser generalizadas em relação aos bares da Capital Federal. Mas, há também muitas diferenças entre esses. Em Brasília, durante a pesquisa de campo foi sendo delimitada, por uma questão de facilidade logística e reconhecimento prévio, a observação a bares das quadras da Asa Sul, situados nas áreas comerciais das quadras 109, 113 e 403. Na Asa Norte da cidade, as quadras comerciais 115, 216, 403, 408 e Vila Planalto⁴.

O *bar* é, na linguagem comum, uma realidade mundana, lugar para bebidas, mas também para uma série de outras possibilidades do ponto de vista de uma pesquisa sociológica. O estabelecimento comercial denominado *bar* possui algumas diferenças em termos de tratamento teórico e empírico. Em geral, pode-se conceituar o *bar* como um lugar de bebida e comida. Sociologicamente, outros significados podem lhe ser atribuídos, dadas as especificidades locais, sociais,

² Brasília, para esta pesquisa, restringiu-se ao chamado Plano Piloto, que compreende a região administrativa RA1: Asa Sul, Asa Norte, Sudoeste, Cruzeiro, Vila Planalto e Vila Telebrasilândia.

³ Art. 51 do *Código de Conduta dos Bares e Restaurantes*, documento elaborado pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), orienta que a concepção urbanística e arquitetônica e o modo de exploração dos bares e restaurantes deverão levar em consideração a sua melhor integração com o contexto econômico, cultural e social da comunidade, valorizando as tradições locais.

⁴ Serão utilizadas na referência à localização dos bares as letras S, ao lado do numeral, quando for Asa Sul e N, quando se tratar de Asa Norte: por exemplo, 113 S se aplica ao caso de Asa Sul, quadra 113.

culturais, pois se trata de um espaço de prática de lazer, ocupação do tempo livre, conversação, encontros, enfim, uma sociabilidade do bar.

Os bares têm desenvolvido certa importância na vida de Brasília, por muitos fatores: o número de ofertas de estabelecimentos dessa natureza, os produtos e serviços oferecidos, a relação custo-benefício, a forma de sociabilidade que propicia e desenvolve – descanso, prazer –, as estratégias das cervejarias e suas campanhas publicitárias, a ampliação e afirmação de novas marcas e bebidas. Para além desses fatores, esses estabelecimentos participam na ordenação do tempo e espaço das práticas do lazer e do tempo livre das pessoas.

Uma nota a ressaltar é que existem muitas diferenças e muitas semelhanças entre os bares na cidade de Brasília. Os bares da Asa Sul diferem dos bares da Asa Norte. Apesar de certa homogeneização estética, os bares possuem uma série de diferenças entre si, na forma de frequentá-los, no público, entre os donos dos bares, frequentadores, ajudantes, funcionários, vizinhança. No entanto, uma especificidade que venho acompanhando em torno dos bares de Brasília é a relação que esses lugares vêm tramando com a cidade em termos de uso e ocupação dos espaços.

Desde, por volta do ano de 2001, que a relação entre o bar e a cidade de Brasília se tornou saliente. Na medida em que o bar expande o lugar privado e semipúblico e atinge as hordas do espaço público, ele começa a ganhar visibilidade como espaço de lazer e ocupação do tempo livre. Mas também como lugar que interfere na ordem urbana, entre o lúdico e o conflituoso.

Em Brasília, uma das primeiras formas de lazer implementada foi o bar. Em 1956, antes mesmo da inauguração da cidade, o então Presidente da República Juscelino Kubitschek almoçava e passava horas, com sua comitiva e planejadores, no bar *Churrascaria Paranoá*, estabelecimento ainda hoje existente. Como atestam fotografias e documentos da época e atuais, eram encontros, sobretudo, regados a comida, bebida, música e digressões culturais e políticas. Segundo o filho do proprietário e atual gerente e cozinheiro desse estabelecimento, o prato preferido do presidente, o churrasco de carne de carneiro, continua sendo preparado e servido até hoje com os mesmos temperos e produtos da receita original.

Em visita a essa churrascaria, pôde-se constatar, com muita sorte, o enraizamento que o lazer em bar alcançou na cidade de Brasília. A foto abaixo revela com precisão a informação acima. Em comemoração aos 54 anos de vida na

cidade, o bar estampou uma faixa onde afirma, com orgulho, “aqui Juscelino almoçou”. A faixa ilustra não somente a tradição que o local reivindica, mas também a condição genealógica com Brasília. Em conversa com o atual gerente e nos documentos, fotos e matérias de jornais, que ele apresentou, esse bar teve uma participação ativa na cidade, como um lugar para beber, comer, descansar e conversar.



Foto 1 – A fotografia como registro etnográfico

Encontrar esse estabelecimento, principalmente com essa faixa afixada, foi uma preciosa contribuição para a pesquisa, sob o ponto de vista da história dos bares em Brasília, mas, sobretudo, sob uma perspectiva da sociologia da imagem. Em muitos casos, a fotografia, como registro de dados etnográficos, descreve melhor o objeto do que as anotações de caderneta. Esse estabelecimento não aparece como lugar de observação direta do trabalho de tese, até porque ele se encontra fora dos locais enumerados para a pesquisa, mas é parte da história dos bares do Distrito Federal⁵.

⁵ As observações direta, aberta e prolongada são perspectivas metodológicas que orientam o pesquisador no trabalho de campo. A observação direta é uma reorientação da observação participante, quem participa está diretamente ligado ao evento. A observação aberta diz respeito às

Um ano após a *Churrascaria Paranoá* abrir suas portas, em 1957, um comerciante, misto de carpinteiro e negociante, iniciou seu comércio na Vila Planalto, em meio a “um enorme matagal” e acampamentos de madeira onde moravam os *pioneiros construtores*⁶. O bar *Careca*, que herdou o nome do primeiro proprietário, funciona até hoje, como narra a viúva, atual proprietária:

a vila era cheia de trabalhadores. Primeiro estavam construindo o Venâncio. Não, o Venâncio, não! O Conic. Depois foi o Venâncio. Os trabalhadores moravam aqui e o Careca, que também trabalhava nas obras [marido falecido dela] montou o negócio. Era uma vendinha. Vendia essas coisas. Era uma meia porta de madeira que abria assim pra cima. Você sabe como é?! As pessoas passavam aqui pra comprar alguma coisa e ficavam conversando com ele. Aqui era só mato. Só tinha a venda dele e do seu Geraldo, lá do armazém. (*Viúva do Careca*)⁷.

Sociologicamente, nesta época eram outras as formas de ocupação do tempo livre, geradoras de outra sociabilidade. Principalmente porque esses bares eram frequentados com o intuito de se restaurarem as energias gastas, dos *pioneiros construtores* cansados, no trabalho de erigir a cidade, ou melhor, o Plano Piloto. Enfim, frequentar o bar era mais uma prática de descanso do corpo, de restauração das energias para as novas jornadas de trabalho. Mas em certa medida de um tipo de lazer, pioneiro na cidade.

Segundo referências contidas no livro *Beirute, final de século*, em 1962 já existiam em Brasília outros modelos de bares. Como o *King's*, o bar da *AABB*, o bar do *Abraão*, a partir de 16 de abril de 1966 inaugurou-se o bar *Beirute*. Bares surgidos no Plano Piloto com a marca do “frequentador distinto”. Os *pioneiros moradores*⁸, “os ilustres frequentadores”, representam seu modelo: o indivíduo das

condições formativas e morais do pesquisador, nas suas possibilidades de olhar de modo interdisciplinar o objeto de pesquisa. E a observação prolongada significa o estar junto ali do pesquisador em tempo indeterminado. Essas questões metodológicas serão discutidas em seção separada.

⁶ Referências aos trabalhadores que migraram para Brasília a fim de materializar o projeto urbanístico e arquitetônico da cidade.

⁷ Fala transcrita de uma das entrevistas com a proprietária de um dos bares mais antigos de Brasília. Esse comércio se estabeleceu por volta de 1957, conforme relata a atual proprietária. As datas não são precisas, contudo ela informa que o bar é da mesma época da inauguração da citada venda do “seu Geraldo”. Na venda do seu Geraldo, atual *Armazém do Geraldo*, há uma placa que informa o ano de 1957 como data da inauguração.

⁸ Referências aos trabalhadores que vieram para ocupar as residências e os espaços públicos e privados da cidade.

redes sociais impolutas, das rodas da cultura de classe média e alta, detentora do capital simbólico para pertencer a esses círculos, vindos das metrópoles da região Sudeste e Nordeste para assumir os cargos das repartições públicas. (BOURDIEU, 1992, 2007).

Pode-se refletir que do ponto de vista sociológico, com o passar do tempo, há uma mudança em uma das funções do bar em Brasília: ele passa de espaço de ocupação do tempo livre para restauração do cansaço dos *pioneiros construtores*, para espaço de prazer dos *pioneiros moradores*. E nisso aparece um novo imaginário, herdado das elites dos migrantes, particularmente de metrópoles do Sudeste e Nordeste brasileiro. Estilos de vida anteriores ligados ao mundo da política, do futebol, da cultura: funcionários públicos e sua plêiade, com seus hábitos, raízes, práticas e representações, que irão hibridizar a forma e o conteúdo na ocupação do espaço dos bares da cidade.

O uso que os *pioneiros moradores* virão a fazer do bar se diferencia no modo como o utilizara o *pioneiro construtor*. Em entrevista com o proprietário do bar *Paulicéia*, encontra-se a seguinte fala que pode servir à reflexão:

de repente foram chegando os novos moradores de Brasília e eles precisavam de um lugar pra conversar. E eles foram ficando por aqui, eu atendia eles... e os antigos fregueses, os trabalhadores começaram a só passar aqui, beber alguma coisa e ir embora. Depois eles foram sumindo, e foram ficando os que moravam por aqui. (Sr. Generoso).

Assim, os bares em Brasília, como espaço de frequência, foram se firmando, ao longo dos anos, como prática de ocupação do espaço e do tempo livre, como lugar para o lazer e, sobretudo, como uma forma de sociabilidade que, em muito, trouxe vida para a cidade. Para *Generoso*, proprietário do bar *Paulicéia*, fundado em 1970,

aqui era um deserto, não tinha nada pra fazer. Tinha o bar do *Luís* na 109, o *Arabesque* e o *Beirute*. As pessoas saíam do trabalho e passavam no bar. Era o que se tinha para fazer. Mas são muitas histórias boas. E a gente foi ficando e tá aqui até hoje. Aqui virou lugar de encontros entre amigos. Às vezes as mesmas pessoas que iam no *Beirute*, vinham aqui também. A gente mesmo do bar, fechava e ia para outro bar, que lá a gente ia encontrar os amigos. Mas eram outras pessoas, já não eram mais os trabalhadores. (Sr. Generoso).

Esse “deserto” citado pelo Sr. Generoso é do imaginário de muitos habitantes e visitantes de Brasília. Embora planejada sob os princípios de uma cidade para o tripé “trabalho, moradia, lazer”, o discurso sobre a falta de lazer, sobre a falta do que fazer, foi, e é, uma tônica sobre Brasília. Muito se narrou, se cantou e se produziu imagens e imaginários sobre essa falta de espaços de lazer na cidade. Por isso, o bordão “se não tem mar vamos pro bar” ganhou tempo, espaço e concretude na Capital Federal.

Os bares estão em todos os lugares de Brasília. Dados do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal (Sindhobar) informam nada menos que 1.446 bares e 1.268 restaurantes no ano de 2004, somente no Plano Piloto. Somando todo o Distrito Federal, teríamos, ainda segundo os mesmos dados, 3.501 restaurantes e 6.344 bares, em um total de 9.845 estabelecimentos similares. No Plano Piloto estariam 36,22% dos restaurantes e 22,83% dos bares. Confira tabela abaixo:

Tabela 1 – Bares do Distrito Federal

CIDADES	QUANT.	% TOTAL
Agrovila São Sebastião	28	0,44
BSB-PPL/Lago Sul e Norte/Octogonal e Sudoeste	1.446	22,83
Brazlândia	146	2,31
Candangolândia	59	0,93
Ceilândia	1.288	20,33
Cruzeiro	229	3,62
Gama	137	2,16
Guará	319	5,04
Núcleo Bandeirante	185	2,92
Paranoá	166	2,62
Planaltina	191	3,02
Recanto das Emas	93	1,47
Riacho Fundo	112	1,77
Samambaia	231	3,65
Sobradinho	266	4,20
Taguatinga	1.216	19,20
Valparaíso	177	2,79
Vila Planalto	55	0,87
TOTAL	6.344	100%

Fonte: Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal (Sindhobar).

Tabela 2 – Restaurantes do Distrito Federal

CIDADE	QUANT.	% TOTAL
Agrovila São Sebastião	15	0,43
BSB-PPL/Lago Sul e Norte/Octogonal e Sudoeste	1.268	36,22

Brazlândia	86	2,46
Candangolândia	21	0,60
Ceilândia	539	15,40
Cruzeiro	99	2,83
Gama	127	3,63
Guará	186	5,31
Núcleo Bandeirante	76	2,17
Paranoá	67	1,91
Planaltina	51	1,46
Recanto das Emas	15	0,43
Riacho Fundo	19	0,54
Samambaia	63	1,80
Sobradinho	138	3,94
Taguatinga	688	19,65
Valparaíso	31	0,89
Vila Planalto	12	0,34
TOTAL	3.501	100%

Fonte: Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal (Sindhobar).

É importante ressaltar que estes dados são aproximados, já que o número de estabelecimentos não filiados ao sindicato é incalculável. Contudo, o número anotado pelo sindicato é mais ou menos constante, pois, segundo uma funcionária da instituição citada, *Sra. Atendimento*,

no Plano Piloto, raramente, algum bar ou restaurante é fechado e vira outra coisa, quero dizer, uma farmácia ou uma padaria. O que acontece é que mudam-se os donos, mas o bar ou o restaurante permanece. Muda-se o dono, mas aqui você não vai ver um bar virar uma floricultura, sabe?! O comércio nas entrequadradas é mais organizado e não pode ir mudando assim. (*Sra. Atendimento*, entrevistada).

Ainda, essa informação da funcionária coincide com algumas dessas mudanças observadas nos bares *Só Drinks* e *Distribuidora Paixão*, que trocaram de proprietários, mas mantiveram a localidade e o nome de fantasia. Nos bares *Beirute*, *Piauí* e *Paulicéia* estão ocorrendo transições geracionais familiares na administração desses estabelecimentos, contudo mantêm-se a localização e o nome da fachada. Uma terceira informação que traz a entrevistada *Sra. Atendimento* é sobre a ordenação do comércio na quadra. Ela parece falar do lugar das normas do planejamento urbanístico de Lúcio Costa, ou ao menos da perspectiva do plano piloto original. Mas a realidade é outra. Uma série de mudanças tem ocorrido nos espaços da cidade. Talvez os bares não se tornem “outra coisa”, mas as “outras coisas” têm cedido espaços para novos bares.



Foto 2 – Período de pesquisas, observações

1.3 BARES DE BRASÍLIA

Durante alguns anos frequentando e observando os bares da Asa Sul, da Asa Norte e da Vila Planalto vi, anotei e registrei aspectos particulares desses lugares, que poderiam ser pensados como contribuições específicas para a condição geral da afirmação e enraizamento do espaço *bar* em Brasília.

Os bares da Asa Sul seriam como a gênese do bar enquanto espaço de sociabilidade e lazer dos novos moradores de Brasília. Lugar para se frequentar nas décadas de 1960 e 1970 como os bares *Beirute* e *Paulicéia*, que reforçam a preposição “Desde” em seus letreiros, afirmando-se no tempo e no espaço da Capital Federal. Também na Asa Sul, fundado na década de 1980, o bar *Distribuidora de Bebidas Piauí* mantém a tradição de datar sua fundação no emblemático “Desde”, referenciando o tempo e a duração nele.

Já os bares da Asa Norte chegaram depois, a partir dos anos da década de 1970 e 1980, como opção de lazer em uma “cidade em que não se tinha nada para fazer”, nos dizeres de *Loro Jones*, ex-guitarrista do grupo musical “Capital Inicial”, personagem da geração do “Rock Brasília”. Nessa frase ele assim resume a

narrativa de grupos jovens locais sobre Brasília, a cidade do tédio e do “nada de interessante prá fazer”, nesse período⁹. Agora os tempos são outros, os bares se tornaram opção de algo “interessante pra fazer” no tempo do lazer.

1.3.1 Bares da Asa Sul

1.3.1.1 Bar Beirute, uma “sociedade de esquina”¹⁰.

O bar *Beirute* é um dos primeiros a surgir no Plano Piloto e ainda em funcionamento. Localizado na comercial da quadra 109 S, bloco A, desde 1966 se incorporou à cidade. Ele representa e fomenta um tipo de sociabilidade da política e da cultura que muito informa sobre a sociabilidade do bar. Em dois livros organizados pelo editor Fernando de Oliveira Fonseca (1994; 2010), o primeiro para o aniversário de trinta anos deste estabelecimento, e outro na comemoração dos quarenta e quatro anos, uma série de mais de cem textos escritos por frequentadores desse bar atestam essa ambiência política e cultural do lugar.

A produção de uma memória bibliográfica desse estabelecimento comercial, por si, já denota uma forma de representação específica que se pretende, não somente do lazer no bar, mas do bar como lugar de produção de sentido, de pertencimentos. Lugar que pode acompanhar a vida ou a morte das cidades. (JACOBS, 2010). Lendo os textos do livro *Beirute, final do século* e *Beirute, bar que inventamos*¹¹, encontra-se uma série de acontecimentos centrais na vida de Brasília,

⁹ Verso da música “Tédio (com um T bem grande prá você)”, do compositor *Renato Russo*, gravada pelos grupos Legião Urbana e Capital Inicial, principais bandas do chamado *Rock Brasília*, movimento musical que nos anos da década de 1980 colocaram a Capital Federal no cenário musical nacional.

¹⁰ Uma “sociedade de esquina” pode ser compreendida como um grupo ou agregado de pessoas que convivem cotidianamente em determinado local e representa uma espécie de síntese desse espaço social. Esses frequentadores reunidos em torno de hábitos e práticas específicas produzem o colorido, a concretude e o espírito do lugar. E por outro lado o lugar faz a ligação entre esses frequentadores. Uma “sociedade de esquina” possui, como todo grupo social, suas regras, normas, símbolos. O estudo clássico de William Foote White tem como objeto de estudo grupos sociais, no entanto, diferentes dos pesquisados nesta tese. Utilizo a noção de *esquina* em termos de referência espacial e formal em relação ao modelo de formação de agrupamentos em torno desses lugares da cidade, em que o cruzamento de ruas pode resultar em um lugar de encontro.

¹¹ Obras organizadas por Fernando de Oliveira Fonseca em 1994 e 2010.

principalmente nos anos 1980, que tiveram no *Beirute* ancoragem individual e coletiva fundamentais para sua realização.

O empresário Jorge Ferreira, proprietário de mais de uma dezena de bares na cidade, referindo-se a esse imaginário dos anos da década de 1980, faz as seguintes anotações em seu artigo “Espalhando semente de cevada”, que produziu para o livro *Beirute, bar que inventamos*.

Eu já tinha passado pela cidade algumas vezes. Ainda era estudante em Juiz de Fora, vinha namorar na capital. Denise morava na 311 sul e íamos, a pé, ao Beirute. Sentados naqueles bancos enormes, comendo quibe cru, tomando uma cervejinha geladíssima, traçávamos o nosso futuro na cidade inventada por Lúcio Costa e construída por JK. Voltando ao ano de 1985. [...]. O momento era de pura adrenalina. A ditadura que tantos de nós combatíamos terminara. Brasília, talvez, tenha sido a cidade que mais sofrera com esses anos de chumbo. Agora, a cidade respirava e uma das artérias que abastecia essa pulsação era o Beirute. Ali a cidade embebedava-se de alegria. Afinal, foi ali também que muitos afogaram as mágoas nos tempos mais difíceis. Mas era tempo de abrir brechas na espessura da cidade, ir atrás do tempo perdido, celebrando cada taça à crença em outra vida. A esperança passou a existir, espumando, pondo em nossas jovens bocas a efervescência necessária para encarar o futuro. (FERREIRA, 2010: 40)



Foto 3 – Geometrias de Brasília

Na época da inauguração do bar *Beirute*, Brasília carecia de espaços de lazer e diversão. Embora planejada também para o lazer, a cidade não oferecia os equipamentos necessários. Ainda, devido ao modelo de cidade planejada, havia a perspectiva de a cidade se tornar um deserto. Mas, a quadra comercial 109 S já ganhara alguns locais de frequentação. Transgredindo a proposta de uma cidade sem ruas, a 109 S começa a respirar os ares de rua: comércio, transeuntes, veículos, movimento e burburinho. A morte das ruas, sonhada e proclamada pelo arquiteto Le Corbusier e perseguida pelos planejadores de Brasília, não se efetivou ali.

Ao contrário, a quadra 109 S, onde o bar *Beirute* se instala, reclama vida e essa é gerada no movimento dos espaços abertos, públicos. Mais interessante, embora sendo uma das primeiras quadras de Brasília, até o momento a única desenvolvida conforme o plano do urbanista Lúcio Costa, com seus equipamentos de lazer, escolas, comércio, clube, correio, farmácia a quadra reivindicava mais movimento. O bar *Beirute*, como espaço de lazer e interação entre indivíduos será essa sinergia¹².

Na sua inauguração, em 1966, estiveram presentes várias autoridades civis e militares, personalidades do comércio e da indústria, jornalistas, artistas de Brasília. O fato foi reportado na imprensa. Segundo matéria da publicação *Sua Revista*, a inauguração do bar propiciou “mais um passo da iniciativa particular que muito contribui para integração definitiva da nova capital da República”. (*Sua Revista*, apud FONSECA, 2010). Integração creditável ao movimento cotidiano das pessoas e sua crença na “esperança” de uma cidade.

Ainda, o bar *Beirute* se instala em um local que contraria a lógica espacial do plano original, em uma esquina de uma cidade que se pensou sem esquinas: no cruzamento entre duas pistas, entre dois caminhos. Sua fundação, nesse lugar, alimenta a possibilidade de uma “sociedade de esquina”, compreendida como um grupo ou agregado de pessoas que convivem cotidianamente em determinado local

¹² Pelo plano do urbanista Lucio Costa, haveria um desses clubes a cada conjunto de quatro superquadras. Os moradores das quadras 108, 109, 307 e 308 Sul foram privilegiados. Além do clube, eles contam com escola-parque (onde as crianças praticam esporte e atividades artísticas, como teatro e artes plásticas), um comércio local, com farmácia, padaria, supermercado e equipamentos públicos, como um posto dos Correios. Era uma ideia de Lucio para toda Brasília. Ver em: <<http://www.correioweb.com.br/hotsites/minhacasa/4.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

e representa uma espécie de síntese desse espaço social (WHYTE, 2005). Seus frequentadores reunidos em torno de hábitos e práticas específicas produzem o colorido, a vivência e o espírito do lugar. E, assim, o lugar faz a ligação entre esses frequentadores. (MAFFESOLI, 2004).

Esta etnografia do bar *Beirute* não deixou de observar, inicialmente, que este se insere na lógica do bar enquanto espaço que fomenta a produção e o consumo de lazer. Inserido nessa lógica, o *Beirute* possibilita, organiza e orienta determinados comportamentos. Beber, por exemplo, quase sempre significa “beber cerveja”, um hábito e uma prática a ser fomentada. O *Beirute*, confirmando o crescimento do gosto cultural pela cerveja, no ano de 2010 iria se iniciar no ramo das cervejarias, produzindo a marca *Beira Bier*, uma cerveja exclusiva do bar.

Sentar-se a uma das mesas significa também que algo será degustado. Diferentemente de outros bares em que o frequentador encontra apenas bebida, como é o caso do *Meu Bar*, na Asa Norte, no *Beirute* a bebida sempre pode e é acompanhada de algum *Petisco* ou *Tira-gosto*¹³. O cardápio do estabelecimento oferece alimentos da culinária árabe e de outras cozinhas e culturas. Uma interessante prática que se observa, e que de um certo modo conduz a algum prato ou tira-gosto, é a oferta de pequenas porções gratuitas para os frequentadores, normalmente pequenos pães sírios e alguma pasta, acompanhada de azeite e limão. Essa porção ofertada gratuitamente ao frequentador também o obriga a devolver a dádiva.

Essa espécie de entrada ofertada pelo bar instiga o paladar; como se diz popularmente, “abre o apetite”. Enquanto se alimentam com essa porção gratuita, as pessoas conversam, bebem, passam em revista o cardápio extenso, com mais de 250 itens, e descobrem, escolhem individualmente, em pares ou grupos o que irão comer. É comum escolhas acontecerem individualmente. Em visitas com essa finalidade de observação, pôde ser anotada essa prática em várias mesas do bar.

¹³ *Tira-gosto* ou *Petisco* são modalidades de alimentos que são servidos nos bares, normalmente para acompanhar a bebida. De uma maneira geral, a culinária dos bares não é tão variada quanto a dos restaurantes, por exemplo. Esse extenso cardápio do *Beirute* o diferencia bastante dos outros bares pesquisados. Alguns bares de outras cidades vêm ampliando a carta de opções de petiscos, particularmente pode ser citado o caso do evento *Comida de Buteco*, realizado na cidade de Belo Horizonte, mas que já vem ocorrendo em outras capitais do país.

Diferentemente de outros bares da pesquisa, o *Beirute* favorece o banquete e a comensalidade. Toda conversa é acompanhada de bebida e alimento. Alguns pratos e petiscos do estabelecimento são entabuladores de conversa. O que se come é o assunto da conversa entre os “ilustres frequentadores”¹⁴.

Em um domingo, por volta de 11h30min, chegando ao *Beirute*, encontrei um grupo de “ilustres frequentadores” reunido, na “mesa de sempre”. A configuração dos seus membros à mesa era mais ou menos a mesma de outros encontros. O *Sr. Médico* sentado como sempre ao lado d’O *Sr. Jornalista* (87 anos, Rio de Janeiro); ao lado deste, seu neto *Herdeiro* (brasiliense, 22 anos); e na cabeceira, O *Sr. Advogado*. Na outra ponta da mesa, O *Sr. Corretor* e, a seu lado, A *Sra. Professora*, única mulher frequentadora do grupo. Nesse dia, estavam presentes 12 pessoas. Sobre as mesas, pratinhos com pãozinhos sírios e pequenos potes com pastas eram consumidos e elogiados. Cumprimentei o grupo e sentei-me próximo a ele.

A visita ao bar tinha como objetivo gravar material audiovisual com finalidades profissionais. Mas, estando próximo do grupo por aproximadamente uma hora, enquanto preparava os equipamentos, escutei o processo de escolha de determinados pratos e petiscos. O *Sr. Médico* usou o seguinte argumento para defender um prato de sua preferência: “o parmegiana é tão bom que um dia eu vi uma pessoa comer dois filés, beber duas cervejas e no final pedir café com adoçante pra não engordar”. O *Sr. Advogado* reforçou o argumento dizendo “que existe uma família com cinco pessoas que compra apenas um filé à parmegiana e todos saem supersatisfeitos e ainda pedem pra embalarem o restante”.

O garçom serviu outras duas garrafas de cerveja. Todas as pessoas à mesa bebiam cerveja, exceto O *Sr. Jornalista*, que bebia água mineral, e a *Sra. Professora*, que bebia suco de frutas. Os pãozinhos sírios já haviam sido consumidos junto com as pastas. Sobre a mesa, uma porção de batata frita, juntamente com uma porção de linguiça calabresa, estava sendo consumida. A favor da decisão de se pedir um “filé à parmegiana” pesavam dois bons argumentos: qualidade (sabor) e quantidade. Contudo, um impasse da ordem da tradição pesava a favor do argumento que A *Sra. Professora* apresentou: “dia de comer o filé à parmegiana era nos encontros de sexta-feira”.

¹⁴ O “ilustre frequentador” será apresentado em seção específica, mas diz respeito a um dos atores da rede de interdependência que se forma na interação do bar.

O apelo às tradições é um percurso perseguido na constituição dos grupos. Esses “ilustres frequentadores” constroem agendas e demandas, marcam encontros, se reúnem. Apesar da gratuidade do encontro e do caráter formal da sociabilidade, há uma chancela de comprometimento com a prática do lazer do grupo. Entre eles não há laços de parentesco, exceto no caso do avô e do neto. Não há laços de origem, nem mesmo profissional, contudo há o comprometimento.

O argumento da tradição, nesse caso, torna-se algo que o grupo precisa afirmar para se manter. Talvez outras escolhas como essa, do prato a ser pedido, tenham ocorrido outras vezes, afinal o grupo já se reúne faz duas gerações. O que os constituiu inicialmente foi o lugar, o estar ali; a falta de opções de lazer; os interesses comuns. Assim, o grupo foi se constituindo, e hoje seus membros falam dos gostos e dos sabores do bar e, enquanto escolhem seus pedidos, passam a conversar e a agir sob o peso das tradições. *Sr. Médico*, importante porta-voz do grupo, ratifica a importância do grupo e afirma suas origens “ilustres”:

Eu vou falar. Os amigos já estão dizendo aqui do lado que eu vou falar, e eu vou falar mesmo. (Diz rindo). Aqui ao meu lado está o primeiro jornalista de Brasília. JK o trouxe, com a finalidade de se construir a *Revista de Brasília*. Ele chegou no ano de 1957, e escreveu do número 1 ao 61. (*Sr. Médico*, entrevistado.).

Os aspectos físicos do *Beirute*, instalações, equipamentos, serviços e decoração são ofertados a um público frequentador específico, heterogêneo. No interior da loja, o espaço é ocupado por conjuntos de mesas conjugadas com dois bancos de madeira pesada, de cor marrom. A mesa é forrada com uma fórmica branca, que está sempre limpa e encerada. A limpeza e a higiene são um dos aspectos destacados pelo *Jovem Emiliano*, filho de um dos proprietários do bar, em uma das conversas.

São no total cerca de 50 desses conjuntos organizados em dois ambientes internos para abrigar os frequentadores. Quadros decoram as paredes, cartazes e certificados que fazem referência ao bar, suas premiações em órgãos especializados no segmento, suas honras. Fotos de “ilustres frequentadores” informam o peso das individualidades sobre a produção dos espaços e nos ajuntamentos de indivíduos e grupos.

Em outro artigo do livro *Beirute, bar que inventamos*, Emanuel Medeiros Vieira, ao falar das “águias do *Beirute*”, pontua com precisão quem é o frequentador

desse estabelecimento. Fala-se da perspectiva do “ilustre frequentador”, do engenheiro, do político, do aristocrata, do dentista, da psicóloga, do fotógrafo, do artista, enfim, de uma certa linhagem, do *impoluto*, para usar uma palavra sua. Outro autor, Diego Badyão Garcia, narra os tipos beiruteanos, seus “ilustres frequentadores”:

figuras exóticas, intelectuais, artistas, políticos, empresários, elite sindical, barnabés bem sucedidos, casais apaixonados, senhores solitários, famílias, grupos jovens, os medalhões do Beirute (...), estudantes universitários, secretas-dedo-duros, meninas de programa, madames da sociedade com seus gatões a tiracolo, refúgio de uma geração secreta pós-golpe de 64, embaixadores, policiais – uma gama disparatada de figuras. (GARCIA, 2010: 291).

Pode-se vislumbrar aí o sujeito metropolitano, indivíduo já observado por Georg Simmel, ao falar dos tipos urbanos: diverso, heterogêneo, cosmopolita. Essas primeiras observações informam como é o bar *Beirute*, seus frequentadores e algumas demandas gastronômicas, étlicas, culturais, intelectuais, políticas, artísticas que ali se tecem. Indicam também que redes interacionais têm possibilitado o “enraizamento” do bar *Beirute* na Capital Federal. Certamente, como sentido de uma “sociedade de esquina”, de uma comunidade de sentidos, algumas regras, comportamentos e símbolos são compartilhados na representação e na vivência dos frequentadores do bar.

Ocupando uma parte da área verde, contigua ao bloco comercial, o *Beirute* mantém um ambiente externo com aproximadamente 20 conjuntos de mesa com quatro cadeiras plásticas, nas cores amarelo e azul, com *merchandising* de cervejas da AMBEV¹⁵. Esse ambiente externo se assemelha ao de outros bares de Brasília. É uma área móvel, coberta com toldos, que pode ser ampliada ou reduzida, dependendo do dia, do horário, do movimento no bar. Nesse ambiente, também está instalado um pequeno parque com brinquedos infantis, espaço idealizado para o uso das crianças enquanto os adultos, familiares e amigos, comem, bebem e interagem.

Até aqui se descreveu o bar *Beirute* com uma aparência de local familiar e voltado à tradição do frequentador ilustre, dos “medalhões. Mas, e as “figuras exóticas”, onde estariam? Acontece que o *Beirute* é um bar “duplo”: em

¹⁵ AMBEV é sigla da empresa Companhia de Bebidas das Américas, uma das maiores produtoras de cervejas do mundo.

determinados dias e em determinadas horas é um bar que recebe famílias, pessoas de todas as idades, gênero. Em um outro momento, particularmente nas noites de quinta-feira a sábado, é um bar mais frequentado por jovens e adultos, homens e mulheres homossexuais. Entre esse público, muitos artistas, estudantes, intelectuais.

1.3.1.2 Bar Paulicéia, puxadinhos bucólicos



Foto 4 – A homogeneização nos espaços dos bares acontece na fachada, nos móveis, em utensílios. Diversos bares em diversas cidades têm ganhado esse colorido, promovido em acordos de merchandising e comodato pelas grandes cervejarias do país.

Inaugurado alguns anos após o nascimento de Brasília, o bar *Paulicéia*, de propriedade do Sr. *Generoso*, situa-se na quadra 113 S. Aberto em 1970, o bar se enraizou na cidade como espaço de lazer e sociabilidade. Hoje, com capacidade para 120 pessoas aproximadamente, esse bar inicia suas atividades às 11h e termina o expediente por volta da 0h. O *site* da Internet Kekanto assim informa como os frequentadores ocupam o tempo livre nesse bar:

acomodados em mesinhas sob árvores, os clientes pedem a tradicional feijodada na cumbuca, servida sempre nos almoços de sexta e sábado. Na quarta-feira, tem clientela cativa a rabada com agrião. Com jeitão de bar, o endereço também sedia uma animada *happy hour*, quando os garçons servem petiscos. É o caso da tábua de cordeiro, que pode vir escoltada por cerveja de garrafa. (Disponível em: <<http://www.kekanto.com.br>>. Acesso em: 16 dez. 2011).

A configuração espacial do *Paulicéia* acompanha o movimento subversivo que as lojas das quadras comerciais deslancharam na cidade. De início, planejou-se o comércio nas quadras de Brasília de uma maneira radicalmente diferente do de outras cidades brasileiras. Com o intuito de “assassinar” a rua, planejou-se que as lojas teriam suas portas e vitrines voltadas para a área residencial da quadra, ou seja, a entrada do comércio ficaria de costas para a rua. A rua seria local apenas de circulação de veículos.

Segundo o planejamento original, pautado no conceito de Unidade de Vizinhança, os moradores das quadras contariam com todos os serviços básicos nas imediações de suas residências; não haveria necessidade de uso de veículos e assim o comércio seria em outro modelo¹⁶. Segundo Lúcio Costa, “o inventor de Brasília”, seria assim:

um ou mais locais de comércio adequados à população devem ser oferecidos de preferência, na junção das ruas de tráfego e adjacentes a outro similar comércio de outra unidade de vizinhança. A unidade deve ser provida de um sistema especial de ruas, sendo cada uma delas proporcional à provável carga de tráfego. A rede de ruas deve ser desenhada como um todo, para facilitar a circulação interior e desencorajar o tráfego de passagem. (COSTA, 1965).

¹⁶ “A unidade de vizinhança, segundo o arquiteto e urbanista Clarence Arthur Perry, foi pensada como uma área residencial que contaria com uma autonomia, pois são previstos a existência de bens e serviços para as necessidades diárias dos seus moradores. As lojas comerciais e equipamentos de uso coletivo estariam localizados nos limites da área residencial. O conjunto de quatro *superquadras* conforma uma unidade de vizinhança, lugar de confluência das escalas monumental, gregária, bucólica e residencial. Onde se destinou a área de trabalho, moradia e lazer dos trabalhadores da nova capital (funcionários públicos ou não) e de comércio local para o atendimento das necessidades básicas e diárias. A unidade de vizinhança se faz representar pelo setor comercial local, com suas lojas, padarias, ateliês, escritórios, salas comerciais, consultórios e toda sorte de prestadores de serviços necessários à manutenção da vida cotidiana dos moradores da escala residencial. Também compõe a Unidade de Vizinhança equipamentos como clube, cinema, teatro. Na grande maioria das unidades de vizinhança do Plano Piloto, as comerciais (como são denominados os setores comerciais locais) apresentam padarias, farmácias, chaveiros, sacolões, cabeleireiros, costureiras e bares, na medida em que são serviços básicos para a comunidade habitante”. (MELLO, 2011).

Mas na apreciação do arquiteto Geraldo R. Batista, em sua dissertação de mestrado,

por força de uma antiquíssima e ainda poderosa tradição comercial estabeleceu-se um conflito entre os comerciantes e as normas de urbanismo da cidade. Aqueles ficaram indecisos entre para qual dos dois lados, a área verde ou a rua da entrequadra. Os comerciantes, por outro lado, entre outros motivos, devido à falta de uma visão precisa do alcance do plano, forçaram, na maioria dos casos, uma solução oposta, que finalmente, de um modo geral, prevaleceu. (BATISTA, 1965: 15)

O bar *Paulicéia* possui duas entradas, uma delas virada de frente para a rua da entrequadra. Essa entrada é feita por duas portas corrediças de aço. Acima delas uma placa luminosa com o nome do estabelecimento, “bar *Pauliceia*, fundado em 1970”. A placa faz *merchandising* de uma cerveja da empresa Companhia de Bebidas das Américas (AMBEV). Entrando por essa porta, vê-se o amplo salão e o jardim nos fundos do bar. Ao lado esquerdo do bar, por essa porta, um extenso balcão separa caixa e serviços do salão. Por trás desse balcão, utilizado para atendimento e cobrança, encontra-se Sr. *Generoso* ou algum outro membro da família, geralmente sua esposa, filho ou nora.



Foto 5 – Relação de generosidade com a pesquisa e pesquisador

Em termos de estrutura, o *Paulicéia* não possui as características do *Beirute*, mas tem suas próprias seduções: a tradicional feijoada, a rabada com agrião, o descanso sob as árvores. Disse um de seus “ilustres frequentadores”, o *Dani Boi*:

não se deixe enganar pela estrutura, pois é um dos melhores botecos de Brasília. Atendimento ótimo e cerveja gelada. Eles tem *Serramalte* a preço amigável. A dica é linguíça de formiga. É um bom bar para ir com amigos, gastar pouco. (*Dani Boi*, entrevistado)¹⁷.



Foto 6 – Toldos se estendem e se recolhem ao sabor dos “ajustes e acordos” com a cidade

O bar tem saída para os dois lados da entrequadra¹⁸. A que seria a porta do fundo, coincide com a área verde, o jardim da entrequadra¹⁹. Um “puxadinho”

¹⁷ *Serramalte* é uma marca de uma cerveja inicialmente pertencente a produtores do estado do Rio Grande do Sul e que, na década de 1980, foi encampada pela cervejaria *Antártica*, que, anos mais tarde, associando-se a outra cervejaria, a *Brahma*, irá se constituir na AMBEV – Companhia de Bebidas das Américas, uma das maiores empresas no segmento de bebidas no mundo.

¹⁸ Algumas construções na cidade são ambientes vazados, com duas entradas. Com a promessa de trazer leveza, luminosidade e ventilação, os elementos vazados tomam lugar de destaque na arquitetura, paisagismo e decoração em Brasília. Materiais clássicos, como os cobogós, pilotis e painéis, são utilizados como suporte técnico nessa concepção.

estende a área de ocupação do bar até o jardim. O “puxadinho” é um tipo de prática espacial que determinadas lojas comerciais vêm construindo na cidade. A legislação mais recente regula o uso de uma área de 6 metros contígua ao fundo da loja, e mais dois metros da passagem pública para as lojas laterais dos blocos da quadra comercial. Contudo, há variações nas metragens das ocupações e usos do espaço.

Essa prática do “puxadinho” vem se estendendo faz anos, tendo se constituído em Lei no dia 19 de abril de 2011. O problema se arrastou por anos, tendo sido formulado em lei, inicialmente em 2008, em 19 de junho desse ano sob a rubrica de Lei Complementar nº 766. Reparada pela Lei Complementar nº 821, de 15 de abril de 2010, em 19 de abril de 2011 o Tribunal de Justiça do Distrito Federal-TJDF declara sua constitucionalidade.

O “puxadinho” é uma prática que colocou em interação conflituosa uma rede de agentes e atores: urbanistas e arquitetos, empresários, funcionários do governo e do estado, moradores das quadras, frequentadores de lojas e bares. Os bares, por serem os mais insurgentes, enfrentam diversos dilemas, investimentos, ganhos e prejuízos nos ajustamentos e desajustamentos com a ordem espacial e social. Por trás da aparência bucólica das mesinhas de bares sob árvores, encontra-se o problema do uso e ocupação de áreas públicas na cidade de Brasília.

Em matéria intitulada “Lei dos Puxadinhos”, do site oficial da Casa Civil do Governo do Distrito Federal, lê-se a resenha da Lei sobre a ocupação da área pública pelos comerciantes:

Com a declaração de constitucionalidade da Lei Complementar nº 766/2008, será permitido ao comerciante ocupar seis metros a partir do limite das lojas, junto às fachadas posteriores, voltadas para as superquadras. A ocupação sob a marquise original admitida nas extremidades laterais de blocos será até o limite da platibanda e com toldos ou vedação leve removível, mesas, cadeiras e outro mobiliário removível, garantindo-se faixa de dois metros de largura, paralela à lateral do bloco da marquise ou dos pilares, reta e desimpedida para passagem de pedestres, quando o estabelecimento estiver em funcionamento. Nessas extremidades laterais de blocos, a ocupação de área pública admitida será de cinco metros e de três metros, contíguos à ocupação voltada para as superquadras, somente no terreno, integrada a projeto de paisagismo aprovado pelo órgão competente, a partir do limite da platibanda, com mesas, cadeiras e

¹⁹ Entrequadra é um espaço que liga duas quadras residenciais. A ligação é feita pelo encontro de duas quadras comerciais, separada por uma rua. Nos fundos da comercial, uma área de jardim faz a ligação com os edifícios residenciais.

outro mobiliário removível, até a implantação do Programa de Promoção do Desenvolvimento Econômico Integrado e Sustentável – PRÓ-DF, que irá destinar área específica, substituindo essa ocupação proposta.

Nas extremidades entre blocos, no meio dos blocos, será tolerada a ocupação do térreo com mesas, cadeiras ou outro mobiliário removível, até os limites das coberturas dos blocos originais, desde que seja garantida faixa de dois metros de largura, paralela às laterais dos blocos, reta e desimpedida para passagem de pedestres. A calçada a ser implantada na extensão da fachada posterior da área comercial será de um metro e meio. (Disponível em: <http://www.cidades.df.gov.br/index.php/leis>. Acesso em: 16 dez. 2011).

A redação do final do primeiro parágrafo da citação acima indica, contudo, que o problema da ocupação do solo em Brasília ainda não se resolve com essa Lei Complementar constitucionalizada. Para o futuro, reserva-se a implantação do Programa de Promoção do Desenvolvimento Econômico Integrado e Sustentável (PRÓ-DF), que certamente colocará em cena, novamente, velhos e novos atores envolvidos no problema da ordem social e espacial da cidade.

Pode-se observar que, no decurso desses cinquenta anos de relação com a cidade, o comércio, especialmente os bares, teriam, no uso e afirmação dos espaços e da ordem, deslançado dois movimentos: um primeiro de oposição às normas do urbanismo planejado para a cidade, e outro de expansão dos seus espaços físicos em direção à ordem dos espaços públicos. Esses são dois importantes impactos dos bares sobre a ordem social e na organização espacial de Brasília.

O bar aparece no centro dos debates sobre o problema do uso e ocupação dos espaços, questionando o ordenamento da cidade, obrigando a tomada de posição de atores políticos. Em uma série de matérias do jornal *Correio Braziliense*, nos últimos anos, de 2006 a 2011, tratando do problema dos usos e desusos da cidade, o bar aparece em entrevistas, fotografias, imagens. Em grande medida são os problemas enfrentados, pelo comércio de bares, com a lei e a ordem que forçam essas leis e ordens a se ajustarem com a vida cotidiana de Brasília. (BRANCO, 2008; PULJIZ, 2010).

1.3.1.3 Bar Distribuidora de bebidas Piauí: cenas natalícias²⁰



Foto 7 – Uma entrada no Piauí, porta voltada para a rua

Na comercial da quadra 403 S está instalado o bar *Distribuidora de Bebidas Piauí*. Este estabelecimento fundado nos anos 1980 hoje é um dos mais frequentados da cidade. O bar ocupa a loja 20, do bloco B da quadra, com entradas e saídas na frente da comercial, pelo lado da rua, e pelos fundos da entrequadra, tomando aproximadamente cinquenta metros quadrados da área verde da escala bucólica²¹.

O bar *Piauí* ocupa uma loja de fundos da área comercial da quadra 403 S. Contudo, pode-se entrar no *Piauí* pela porta do ambiente da distribuidora. A entrada pela frente, pela rua da quadra comercial, se dá por uma porta de aproximadamente dois metros de largura. Acima da porta, há uma grande placa de metal onde está

²⁰ O bar *Distribuidora de Bebidas Piauí* será tratado ora como bar do *Piauí*, ou simplesmente *Piauí*.

²¹ “A escala bucólica é parte da concepção original do Plano Piloto de Lúcio Costa, que estabelece a leitura da cidade a partir de quatro escalas: monumental, representada pelo eixo onde estão os monumentos e símbolos do poder político; gregária que corresponde aos setores de serviços, comercial e bancário; residencial que são os conjuntos de moradias na forma de superquadras; bucólica que preenche os espaços entre as outras escalas, com os jardins, gramados, áreas de lazer, parques”. (MELLO, *op. cit.*, 2011).

inscrito *Distribuidora de Bebidas Piauí*. É uma entrada bastante movimentada. Nos finais de semana, esse movimento começa cedo. São, em grande parte, clientes se articulando para o lazer do dia/noite. Comprando bebidas, gelo, carvão, cigarro, chocolates, salgadinhos embalados. A variedade de bebidas e cigarros na distribuidora é grande, o que atrai públicos variados.

A estrutura interna desse bar compõe-se também de uma câmara refrigeradora interna, com 20 metros quadrados. Equipamento este utilizado para o resfriamento e a estocagem das bebidas frias que são vendidas pela distribuidora na frente da loja, no atacado e no varejo, e também para o consumo no local. O bar, como local de consumo no varejo e frequência, está instalado nos fundos da loja, no espaço contíguo do “puxadinho”.



Foto 8 – Projeto de jardinagem, ocupação dos espaços fronteiriços entre as áreas comerciais e residências. Uso de brita sobre o solo do jardim, ao fundo os blocos residências da superquadra

Esse bar, por ser também uma distribuidora, possui um estoque maior e mais variado de bebidas, de diferentes marcas e sabores: uísque, *vodka*, gim, *bourbon*, vinho, aguardente, cerveja, refrigerante, suco, água. Outros produtos também são comercializados no estabelecimento.

O espaço propriamente do bar, que tem entrada pela área residencial, possui em torno de 50 metros quadrados. Compõem seus equipamentos seis *freezers* verticais, amarelos, vermelhos e azuis. Esses estampam marcas das

principais cervejas consumidas atualmente no país. A parte central do interior do bar é preenchida por um conjunto de seis mesas com cadeiras. Na lateral, um balcão acoplado a um refrigerador horizontal divide o ambiente interno em dois cômodos, ficando na parte interna ao balcão um *freezer* horizontal, o caixa e uma estrutura com um lavatório para higienização de copos, pratos e talheres.

Sobre esse balcão/refrigerador ainda, fica uma vitrine elétrica, denominada salgadeira, com alguns tipos de alimentos prontos, fritos ou assados, como linguiça em pedaços, torresmo, costelinha de porco, partes de frango, pastéis, servidos em forma de tira-gosto ou petiscos. O *Piauí* possui um cardápio com alguns itens convencionais de muitos bares, como porções de batata frita, carne bovina acebolada, linguiça calabresa frita, frango à passarinho, além de alguns caldos de carnes, grãos ou legumes. O bar ainda oferece churrasco de carnes e queijo em espetinhos de bambu, que são assados na hora, no ambiente externo do bar.



Foto 9 – Normas de higiene nem sempre são seguidas conforme as orientações de cartilhas produzidas e divulgadas por órgãos como Sindhobar e Abrasel

Ao lado do caixa, há um balcão contíguo com garrafas de aguardentes de várias marcas. Ao fundo desse compartimento, um fogão e, ao lado, nas paredes, estão as estantes com bebidas. Na parede ao fundo, sobre o lavatório, tem-se instalado um aparelho de TV, que é ligado nos dias de jogo, ou para se

reproduzirem *shows* em DVD. Um cartaz afixado nessa parede ao fundo regula o comportamento, estabelece as regras do lugar: “é proibido beber no balcão”.

Essa regulação propicia, de um lado, a organização dos serviços do bar; de outro, o controle da relação entre funcionários e frequentadores. Particularmente, a relação entre estes e os funcionários da área do balcão e os funcionários do caixa, áreas nevrálgicas deste bar. É nesse espaço intersticial tênue, o balcão, que relações de proximidade e intimidade entre frequentador e funcionário podem ser desenvolvidas. Por isso, a interdição.

Proprietários, frequentadores, funcionários e ajudantes de bar são cúmplices da ambiência, atores da encenação e da sociabilidade. A partir do ano de 2006, com a instalação de câmeras no bar *Piauí*, seu proprietário e os filhos dele puderam acompanhar mais amiúde as relações entre funcionários e funcionários, funcionários e frequentadores²². Observando os comportamentos e as imagens das câmeras, o proprietário, com a ajuda dos filhos, pôde descobrir um incipiente tráfico de drogas, promovido por uma funcionária novata no balcão. Esta foi sumariamente demitida²³.

O proprietário do bar *Piauí* se sente “o pai” de todos os funcionários. Isso pode ser observado no modo com que trata seus funcionários, um comportamento entre rude e carinhoso, ranço, talvez, de certo autoritarismo paternalista, em uma mistura de reprovação e assistência, de crítica imbuída de uma filosofia de vida, de correção e progresso pelo trabalho. Sua fala aberta no bar e dirigida aos funcionários e funcionárias é de uma reclamação de quem espera mais trabalho e esforço de todos para o progresso dos negócios.

Em certos dias, quando o proprietário do *Piauí* bebe, ele bebe até ficar bêbado. E ele raramente bebe, mas quando o faz, perde o controle. Em uma das

²² Os frequentadores do bar *Piauí* podem ser assim descritos: homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, estudantes, trabalhadores e moradores da quadra 403 e outras quadras próximas, aposentados, moradores do Distrito Federal e do Entorno. O bar tem também uma frequência considerável de turistas, particularmente de jovens, amigos de outros jovens frequentadores.

²³ O tráfico de drogas pode dar vida ou morte a um bar, mas de todo modo é uma atividade que transforma o lugar e não favorece a formação de um público específico, gerando no tempo e no espaço movimentações alheias, suspeitas e incompatíveis aos propósitos do lugar. A profissionalização dos serviços do bar *Piauí*, o pulso forte do proprietário e seus filhos, a intercomunicação entre funcionários responsáveis e ligados por elos de parentesco com o proprietário e outros colegas de trabalho, e a colaboração de alguns frequentadores, foram fundamentais para deslocar o incipiente tráfico de drogas que se intentou no bar.

situações em que observei sua embriaguez, ele xingava e gritava com os funcionários: “você são uns bundão, uns filhos-da-puta que não tinham o que fazer, e eu mandei buscar lá no Piauí e trazer para cá, e dar emprego, comida, lugar de dormir”. (*Chiquim*, proprietário do bar *Piauí*). Ele poderia ser enquadrado na categoria de consumidores que “não sabem beber”. “Saber beber” é uma das maneiras de beber, desenvolvida em determinados bares e entre determinados consumidores de bebida alcoólica.

O *Chiquim*, como é conhecido o dono do bar, que é da região nordeste do país, traz seus parentes-funcionários, preferencialmente do estado do Piauí, para a cidade de Brasília, com intenção de ajudá-los a “crescer na vida”. Normalmente, são parentes seus ou de seus funcionários – assim, institui-se certo sentimento de pertencimento, e também uma dependência. Como no coronelismo de algumas cidades do nordeste, na virada do século XIX para o século XX. Ao se estabelecerem esses vínculos de origem, se cria também uma comunidade que avoluma as heranças, valores, símbolos e comportamentos dessa origem comum – o enraizamento e o desenraizamento.

Ao se estabelecer esse tipo de relação de trabalho, *Chiquim* busca fomentar um certo espírito dos modos de ser e de se comportar enquanto um empregado de seu estabelecimento, através da corrente de fraternidade interna. Os funcionários, aproximadamente trinta pessoas, entre garçons, cozinheiros, balconistas, caixas, entregadores, auxiliares de limpeza e encarregados de reposição de estoque, durante o expediente e também nos encontros fora do horário e espaço do trabalho, trocam suas experiências de como é trabalhar no *Piauí* (acompanhei por diversas vezes conversas dessa natureza). De certo modo, as coisas no bar funcionam como uma organização familiar – proprietários/donos são: o pai, dois filhos, uma filha, a companheira do pai; na gerência do caixa está *Moreninha*, afilhada de batismo e de casamento do *Chiquim*; na gerência do bar o *Sobrinho*, afilhado também do *Chiquim*; a balconista e caixa do turno matutino, a *Morena*, é esposa do cozinheiro do mesmo turno e irmã do cozinheiro do turno noturno.

Nessas bebedeiras do proprietário do *Piauí*, a performance e a encenação de *Chiquim* se repetem, ilustrando em muito a solidariedade mecânica

que estrutura as relações entre os funcionários e proprietários do bar²⁴. Ele começa bebendo na parte da loja onde fica a distribuidora. Quando bêbado, surge na parte dos fundos do bar, com um copo de uísque. Ele caminha tropeçando entre as mesas, pedindo mais bebida e esbravejando. Ele fala muito de si, do seu paternalismo, do quanto faz por seus empregados e não é reconhecido. É um dramalhão, uma choradeira finalizando no *réquiem*. Ele diz, se repetindo:

Eu trago vocês pra cá, lá daquele fim de mundo, dou emprego, salário e filho da puta chega atrasado, num vem trabalhar. Sobrinho, tu é parente meu, não faz como Messias! Eu dei tudo pra aquele safado, e ele fica aí... (*CHIQUIM*, dez. 2008).

Chiquim derruba o copo e pede mais bebida. Ordena que deixem a garrafa de uísque na mesa. *Sobrinho*, seu funcionário e parente, diz: “chega Chiquim, sua mulher já vem aí”. *Chiquim* vociferando toma a garrafa da mão de *Sobrinho* e a coloca em cima da mesa. A plateia ri um riso de aparência insensível, mas longe disso é o riso de um funcionário e “ilustres frequentadores” que conhece bem a fanfarronice do *Chiquim*. Pouco em seu texto lamurioso sobre o comportamento de seus funcionários é realidade²⁵. Os funcionários, como se verá adiante, trabalham em mutualidade com o proprietário e seu desejo de prosperidade. Então o bar ri da fantasia do “*Chiquim* abandonado”, que a personagem dele arrasta entre as mesas enquanto ainda consegue se manter de pé.

Seu drama, que deveria intimidar ou rebaixar os funcionários, provoca um riso escondido nas expressões faciais desses. Eles não podem rir abertamente como o fazem alguns “ilustres frequentadores”²⁶. Mas, observam-se em seus rostos, uns sorrisos “escondidos” do olhar embriagado de *Chiquim*. Ainda, o ator principal tendo encenado a personagem do “proprietário acabado e traído” pelos funcionários,

²⁴ Para Émile Durkheim, a solidariedade mecânica é uma característica das sociedades ditas “primitivas” ou “arcaicas”. Nestas sociedades, os indivíduos que a integram compartilham das mesmas noções e valores sociais tanto no que se refere às crenças religiosas como em relação aos interesses materiais necessários à subsistência do grupo. É justamente essa correspondência de valores que irá assegurar a coesão social. (DURKHEIM, 1999).

²⁵ Para Henri Bergson, o “nosso riso é sempre o riso de um grupo”. (BERGSON, 2001: 5). No riso compartilhamos as formas de comicidade e riso relativos à nossa cultura, aos grupos sociais que frequentamos.

²⁶ Os bares possuem seus frequentadores, contudo o que se observou nos bares pesquisados foi “ilustres frequentadores”, um tipo que será apresentado em seção em separado.

uma dezena ou mais de vezes, conhece a carga de quantidade que pode oferecer, como suplemento ao drama, estendendo-o ao dramalhão e, por fim, ao grotesco.

Alguns “ilustres frequentadores” riem, um riso mais grave. *Sr. Delegado*, frequentador da mesa dos “amigos do *Piauí*”, comenta que “é lastimável a condição do *Chiquim*”. Entre os amigos do *Piauí*, o grupo de “ilustres frequentadores”, que conhece a realidade cotidiana do bar, o drama emociona do riso à comiseração. O texto minimalista ancora-se em três chavões: trabalho, dedicação e honestidade. Às vezes, no seu alarido, *Chiquim* grunhisso ou cuspiu outros léxicos, mas o desiderato era a tríade repetitiva. Tudo o que *Chiquim* interpreta é uma subversão da ordem pelo “responsável” pela ordem. O homem nu embriagado pela fantasia do rei tolo (PROPP, 1992).

No período em que foram observadas essas bebedeiras, entre 2007 e 2010, os filhos e a filha de *Chiquim* ainda não haviam entrado profissionalmente nos negócios da família, eram jovens estudantes do ensino médio, entre 15 e 18 anos de idade. Eles ajudavam nos serviços, mas com menor dedicação do que aquela que vieram a desenvolver. Os modos de agir, pensar e administrar o bar afetavam negativamente os negócios do estabelecimento. Em seus “falsos dramas”, *Chiquim* representou também atos voltados aos seus familiares, nos quais esses aparecem como “ingratos” e “cegos insensíveis”, que não enxergam seu esforço, seu trabalho. *Chiquim* reclamava um maior envolvimento dos filhos no negócio.

Chiquim cai, *Sobrinho* “corre e ampara” seu patrão e padrinho. Em uma encenação anterior, *Messias*, o sobrinho desgarrado, de quem *Chiquim* fizera menção, anteriormente, como “o filho-da-puta”, atuara no mesmo papel que *Sobrinho* desempenha então. A observação prolongada nesse local de pesquisa deu a oportunidade de ver novamente a repetição dessa performance, agora com outros coadjuvantes a representarem os papéis no drama.

Como performance última de um bêbado, *Chiquim* balbucia algumas palavras, agora ininteligíveis, e se esforça para se manter em pé, escorando-se em uma cadeira. Seu corpo pesado exige cadeiras plásticas sobrepostas. Instalado em uma delas, ele procura o descanso e o sono. Seu humor é grave, estando ele sóbrio ou ébrio, é dessa forma que ele administra seu negócio. E, somente pode atuar assim, esporadicamente, no espaço do bar, porque os funcionários e frequentadores o legitimam assim, como o herói do bar. Todos reconhecem seu direito à bebedeira, embora ele “não saiba beber” para os que o observam performar.

Por isso, cansado, nesse instante ele pode dormir. Uma vida que Brasília lhe deu e lhe toma. Ele é o trabalhador do bar e do lazer na cidade. Quase não dorme, pois o lazer nos bares tem crescido nos últimos anos em Brasília, de forma rápida, em outro ordenamento. É isso que *Chiquim*, quando bêbado, encena e representa para seus frequentadores e a cidade, seu esforço e sua contribuição para o enraizamento do lazer em bares da Capital Federal.



Foto 10 – Ambientes vazados, entradas de luz

1.3.1.4 Observações preliminares e os primeiros bares

Os três bares da Asa Sul pesquisados e apresentados têm como características comuns: a propriedade e o envolvimento familiar no negócio; a ocupação e o uso de áreas contíguas; o funcionamento nos turnos diurno e noturno; a existência de “ilustres frequentadores”. Outras características em comum ainda seriam: os cardápios, com comidas e bebidas que, de certa forma, tem satisfeito os paladares e gostos; o uso de equipamentos – *freezers*, mesas, cadeiras, cervejelas,

entre outros²⁷ – e bebidas das marcas da cervejaria AMBEV como principais produtos oferecidos aos frequentadores; o público heterogêneo; a diversidade geracional; e o surgimento, crescimento e enraizamento enquanto espaço de lazer na cidade.

Ao apresentar o bar *Beirute*, foi dada ênfase nas práticas políticas e culturais que a sociabilidade do bar e seus “frequentadores ilustres” possibilitam. Fundado nos anos iniciais de Brasília e no período da ditadura militar, o *Beirute*, como se verá em outros capítulos, será um dos lugares centrais de acontecimentos que podem ser tomados com a perspectiva de se pensar uma sociabilidade do bar. Ademais, as práticas cotidianas no *Beirute* propiciam pensar teoricamente a categoria *lazer*.

O bar *Paulicéia* foi apresentado relacionando-o ao problema do uso e da ocupação dos espaços públicos em Brasília. Não é exclusividade desse bar essa prática. A cidade de Brasília, e particularmente o Plano Piloto, tem sido local de disputas territoriais, que recaem sobre as áreas comerciais e residenciais. Ao longo de anos, a contradição entre o espaço planejado ou imaginado e o espaço construído ou conquistado provoca uma interação conflituosa entre os vários agentes envolvidos nessa trama.

Apontaram os esforços da pesquisa que o crescimento dos espaços dos bares provoca e desenvolve novas formas de sociabilidade. Um ângulo particular para se pensar essa construção espacial é a partir dos lugares que os bares vêm ocupando no (re)desenho da geografia da Capital Federal, por ora patrimônio da humanidade. Será que, nesse redesenho, alguns bares do Plano Piloto podem ser considerados como espaços da ordem social e física da cidade, para além de apenas espaços de lazer?

O lazer no bar comparece como sentidos de vida, de movimento, de sinergia, de animação, de provocação de estímulos, de pragmatismo. Com um

²⁷ Hoje as cervejarias oferecem como produtos de *merchandising* e acordos de comodato, uma série de produtos, equipamentos, promoções e serviços em parceria com os estabelecimentos comerciais que contribuem para a homogeneização dos espaços, mas também para uma melhoria na potencialidade e na qualidade dos serviços a serem prestados pelos bares a seus frequentadores. A cervejela é um recipiente elaborado com material térmico para manter a temperatura da cerveja. Também tem sido utilizado, em alguns bares, como forma de se pedir outra cerveja. O procedimento é retirar o vasilhame esvaziado de dentro da cervejela e deixá-lo ao lado desse recipiente, gesto que indica o pedido de “mais uma” cerveja.

sentido de *anima*, de dar vida e ânimos aos frequentadores e colorir o espaço do divertimento e do prazer. Contudo, como será observado, para esse espaço de lazer emergir com suas potencialidades, há uma batalha que vem se travando diariamente entre os proprietários dos bares, as legislações em curso e os moradores e vizinhanças das áreas próximas a bares e restaurantes.

Apresentando brevemente o bar *Distribuidora de Bebidas Piauí*, tratou-se da organização e do funcionamento do bar a partir dos laços que envolvem as relações entre proprietário e funcionário. Especulou-se que as interações no interior do bar podem resultar, além dos códigos familiares e de parentesco, de certo sentimento de pertencimento comunal, tribal, estruturadas em uma espécie de solidariedade mecânica.

Relembrando, os três bares descritos nesta apresentação inicial possuem essa característica de negócio familiar, que passa de geração para geração. No *Beirute*, foram dois irmãos que iniciaram o comércio, e atualmente dois de seus filhos aderiram ao trabalho no bar. No *Paulicéia*, marido e esposa somam-se ao filho e à nora, para administrar o estabelecimento. Por último, o bar *Piauí* é de propriedade de um pai e seus dois filhos e uma filha.

1.3.2 Bares da Asa Norte



Foto 11 – Complexo de bares da quadra comercial 408 N, espaço de jovens universitários

1.3.2.1 *Bar do Careca, ordens de vizinhanças*

Nos acampamentos de trabalhadores da Vila Planalto, os bares aparecem, ainda hoje, como lugares de frequência após o horário do trabalho. Já em 1957, na Vila Planalto, o *Bar do Careca* e o *Armazém do Geraldo* se constituem como pontos comerciais de venda de bebidas e de gêneros alimentícios que atraem o público local, em sua maioria constituído de trabalhadores envolvidos com a construção de Brasília.

No *Bar do Careca*, nos anos 1960, pela manhã,

os pião passavam para comprar alguma coisa, um cigarro, um fumo; e depois eles subiam junto prás obras...porque o Careca também ia prás obras. Ele era carpinteiro! De tardezinha eles voltavam. Passavam aqui pra beber umas pinga, conversar, e descansar, porque eles trabalhavam muito. O Careca chegava do serviço e ficava até mais tarde na venda. (*Viúva do Careca*).

O *Bar do Careca* passou por algumas transformações em seu espaço físico, desde sua fundação até o momento. Contudo, não foram, em termos de edificação, mudanças grandes. O bar fica em uma esquina, no cruzamento das ruas 6 e 7. Utilizar o termo *esquina* como referência territorial, na cidade de Brasília, muitas vezes parece inapropriado. Essa discussão não estenderá, embora essa noção seja utilizada. Aqui, no caso da Vila Planalto, a discussão não caberia, até porque a Vila Planalto possui outra forma de organização territorial, diferente do Plano Piloto. Na Vila Planalto pode-se usar a noção de esquina sem nenhum embaraço²⁸.



Foto 12 – Bar do Careca, Vila Planalto, outra forma de organização territorial

No interior do bar há um salão com três mesas de madeira conjugadas com quatro cadeiras cada uma; um balcão comprido ao fundo, dividindo o espaço interno entre o atendimento e os frequentadores; encostados na parede, atrás do balcão, três refrigeradores verticais promocionais; à direita do salão principal, duas

²⁸ A noção de *esquina* diz respeito ao cruzamento de duas vias de trânsito. A esquina carrega uma carga simbólica que pode ser pensada como uma categoria analítica nos estudos sobre a vida social. A Vila Planalto, embora dentro do Plano Piloto, é um lugar distinto, assemelhando-se mais à noção de bairro: comunidade, vizinhança, ruas, paróquia, praças.

mesas de sinuca; ao lado das mesas de sinuca, dois conjuntos de mesas com cadeiras; ao fundo à direita, os banheiros feminino e masculino; do lado esquerdo do bar, um balcão menor se articula com o balcão comprido. Nesse balcão menor estão instalados a gaveta do caixa e o expositor de cigarros. Um avarandado sobre a calçada pública liga o bar com a rua. Quatro jogos de mesas com cadeiras plásticas ficam dispostas nessa área exterior.

Em termos de frequentadores, o perfil é bastante diferente dos outros bares pesquisados. Em sua maioria, são moradores do local, pessoas da vizinhança: jovens e adultos, homens e mulheres, trabalhadores, nascidos no lugar, ou que chegaram à Vila Planalto há muito tempo. Em alguns dias, particularmente nos finais de semana, há uma movimentação de outras pessoas de fora da Vila Planalto, contudo esses estão mais interessados em drogas, que são comercializadas nas imediações, do que propriamente no lazer do bar.

Os frequentadores do bar, vizinhos, estabelecem uma relação de proximidade e intimidade com os proprietários do estabelecimento, particularmente com *Gato*, filho da *Viúva do Careca*. A relação de amizade que *Gato* tem com a vizinhança contribui para o funcionamento do bar. Apesar dos seus frequentadores serem, em sua maioria, moradores do lugar, não há concessões nem regalias: não se vende fiado, não se empresta dinheiro, não se aceitam bêbados contumazes, não se doa comida ou bebida.

De certo modo, muitos frequentadores “ajudam” na própria segurança do lugar e no controle da frequência. Os “estrangeiros” logo que chegam são percebidos. A solidariedade entre os frequentadores é necessária, até porque nas imediações do bar acontece, em algumas épocas, um fluxo de tráfico de drogas. Muitos dos pequenos traficantes são pessoas do “pedaço”, da Vila, que consomem no bar. De certo modo, esses pequenos traficantes usam o bar como referência e também porque ali podem “pescar clientes”²⁹.

Um caso que caracteriza essa solidariedade pode ser ilustrado quando da morte de um dos frequentadores do *Bar do Careca*, o jovem de codinome *Tipo A*.

²⁹ Ouvi essa expressão “pescar clientes” de um pequeno traficante, que tinha como procedimento de abordagem de clientes a observação dos hábitos da pessoa a ser jogada a isca. A técnica consistia em aguardar o cliente beber um pouco e depois lhe oferecer um pouco de droga, cocaína ou maconha. Em estado de embriaguez, especulava ele, as pessoas desenvolvem outros desejos étlicos ou drogadictos. Tendo jogado a isca, é só esperar. (Entrevista com *Duda*, julho, 2010).

Sua morte trágica e violenta foi vivenciada, representada e compartilhada pelos amigos e vizinhança. *Tipo A* era um “ilustre frequentador” do estabelecimento. Ele não bebia sempre, às vezes no final de semana. Mas, passava pelo bar praticamente todos os dias. A *Viúva do Careca* e seu filho *Gato* gostavam muito de *Tipo A*, principalmente porque ele era muito prestativo com ambos. *Tipo A*, embora já um jovem adulto, não trabalhava, fazia apenas alguns serviços aqui e ali, e muitas vezes ajudava a *Viúva do Careca* com pequenos favores, como ir ao supermercado comprar algo que estava faltando no bar, mudar algum móvel de lugar e outros pequenos serviços.

A notícia de sua morte chegou ao bar no final da tarde de uma terça-feira. Quem trouxe a notícia foi uma frequentadora, mas *Gato* e a *Viúva do Careca* já tinham algumas informações sobre o ocorrido. Quem estava no bar ficou absorto, de certa forma foi uma surpresa. No meio do burburinho que se formou, *Gato* soltou o comentário trivial, mas relevante: “o cara era gente boa. Ele tinha as treta dele, mas aqui com a gente ele era gente boa”. Um frequentador disse: “É, mas ele tinha os inimigos dele”.

Na quarta-feira à tarde, chegou a notícia de que o corpo de *Tipo A* estava no Instituto Médico Legal (IML). À noite o bar estava muito movimentado, e muitas pessoas estavam nervosas, algumas bêbadas. A notícia de que *Tipo A* seria enterrado em uma cova social, em uma vala comum, causou indignação. Sua família não tinha recursos para fazer o sepultamento de forma digna. A informação do enterro em cova social afetou o grupo de amigos e a família. Um frequentador afirmou que “uma tia dele falou até que colocaria um apartamento à venda pra pagar o velório do negão, pô!, prá seu sobrinho não ser enterrado assim”. *Gato* explicou que “na cova social eles te põe lá e depois te tira pra pôr outro e depois não sobra nada. Não dá nem pra fazer perícia”.

Era por volta de oito horas da noite, quando chegaram ao bar dois “ilustres frequentadores”, um deles com certa quantia de dinheiro na mão, anunciando que já tinham seiscentos reais para o enterro. Um deles, *Sarado*, entabulou uma conversa com *Gato* sobre dinheiro. *Gato* sugeriu que primeiro era preciso saber de quanto precisariam para depois ele contribuir. O recomendado pelos frequentadores foi que deveriam ir até a casa de *Tipo A*, para saber da família o que era preciso ser feito. Os dois “ilustres frequentadores” saíram do *Careca*, entraram no carro e partiram para cuidarem do encaminhamento. A rede de “ilustres

frequentadores”, proprietários e funcionário do bar, e pessoas da vizinhança conseguiu o dinheiro e *Tipo A* seria enterrado dignamente.

Na quinta-feira à tarde, depois do velório e sepultamento, o *Bar do Careca* estava repleto. As pessoas “bebiam o morto”, com alguns sinais de ódio pelo acontecimento, principalmente porque no velório estava presente um amigo de *Tipo A* que estava com ele na hora da briga que resultou em sua morte, e que correria, abandonando o amigo. “É foda, né! Deu vontade de voar naquele filho da puta”, disse uma frequentadora. Ódio e tristeza eram sentimentos que afetavam a ambiência do bar, mas todos bebiam e aqui e ali alguns riam e outros choravam. A maioria estava vestida de roupa preta, de luto. A morte de *Tipo A* foi um momento de celebração, de solidariedade, que reforçou os vínculos de amizade e pertencimento entre os “ilustres frequentadores” do bar, seus proprietários e o funcionário *Negomano*.

Um outro caso, envolvendo o bar *Careca*, mostra como tem sido a relação desses estabelecimentos com outros vizinhos, no que tange, por exemplo, à chamada “Lei do Silêncio”³⁰. Em várias ocasiões, um vizinho acionou a polícia e os órgãos de fiscalização, alegando problema de barulho no bar. Interessante observar que, em frente e ao lado do *Careca*, funcionam duas igrejas que, especialmente nas noites de quartas-feiras e sábados, e nos domingos durante todo o dia, promovem cultos com música sendo executada ao vivo, com conjunto musical eletrificado, bateria e amplificadores. Uma fiscalização tecnicamente instrumentalizada poderia aferir um volume de decibéis provavelmente bem acima do som da televisão transmitindo jogos de futebol ou novela e das pessoas conversando no *Careca*.

A *Viúva do Careca* alega que é perseguição, seu filho *Gato* confirma. Para eles, é o vizinho de uma casa na esquina oposta ao bar que faz a denúncia aos órgãos fiscalizadores. O vizinho possui alguns imóveis de aluguel em sua propriedade, inclusive uma loja voltada para a rua. Segundo a *Viúva do Careca*, o motivo da denúncia “é inveja, pois ele já tentou vários negócios na loja e não dá certo”. Ainda, ela diz, “não é a primeira vez que ele faz essas denúncias”.

³⁰ Lei 1.065/96. Dispõe sobre normas de preservação ambiental quanto à poluição sonora e dá outras providências. Em consonância com outras leis e normas, essa lei visa o conforto da comunidade no que diz respeito aos níveis de som e ruído para o conforto acústico, seguindo normas e padrões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). (IBAMA, 1996).

Uma primeira denúncia feita pelo vizinho, segunda a *Viúva do Careca*, teria sido contra os carros que paravam em frente ao bar e colocavam os equipamentos de som para funcionar em alto volume. *Gato*, muito amigo desses frequentadores com seus carros sonorizados, tinha certa dificuldade em resolver esse problema diretamente “entre amigos”. Em relação aos carros sonorizados, poder-se-ia compreender alguma possível reclamação. Nos finais de semana, durante o ano de 2010, os equipamentos sonoros dos veículos eram muito frequentes na porta do bar. De qualquer modo, o bar é parte do lugar e, como tal, está sob algumas ordens de vizinhança.

1.3.2.2 Bar dos Cunhados, futebol entre amigos



Foto 13 – Bar dos Cunhados, “amigos para sempre”, “desde 1981”: tradição e família nos valores da sociabilidade do bar

No final da Asa Norte se encontra o *Bar dos Cunhados*, na comercial da quadra 115 N. Fundado em 1981, o bar iniciou suas atividades a partir da frequência de funcionários do Banco do Brasil que moravam nas imediações da quadra. No início, o bar funcionava nos fundos do bloco A da quadra, mas nos anos seguintes, “o movimento aumentou, foram chegando outros clientes e nós mudamos para esta esquina”. (*José*, sócio/cunhado do estabelecimento).

O sentido de esquina, nesse caso, não diz respeito ao cruzamento de vias ou ruas, mas à posição da loja 21, no bloco B da quadra. As quadras comerciais são

divididas em cinco blocos. Entre um bloco e outro há uma passagem, um passeio público. Na interseção desses blocos e passagens forma-se um cruzamento assemelhado a uma esquina. Nesses casos, de lojas laterais, pode-se, orientado pela “Lei dos Puxadinhos”, fazer uso de área pública. Essas “esquinas” de blocos, em muitas quadras constituem outras formas de comércio de bebidas e petiscos, principalmente churrascos em espetinhos.



Foto 14 – Comércio ambulante, espaço de lazer e sociabilidade nas esquinas dos blocos



Foto 16 – Existem vários tipos de lugares que vendem bebidas e comidas. A venda de churrascos, outros petiscos, sanduiches e bebidas ocorre em várias “esquinas” de blocos comerciais em Brasília

Esses “amigos para sempre” se encontram e se divertem, principalmente nos dias de jogo. A frequência em torno do jogo de futebol, principalmente entre “ilustres frequentadores”, permite conversas e brincadeiras, jocosidades e performances que indicam o caráter lúdico da sociabilidade do bar. Como não é um bar temático de futebol, ou seja, bar de um só time e uma só torcida, o Cunhados propicia uma heterogeneidade de torcedores. Assim, o respeito ao outro, ao diferente é uma regra. Por isso mesmo, as brincadeiras e a interação divertida permitem certos limites e alcances. A regra, na sociabilidade formal, lúdica é: “pode-se arranhar uns aos outros, mas não se pode machucar”. (HUIZINGA, 1971).

Johan Huizinga, ao falar de um *ethos ludens*, conceitua a ludicidade como uma forma de jogo onde não se pode extremar a brincadeira. Ele usa o exemplo de gatos e cachorros, que em seus aprendizados iniciais brincam de morder e arranhar uns aos outros, mas não com uma força que leve a machucar e provocar briga. Segundo ele, quando algum dos animais machuca o outro, ele estraga a brincadeira. (HUIZINGA, 1971). Esse sentido pode ser aplicado à ideia de sociabilidade do bar.



Foto 17 – Futebol e bar, lazer em dose dupla

O Bar dos Cunhados mostra, em dia de jogo, os olhos atentos na televisão. A descontração das bermudas e dos chinelos revela certa familiaridade com o local, e dá pistas de que os frequentadores são moradores da quadra ou imediações³¹. Assistir ao jogo de futebol em bares tem sido uma das práticas usuais de compartilhamento coletivo desse esporte em alguns desses locais, e proporciona, em muitos casos, uma sociabilidade lúdica, tecida no prazer da zombaria, do riso, da chacota, da gozeira, da “sacanagem”. Esses comportamentos, o pesquisador Édison Gastaldo, falando dos “desafios verbais entre participantes e a teatralização jocosa”, denominou de *relações jocosas futebolísticas*. (GASTALDO, 2005).

A noção de sociabilidade gratuita que envolve a ambiência do bar nesses dias de jogos pode ser tomada emprestada a Georg Simmel (1983), quando ele define a sociabilidade como “a forma lúdica da sociação” (SIMMEL, 1983: 168). Para Simmel, a sociabilidade é uma forma de interação na qual os participantes se

³¹ Essa familiaridade, proporcionada e deslançada pelo encontro demorado, individual e coletivo, é afirmada no nome de fantasia do estabelecimento, Bar dos Cunhados. Esse comércio se estabeleceu nessa quadra no mês de agosto de 1981. Seus proprietários são dois irmãos que se casaram com duas irmãs e vieram “buscar o sonho em Brasília”, conforme conversas com *Pedro*, um dos irmãos, durante uma sessão de fotografia no bar.

mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações de maneira desinteressada. Pode-se ainda cotejar a noção de sociabilidade de Simmel com a definição de *ludens* de Johan Huizinga (1971). Para este filósofo,

o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”. (HUIZINGA, 1971: 33).

Estáticos, fitando o aparelho que transmite o jogo, os frequentadores dessa noite parecem prontos para o salto, o grito, o momento grandioso do jogo de futebol, o instante do gol. A imagem deles congelada na fotografia revela o interesse dos “ilustres frequentadores” no que está sendo televisionado. Esse lazer duplicado, a bebida e o jogo deixam-nos inertes. Outra coisa, algo objetivo caminha dentro de suas mentalidades e expectativas. Os frequentadores estão estáticos, contudo, preparados para alguma reação. Édson Gastaldo, em seu estudo sobre torcidas de futebol em bares, comenta a performance do espectador que volta as costas de sua cadeira para sua mesa para acompanhar o jogo no televisor. Situação semelhante foi encontrada no Bar dos Cunhados, em um dia de jogo, conforme mostra a fotografia, em seu canto esquerdo inferior.

Os espetáculos, as competições, determinados acontecimentos do cotidiano possuem materiais que absorvem a atenção dos espectadores. Jogos de futebol transmitidos pela televisão possuem qualidades de absorção que arrebatam os frequentadores do bar. Ocorre que as regras do jogo de futebol têm mudado ao longo dos anos. Regras formalizadas para o jogo e os jogadores, que agora se estendem a outros participantes da atividade: normas de transmissão nas mídias, regulamentação das torcidas organizadas, regras para venda e consumo de bebidas alcoólicas nos espaços dos estádios, contratos publicitários.

Essa transformação nos modos de praticar e assistir ao jogo de futebol implica em uma mudança nos limites das tolerâncias e das intolerâncias. O que pode e o que não pode ser feito em termos de “reação” ao jogo. Como lugar de transmissão de jogos variados, local de frequência de torcedores das mais variadas tendências futebolísticas, o bar precisa estar enredado nessas regras. Entretanto, mesmo em ambiências como no Bar dos Cunhados, onde os frequentadores

compartilham estimas de “amigos para sempre”, sabe-se que os limites entre a brincadeira e a ação séria são tênues, nessas interações onde a ludicidade se liga a duelos verbais, gestuais, prenes de jocosidade e acintes³².

Outro dado interessante que pode ser observado nessa fotografia é a participação coletiva na transmissão, ou ainda, nos dizeres de Édson Gastaldo, aproveitando Goffman, os telespectadores estariam em uma situação de interação focada. Ou seja, nesse momento não importa a interação dos membros da mesa, a comensalidade, o comer e beber junto como “modo à mesa”, mas algo maior, uma interação que coloca todos os frequentadores do bar em uma mesma realidade. A atenção de todos os frequentadores tem um norte, o assunto é o que está à sua frente, o acontecimento é a partida de futebol, essa é a atividade, o estar junto coletivo, a realidade do momento.

1.3.2.3 Bar Distribuidora Paixão, política, humor e cidadania

Outro bar que participa na vida pública, política e cultural da cidade é o Bar Distribuidora Paixão, na comercial da quadra 216 N. Seu antigo proprietário, um ex-professor de economia, durante muito tempo colocava faixas com frases “cáusticas” na frente de seu estabelecimento. Como escreveu a médica sanitária Arlete Sampaio, prefaciando o livreto *Brasil enfaixado* (s/d), de Cesar Abreu, autor das faixas e dos livretos com centenas dessas faixas impressas, o comerciante “encontrou uma maneira muito original de, como cidadão, participar, manifestar-se, polemizar”. Ainda sobre a participação do bar na vida da cidade, Arlete Sampaio afirma que

nenhuma cidade, talvez, poderia ser tão receptiva a este tipo de manifestação do que a nossa Brasília: pela sua conformação urbanística que transforma as quadras comerciais em “pontos de encontro” dos moradores das quadras e seus visitantes ou pela politização de seus habitantes, reflexivos que são, nesta cidade sem esquinas. O “sêo” Cesar e a MDG Ltda., o açougue cultural do Luiz, o Beirute, fazem parte da história de Brasília e da criatividade dos seus cidadãos. Não tenho dúvida: “sêo” Cesar é um cidadão que

³² Sobre essas interações jocosas e sobre os limites da brincadeira nas interações sociais Erving Goffman chama a atenção para a importância dos esquemas primários de análise e atuação nas interações face a face. Como ele argumenta muitas vezes, as ações dos indivíduos operam com seus esquemas primários de entendimento da cena. (GOFFMAN, 2012: 45-117).

ajuda a construir a história de nossa cidade. Que ele continue a ser essa voz – ou estas faixas – presente, participante, cidadã. A Brasília viva, exigente, participativa, cidadã, é feita de gente como ele. E, sem sombra de dúvidas, o seu futuro depende de pessoas como ele”. (SAMPAIO, s/d: 3).



Foto 18 – Novos tempos no Paixão, sob nova administração

As centenas de faixas que produziu para fazer a sua crítica à política, à economia, aos valores e costumes dos indivíduos e da sociedade possuem um caráter local, nacional e transnacional. Em suas “faixas cáusticas”, Cesar Abreu coloca na cena da cidade os assuntos do cotidiano. As ilustrações abaixo mostram um pouco de seu trabalho de crítica política e de comunicação visual com a cidade. Seu estabelecimento comercial, espaço de prática de lazer e de ocupação do tempo livre para os “ilustres frequentadores”, mostra que nem sempre na atividade de lazer há passividade ou alienação³³. Ocupando esse espaço para se divertirem, encontrarem amigos, beberem e conversarem, os indivíduos também participam da vida da cidade, informam-se dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais de forma divertida e humorada, lúdica.

³³ A discussão sobre o lazer como escolha ou adesão será apresentada no terceiro capítulo da tese.



Ilustração 1 – Faixa “Cáustica” 1

A ilustração acima mostra essa interação da cidade com o local e o nacional. Uma observação interessante, do ponto de vista da antropologia visual é a de que essas faixas, colocadas sobre o letreiro com o nome do bar e da cervejaria patrocinadora do comércio, ocultam parte da marca da cerveja, e apagam o nome do estabelecimento³⁴. Com essa sobreposição, as faixas acabam contrariando a lógica do mercado da propaganda, mas, por outro lado, despertam a curiosidade do leitor.

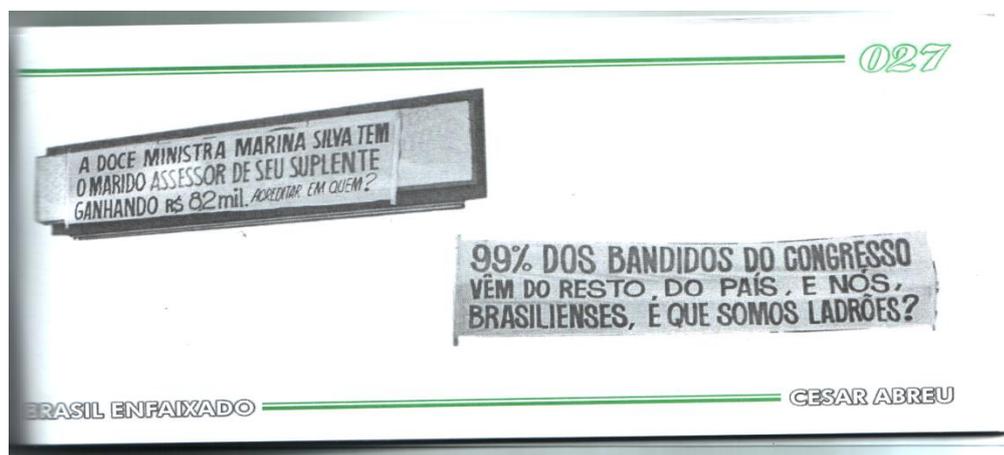


Ilustração 2 – Faixa “Cáustica” 2

³⁴ Uma observação interessante: muitas vezes ocorre de o bar ter um nome, mas ser reconhecido pelo nome do dono do estabelecimento. Dois exemplos apenas para ilustrar o caso da cidade: o bar *Meu Bar*, na comercial da quadra 408 Norte, é conhecido pelos frequentadores como bar do Zé, nome de seu proprietário; e o bar *Distribuidora de Bebidas Piauí*, na comercial da 403 Sul, muito conhecido como bar do Chiquinho, seu proprietário.

Apesar das críticas à política e cultura locais e de sua origem da região Nordeste, Ceará, o comerciante se (re)apresenta como um brasileiro e sai em defesa dos moradores da cidade. Esse sentimento de pertença à cidade também é uma constante em suas faixas “cáusticas”.

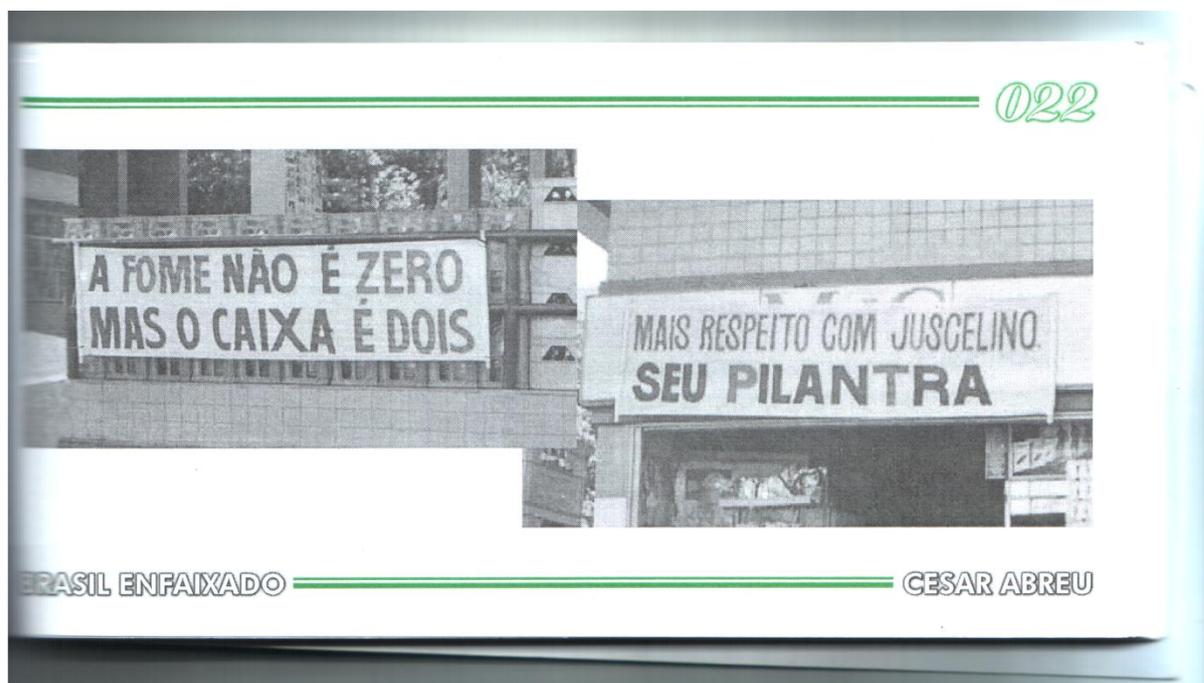


Ilustração 3 – Faixa “Cáustica” 3

Na sua crítica à política assistencialista do governo, Cesar Abreu aproveita para tocar no assunto da corrupção. Política é conversa das mesas dos bares *Beirute*, *Piauí*, *Só Drinks*, *Distribuidora Paixão*. Talvez, devido à proximidade com o “mundo da política” que é a Capital Federal, esse seja um dos assuntos mais tratados por determinados frequentadores de bares, particularmente entre certo público mais adulto. No vídeo “Alcoolistas anônimos no bar”, produzido para o quadro *A palmatória* e postado na Internet, falando de conteúdo sobre a vida em Brasília, os entrevistados, reunidos em grupo, sejam unânimes em afirmar que se encontram no bar com amigos para falar, entre outros assuntos, sobre política (Disponível em: <<http://viverembrasil.com.br/alcoolistas-anonimos-no-bar-a-palmatoria-episodio-4/>>. Acesso em: 18/03/2011).

No bar *Paulicéia*, política também é um dos assuntos da pauta de seus “ilustres frequentadores”. Seu proprietário, Sr. *Generoso*, se afirma um democrata. Em suas conversas, sempre aparecem assuntos da política. Assunto que deixa o

tom de sua fala irritadiço, nervoso. O seu humor ao tratar de política não é bom. No bar *Piauí* também política é assunto para se discutir em mesa de bar, principalmente porque muitos frequentadores são funcionários públicos, assessores políticos, servidores do Senado e da Câmara. A proximidade com o cenário político politiza e torna reflexivos os moradores da cidade, como percebe Arlete Sampaio.

Ainda, na ilustração 3, o comerciante tece homenagem ao presidente Juscelino Kubistchek, construtor da cidade. Essa participação na vida da Capital Federal tornou-se um atrativo do bar *Distribuidora Paixão*, da 216 Norte. Segundo informa a reportagem realizada por Luciana Vasconcelos Reis (2010), “Homenagem a um Brasileiro”, publicada na revista *Plano Brasília*, Cesar Abreu produziu, ao longo de 15 anos de atividade comercial, mais de 700 faixas.

Um dos motivos da frequência de várias pessoas ao local eram as “faixas cáusticas”. Em conversa com uma das entrevistadas, ela disse que “mesmo depois de morando em outra quadra, passava por ali, de vez em quando, prá ver as faixas do César”. (*Asanortina*, entrevistada). Há uma aproximação estética entre essas faixas e manchetes de jornais. Esse formato curto, direto, dinâmico, popular e sobretudo atualizado possui grande capacidade de atrair o olhar e a atenção.

Durante três anos, o proprietário do bar editou e prensou livretos com essas faixas reproduzidas. No total, as três edições apresentam aproximadamente trezentas dessas faixas. A produção de faixas pelo proprietário era um recurso quase cotidiano de sua inserção e de moradores e “ilustres frequentadores” do bar, que se alinhavam na atividade política e social da cidade. Observando as fotografias dos livretos, vê-se sempre a presença de “ilustres frequentadores” nas imagens.

Ainda, prefaciando um desses livretos, a atual deputada distrital Arlete Sampaio (PT/DF) fez afirmação parecida com a da entrevistada *Asanortina* citada acima, a de que sempre passava pela quadra “para ver a frase do dia”, mesmo tendo se mudado para outro local da cidade. Esse bar da comercial da quadra 216 N ainda hoje existe, mas sob outra direção e já não participa da vida política da cidade do mesmo modo. Embora muitos dos “ilustres frequentadores” sejam os mesmos de anos anteriores, e o assunto política seja recorrente, o proprietário atual, diretamente, “não se envolve com política”. (*Planaltino*, proprietário do bar).

A política e os assuntos da mídia e do noticiário orientam as conversas entre seus frequentadores. Há como que um liame entre as “faixas cáusticas” produzidas pelo antigo proprietário do bar e a mentalidade de seus frequentadores.

O cotidiano da política ronda a mentalidade dos frequentadores do lugar, mas em um tom de desconfiança e humor. Ainda, o noticiário dos jornais televisivos noturnos é um dos focos de interação nesse bar, motivo para a conversação.



Foto 19 – Homens no bar

Esse estabelecimento comercial é um misto de bar e mercearia. Uma das principais mercadorias vendidas são galões de 20 litros de água mineral. Este tipo de transação comercial é feito durante o dia, entre as 9h e as 17h, período em que se encontra um funcionário, *Bicicletino*, que faz entregas em domicílios locais. Como bar, o estabelecimento funciona até, aproximadamente, as 22h. Em dias de jogos de futebol, em especial do *campeonato brasileiro*, o horário modifica-se um pouco, terminando o expediente por volta das 23h.

1.3.2.4 Bar Só Drinks, onde o time é o Botafogo

Na comercial da quadra 403 N, o bar *Só Drinks* é o primeiro bar fundado na Asa Norte. Segundo seu proprietário atual,

o bar foi criado em 1974, mas eu comprei faz 17 anos. É o mais antigo da Asa Norte. Foi o primeiro bar a transmitir jogo de futebol. Todo tipo de jogo. Só não tem jogo do Flamengo. Aqui vem muito deputado, senador. A 203 e a 204 é quadra de deputado, pô! Eles

passam aqui bebem seus uísque e depois sobem prá casa. Em dia de jogo, eles param, assistem o jogo. Depois de dois, três uísque eles já tão conversando com todo mundo”. (*Da Farmácia*, proprietário do bar).

Diferentemente do Bar dos Cunhados, esse estabelecimento é um bar temático, do *Botafogo Futebol Clube*, time do Rio de Janeiro. Seu proprietário, torcedor fanático do *Botafogo*, possui seus caprichos e radicalismos; como afirmou acima, não transmite jogos do *Flamengo*, outro time de futebol do Rio de Janeiro. Esse bar, frequentado em sua maioria por homens, com idades entre 40 e 60 anos, fica em uma quadra comercial bastante movimentada.

Cezinha, um dos seus “frequentadores ilustres”, em uma de nossas conversas fez a seguinte explanação:

outros bares são reconhecidamente tradicionais pelos frequentadores que têm em comum a admiração por um time de futebol, é o caso do *Só Drinks*, 403 norte, que funciona desde 1977, no mesmo local. É descrito como recanto dos botafoguenses, que são os maiores fregueses, além disto, tem em sua decoração toda a história da equipe descrita em pôsteres colados em suas paredes, juntamente com outros produtos decorativos com escudo do Botafogo (relógios, calendários, copos, etc.). (*Cezinha*, entrevistado).

Localizado em uma loja lateral do Bloco B dessa quadra, o *Só Drinks* fica na área de interseção entre os blocos, que simula uma esquina, conforme explicado anteriormente. Ao lado direito do bar estão localizadas duas lojas que atraem muito o público feminino: uma farmácia e uma loja de produtos voltados para o corpo, cabelos, produtos de estética, particularmente feminina. O entra e sai de mulheres é texto e roteiro que alimenta a conversa dos frequentadores do bar.

Em uma manhã de sábado, eu estava sentado em uma mesa, bebendo cerveja. Era por volta de 11h quando chegou o “ilustre frequentador” (*Cezinha*). Ele veio até mim, estendeu a mão e me cumprimentou. Pareceu que ele me conhecia, pois puxou uma cadeira e sentou-se à minha mesa. Pediu uma cerveja ao funcionário do bar e começou a entabular uma conversa sobre uma mulher que caminhava na calçada da quadra.

O proprietário do bar, *Da Farmácia*, se aproximou e disse para o *Cezinha*: “poxa, você bebum é chato, hein! Ontem quase que você acaba com meu casamento... querendo dançar com minha mulher; quê isso, cara, você bêbado não dá!”.

Cezinha responde: “Eu dei foi uma ajuda!”.

Para me situar na conversa, perguntei sobre o que havia acontecido. Falei olhando para os dois ao mesmo tempo.

Da Farmácia dirigindo a palavra a mim diz: “Com você eu não quero nem conversa. Quê isso, chega aqui dizendo que roubar faz parte do futebol. Eu nem sei quem você é, primeiro eu queria saber quem você é. Por isso que o *Flamengo* taí desse jeito”. Essa sua fala dirigida a mim, explico, decorreu de diálogo anterior que havia entabulado com o proprietário do bar, quando cheguei ao estabelecimento, e ele e outro frequentador conversavam sobre futebol.

Respondi-lhe: “mas não é! Roubar faz parte das regras do jogo”, falei olhando na direção de *Cezinha*, procurando nele alguma adesão, buscando me apoiar nele, para dizer quem eu era, talvez. Eu não conhecia nenhum dos dois. Portanto, não deveria me envolver. Usar o argumento de que roubar faz parte da regra do jogo, pode dizer algo de negativo de minha personalidade ou mesmo indicar a preferência pelo time aludido, o *Flamengo*. Mas, não era de todo uma fala minha, foi “apenas” uma ação para a interação. Uma fala solta assim, buscando conversar, “puxando assunto”.

Ocorre que as palavras, as brincadeiras, as “conversas moles” também têm peso. A forma como se inicia uma interação, às vezes da maneira mais “ingênua” e desinteressada, pode levar a outros sentidos, a outras interpretações por parte do outro/grupo. Enquanto eu tentava iniciar a conversa com os dois, o *Cezinha* colocou o jornal *Folha de São Paulo* sobre a mesa. O jornal trazia uma matéria sobre o escritor Nelson Rodrigues.

Percebendo a dificuldade do primeiro contato, pedi licença a *Cezinha*, tomei o jornal em minhas mãos de modo interessado, li algumas palavras, depois virei o jornal, manipulando-o distraidamente. Vi um outro artigo de um crítico musical que admiro muito, e há muito tempo não lia seus textos. Fiz um comentário elogioso a esse jornalista, e *Cezinha* perguntou se eu era da imprensa. Respondi que trabalhava com audiovisual e Internet, mas que também fazia uma pesquisa de doutorado sobre bares.

A conversa avançou com *Cezinha* encaminhando para o lado do audiovisual, e ele me disse que eu precisava “fazer um vídeo, uma matéria sobre esse bar”. Olhando para o *Da Farmácia*, ele disse: “o *Só Drinks* é o bar mais antigo

da Asa Norte, não é Newton? Eu acho que ele foi inaugurado em 1974. Mas o Newton é que sabe essa história. Vem cá, Newton!”

Enquanto *Cezinha* falava olhando na direção do proprietário do bar, para chamar sua atenção, eu retirava da mochila o livro que trazia comigo *Beirute, bar que inventamos*. Pensei em mostrar meu artigo publicado nesse livro ao *Cezinha* para, talvez assim, ganhar credibilidade. *Da Farmácia* veio em nossa direção, e eu lhe dirigi a palavra, aproximando o assunto para a tese. Mas ele me cortou a conversa dizendo: “todo dia tem gente aqui. É estudante, é jornalista querendo saber das coisas. Eu não gosto nem de falar desse bar. Enquanto eu tiver essa estrutura que eu tenho”.

Da Farmácia explicou, em conversas mais demoradas, a “estrutura” que tinha no bar, e que não gostava. Para ele, o grande problema estava na dificuldade de “conseguir outro funcionário”. Ele era proprietário do *Só Drinks*, e da farmácia ao lado do bar, mas não podia administrar os dois estabelecimentos como desejava, por isso tinha o “sonho” de conseguir um funcionário que lhe ajudasse nessa tarefa. Os proprietários dos outros bares pesquisados tinham mais sorte com funcionários que ele.

1.3.2.5 Bar Meu Bar, ou bar do Zé

A quadra comercial 408 N é um caso peculiar na cidade de Brasília. Praticamente todo o comércio local é voltado para a atividade de bares. O bar *Meu Bar*, de propriedade dos irmãos *Zé* e *Prequeté*, mais conhecido como bar do *Zé*, é o mais antigo da quadra. Com aproximadamente 14 anos funcionando no comércio local, esse bar viu seu crescimento se expandir, principalmente no início dos anos 2000. Nesse período, uma lanchonete que funcionava em um posto de gasolina dentro da Universidade de Brasília foi fechada, devido à venda de bebidas alcoólicas para os estudantes. E os estudantes, então, logo se transferiram para o bar mais próximo da universidade, no caso o bar do *Zé*, ou *Meu Bar*³⁵.



Foto 20 – Algumas regras e normas de bar

³⁵ Seguindo decretos-lei e leis municipais e estaduais, o posto de gasolina que fica dentro do *campus* da Universidade de Brasília foi interditado, devido à comercialização de bebida alcoólica para estudantes. Há uma série de decretos e leis que proíbe a venda de bebidas a uma distância de 100 metros de espaços de educação formal.

O nome *Meu Bar* sugere aconchego, intimidade. Ao observá-lo, percebe-se essa relação de intimidade entre proprietários e frequentadores. O Zé é, de longe, o mais simpático entre os dois irmãos, como naquelas duplas de um do “bem” e um do “mal”. O Zé conversa com todos, brinca. Já *Prequeté* é mais sisudo, “na dele”, mas está sempre abraçando algumas jovens estudantes, “ilustres frequentadoras”. Grande parte dos frequentadores jovens, homens e mulheres, se conhecem. Assim, esses grupos jovens cambiam membros, aumentando as redes de sociabilidade. Desse modo, o lugar representando intimidade e aconchego libera os jovens frequentadores para novas práticas e comportamentos intelectuais, artísticos, corporais, mentais.



Foto 21 – Bar abrindo, “ilustres frequentadores” do turno matutino, chegando com o jornal do dia, consumindo bebidas e divertindo

Em duas produções audiovisuais realizadas no bar *Meu Bar* e tendo o seu proprietário, Zé, como protagonista, surgiu a proposição: “o bar é o intervalo da sala

de aula”³⁶. O bar como “intervalo da sala de aula”, como recreação indica seu tipo de frequentador assíduo, ilustre: estudantes da Universidade de Brasília e do IESB, uma universidade privada próxima ao local. Na comercial da quadra 408 N são, atualmente, em torno de 18 bares e outros quatro estabelecimentos que comercializam produtos similares. Um total de, aproximadamente, 30 lojas. Ou seja, 70% do comércio local é monopolizado por bares e similares. Esse formato não contempla o plano original, mas é a ordenação social que o espaço vem absorvendo. Contudo, no *Meu Bar*, há outros tipos de frequentadores que também fazem parte do cotidiano do lugar, além de estudantes.



Foto 22 – Novas formas de boêmia: estudantes, professores, atores, cineastas, poetas, bebida e conversas. Momento de reflexões aprimoradas e substanciais

O bar abre suas portas em torno das 10h nos dias de semana, e 13h aos sábados. Em algumas ocasiões, o Zé abre seu bar aos domingos. O público

³⁶ *Memórias póstumas de bares e culpas*. 2009. Direção: Gilberto Barral, Jacques Sanfilippo e Maíra Zenun. Brasil: 3 min. *Hora do recreio*. 2012. Direção: Gilberto Barral e Jacques Sanfilippo. Brasil: 3'23min. Disponível em: <<http://viverembrasil.com.br/horadorecreio/>>. Último acesso em: 21 jun. 2012.

frequentador das horas iniciais do dia são moradores e trabalhadores da vizinhança, particularmente os moradores das quitinetes da área comercial da quadra: apontadores de jogo do bicho, aposentados, porteiros, funcionários do comércio local, empregados das empresas terceirizadas que servem às universidades próximas.

Durante as primeiras horas da manhã no *Meu Bar* não há propriamente consumo. O lugar é mais um ponto de encontro. Normalmente pela manhã o Zé não vende cerveja, pois não há no estoque ou ainda não foram para o refrigerador. O *Meu Bar* opera em condições mínimas de funcionamento. É apenas cerveja, algumas bebidas destiladas e, às vezes, água mineral e refrigerante. Não há nenhum tipo de comida ou alimento. Os frequentadores matinais costumam chegar e sentar nas cadeiras espalhadas em torno de algumas mesas no piso externo das lojas do bloco comercial. O bar do Zé também é um bar de “esquina” de blocos.



Foto 203 – Infraestrutura mínima, no Meu Bar é somente bebida e diversão...

Os primeiros frequentadores chegam sempre “animados”, e os assuntos entabulados são a “ressaca”, algum fato ou acontecimento individual ou coletivo da

noite anterior, o resultado do jogo de futebol, dependendo do dia, ou assuntos relativos ao jogo do bicho. Esses frequentadores matinais, junto com o Zé, vão iniciando o movimento do dia, na quadra e no bar. Por volta das 11h já começam a chegar os funcionários que saem do trabalho no intervalo para o almoço em restaurantes da quadra. Alguns desses funcionários passam pelo *Meu Bar* e bebem alguma coisa, normalmente uma bebida de dose, um destilado.

No turno seguinte, no vespertino, hora da saída da aula nas universidades próximas, começam a chegar os estudantes, e os outros bares da quadra começam a abrir suas portas. O *Meu Bar* faz divisa com outro bar: o *Pôr do Sol*. É um limite tênue, quase imperceptível, em certos horários e dias. Esses dois bares dividem o piso do bloco em que estão instalados e as áreas entre os blocos B e C da entrequadra. O *Pôr do Sol* é um bar mais bem equipado, com maior espaço, maior número de mesas, cadeiras e frequentadores. Seu público é basicamente de estudantes, como no *Meu Bar*.

Nos últimos anos de observação no *Meu Bar* – de março de 2004 a meados de outubro de 2011 –, foi possível perceber que cresceu o movimento de jovens no local. Nesse decurso, houve uma mudança no aspecto físico da comercial, devido a mudanças no Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT). Com as novas regras, esses bares teriam que derrubar as muretas que os circundavam. Preocupado com o possível impacto do ambiente sobre o comportamento dos frequentadores, perguntei aos proprietários dos respectivos bares sobre essa mudança. Esses se mostraram preocupados com uma questão: a poeira e a sujeira que iriam circular no ambiente, devido à falta da mureta. Não lhes preocupavam as leis. A experiência deles, particularmente do Zé, com os “ajustes e acordos” lhes dava margem para não se preocupar tanto.

Contudo, a mudança trouxe benefícios aos bares. A retirada das muretas que separavam o bloco comercial da área da entrequadra fez os bares ganharem mais espaço. Ou seja, o bar, antes enclausurado pelas muretas, escorreu para o passeio público e para a área verde da entrequadra. Aumentou o ambiente de circulação e, aos poucos, esses espaços foram sendo apropriados por frequentadores e proprietários desses bares. Apropriação que se constituiu a partir da “Lei dos Puxadinhos”, aprovada em setembro de 2011.

No calor do crescente movimento, os bares fizeram outras adaptações. Primeiro, o *Meu Bar* estendeu um toldo de lona sobre o passeio público, ganhando

uma área de, aproximadamente, 40 m². Essa cobertura de lona não somente propiciou o aumento da área de utilização e circulação, como também deu uma nova feição ao espaço. Poucos dias depois, o bar *Pôr do Sol* implementou o mesmo modelo de lona, apropriando-se de uma área ainda maior, de aproximadamente uns 80 m² do espaço público da entrequadra.

Como foi dito, não existe uma fronteira nítida entre os bares *Meu Bar* e *Pôr do Sol*, principalmente nas terças e sextas-feiras. Ambos ocupam a mesma marquise, no mesmo bloco, e, visto de longe, parecem ser um mesmo bar, dado o contínuo das cadeiras e mesas, da circulação incessante que apaga os espaços fronteiros. Mas, diferenças existem entre os frequentadores desses bares, na forma de usá-los, na sociabilidade que desenvolvem.



Foto 24 – Brasília, “cidade fria, vazia, sem nada pra fazer”?

Do lado do *Pôr do Sol* predomina a cor vermelha das mesas e cadeiras. Essa cor quente cai bem ao bar, posto que sua área de mesas está voltada para o sol. Daí, o nome *Pôr do Sol* ser emblemático. Esse bar é frequentado, na maioria das vezes, por jovens mais “barulhentos”. Mas, há também uma certa diversidade: são jovens universitários de cursos mais diversificados. No *Meu Bar*, por exemplo, têm-se jovens estudantes mais voltados para os cursos na área das Ciências Humanas.

Diria que o *Pôr do Sol* é um bar de jovens mais integrados, enquanto o *Meu Bar* acolhe aqueles que conservam algumas tradições culturais, jovens *hippies*, boêmias.

O *Meu Bar* fica do lado sombrio da quadra, na direção residencial, voltado para a sombra das árvores. Talvez, por isso, seu aspecto mais boêmio, seus frequentadores mais envolvidos com o consumo de álcool, as conversas à mesa, às vezes tem um violão, mas só quando permitido. São pessoas dispostas a permanecer por muito tempo bebendo e conversando, em um bar que oferece apenas bebida, além de tempo e espaço para a diversão, a digressão intelectual e o acontecimento de estar ali.

A cor predominante das mesas e cadeiras do *Meu Bar* é o azul ultramar, frio. Tanto das mesas e cadeiras, quanto do grande toldo que cobre a área externa. Não existe música nesse bar, som automotivo não é permitido. Muito raramente alguns dos frequentadores aportam com instrumentos e executam algumas músicas. Embora raras, há duas formas principais desse acontecimento: pequenos grupos de amigos em torno de uma mesa, bebendo, tangendo seus instrumentos. Outra forma, são os amigos que chegam com seus instrumentos, começam a tocar e forma-se uma roda em volta; ou ficam as pessoas em outras mesas próximas acompanhando o evento, participando, cantando, tamborilando nas mesas, nos copos e garrafas. Às vezes, dançando.

Na parte externa dos bares da 408 N, as mesas estão dispostas pela área da marquise e calçadas externas, sob as árvores. Vista sob o olhar ofuscado pela fraca iluminação pública local, ao longe, como se sob o efeito de um astigmatismo, a paisagem do bar, suas mesas suscitam uma tela impressionista. O modelo das cadeiras coloridas em tons de azul, amarelo, vermelho, branco, embora de material plástico, com seu desenho abaulado enfeita, alegria os espaços, remetendo a um estilo *bistrô*. Contudo, esses modelos de mesas e cadeiras homogeneizaram a ambiência dos bares, dando-lhes feição, ao mesmo tempo retrô e vulgar.

O *Meu Bar* é um tipo de bar que pode ter por sinônimo o correspondente “botequim”, ou ainda mais longe, numa linguagem nativa, a uma espécie de “copo sujo”: não tem salgados e nenhum outro tipo de *tira-gosto*. Não vende cigarros. No seu cardápio, se é que se pode chamar assim, há bebida alcoólica. Mesmo assim, a variedade é pouca: cerveja, aguardente, conhaque, *vodka*. Bebidas não alcoólicas

muito raramente, uma ou duas marcas de refrigerante. Qual, então, o atrativo de um bar tão carente em recursos étlicos e gastronômicos?³⁷.

O *Meu Bar*, pode-se aventar, tem como atrativos: seu proprietário, Zé, personalidade carismática; frequentadores colegas de faculdade, da Universidade de Brasília; proximidade para estudantes moradores das quitinetes da quadra adjacente ao bar e de quadras próximas; proximidade com a universidade e outras faculdades, no caso da Asa Norte, o IESB. Outro atrativo considerado pelos frequentadores é o preço da cerveja. O entrevistado *Sociólogo* encontra dois atrativos nesses bares da 408 N: “primeiro porque são baratos, depois porque sabe que vai ter jovens”.

Uma resposta curiosa ao problema dos atrativos do *Meu Bar* foi a do entrevistado Sr. *Historiador*. Para ele, as pessoas que frequentam esses bares são

estudantes atrás de cerveja barata e sem preocupação com *status* e com a qualidade do ambiente. Em alguns casos podem ser pessoas mais novas que têm medo de ir a bares mais arrumados por terem mais medo de terem serviço recusado por sua idade. (Sr. *Historiador*, entrevistado).

³⁷ O bar pode ter várias conotações que lhe imputam caráter de similaridade com outros comércios afins, como: boteco, botequim, barzinho etc.



Foto 25 – Frequentadores do matutino, o bar se abrindo...

1.3.2.6 Outras observações de outros bares

Os bares da Asa Norte apresentados diferem em muito das configurações socioculturais e espaciais dos bares da Asa Sul. Os bares da Asa Sul surgiram como espaços de lazer e descanso, voltados para os pioneiros construtores da cidade. E, em um segundo momento, transformaram-se em espaços de lazer para os primeiros moradores do Plano Piloto. Em termos de configuração espacial, os três bares pesquisados na Asa Sul possuem muitas semelhanças. Podem-se tomar esses bares como exemplares de um modelo de bar do lugar: locais amplos, com área externa ocupando os jardins, área interna com mesas e cadeiras de madeira, área externa mobiliada com jogos de mesa e cadeiras plásticas de cervejarias.

Já na Asa Norte, os bares surgiram como espaços de lazer, em função da própria falta de “o que fazer na cidade”, como vivência e imaginário de uma geração. O surgimento tardio dos bares na Asa Norte também está relacionado com a própria ocupação dessa região, que se iniciou em um segundo movimento de ocupação da cidade, que, pode-se afirmar, estende-se até o momento. Embora tardia, a ocupação da Asa Norte vem ocorrendo, no caso dos bares, de modo ainda mais “fora do

plano” piloto, sem nenhuma orientação para a diversidade das necessidades e da configuração de um comércio local de subsistência dos moradores da quadra.

O caso das quadras comerciais 209, 210, 408 e 409 da Asa Norte, particularmente destas duas últimas, confirma o quadro. Nessas duas quadras, 408N e 409N, em um total de aproximadamente 30 lojas, 19 são bares ou similares. E mais, grande parte desses estabelecimentos está anexando as lojas contíguas, formando um complexo de bares. No bloco B, da quadra 408 N, todas as lojas são ocupadas por bares, no que vem sendo denominado “quadrilátero do álcool”. Passar por essas quadras é sepultar de vez a imagem de Brasília como uma cidade fria e vazia.

CAPÍTULO 2 COTIDIANO DE BARES: EXTERIORES

A dimensão que o bar ganhou na cidade de Brasília como prática preferencial de lazer para muitas pessoas, como lugar de se estar junto, de sociabilidade, decorre de uma série de fatores. Os interesses e as necessidades dos habitantes de Brasília, em seus papéis sociais de comerciantes, consumidores, frequentadores, funcionários, síndicos, assistentes, propiciam a formação de redes de interdependência e constroem os espaços de lazer na cidade.

Ocorre que, os papéis sociais não são fixos, podendo um mesmo ator interpretar papéis diferenciados, e, em alguns casos, até contraditórios ou conflituosos. Em termos de gênese, um comerciante também é um consumidor, um morador da cidade. Papéis que esse indivíduo precisa ensaiar, pois nessa rede de interdependência, ao ser interpelado, ele deve saber interpretar, dentro da polifonia de vozes, seu papel no momento. Como *Sr. Generoso* afirmou sobre a ocupação dos bares na cidade:

Às vezes as mesmas pessoas que iam no *Beirute*, vinham aqui também (no bar *Paulicéia*, de sua propriedade). A gente mesmo, dono do bar, fechava e ia para outro bar, que lá a gente ia encontrar os amigos. (*Sr. Generoso*, em entrevista).

Esse fenômeno da diversidade dos papéis que os indivíduos interpretam, em um cenário de necessidades do corpo e do espírito, beneficia comerciantes, consumidores, funcionários, moradores da quadra e da cidade. Enfim, é essa a rede que se pode acompanhar e observar, a fim de se entenderem as relações cotidianas dos bares com Brasília. As leis e as ordens sobre o espaço, os proprietários, seus funcionários e ajudantes, a vizinhança, os frequentadores: rede básica de interação em torno do bar. E foi essa rede que em muito contribuiu para a afirmação do bar como um dos lugares preferenciais de lazer do brasiliense, durante a pesquisa.

No ano de 1970, o bar *Beirute* já não agradava mais seu proprietário, que, muito atarefado com outros dois estabelecimentos, colocou-o à venda. Dois garçons do bar se interessaram pelo negócio, mas faltava-lhes certa quantia em dinheiro para a compra. A notícia da venda do *Beirute* causou um alvoroço entre os frequentadores. O bar ainda era recente na quadra, mas já conquistava seus “ilustres frequentadores”. Na mesma quadra, dois outros bares pioneiros, o

Arabeske e o Bar do Luís, formavam, juntamente com o Castelinho e o *Beirute*, a rua da boêmia na cidade. A venda do *Beirute* poderia abrir caminho para a redução de oferta desse tipo de lazer na quadra. Foi uma época em que as lojas elétricas começaram sua hegemonia na comercial da superquadra; uma “outra setorialização” do comércio em Brasília se iniciava, com a “rua das elétricas”.

Fernando Oliveira Fonseca, editor, conta assim a história da rede que se formou em torno do problema da negociação do bar *Beirute*:

Em dezembro de 1970, o Arabeske era a casa de maior movimento na 109, e o velho *Stalo* (proprietário do bar) estava desanimado com o *Beirute*. Decidiu vender o bar e dedicar-se ao outro bar. (...)

Os irmãos Bartô e Chico tinham conquistado a simpatia dos *Stalos* (o filho do velho *Stalo* gerenciava o *Beirute* com o pai). Após a primeira negociação frustrada com um carioca que se interessou pelo bar, *Stalo filho* passou a recomendar ao pai a venda do *Beirute* para Chico e Bartô (então garçons no bar).

Coube a Chico a negociação (era mais afoito que Bartô) e, depois de alguns dias de conversa, o negócio foi fechado em 25 de dezembro de 1970. Ficou pendente uma dívida que dava medo.

A notícia correu pela cidade e houve um movimento de apoio aos garçons. O *Beirute*, que andava mal das pernas, aumentou seu movimento e, em pouco tempo, Chico e Bartô pagaram o que deviam aos *Stalos*. (FONSECA, 1994: 255).

2.1 O BAR E A QUADRA: AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS



Foto 26 – Muito além dos jardins: enfeitamento e ocupação de amplas áreas da escala bucólica

O estudo da vida cotidiana pode ajudar a entender como as práticas sociais, as condutas ordinárias e as atividades humanas são produzidas e reproduzidas continuamente através do fluxo constante da vida em sociedade. Os indivíduos em interação constroem, dão forma e mantêm as configurações sociais baseadas em redes de interdependência. As ações e as interações sociais resultam das relações dos indivíduos no espaço e tempo social. (ELIAS, 1994b; 1998)³⁸. Na noite de Natal, no ano de 1970, uma rede de interesses e interessados resultou na operação de “comprar a ideia” do bar *Beirute* para a cidade de Brasília.

³⁸ É nessa rede de interdependência que Elias (1987; 1994) encaminha uma resposta para a orientação da conduta individual, face aos outros indivíduos situados nessa mesma rede. As redes de interdependência agrupam indivíduos que dependem uns dos outros, e esses laços de dependência são, em sua grande maioria, gerados nas práticas sociais cotidianas. E o que surge como certa independência nos indivíduos é resultado dessa configuração mais ampla, em acordos de interdependências.

A dívida que os dois ex-garçons do *Beirute* assumiram na compra do bar tornou-se uma dívida de moradores da cidade para com o estabelecimento, por isso o ajuntamento de pessoas em torno de um expediente aumentado: foi preciso que os frequentadores se tornassem mais fiéis ao lugar, consumissem mais para que não perdessem o construído, conjuntamente, espaço de lazer em uma capital federal, naquele momento incipiente da constituição de vida social na cidade.

É essa rede que leva os indivíduos a cadeias de interdependência, que fomentam a complexidade e a diversificação da rede de interesses e necessidades. Esses indivíduos articulam necessidades e interesses que dão origem a *configurações* de muitos tipos: família, cidade, nações. Mas, também de tipos novos: estilo, localidade, lazer. O conceito de configuração pode ser aplicado onde quer que se formem conexões de interdependência humana, isto é, em grupos relativamente pequenos ou em agrupamentos maiores.

A ideia de ajuntamento de atores, proposta por Erving Goffman (2012), favorece muito pensar as redes de interdependência em termos de uma sociologia dos agrupamentos pequenos, que, vivenciando pequenos quadros da experiência societária do “estar-junto”, se conectam a redes mais amplas e, assim, podem se estabilizar no lugar. O importante, nesse processo de construção da cidade de Brasília parece ser o “ajustar” e “acordar” espaços e tempos de convivência, em uma situação de tensão, mas em uma construção agradável, para todas “as partes”. (ELIAS & DUNNING, 1987).

Desse modo, a relação entre indivíduo e sociedade pode ser pensada como ação e interação entre atores diferentes, mas inseparáveis, cuja análise deve recair sobre as redes de interdependência que formam as configurações sociais. De acordo com a teoria sociológica de Norbert Elias, desde o início de suas vidas os homens existem em interdependência: uma parte dessa interdependência tem origem em necessidades recíprocas, socialmente geradas, tais como a divisão do trabalho, os jogos, as ligações afetivas, entre outras.

2.2 ENTRE AS LEIS E AS ORDENS

A ordem espacial em Brasília, em grande parte, é o que gera debates e conflitos, em torno da preservação urbanística. Brasília é a primeira cidade moderna

a ser reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade. Isto tem gerado uma série de problemas. Para além dos habitantes e dos governos locais, há um série de agentes preocupados e ocupados com o bem tombado. O tombamento de Brasília, cidade ainda em construção, é um debate que se iniciou por volta dos anos 1980 e ainda não encontrou caminhos e soluções³⁹.



Ilustração 4 – Comércio local e ruas, modelo conquistado

No projeto piloto para a cidade, pensou-se em duas formas de ocupação possíveis para os estabelecimentos comerciais. De um lado, uma setorialização de serviços, instituições e equipamentos. De outro, o que se pensou como comércio local. A setorialização planejada inicialmente pôde ser observada. No entanto é mais visível e identificada institucionalmente: setor de abastecimento, de indústrias,

³⁹ Conforme matéria redigida por Adriana Bernardes e publicada no jornal *Correio Braziliense* no dia 25 de julho de 2010, o primeiro alerta sobre os desrespeitos à capital tombada se deu em 2001, quando Brasília foi tema de um relatório elaborado pelo urbanista holandês Herman Hooff e o arquiteto argentino Alfredo Conti. O relatório trazia uma série de recomendações para garantirem a preservação do Plano Piloto. A maioria das observações continua sendo ignorada, informa a matéria.

escolas, igrejas. Reunir vários estabelecimentos que exercem atividades do mesmo ramo é prática antiga entre comerciantes.

Mas, há uma “outra setorialização” em curso, que é “espontânea”, gerada a partir das ações e práticas cotidianas. Segundo a reportagem “Compras com endereço certo”, de Mariana Branco, publicada no jornal *Correio Braziliense*, “várias entrequadras de Brasília viraram ruas temáticas” (BRANCO, 2011: 34). Essa setorialização “espontânea” não era para acontecer. O plano original para o comércio local seria o de uma rede de estabelecimentos diferenciados, de subsistência, abastecimento e apoio à superquadra, aos moradores e habitantes da localidade.

Norbert Elias (1994a) pode ser novamente trazido para a reflexão sobre esse processo de mudança ocorrido no desenho e destino da comercial da entrequadra, quando fala em “consequências não intencionais de ações intencionais”. Para ele, o processo de mudança decorre de uma série de fenômenos encadeados, ordenados, mas não planejados. Estruturados, mas não intencionais. Os acontecimentos e fatos resultam das ações empreendidas em conjunto por todos os indivíduos em interação. Assim, surgem as consequências não premeditadas de ações premeditadas. Em outras palavras, surgem “consequências não intencionais de ações intencionais”. (ELIAS, id.).

O problema dos espaços em Brasília, particularmente o espaço voltado ao comércio, não diz respeito somente aos bares. Em relação ao processo de formação de comércios temáticos nas entrequadras, Mariana Branco, apresenta um quadro realista dessa “outra setorialização”⁴⁰. Colocando em perspectiva empresários e consumidores, considera que o fenômeno da “rua temática beneficia seus atores principais”. Mas, o problema do espaço envolve outros atores. Para atender sua clientela, o comércio acaba atingindo áreas públicas previstas para outros usos.

O *Sindhobar*, órgão representativo dos bares e similares no Distrito Federal, tem acompanhado os conflitos entre o bar e a cidade. Segundo informações postadas no seu *site*, há uma série de leis distritais e federais que

⁴⁰ Em um quadro anexo à matéria “Compras com endereço certo”, a repórter Mariana Branco apresenta um quadro atualizado dessas “ruas temáticas”: 109/110 Sul, Rua das Elétricas; 304/305 Norte, Rua das Noivas; 207/208 Norte, Rua da Informáticas; 407/408 Rua dos Bares; 405/406, Rua dos Restaurantes; 102/302, Rua das Farmácias.

buscam regularizar a conduta dos bares em Brasília. Atento à ampla legislação, normas e regulamentos, nos níveis local e nacional, o *Sindhobar* procura orientar o setor com informações atualizadas sobre tributos, taxas e normas de higiene através de cartilhas, oficinas, cursos, encontros e informações *online* disponíveis no *site* do órgão.

Parece que, até agora, por ação de determinados moradores da cidade, o lugar de produção e execução do lúdico sempre encontra conflito com a ordem. Brasília é uma cidade em que a ordem e os princípios da setorialização e do racionalismo do espaço lhe custam caro. Tanto o espaço planejado para a cidade, quanto o espaço conquistado pelos bares e outros comércios encontram nas relações de vizinhança e de comunidade certa resistência e oposição, mas também encontra solidariedade e ancoragem em outra vizinhança, em outros comércios, entre seus frequentadores.

Essa “outra setorialização”, segundo um comerciante de uma loja elétrica da quadra 109 S, ocorreu de forma muito semelhante ao processo de expansão dos bares em Brasília. A transformação do comércio da quadra 109/110 S, foi, por exemplo, da seguinte forma acompanhada por esse comerciante:

Nessa quadra já teve farmácia, armazém, sapataria, peixaria, bar, lotérica. Eu era empregado em uma das lojas, depois abri a minha. Só existiam três elétricas. Então foram chegando mais. O cliente via aquilo e dizia que queria abrir uma. O comerciante incentivava, né? O lema era “quanto mais, melhor”. Foi assim que começou: conversa de balcão. (Sr. Presidente, Associação Comercial Local 109/110 Sul).

Esse processo de construção e reconstrução dos espaços físicos da cidade, principalmente os espaços destinados ao comércio, em muito informa sobre as redes de interdependências ligadas a esses estabelecimentos. A memória dos frequentadores desses locais é rica. O cliente, incentivado pelo comerciante, se torna outro comerciante no futuro próximo. Juntos constroem o outro modelo de comércio para a entrequadra. Por isso, as “outras setorializações”.

É rico o acervo em fotografias, matérias de revista ou jornal, em que os proprietários e frequentadores descrevem o lugar anterior. Nas paredes do *Paulicéia* ou do *Beirute* várias são as fotografias de época e outros materiais impressos que documentam esse processo. Somente a título de ilustração, um dos “ilustres frequentadores” do bar *Beirute* diz o seguinte sobre o processo de ocupação e mudança na área da quadra:

Nos anos 80, isso aqui era um caixotinho; aí o Chico (proprietário) começou isso aqui (o puxadinho do bar); era um quadradinho, e ele foi crescendo. Uns foram montando negócios... aqui do lado mesmo tinha um outro bar, não me lembro o nome dele... se você quiser eu tenho lá em casa umas fotos; uns chegavam montavam negócios, depois iam embora...o Chico foi ficando e hoje tá com esse negócio enorme. (Sr. Professor, entrevistado).



Ilustração 5 – Galeria da fama: cartazes, placas, condecorações

O caso dos bares é um pouco mais específico, pois eles não participam diretamente dessa setorização. Os bares, na verdade, estão presentes em praticamente todas as entrequadras comerciais da cidade. Embora o “quadrilátero do álcool”, na 408 Norte, represente um tipo de setorialização, não possui as mesmas ancoragens que sustentam outros tipos de comércio, como o das lojas elétricas na 109/110 S, das informáticas na 207/208 N, menos ainda o comércio das farmácias na 102/302 S ⁴¹.

⁴¹ As farmácias se concentraram nessa região, principalmente devido à proximidade com o setor hospitalar instalado nessa área, com isso originando a “rua das farmácias”.

Uma diferença substancial é que o público consumidor beneficiado por essa “outra setorialização” não é aquele que mora próximo ao comércio especializado. O projeto inicial, recorde, previa lojas dos mais variados produtos e serviços. Essas lojas de comércio especializado, ao contrário, podem causar certas dificuldades no dia a dia dos moradores e habitantes. Os comércios locais foram projetados para que o morador da superquadra encontrasse sua rede de comércios de subsistência sem ter que ir longe. Essa “outra setorialização” infla os lugares de pessoas e veículos, apenas para citar um problema levantado recorrentemente por moradores de algumas áreas da cidade.

O entrevistado *Sr. Presidente*, falando sobre o comércio e a movimentação na comercial da 109/110 S, afirma que não existe ponto comercial que se compare ao ocupado por ele no Distrito Federal. E completa:

Quem abre uma loja do ramo em outro lugar fica isolado. Em um dia normal, circulam de dois mil a três mil pessoas na quadra. Em um sábado, esse número chega a cinco mil. É bom porque o cliente vem aqui e encontra tudo. Não precisa ir a outro lugar. (*Sr. Presidente*, entrevistado.).

Os vários atores envolvidos na urdidura dos bares em Brasília angulam seus textos de acordo com seus lugares nas redes de interdependências. Como informa Nestor Canclini (2005), o consumo pode servir para pensar as ofertas de bens, indução publicitária, móveis de distinção entre indivíduos e grupos, moda, expansão do mercado de bens culturais. O caso dos bares de Brasília revela aspectos locais na relação com a rua: a “Lei dos Puxadinhos”⁴², a “Lei do Silêncio”, a “Lei Seca”, a vizinhança e os *outsiders*.

⁴² Lei Complementar nº 766, de 19/06/2008, com as alterações promovidas pela Lei Complementar nº 821, de 15/04/2010. A referida norma dispõe sobre o uso e a ocupação do solo no Comércio Local Sul, do Setor de Habitações Coletivas Sul, na Região Administrativa de Brasília.

2.2.1 Ocupação de áreas públicas



Foto 27 – “Estica e puxa”, “ajuste e acordo”: a solução dos “puxadinhos”

A “Lei dos Puxadinhos”, discutida e aprovada por vários atores, normatiza sobre a ocupação do espaço físico de Brasília. Uma situação de “estica e puxa”, de “ajuste e acordo”, que o arquiteto Sérgio Jatobá chama de “empurra-empurra”, se estabelece:

“Puxadinhos” não previstos tornaram-se um previsível jogo de empurra-empurra entre urbanistas, administradores públicos, fiscais, juristas, cidadãos e comerciantes. Em meio à queda de braços, uma parte da cidade ficou desfigurada. Depois de muitas discussões e hesitações, chegou-se a uma legislação distrital para ordenar os puxadinhos e legalizá-los. Buscando conciliar os diferentes interesses, e com a intenção de disciplinar urbanisticamente as ocupações de áreas públicas, o poder público editou a lei. (...). Contudo, uma lei, mesmo quando discutida com a sociedade, nem sempre atende a todos os seus anseios e responde a todas as suas necessidades. A batalha dos “puxadinhos” ainda continua. (JATOBÁ, 2010: 197).

A proliferação do lazer em bares e suas potencialidades, seus conflitos, suas mediações, enquanto evento que reúne pessoas em práticas cotidianas,

permite compreender uma série de aspectos do estar junto, coletivo, da construção da cidade imaginária e da cidade em sua dureza de concreto, vidro e aço.

Uma série de recomendações, avisos e notificações têm ocupado o tempo de trabalho dos proprietários e funcionários dos bares. As regras para o estabelecimento do bar não são novidade. Para esses comércios manterem seu funcionamento cotidiano, é preciso que eles estejam em diálogo permanente com a sociedade e, mais precisamente, com a comunidade local. Os vínculos que os bares criam com seus frequentadores, proprietários, funcionários e comunidade local é o que propicia, em grande medida, sua incorporação aos equipamentos vitais da vida na quadra. O ponto comercial pode se tornar fonte de vida em uma cidade. Os frequentadores, clientes, proprietários e funcionários conhecem, mais ou menos, esses problemas.

A cidade de Brasília, defendida por alguns grupos de moradores, políticos e outras pessoas interessadas, não deve contrariar os critérios do planejamento inicial: o desejo desses é preservar um tipo de cidade e através de coações a partir da “Lei do Silêncio”⁴³, da ordem da vizinhança, da “Lei Seca”⁴⁴, da racionalização do espaço construído, e do PDOT⁴⁵ se posicionam. O engessamento espacial e social é norte. Dentre esses defensores, há quem pense em termos de uma ideologia do “Brasil definitivo”, sintetizado na Capital Federal.

O crescimento dos bares no Plano Piloto sobre os espaços públicos apresenta de início duas polaridades: moradores da cidade de um lado, proprietários e frequentadores de bar na outra ponta. Contudo, há uma outra série de agentes e instituições relacionadas: instituições governamentais; proprietários dos estabelecimentos comerciais; legislação; sindicatos. A discussão sobre o uso do espaço em Brasília é uma questão posta. No caso dos bares, observando mais atentamente, pode-se ver que, há muito, esses comércios ocupam as calçadas

⁴³ A chamada “Lei do Silêncio” no Distrito Federal está normatizada sob a rubrica de Lei de nº 4.092/2008.

⁴⁴ Lei 9.503/97, a “Lei Seca”, que prevê punição para motoristas que dirigem depois de ingerir bebidas alcoólicas, está prevista no capítulo sobre crimes de trânsito no Código de Trânsito Brasileiro. Partes da referida lei constam dos anexos.

⁴⁵ O Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (PDOT) foi sancionado no ano de 2010. O objetivo do plano é controlar e planejar o crescimento das cidades do Distrito Federal, para os próximos 10 anos.

públicas e outras áreas como uma espécie de contínuo, de ligação entre o privado e o público, ou semipúblico.

Desde os tempos mais remotos, esses tipos de estabelecimentos comerciais, em várias cidades do mundo, fazem uso da prática de avançar mesas e cadeiras sobre os passeios, os jardins e outras áreas afins. Essa situação pode ser observada em bares de cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro, e muitos lugares mais. Em gravuras, fotografias e pinturas também se pode encontrar o bar assim representado. Entretanto, o que parece diferente em Brasília é que em torno dessa ocupação do espaço pelo bar, existe uma discussão e um fórum de debate permanente.

Em realidade, os bares ocupam, hoje, a grande maioria das lojas comerciais da cidade. Para além da ocupação em desordem com a ordem planejada, de áreas privadas e públicas nas quadras comerciais e entrequadras, esse tipo de negócio vem alcançando um grande crescimento em Brasília⁴⁶. Esse crescimento vem de encontro aos usos dos espaços pretendidos por muitos moradores das superquadras. Pode-se resumir, a partir das observações, que até agora se tratou da forma de interação do bar com o espaço exterior, uma interação sóbria com o público, com a localidade, com a cidade. Há também uma relação do bar com seu espaço interior, uma interação ébria, íntima, onde o lúdico se prolifera, entre as mesas e as pessoas.

Uma síntese dos problemas do bar com seu exterior são: uso e ocupação de áreas públicas por frequentadores, proprietários e funcionários dos bares, moradores locais e demais usuários da superquadra; uso de equipamentos de reprodução sonora ou audiovisual; barulho, agitação e ajuntamentos; horário de funcionamento; “Lei Seca”; insegurança e violência; desvios em relação à ordem visual e estética planejada.

⁴⁶ O caso do empresário Jorge Ferreira é emblemático desse crescimento. Em 1987, com um primo, abriu seu primeiro bar, o *Gordeixo*. Dois anos depois, abriu seu segundo restaurante, o *Feitiço Mineiro*. Em 1998, Jorge abriu o *Café do Brasil* e, logo em seguida, o *Bar do Brasil* e depois o *Armazém do Ferreira*. E não parou aí, abre agora no final do ano o *Esplanada*, aqui mesmo em Brasília, e “podemos anunciar para quando setembro vier, um novo restaurante, desta vez em São Paulo: *Cervejaria Imperial*, com direito a um espaço onde está sendo construído o museu da cerveja”. (Jorge Ferreira, empresário do ramo em entrevista em 22/08/2010). |

A ocupação de áreas públicas no entorno dos bares, nos estacionamentos contíguos aos edifícios residenciais tem sido, entre outros, um dos principais problemas nessa relação entre moradores das quadras e frequentadores dos bares. O Decreto 10.828/DF prevê que as áreas dos estacionamentos são de domínio público, portanto podem ser utilizadas por moradores ou frequentadores do comércio e dos bares locais. Entretanto, alguns edifícios residenciais vêm ocupando essas áreas públicas, utilizando de cancelas, cercamentos, equipamentos de “paisagismo” e “jardinagem”. Além de privatizar os estacionamentos públicos, alguns condomínios de blocos residenciais também vêm cercando com grades de ferro os pilotis dessas construções, para evitarem que pedestres circulem pelo local.



Foto 28 – Solução parcial de conflitos

Essa prática, de cercamento dos estacionamentos públicos e das vias de acesso aos blocos residenciais, contraria o Decreto 10.828/DF. Em tempos de cidade vazia e com baixa densidade demográfica, poder-se-ia pensar o espaço contíguo aos blocos como estacionamentos de propriedade dos moradores. Mas, a cidade cresceu, e esse crescimento trouxe mudanças para uma série de normas,

ações, comportamentos, direitos, obrigações. Responder ao crescimento do bar, com práticas como as apresentadas acima, significa acirramento no enfrentamento do conflito. Nesse caso, não se tem uma solução do tipo “ajuste” e “acordo”, mas uma solução parcial do tipo “eliminar o adversário”.

Existem propostas para se enfrentar o problema espacial em Brasília. Mas, o caso dos arredores da entrequadra 109/110 S, por exemplo, é mesmo complexo e reflete, para o bem ou para o mal, a dinâmica das redes de interdependência na cidade. O cotidiano dessas quadras é “de duas mil a três mil pessoas circulando durante os dias normais, e no sábado cinco mil”. Isso no período diurno. No período noturno, o bar *Beirute* estende o movimento da quadra até aproximadamente as 2h. De quinta a domingo, o movimento se torna mais intenso, durante o dia e a noite, que também se prolonga até por volta das 3h. Esses dados da fala do entrevistado, *Sr. Presidente*, da Associação Comercial da 109/110 S, apresenta um quadro de densidade populacional a ser considerado no conflito entre moradores da superquadra e o comércio local.

Nos arredores do bar *Piauí*, na 403 S, o movimento é diurno e noturno. De segunda a segunda, de 9h às 2h o movimento é intenso. Durante o dia, nos restaurantes que ocupam quase todas as lojas das comerciais, e a noite o movimento de grupos jovens no *Piauí*, e em mais dois bares do tipo *pub*, que tem na música e no espaço para a dança seus principais atrativos ⁴⁷. Nos arredores do bar do *Piauí* alguns blocos residenciais vem lançando mão de práticas de cercamento das áreas contíguas e pilotis, como forma de enfrentamento ao problema de circulação de veículos e pessoas na superquadra.

O bloco residencial G, em frente ao *Piauí*, tendo passado por uma experiência de ocupação e uso de seus pilotis, nos anos 2004 a 2008, por jovens frequentadores do *Piauí*, do *pub* Gate's, e do espaço de frequentação de grupos jovens, em que se tornou o local buscou alternativa. Em 2009, os moradores colocaram fim ao movimento e ajuntamento de jovens sobre seus pilotis, cercando a área com vidro. Fazendo dos pilotis do bloco um espaço de salão de festas para os moradores do edifício.

⁴⁷ *Pub* é um tipo de estabelecimento comercial de venda de bebida, particularmente cervejas, para o consumo no local, possui frequentadores regulares. Os *pubs* são casas que seguem a tradição londrina, em muitos casos da bebida solitária, onde o que importa para o cliente é o consumo de cerveja.

Nos arredores do bar *Beirute*, por exemplo, foi observado o isolamento das áreas nas quadras 109, 108 e 308 S. Em relação ao projeto inicial de Lúcio Costa, isso significa uma intervenção na planta do edifício, o que dificulta o acesso livre aos pilotis dos blocos. Um dos fatores que levam a isso é o contínuo crescimento do comércio nessas áreas, particularmente dos bares. Situação que demanda grande número de estacionamentos. De qualquer modo, o projeto original previa outra estrutura comercial para as quadras:

O mercadinho, os açougues, as vendas, quitandas, casas de ferragens, etc., na primeira metade da faixa correspondente ao acesso de serviço; as barbearias, cabeleireiros, modistas, confeitarias, etc., na primeira seção da faixa de acesso privativa dos automóveis e ônibus, onde se encontram igualmente os postos de serviço para venda de gasolina. As lojas dispõem-se em renque com vitrinas e passeio coberto na face fronteira às cintas arborizadas de enquadramento dos quarteirões e privativas dos pedestres, e o estacionamento na face oposta, contígua às vias de acesso motorizado, prevendo-se travessas para ligação de uma parte a outra, ficando assim as lojas geminadas duas a duas, embora o seu conjunto constitua um corpo só. (COSTA, 1965).

Talvez, essa estrutura bucólica e prosaica, bastante heterogênea de comércio, propiciasse outra forma de uso do espaço da entrequadra, que não viesse a causar os problemas atuais em muitas superquadras. Mas, a forma como as áreas comerciais vêm sendo ocupadas pelos bares, principalmente as quadras comerciais 109 e 403 da Asa S e 408 e 210 N, diminuem em muito o espaço de circulação e ocupação das quadras pelos moradores locais, além de promover certa homogeneização do comércio.

Um exemplo de homogeneização extrema do comércio local, causado pela ocupação dos bares, pode ser observado na comercial da quadra 408/409 N. Em determinados dias da semana, poder-se-ia considerar o movimento local como um comportamento de multidão. Especialmente quinta e sexta-feira, dias em que os 18 bares da quadra assumem a forma de uma “passarela do álcool” para o tipo de lazer que se desenvolve no lugar. Dois vendedores ambulantes, um de pipoca e outro de pastéis, outro comerciante com seu carrinho de churrasco e cerveja em lata, completam o quadro gastronômico e etílico que promove ajuntamento de pessoas e interação lúdica na quadra.

Apesar dos problemas enfrentados com a lei e com a ordem social, os bares da 408/409 N, desde o início dos anos 2000, se estabelecem enquanto “setor

de diversão”. Aqui e ali, puxando ora para um lado, ora para outro, as leis e as ordens vão se acomodando aos ares da cidade. A setorialização dos serviços em Brasília parece que não deu certo. Esse impasse entre “a intenção e o gesto”, o imaginário e a realidade, é uma representação e um modo de praticar e ocupar a Capital Federal (TEIXEIRA, 2011: 25-56)⁴⁸.

Em matéria publicada no jornal *Correio Brasiliense* em 2007, Renato Alves, comentando sobre o crescimento dos bares na região e as mudanças de destinação dos lotes e comércios do setor de indústrias gráficas (SIG), intitula ironicamente seu artigo: “Tem de tudo, até gráficas”⁴⁹.

A Asa Norte de Brasília é a região onde vem se instalando o maior aumento do número de bares. Como informa o presidente do Sindicato dos Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares do Distrito Federal (Sindhobar), Clayton Machado, o esgotamento da oferta de imóveis na Asa Sul e as novas construções na Asa Norte favorecem o crescimento nesse local. Segundo matéria publicada no jornal *Correio Braziliense*,

o Sindhobar e a Administração de Brasília desconhecem o número de bares e restaurantes em cada uma das asas. Mesmo sem apresentar números absolutos, Machado estima que a quantidade de estabelecimentos na Asa Norte tenha crescido de 30% a 40% nos últimos cinco anos. Segundo ele, “as pessoas não querem se deslocar tanto para consumir”⁵⁰.

Esse conflito espacial leva a uma interação específica entre os vários indivíduos envolvidos no dilema entre o que “é o meu” e o que “é o seu” do espaço público. O problema do crescimento dos bares nas quadras e a falta de estrutura compatível com a demanda de espaços têm tornado o Plano Piloto uma espécie de centro de lazer, lugar para onde converge grande parte dos produtos da indústria do

⁴⁸ Em sua obra *Brasília 50 anos: arte e cultura*, o professor João Gabriel Lima Cruz Teixeira apresenta uma lista de “máximas colecionadas de trabalhos acadêmicos” e “máximas produzidas pela mídia e escritores em geral” sobre representações e vivências que vêm sendo construídas sobre a cidade de Brasília e que, de certa forma, são corolárias desse impasse entre o planejado e o conquistado na forma de uso e ocupação da cidade. (TEIXEIRA, *op. cit.*: 39-40).

⁴⁹ Jornal *Correio Brasiliense*, 11 de fevereiro de 2007, caderno Cidades.

⁵⁰ AMORIM, Diego. “Sabor e prazer na Asa Norte”, *Correio Braziliense*, 30 de julho de 2010. Uma importante mudança vem ocorrendo em relação aos deslocamentos para bares, devido, principalmente, às normas e leis que vêm sendo apresentadas e aprovadas, em relação aos regulamentos no trânsito de veículos automotores. Mais à frente será apresentado o problema mais detalhadamente.

entretenimento e onde o público de Brasília comparece para a diversão e o consumo.

Morar no Plano Piloto, nos arredores de alguns bares, tem subtraído determinados confortos com os quais os moradores estavam habituados. Muitos moradores reclamam que chegam do trabalho e não conseguem estacionar nas quadras comerciais para fazer suas compras. Ou, que chegam em casa e não conseguem vagas nas áreas de estacionamento das vias internas das superquadras. Outras vezes, esses moradores querem sair, mas encontram veículos interrompendo passagens e acessos. Os moradores dizem que têm direito aos estacionamentos, os frequentadores de bares também afirmam seus direitos ao uso do espaço público⁵¹.



Foto 29 – Ocupação de áreas públicas e, ao fundo, pilotis de edifício, cercado de vidro e transformado em salão de festas

Helena Mader, em matéria intitulada “Patrimônio ameaçado”, publicada no jornal *Correio Braziliense*, informa que

⁵¹ O jornalista Carlos Antunes publicou o artigo “Vizinho maior abandonado”, no *Jornal de Brasília*, em 16 de março de 1977, em que trata do problema dos estacionamentos e do barulho nas quadras creditadas à presença de bares nas comerciais.

a quantidade de veículos que circulam pela área tombada já compromete a qualidade de vida dos brasilienses. (*sic*). A frota é tão grande que seria possível colocar todos os moradores da capital dentro de 1,9 milhões de carros. É a maior frota de veículos per capita do país com 2,4 habitantes por veículo. (MADER, 2006a: 15).

Em termos absolutos, segundo dados do Departamento Nacional de Trânsito, é a quarta maior frota do país, com 1.262.270 em novembro de 2011⁵². A sociabilidade do veículo próprio é uma das marcas dos moradores de Brasília⁵³. É comum a ideia de “um carro por pessoa”. Podem-se elencar alguns dispositivos que “incentivam” o uso do veículo: poder aquisitivo, símbolo de poder e *status*, longas distâncias, deficiência do transporte público, individualismo, comodidade. Todos bons argumentos para o uso do veículo. Existem condições também para o não uso dos veículos, embora ainda incipientes da perspectiva de práticas cotidianas⁵⁴.

Entretanto, o uso do veículo se configura como um estilo de vida do morador de Brasília. *Estilo de vida*, um conceito amplo; sucintamente, diz respeito ao gosto, às preferências diferenciadoras, objetos de distinção social como vestimentas, linguagem, postura, consumo (BOURDIEU, 1983: 82-121). Também diz respeito à forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas experimentam, interpretam o mundo, decorrendo dessa cosmologia, dessa visão de mundo determinados comportamentos e escolhas. O estilo de vida indica valores e é uma forma de distinção social. Para Maurice Halbwachs,

nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número de sociedades, sensíveis ou invisíveis. Não podemos dizer que as coisas façam parte da sociedade. Entretanto, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e *bibelots* circulam no interior do grupo, nele são objetos de apreciações, de comparações, descortinam a cada instante horizontes sobre as novas direções da moda e do gosto, nos

⁵² Ver em: <http://www.tela.com.br/dados_mercado/Anual%20e%20Semestral/semestral2009.pdf. Acesso em: 18 dez. 2011.

⁵³ “Brasília é uma cidade feita para automóveis”, “no futuro todos terão um carro”, “cidade em que as pessoas dependem de rodas” são “máximas” que se produz em Brasília sobre essa relação das pessoas com os veículos. O filme *As idades de Brasília*, de Renato Barbieri, representa essa relação: a primeira cena do filme é um plano geral onde os veículos aparecem como atores privilegiados na fotografia.

⁵⁴ Um dos aspectos das culturas juvenis, em pesquisa anterior, apontava que ser jovem em Brasília “era passar na faculdade e ganhar um carro de presente”.

lembram também os costumes e distinções sociais antigas. (HALBWACHS, 2004: 138).

Qual o papel do estilo de vida, da moda ou do visual na definição dos encontros, da formação dos grupos sociais? Faz parte do estilo de vida de Brasília possuir veículo. Em muitos casos, o carro pode ser presente dos dezoito anos, presente pelo vestibular, ou simplesmente bem de primeira necessidade que o filho jovem necessita. *Igor Cabelim*, disse, em sua entrevista, que “o negócio é passar na facu e ganhar do coroa um carro”. Brasília é, segundo um conhecimento comum, cidade feita para veículos.



Foto 30 – Ocupações do cotidiano

Caminhar pela cidade de Brasília, no Plano Piloto, desde que planejado, pode resultar em lazer e divertimento. Para o trabalho, a escola, o lazer e deslocamentos outros, e mesmo urgentes, a cidade, contudo, complica a caminhada: a distância entre os locais dificulta em muito o deslocamento. Ainda os equipamentos de transporte coletivo não funcionam a contento. No Plano Piloto, os ônibus oferecem algum conforto, mas o preço das passagens é muito alto, o horário

é precário, o itinerário confuso, quando não ambíguo. No Entorno, a frota é velha, precarizada, sem horários e itinerários definidos. Possuir veículo, então, é uma necessidade⁵⁵. Necessidade que traz problemas para a questão espacial na cidade.

Os usos e ocupação dos espaços de Brasília elencam uma série de atores e produzem uma polifonia de vozes e interesses: o *boom* dos bares e a ocupação de áreas públicas das superquadras; a falta de estacionamentos; a sociabilidade do carro próprio e o crescimento da frota de veículos; o tombamento da Capital Federal pela UNESCO; os direitos dos vários atores envolvidos nas redes de interdependência de produção do espaço público e da cidade. Em discussão, que se arrasta desde 2006, sobre a possível construção dos Restaurantes das Unidades de Vizinhança (RUVs) em novas áreas nas quadras da Asa Sul, ouvem-se as seguintes vozes na reportagem de Helena Mader para o jornal *Correio Braziliense* (2006):

o IPHAN elabora projeto para disciplinar ocupação da cidade e a área definida como patrimônio. A ideia do instituto é que a definição da zona de proteção da área tombada seja vinculada ao Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília, que atualmente está sendo elaborado por uma empresa contratada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. (Alfredo Gastal, superintendente do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Não há necessidade de criar este cinturão de proteção. A população brasiliense sabe bem o que pode ser feito na cidade e todos defendem a importância de preservar Brasília. Mas não podemos engessar ainda mais a cidade, nem fixar regras tão rígidas a ponto de impedir a cidade de crescer. (Presidente do Sindicato das Empresas da Construção Civil, Édson Póvoa)⁵⁶.

⁵⁵ A frota de Brasília é uma das maiores do país na relação habitantes/automóveis. Fonte do Ministério da Justiça, Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN, de 2004; O Censo do IBGE, de 2005, mostra a seguinte situação em 2001: o Distrito Federal possui uma população de 2.333.108 habitantes para uma frota de 608.128 automóveis, média de quatro habitantes por veículo. Em termos atuais, a conta seria de 2,3 veículos por domicílio. É de se anotar que estes dados dizem respeito a automóveis, não contando outros veículos. O total de outros veículos, como micro-ônibus, ônibus, motocicletas, caminhões e máquinas, é de aproximadamente 70.000. Veículos de transporte urbano como ônibus e vans, juntos não somam, à época, mais que 11.071 unidades. A desproporção do transporte coletivo com os automóveis particulares denota a carência de um planejamento de transporte coletivo. Também mostra que circular no Plano Piloto é para quem tem veículo próprio, estabelecendo uma importante forma de distinção, exclusão.

⁵⁶ O quadro em vídeo *A palmartória* (episódio 5) “Ocupem seus lugares” traz um interessante comentário de um morador da cidade sobre esse problema do “engessamento” espacial da cidade. Disponível em: <<http://viverembrasil.com.br/ocupem/>>. Último acesso em: 25 jun. 2012.

O objetivo do projeto não é o de mumificar o bem tombado, a cidade tem que ser viva. Essa é a primeira iniciativa do Brasil de criar uma zona de proteção em torno de cidades classificadas como Patrimônio Mundial da Humanidade. Depois da implantação do cinturão brasiliense, a ideia poderá ser estendida a outras regiões. (Alfredo Gastal).

O tombamento da cidade é um agravante dos problemas de trânsito cada vez mais graves na cidade. O IPHAN proibiu até a abertura de mais portões no Parque da Cidade, o que ajudaria a melhorar a fluidez do trânsito. Os moradores de Brasília veem o carro como *status*, como instrumento de poder. Por isso a frota cresce tanto. Precisamos estudar soluções para esses problemas. (Silvaim Fonseca, Diretor de Policiamento e Fiscalização do DETRAN).

Brasília foi muito bem planejada e a solução para todos esses problemas está no plano. O projeto original previa estacionamentos subterrâneos no setor comercial sul, mas eles nunca foram construídos. De vez em quando aparecem no IPHAN alguns projetos mirabolantes, mas Brasília é tombada e não pode ser descaracterizada dessa maneira. (Alfredo Gastal).

Para a população da Asa Sul, novas lojas e construções vão tumultuar ainda mais o trânsito na região. A realidade hoje é outra. Já existem bares e restaurantes em quase todas as quadras. Novos empreendimentos vão trazer ainda mais congestionamentos e invasão de área pública. (Ricardo Pires, Presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul).

Garanto que as preocupações da comunidade são pertinentes, mas os donos dos terrenos compraram as áreas legalmente e não podem ser prejudicados. E preciso encontrar uma solução que não prejudique ninguém. (Daniela Albuquerque, Promotora de Ordem Urbanística do MPDF – Ministério Público do Distrito Federal).

Porque se tem dado tanta atenção ao espaço, feito de seu uso e ocupação uma questão central da vida brasiliense? Essas vozes que ocupam o proscênio representam as leis e as ordens, atores sisudos, sóbrios e “côncios”, para usar uma palavra do jargão da lei. Três outros discursos de flexibilidade e engessamento sóbrios podem ser acompanhados em matéria no *Jornal de Brasília*, publicação voltada ao lazer e o entretenimento na cidade, sob a produção do grupo “Hoje em dia”. Na matéria “Puxadinho”, de 18 de abril de 2010, encontram-se as opiniões:

Israel Pinheiro modificou totalmente o projeto original de Lúcio Costa com as comerciais para vender mais lote. Era uma questão financeira. Pela ideia original, era para ser um comércio pequeno, com poucas lojas e poderia haver os puxadinhos. Lúcio Costa permitiu todas essas alterações e ele tinha que ter defendido o projeto original. (Frederico Flósculo, arquiteto).

O puxadinho é um fracasso do governo. Os administradores públicos não fazem projetos para a cidade, eles estão aí somente para atender essa gente de dinheiro, a especulação imobiliária, os donos de bares. Então, para não comprar ou alugar duas lojas, o sujeito aluga uma e invade a área pública. Isso é certo? São negócios. Na minha época como secretário de obras, eu cuidava das administrações regionais e não permitia os puxadinhos. A gente entrava na justiça, ganhava e, se precisasse, demolia. Tem que demolir. (Carlos Magalhães, arquiteto)

Uma alternativa prática para resolver o problema dos puxadinhos: o comércio poderia ocupar a área até o limite da marquise, do lado da quadra, nos dois andares. Além dele, só toldos. Para o fechamento do lado da quadra, no alinhamento do topo da marquise haveria duas opções: ou o comércio abra para a quadra, com tratamento livre, ou, se preferisse usar o lado da quadra como fundo da loja, fechar de alto a baixo com aquele cobogó de quadradinhos antigos da Asa Sul. Haveria um prazo para as lojas se adaptarem, e a partir desse prazo multas crescentes, que se não pagas poderiam até levar à penhora do imóvel. (Maria Elisa Costa, arquiteta).

Contudo, a Promotora da Ordem Urbanística do Ministério Público do Distrito Federal (MPDF) sentencia: “é preciso encontrar uma solução que não prejudique ninguém!” “Ajustes” e “acordos” que – como as lonas dos puxadinhos do *Piauí*, do *Pauliceia*, do *Meu Bar* – se estendem e se recolhem, enredando as relações do bar no contato com o espaço exterior, com a cidade.

Brasília, por muito tempo espaço desabitado, semideserto, postou material imagético para o vazio, para a dispersão. Disso, resultou um discurso do modo de vida brasiliense da sociabilidade da solidão, como anotou a antropóloga Themis Quezado de Magalhães (1985) em sua dissertação de mestrado. Sua interpretação é que a adjetivação física da cidade em torno de elementos como frieza e vazio, trouxe dificuldade para a vida social, para a sociabilidade. Seus escritos datam de 1985, hoje o quadro se desenha, talvez, outro: espaços culturais e de lazer diversos, bares e restaurantes em movimento frenético, áreas verdes e práticas esportivas ao ar livre; feiras, festas e exposições.

Nesse enchimento dos vazios da cidade, em um momento o problema é a falta de estacionamento para moradores e frequentadores da quadra. Em outro, as ocupações de áreas através da prática comercial dos “puxadinhos” que traz mudanças para os transeuntes, sejam eles moradores, frequentadores ou usuários da cidade. Ocorre que, os problemas que informam os conteúdos das interações das redes de interdependência dos bares não são apenas espaciais.

2.2.2 Os sons dos bares

Outra prática que coloca em interação o bar e a cidade é o barulho e o uso de recursos sonoros e audiovisuais por esses estabelecimentos. O barulho do bar é causado por sua própria ambiência: ajuntamento de pessoas e amplificação natural do som das vozes, dos risos, dos gritos, da algazarra, das festas, aplausos. O som do bar, sem nenhuma amplificação eletrônica ou de engenharia é barulho, ruído. Barulho e ruído são sons que incomodam os ouvidos e afetam a sensibilidade de muitas pessoas, da grande maioria das pessoas. Experiências com ruídos servem, no extremo, apenas para artistas e cientistas.

O *Blog* “Ruído Urbano”, criado sob enfoque da Saúde Pública, e produzido no Laboratório de Vida Urbana, Consumo & Saúde (LabConsS) da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FF/UFRJ), informa em matéria postada no *Blog*, por Carolina Araújo e veiculada em cadeia nacional na edição do *Jornal da Globo*, no dia 18 de maio de 2010 em entrevista intitulada ““Lei do Silêncio”” que essa não é respeitada em Brasília, e que:

O barulho do bar incomoda e os moradores reclamam: 80% das queixas ao Instituto de Meio Ambiente de Brasília são de moradores contra bares. Em Brasília, uma lei determina que bares e restaurantes fechem as portas até 1h entre domingo e quarta-feira e às 2h entre quinta e sábado. É assim há mais de dois anos. O que se queria com isso era melhorar a relação difícil entre vizinhos de bares e frequentadores. (ARAÚJO, 2010)⁵⁷.

⁵⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/05/lei-do-silencio-nao-e-respeitada-em-brasilia.html>



Foto 31 – Os aparelhos de TV/DVD têm sido um atrativo nos bares. Esse estabelecimento, situado na comercial da quadra 210 Norte, utiliza o que há de mais moderno em tecnologia de audiovisual

Uma experiência interessante com o barulho e os sons dos bares é ouvi-los a certa distância do local. Esses sons variam de acordo com os horários e os dias da semana. O mais comum nos bares de Brasília é um som de poucos decibéis no início da manhã que se avoluma no final da tarde, atinge os limites legais pela noite e, às vezes, torna-se transgressão, *noise*, ruído de dar o que falar entre as leis e as ordens da vizinhança. Principalmente no *Piauí*, *Meu Bar* e *Beirute*, que são bares que têm entre seus frequentadores grupos jovens, mais barulhentos e “arruaceiros”, cheios da energia e do barulho que expulsa os mais velhos. Nos dizeres do proprietário do *Meu Bar*, a fala é assim: “aí os antigão saiu, perdeu pra juventude, não aguentou o barulho dos meninos não...”⁵⁸.

Ouvindo à distância os sons do bar *Piauí* pela manhã, se escuta os comandos do proprietário aos funcionários, entregadores, repositores. O *Chiquim* conversa e, às vezes grita, com muita gente ao mesmo tempo. É um horário do dia em que a superquadra está menos movimentada e os sons mais íntimos, da

⁵⁸ Fala do Zé, proprietário do *Meu Bar* no vídeo “Hora do recreio”, produzido pelo quadro *A palmatória* para o site “Viver em Brasília”. Realização Gilberto Barral, Maíra Zenun e Jacques Sanfilippo. Disponível em: <<http://youtu.be/USud5u6vYG0>>. Último acesso em: 26 maio 2012.

preparação do bar para o dia tornam-se mais perceptíveis. Nos bares *Cunhados*, *Careca*, *Paulicéia*, mesmo não estando presente, mesmo à distância é esse o som que ecoa nos sentidos. Barulho de mesas e cadeiras sendo arrastadas, caminhões descarregando bebidas, óleo quente de panelas fritando alimentos, vassouras trabalhando.

No *Meu Bar*, o cair da tarde é acompanhado dos sons da chegada dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB) e do Instituto de Ensino Superior de Brasília (IESB). Outros frequentadores, os que chegaram pela manhã no bar, já estão se retirando. O Zé começa a receber sua clientela de jovens, frequentadores barulhentos, libertos da maçada acadêmica e, por isso, inteiros para entabularem assuntos do cotidiano, da vida pessoal e mesmo das obrigações estudantis.

À noite, o barulho e o som aumentam nos arredores dos bares pesquisados. Os frequentadores noturnos fazem mais barulho ou a redução dos barulhos diurnos amplifica o som produzido no bar noturno? Não foi acompanhado um estudo de medição e graduação dos sons e barulhos das superquadras, das entrequadras ou mesmo das comerciais. Uma informação interessante, repassada por um proprietário de um bar, é a de que “os fiscais chegam, faz a notificação, mas não têm nenhum aparelho (de medição) não”. Ou seja, os critérios não são técnico-científicos.

Enfim, o dia, seja na cidade ou no campo, possui uma série de barulhos e sons “naturais” que são produzidos e reverberados no movimento cotidiano da vida no lugar. Esses sons e barulhos impactam de forma diferenciadas os frequentadores dos bar, os moradores das quadras, os habitantes da cidade⁵⁹. Pode ser que pela manhã, um frequentador bebendo no bar não se incomode com sons, que ele, durante a tarde, buscando o descanso em sua residência, na quadra, reclame. Os exemplos são muitos e os papéis dos atores no tempo e no espaço também.⁶⁰

⁵⁹ Georg Simmel (1967), em seu clássico e fundamental artigo “A metrópole e a vida mental”, em início do século XX já traz para a reflexão o problema e o impacto do som nas cidades.

⁶⁰ Há várias noções de tempo que podem ser apresentadas, afirmadas ou negadas como questões científicas ou filosóficas. Contudo, a ideia de tempo social, cara a Durkheim (1989), na sua discussão sobre as categorias de entendimento de Kant, remete tempo à ideia de movimento. Nesse sentido, para Durkheim, a categoria tempo é expressa socialmente e ele próprio, o tempo, pode ser visto como instituição social. A concepção de tempo, associada aos contextos sociais, enfatiza a dimensão relacional do tempo, ao mesmo tempo em que aponta a variação social como essencial. Daí a possibilidade de se pensar indivíduos e grupos sociais específicos partilhando, através de vivências específicas, relações particulares com o tempo.

Como muitos cientistas sociais vêm apontando, a experiência temporal é marcadamente qualitativa, e o tempo é percebido pelos indivíduos a partir de marcos significativos que particularizam momentos do fluxo cotidiano. (GOIFMAN, 1998; DURKHEIM, 1978; ELIAS, 1998). A descontinuidade entre o tempo social e o tempo vivenciado pelas pessoas é um dos problemas enfrentados pela sociologia da cultura na definição dos modos de vida. Isso reflete no problema da definição das faixas etárias. Empiricamente, muitos indivíduos caracterizados, biofisiologicamente, como jovens, por exemplo, podem estar vivenciando experiências sociais ligados à faixa etária adulta.

Essa dualidade temporal, presente na vida de muitas pessoas, torna, por exemplo, difícil a demarcação de conteúdos próprios do que se poderia separar, metodologicamente, como um *ethos* juvenil homogêneo, ou característica genérica da juventude. Isso porque, se os jovens trazem e vivenciam o novo, também apreendem e se orientam pelo antigo, pelo tradicional, através do complexo processo de socialização. E se os jovens vivem o tempo regulado pelas obrigações sociais, também desconstróem o tempo social numa vivência amplificada no tempo que lhe é livre.

Jovens frequentadores de bares, festas e eventos similares acabam, muitas vezes, realizando um prolongamento dia/noite, já que, estudando ou trabalhando, pressionados e cerceados pelas forças da pontualidade da vida social institucionalizada, sobra-lhes, senão, momentos de fuga e lazer cotidiano para períodos de tempo livre durante a noite. Brasília favorece o lazer noturno em torno de bares. Embora exista lei no sentido de regular o horário de funcionamento de bares e tentativas de cerceamento de suas atividades por alguns moradores das quadras, na prática muitos bares em Brasília e no Distrito Federal estendem suas atividades até a madrugada. Veja a seguinte reportagem sobre a “Lei Seca”, baixada em 2002:

No segundo dia de adoção da Lei Seca, em todo o Distrito Federal, vários bares, quiosques e restaurantes ignoraram a limitação de horário de funcionamento e permaneceram abertos durante a madrugada. E não era preciso vasculhar becos e ruas em busca de provas do desrespeito. Guará, Taguatinga, Cruzeiro, Sudoeste, e em praticamente todas as cidades onde a classe média é predominante, havia bares e quiosques servindo bebida alcoólica depois do horário permitido. Segundo a portaria que instituiu a Lei Seca, os horários de fechamento desses estabelecimentos vão de 22h às 3h, dependendo da classe do estabelecimento, se quiosque ou bar, e da área em que

está instalado, se comercial, residencial ou de uso misto. Segundo acordo feito entre a secretária da Coordenação das Administrações Regionais, o Administrador de Brasília e o Secretário de Segurança Pública (SSP), a restrição do horário de fechamento só será imposta ao Plano Piloto se os índices de criminalidade da cidade aumentarem⁶¹.

Ou seja, no tempo livre, muitos indivíduos buscam multiplicar seu tempo prolongando-se até mais tarde nos bares, na rua, num certo frenesi com os eventos que a cidade propicia e que, entre determinados grupos, faz o Plano Piloto ser um lugar de barulho. Com uma vida noturna intensa, cotidiana, presente. Segundo a entrevistada *Molly Billie*, isto se explica em Brasília: “a falta de eventos culturais propicia uma vida noturna mais intensa. Queremos diversão, emoção, paixão, tesão e ação”.

Para o sociólogo Zigmunt Bauman, essa vivência do presente pode até ser uma saída, uma opção de vida, mas o instantâneo levaria a uma indiferença com a construção de projetos para o futuro (BAUMAN: 2001). Podendo essa vivência vertiginosa do tempo, do instante, do fugaz e da busca excitante pelo divertimento e prazer traduzir-se, por exemplo, em novas formas de condutas e comportamentos individualistas. Nesse sentido, não se pode afirmar que não há o problema do som e do barulho no bar. Ele existe e tem sido objeto de várias normas e regras de cerceamento do lazer nos bares em Brasília.

Esses “sons e barulhos naturais” somados a outra forma de som e barulho que reverbera nas teias das leis e das vizinhanças é a sonorização por uso de equipamentos de reprodução de CD e TV/DVD. Os bares observados na pesquisa fazem uso diferenciado desses equipamentos. Mas a grande maioria de estabelecimentos comerciais dessa natureza investe nesses recursos tecnológicos como atrativos. A “Lei do Silêncio”, em termos de mecanismo de coação, tem sido um das arenas de busca de “ajuste” e “acordo” para esses problemas sonoros em Brasília⁶².

⁶¹ Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2002-03-16/mat_36656.htm>. Acesso em: 19 jan. 2008.

⁶² Segundo matéria publicada no site *Ruído Urbano*, “o barulho do bar incomoda e os moradores reclamam: 80% das queixas ao Instituto de Meio Ambiente de Brasília são de moradores contra bares. Em Brasília, uma lei determina que bares e restaurantes fechem as portas até 1h entre domingo e quarta-feira e às 2h entre quinta e sábado. É assim há mais de dois anos. O que se queria com isso era melhorar a relação difícil entre vizinhos de bares e frequentadores”.

Em conversa com o Sr. Zé, proprietário do bar *Meu Bar*, ele falando sobre o uso de aparelhos sonoros lamenta:

Eu tive que tirar a televisão. A fiscal chegou e foi fazendo a notificação. Me lascou uma multa de mil reais. Eu fui reclamar que no bar do lado tinha três televisão, e ela falou pra eu ir procurar os meus direito. Que ela tinha recebido uma denúncia e que era isso... (Zé, entrevistado.).

O caso acontecido e citado acima, no *Bar do Careca*, mostra como tem sido a relação desses estabelecimentos com alguma vizinhança, no que tange à chamada “Lei do Silêncio”. Na Asa Norte também pode ser citado outro caso da tensa relação que vem se travando entre proprietários de bar e moradores de Brasília. Esse caso é interessante, pois ele radicaliza ainda mais a discussão em torno do uso dos espaços da cidade. A proprietária de um estabelecimento, na comercial da quadra 216 N, antes de colocar em funcionamento seu negócio, encontrou problemas com a vizinhança. Segundo reportou o jornal *Correio Braziliense*, a situação é a seguinte:

A proprietária do estabelecimento é a cantora *Mara B*, conhecida no Brasil e no exterior pela sua voz suave e afinada. Em outubro de 2009, ela começou a montar a empresa e, desde o início desse ano (2010), tenta inaugurar o espaço para entretenimento dos clientes, conquistados nos 28 anos de carreira. O problema é que, mesmo tendo obtido todas as licenças ambientais, de órgãos como Corpo de Bombeiros e Vigilância Sanitária, a cantora está enfrentando dificuldades para conseguir o alvará de funcionamento, que depende da anuência dos moradores. (PULJIZ, 2010).

Para o caso de concessão do alvará de funcionamento, a Lei 1.065 de 1996 afirma que o documento de licenciamento será emitido de acordo com determinadas regras técnicas de som e acústica, mas na prática há a necessidade de uma anuência dos moradores ou de seu representante, o prefeito da superquadra, para a concessão da licença. Veja-se o que diz a lei:

Art. 3º - Os níveis sonoros máximos permitidos em ambientes externos e internos são os fixados pelas Normas 10.151, Avaliação do Ruído em Áreas Habitadas Visando o Conforto da Comunidade, e

10.152, Níveis de Ruído para Conforto Acústico, da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

Parágrafo único - A concessão ou a renovação de licença ambiental ou alvará de funcionamento estão condicionadas a vistoria prévia que comprove tratamento acústico compatível com os níveis sonoros permitidos nas áreas em que estiverem situados.

As normas e as leis destinadas aos bares em Brasília não são fáceis de entender. Talvez sejam mais compreensíveis as práticas cotidianas. Há uma série de práticas da fiscalização, de acordos entre órgãos públicos, moradores e comerciantes, em relação ao uso dos espaços da cidade e particularmente aos bares, que escapam ao entendimento dos proprietários e mesmo dos clientes e frequentadores. Localizados em uma mesma região administrativa, os bares ficam sujeitos a interpretações e normatizações diferenciadas.

O caso do estabelecimento da 216 N é interessante, pois o bar nem chegou a se estabelecer. Nesse caso, que tipo de reclamação recairia sobre ele? Em qual lei da ordem ou da quadra ele estaria “enquadrado”? Ainda segundo a reportagem de Mara Puljiz, o prefeito da quadra alega que “os moradores não aceitam (o bar) porque há uma série de inconveniências. [...]. As pessoas bebem e fazem barulho”. A repórter faz a observação de que, em frente ao pretense estabelecimento da cantora *Mara B*, há um bar “que funciona à noite e onde pessoas também bebem e fazem barulho”. Embora o prefeito fale “pelos moradores da quadra”, um outro morador que aparece na reportagem diz o seguinte:

Eu acho ótimo que comece a funcionar um bar com música ao vivo aqui na 216 Norte. Moro no bloco A, mas por aqui a gente sofre por não ter nada para fazer. Gosto de Jazz e na minha opinião vai ser muito positivo para os moradores e para a cultura da cidade. Quem é que não consegue dormir com música suave? Não existe (*Carlos C*, entrevistado).

Segundo Norbert Elias (1994), as práticas sociais, a conduta e as ações dos indivíduos são produzidas e reproduzidas através do fluxo constante da vida social. Elias argumenta que são os indivíduos que constroem, dão forma e mantêm as configurações sociais. Essas configurações se dão por redes de interdependência, quando duas ou mais pessoas entram em interação social. Essa reflexão sobre as interações sociais e a configuração em redes ajuda na observação do problema do bar da 216 N. A relação bar e espaço em Brasília se prende a uma teia de elementos que talvez explique bem a relação entre indivíduo e sociedade.

O conflito gerado por uma proposta de atividade lúdica na área comercial da quadra constrange a moral e a estima de alguns moradores do lugar. Parte da vizinhança empodera a ação. Outros agentes entram no debate, e se tece uma rede em torno do problema. A falta de uma legislação que dê conta do conflito encontra ressonância e dissonância nos acordos de gabinete. Ainda, segundo a reportagem sobre o caso, a administradora regional de Brasília informa que

o conflito pode ser solucionado através de conversas entre as partes. Nós (a administração pública) fizemos um acordo com a população e com o sindicato dos bares de Brasília (Sindhobar), justamente para manter a política de boa vizinhança em Brasília.

Contudo, segundo a fala da proprietária do bar na reportagem, “o prefeito (da superquadra), continua intolerante. Ele alega que eu não o procurei antes de abrir o negócio e que a quadra não comporta mais empreendimentos por não ter estacionamentos e outras coisas”. (*Mara B*, proprietária).

Há uma controvérsia instalada. O prefeito da superquadra afirma que “os moradores não aceitam, porque há uma série de inconveniências”. Um morador diz que é “ótimo que comece a funcionar um bar com música ao vivo aqui na 216 Norte”. Em nome de qual morador estaria falando o prefeito? Essa é a dúvida da proprietária. Por isso, sua conclusão é a de que

o prefeito está preocupado não exatamente com o bem-estar dos moradores, mas com razões pessoais à ideia. Eu quis apresentar as instalações para ele, só que ele nem sequer quis entrar para conhecer. Achei isso um absurdo da parte de um prefeito. (*Mara B*, proprietária).

A reportagem trouxe elementos interessantes para se pensar o que é o “meu”, o que é o “seu” e o que é o “do outro”, quando mais de dois membros são chamados à interação, em termos da ocupação espacial em Brasília. Segundo a reportagem, a proprietária “foi orientada pelo governo a fazer um abaixo-assinado com os moradores que são a favor do novo local de degustação e música e encaminhá-lo à Administração regional”. (PULJIZ, 2010). A proprietária do bar afirmou que “já conversei com vários moradores e nenhum foi contra”. Já o prefeito da quadra diz que “os moradores não aceitam porque há uma série de inconveniências, as pessoas bebem e fazem barulho”.

A polifonia de vozes que se instaura em torno do problema é interessante: leis, estado, administração regional, proprietário, morador, prefeito de quadra,

sindicato que representa não somente proprietários, mas também funcionários e interesses mais amplos do segmento comercial. Enfim, interesses e necessidades, individuais e coletivos, que se articulam e constroem a cidade, entre “ajustes” e “acordos”. Substituir a lei por um abaixo-assinado é a orientação da própria administração pública. Talvez por isso, as leis sobre o uso e ocupação dos espaços em Brasília venham se arrastando por aproximadamente vinte anos na Capital Federal⁶³.

Em grande parte, o que se percebe nessa interação, do ponto de vista de uma sociologia do conflito, é que há atores diretamente envolvidos na trama cotidiana do lugar. Por isso, falam de sua conduta, de seu comportamento, de seu desejo. O prefeito aciona uma moral dos bons costumes, da cidade do silêncio, da segurança com o outro, e assim regula os parâmetros morais de “morador da quadra”. O prefeito da quadra representa os frequentadores dos bares como “barulhentos”, “bebedores” e, tendo como perspectiva a “Lei do Silêncio”, a “Lei Seca”, e a “Lei dos Puxadinhos”, uns “foras-da-lei”. Os frequentadores do bar, e sua proprietária, seriam intrusos a invadir a quadra, roubando os espaços e depois indo embora⁶⁴.

O morador da superquadra, o entrevistado *Carlos C*, tem desejo, necessidade e vontade por lazer. Por esta razão, “acha ótimo que comece a funcionar um bar com música ao vivo.” Ele afirma que não há o que fazer na quadra, a opção do bar traria vida ao lugar, segundo sua interpretação. E completa: “gosto de Jazz e na minha

⁶³ A proposta da Lei Complementar nº 766/2008 e do Decreto nº 30.254/2009 é resolver definitivamente o problema das ocupações. O assunto foi tratado num diálogo claro entre governo, comerciantes e moradores diretamente atingidos. A participação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na decisão chancelou a solução de um problema que parecia não mais ter desfecho. Esta cartilha traz as regras e procedimentos necessários para que cada comerciante tome as devidas medidas para tornar o seu estabelecimento legal, bem como será um instrumento para que a fiscalização possa agir de maneira coesa e eficiente. Pensando em uma Brasília mais organizada, o GDF traz as regras de padronização esperadas por mais de 20 anos. Ver cartilha nos anexos. Disponível em: <http://www.seduma.df.gov.br/cartilha_uso_ocupacao>. Acesso em: 11 mar. 2011.

⁶⁴ Alusão ao poema “No caminho com Maiakovski”, do poeta brasileiro Eduardo Alves da Costa (2001). Fragmento: “Na primeira noite eles se aproximam/e roubam uma flor do nosso jardim./E não dizemos nada./Na segunda noite, já não se/escondem;/pisam as flores,/matam nosso cão,/e não dizemos nada./Até que um dia,/o mais frágil deles/entra sozinho em nossa casa,/rouba-nos a luz, e,/conhecendo nosso medo,/arranca-nos a voz da garganta./E já não podemos dizer nada./[...]”.

opinião vai ser muito positivo para os moradores e para a cultura da cidade. Quem é que não consegue dormir com música suave? Não existe”. (*Carlos C*, entrevistado.).

Mas, existem pessoas que não conseguem sono. O prefeito dessa quadra, 216 N, parece ser um caso, ou representar algum. O papel que desempenha tem, certamente, ancoragem, em diversos outros atores que o elegeram representante “legal”, o tipo ideal de morador da 216 N. O fato de existir tipos de moradores diferentes na quadra traz problemas para a vida social do lugar. À diferença entre o “meu”, o “seu” e o “do outro” reclama a intervenção da lei. Mas, no caso de a própria lei não se adequar, recorre-se ao plebiscito, como orientou a administradora da região em conflito. Assim, vai sendo construída a cidade de Brasília, entre a intenção e o gesto. (TEIXEIRA, *op. cit.*).

O filósofo e historiador Olivier Mongim (2009), falando da recriação das cidades, assim pensa a questão: “se os fluxos são mais fortes que os lugares, se o “entre si” ganha da mistura social, precisamos também reconhecer que estamos assistindo à privatização da vida pública”. Nesse sentido, as leis de uso e ocupação dos espaços em Brasília vêm perdendo argumento para a ordem social, tecida pelos indivíduos que estão em constante fluxo nas redes de interdependência das relações sociais.

No bar *Beirute*, o barulho que a vizinhança reclama acontece, pontualmente, nos dias de quinta e sexta-feira. Nesses dois dias da semana, o bar, tradicionalmente, é ocupado por um público jovem e adulto. Não há música no lugar, nem veículo sonorizado ou qualquer aparelho de reprodução e amplificação de áudio ou vídeo. Em algumas ocasiões como Carnaval, Copa do Mundo de Futebol, jogo final de Campeonato Brasileiro de Futebol ou aniversário do bar, acontece o uso de aparelhos de televisão ou som. O barulho, contudo, no cotidiano do *Beirute*, é produzido pelo som das pessoas conversando, rindo, divertindo-se.

No bar *Piauí*, o uso de aparelho de televisão e DVD é feito pelos funcionários e ajudantes. O que produz um interessante contraste. Os funcionários do bar, em sua maioria vindos do estado do Piauí, e da região Nordeste, principalmente, utilizam o aparelho de TV/DVD para reproduzir músicas de sua região de origem: forró, brega, *tecnobrega*. Grande parte dos “ilustres

frequentadores” tem preferência por samba, MPB, *rock* e *pop*⁶⁵. *Sr. Delegado*, “frequentador ilustre”, certa manhã trouxe para o bar um CD de um cantor de música *pop* brasileira e pediu para a balconista *Morena* “colocar para tocar”. *Morena* apanhou o CD e saiu dizendo entre reclamações e risos: “já vem esse delegado com essas música veia-feia!”.

Mas, no bar *Piauí*, a música é mais utilizada para o “divertimento” dos funcionários enquanto trabalham. O volume do som é controlado por *Chiquim*, que sempre passa em revista o salão e a área externa do bar. *Chiquim* não tem paciência para música alta, talvez nem para música. Quando bebe, sua primeira ação no bar é interditar a música e a televisão. Desse tipo de interdição, em dias de bebedeira, origina-se também um prolongado e desnecessário discurso sobre música, televisão e o comportamento de seus funcionários.

Os bares *Só Drinks* e *Cunhados*, na Asa Norte, como são estabelecimentos que têm no jogo de futebol um de seus principais atrativos, convivem e amplificam o problema do barulho nas superquadras. O bar *Só drinks* é temático de futebol e agrega torcedores do time *Botafogo Futebol e Regatas*, do Rio de Janeiro. Nos dias de jogo do *Botafogo*, a comercial da quadra 403 N recebe um público extraordinário. O barulho e o grande movimento de frequentadores modificam a ambiência da quadra. Barulho que ultrapassa o espaço físico do bar e ganha as redes sociais do *Orkut* e *Facebook*.

Através das redes sociais da Internet, os torcedores do *Botafogo Futebol e Regatas* acertam viagens e excursões para acompanhar o time de futebol em jogos, fazem apostas, tecem comentários e críticas sobre o clube, organizam festas e comemorações⁶⁶. Na comunidade do *Orkut* “Só drinks o Bar do fogão 403N”, pode-se acompanhar parte do barulho que o bar faz na quadra. Material audiovisual postado na página do *Orkut* e do *Facebook* mostram as festas e os barulhos que os torcedores fazem no bar em dias de jogo. Em vídeo feito por câmera de celular e postado no site do *Youtube*, torcedores que estão comemorando um campeonato

⁶⁵ Forró, brega, tecnobrega, samba, MPB, rock e pop são alguns estilos musicais em voga no mercado fonográfico brasileiro. Ver mais informações em “Do forró ao rock”, no site www.usinadeletras.com.br/gilbertobarral/ensaios.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7853349>> e em <<http://www.facebook.com/groups/263660407054833/>>. Último acesso em: 02 fev. 2012.

conquistado pelo clube *Botafogo* ocupam toda a entrequadra fazendo uma espécie de carnaval, um cortejo pela rua, que paralisou o tráfego local⁶⁷.

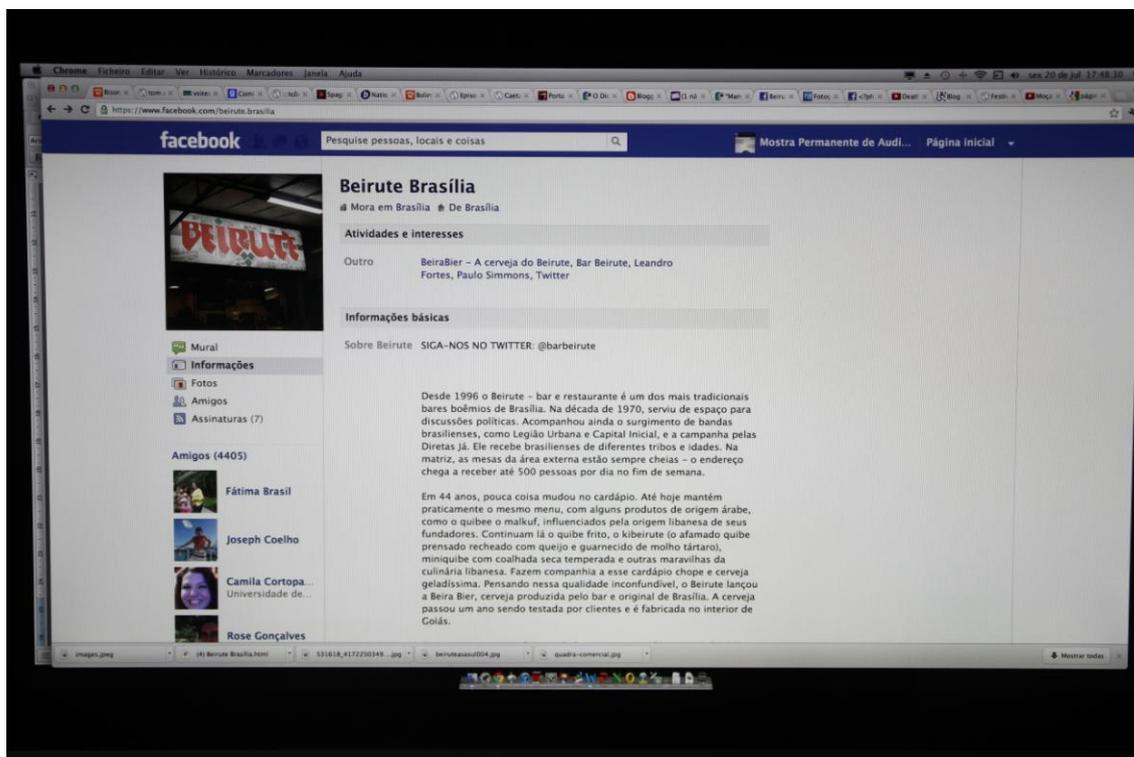


Foto 32 – Disponível em: <<https://www.facebook.com/beirute.brasilia>>, redes sociais, milhares de “amigos”

Em uma enquete promovida pelo moderador da comunidade no *Orkut*, em 2006, para saber o que era preciso melhorar no bar, a resposta que obteve maior adesão foi, em primeiro lugar, a necessidade de equipamentos de projeção de vídeo como “telão”, com 76% de votação. Em quarto lugar, recursos como assentos, para os telespectadores, ou, nos dizeres dos usuários, uma “arquibancada móvel”. Atualmente, o *Só drinks* possui três aparelhos de TV/LCD de 42 polegadas afixadas nas paredes externas do bar, voltados para a calçada da rua, e uma outra televisão menor no ambiente interno.

No bar *dos Cunhados*, o futebol também é um atrativo. Mas de outra natureza. Os frequentadores que acompanham os jogos no bar fazem torcida para os mais variados clubes de futebol do país. Não há segregação como no *Só drinks*. O bar possui quatro aparelhos de TV/LCD de 42 polegadas, instalados em locais

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=WNHcs4fTnGM>>. Último acesso em: 02 fev. 2012.

estratégicos do ambiente, de modo que o frequentador possa acompanhar o jogo em qualquer uma das mesas e posições que se encontra no estabelecimento. O público do *Cunhados* é menos barulhento, em sua maioria são adultos, moradores da quadra e conhecidos entre si. Esse perfil de frequentador torna a ambiência, nos dias de jogo, um espaço de entretenimento e brincadeiras entre torcedores.

Embora haja muitos problemas relacionados à “Lei do Silêncio” e à “Lei dos Puxadinhos” – que são problemas cotidianos envolvendo bares e espaços, moradores e outras instituições –, o uso de aparelhos eletrônicos para transmissão de jogos de futebol tem crescido nos bares. (ALABARCES, 2000; GASTALDO, 2005). Essa relação entre futebol e bar não é nova, contudo tem se intensificado em alguns estabelecimentos. O caso de Brasília é ainda mais interessante, devido aos migrantes que vêm para a Capital Federal trazendo, entre seus gostos, a paixão pelos times de futebol de seu estado de origem. Daí, por exemplo, existem bares temáticos dos principais clubes de futebol do país, instalados em várias quadras comerciais da cidade.

O filme *Nove, uma rua de Brasília*, direção de Michel Gomes, que narra a história do bar *Beirute*, inicia-se com imagens de futebol da *Copa do Mundo* de 1970. Em seguida, traz outras imagens da participação do futebol brasileiro em competições mundiais, particularmente a Copa de 1994. Segundo um dos entrevistados no filme, o *Beirute* foi fundado em 1966, contudo sua popularização junto aos moradores de Brasília se deu a partir de 1970. Nesse ano, um número enorme de pessoas compareceu ao bar para comemorar a vitória e o título conquistados pela seleção brasileira de futebol na *Copa do Mundo* de Futebol daquele ano, promovendo “um enorme carnaval”. Ainda segundo um vídeo promocional do bar, postado no site de filmes *Youtube*, quando de outra conquista de *Copa do Mundo*, pelo futebol brasileiro, em 1994, o *Beirute* foi invadido por “uma enorme multidão que tomou conta da quadra”⁶⁸.

Experiência audiovisual interessante foi realizada pelo *Meu Bar*, na copa do mundo de futebol de 2010. Dos bares pesquisados, este é o mais simples em termos de conforto e tecnologia. Como descrito anteriormente, o estabelecimento possui uma infraestrutura mínima de funcionamento. Contudo, é um espaço muito

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GZgXtZAIrNnM>>. Acesso em: 13 out. 2011.

estimado por seus frequentadores, particularmente devido ao carisma e carinho do proprietário, Zé, pelo público, em sua maioria estudantes universitários. Nessa Copa do Mundo de Futebol de 2010, estudantes organizaram a exibição dos jogos da seleção brasileira, projetando as partidas de futebol na parede lateral de um bloco residencial próximo ao bar.

Com a projeção dos jogos deste evento na parede do edifício, o resultado foi: aumento do número de frequentadores no bar; construção de um espaço de solidariedade e ludicidade futebolística; convergência de público de outros bares da quadra para esse espaço; ocupação de áreas verdes da entrequadra para o lazer; ressignificação e inovação no uso dos blocos residenciais⁶⁹.

Embora a “Lei do Silêncio” venha no sentido de propor regulamentações e restrições aos bares, muitos estabelecimentos da cidade estão investindo em equipamentos e tecnologias do audiovisual, no som e no barulho. Segundo informa a reportagem de Mariana Branco, “Lucros em verde e amarelo, promoções nos bares”, publicada no jornal *Correio Braziliense*, as inovações e atrativos são:

telões, tevês de plasma e ações promocionais. Assim os 12 bares do Grupo Jorge Ferreira se preparam para atrair os brasilienses nos dias dos jogos da Copa. “A maioria das casas já tem aparelhos e pacotes de televisão a cabo, mas as que não têm vão ganhar”. (...) Conhecido por ter se especializado em transmissões de jogos, o bar *Sociedade Futebolística*, na Asa Sul, possui cinco televisões de plasma de 42 polegadas e dois telões. (BRANCO, 2010).

2.2.3 Separações

Outra legislação que afeta o uso e frequência aos bares é a chamada “Lei Seca” e sua revisão na Lei 11.705, que prevê penalidades severas quanto ao uso de bebidas alcoólicas e a condução de veículos automotores⁷⁰. Brasília, cidade

⁶⁹ Da perspectiva da Teoria Crítica, pode-se tecer o argumento de que essas práticas e representações que se constroem em torno da relação entre bar e futebol seriam práticas de lazer passivas, alienantes. Na teoria original de Theodor Adorno (2004), a indústria da televisão operaria no sentido de ocupar o tempo livre dos indivíduos com programações sem sentido, visando embotar sua capacidade de discernimento dos objetos. Contudo, as teorias da recepção na comunicação hoje trabalham com outras perspectivas. Stuart Hall (1973), entre os teóricos da recepção, argumenta que entre o produtor e o receptor existe uma margem de entendimento da mensagem, onde o receptor influencia na produção da mensagem e na forma de consumo do produto.

⁷⁰ Lei 9.503/97, a “Lei Seca”, que prevê punição para motoristas que dirigem depois de ingerir bebidas alcoólicas, está prevista no capítulo sobre crimes de trânsito no Código de Trânsito

de uma “sociabilidade do veículo próprio”, do sistema de transporte público precário, e preço elevado das corridas de táxi, devido às grandes distâncias e deslocamentos complexos, favorece uma série de mudanças nos hábitos e práticas dos frequentadores de bar.

A “Lei Seca” não proíbe as pessoas de beberem, ela proíbe de beber e dirigir. Mas, às vezes em busca de bebida e diversão, é preciso realizar deslocamentos na cidade ou até mesmo entre cidades. No caso de Brasília, a “melhor” forma de deslocamento tem sido, até o momento, o recurso do veículo próprio. Antes da adoção da Lei 11.705, da chamada “Tolerância Zero”, as pessoas que bebiam e dirigiam de um lado para outro da cidade ainda continuam com essa conduta, mas agora seguem “algumas cautelas”⁷¹.

A “Lei Seca” em relação ao problema do deslocamento dos indivíduos e dos grupos sociais na cidade pode provocar condutas e comportamentos novos: fixação dos indivíduos e grupos nas imediações da residência; “motorista da vez”; transformação do comércio nas quadras comerciais; no consumo de lazer, étílico e gastronômico; na setorialização dos bens e serviços, entre outros⁷².

O grupo dos “amigos do *Piauí*”, observado desde 2003, tem o hábito do consumo diário de bebida na quadra 403 Sul. Era um grupo maior, mas a “Lei Seca” trouxe transformações nas práticas desses frequentadores, reduzindo o grupo. Os membros moradores da quadra residencial e imediações da 403 Sul continuam a frequência assídua. Porém, aqueles membros que moram em outros lugares da cidade, mais afastados, têm evitado beber e dirigir na volta para casa. Em algumas

Brasileiro (CTB). A Lei 11.705, de 19 de junho de 2008, estabelece no art. 276 que “qualquer concentração de álcool por litro de sangue sujeita o condutor às penalidades previstas no art. 165 do CTB”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11705.htm>. Acesso em: 24 mar. 2010.

⁷¹ Novas normas e regulações da “Lei Seca”. A revista *Carta Capital* traz a reportagem “Mais Rigor na ‘Lei Seca’”, que informa que a Câmara dos Deputados aprovou o novo projeto de lei que dobra o valor da multa a ser aplicado ao motorista flagrado sobre efeito de álcool. A multa passa de R\$957,70 para R\$1.915,40. Em caso de reincidência no período de um ano, dobra-se o valor para R\$3.830,80. Ainda passam a serem aceitos como provas contra o motorista material como imagens, vídeos e depoimentos de testemunhas. (REVISTA *Carta Capital*, Ano XVII, nº 693, 18 de abril de 2012).

⁷² O motorista da vez é uma prática de sair para bares e festas em grupo para beber, sendo que um dos integrantes do grupo não bebe, em função de ser o motorista do dia. Essa prática funciona, em muitos casos, em forma de rodízio, o que favorece a participação de todos os membros no evento. Essa prática, por extensão, pode favorecer a formação de grupos e a redução do número de veículos em circulação.

ocasiões eles reaparecem e, em conversas entre os do grupo, sempre surge o assunto da “Lei Seca” como causa das ausências.

Os “amigos do *Piauí*” consomem grande quantidade de bebida alcoólica. Cada membro do grupo, em separado, bebe de duas a três garrafas de cerveja de 600 ml e uma ou duas doses de aguardente de 50 ml. Este consumo entre 9h30min e 12h. Dois membros do grupo bebem uísque, em torno de três a quatro doses. A legislação atual prevê punições para a ingestão de qualquer nível alcoólico combinado com a direção de veículo automotor. O consumo de álcool diário e matinal dos “amigos do *Piauí*” ultrapassa, *per capita*, a soma de 12 decigramas por litro de sangue. O permitido pela “Lei Seca” é de até 2 decigramas por litro. A revisão feita pela Lei 11.705 prevê “tolerância zero”⁷³ de teor alcoólico no teste do bafômetro.

Nesse sentido, matéria publicada na *Revista da Semana* informa que

os limites da política de tolerância quase zero ao consumo de álcool por motoristas, no Brasil, é uma das mais rígidas do mundo. A legislação aumenta as penalidades para qualquer pessoa que dirija depois de consumir bebida alcoólica, mesmo que em quantidades ínfimas. Quem registrar níveis acima de 2 decigramas por litro de sangue pagará multa de R\$955,00; terá sua carteira de habilitação suspensa por um ano e o carro retido imediatamente. Se o nível for superior a 6 decigramas, o motorista sofrerá as mesmas penalidades mas também será levado para a delegacia. Condenado cumprirá pena de seis meses a um ano. (...) Com o novo limite de tolerância ao álcool, o Brasil ingressou no grupo dos 15 países mais rígidos em relação ao tema, entre 82 nações listadas pelo Centro Internacional de Políticas do Álcool. (2008: 10-11).

Antes de a “Lei Seca” ser aprovada, os “amigos do Piauí” se sentiam livres para beber e dirigir. Eles não viam nenhum problema na relação entre bebida e direção, que agora é um dos assuntos da mesa. *Sr. Advogado*, que mora na Asa Norte e dirige para beber e encontrar os amigos na Asa Sul, afirma que nunca teve problema com direção e bebida, mas que agora prefere evitar, “ainda mais que seu “carro é um fusquinha, eles (a fiscalização ou a polícia) ficam de olho em carro

⁷³ A expressão “tolerância zero” faz referência ao programa de combate ao crime instituído pelo movimento conservador surgido nos Estados Unidos e utilizado para combate à criminalidade pelo prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani. Tal movimento, ao lado do Direito Penal do Inimigo e do Movimento de Lei e Ordem, foi uma das maneiras utilizadas para incremento punitivo nos EUA nos anos 1990/2000. Cf. SCHECAIRA, Sérgio Salomão. Disponível em: <<http://www.reid.org.br/arquivos/00000129-reid-5-13-sergio.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

velho”. O que impede *Sr. Advogado* de dirigir é a legislação, não a bebida. Não podendo dirigir e beber, ele acaba por se afastar, aos poucos, de seu grupo de amigos.

Em uma visita eventual a um bar da Asa Norte, que não era parte da pesquisa, encontrei o *Sr. Advogado*, que frequenta o grupo dos “amigos do bar *Piauí*”. No encontro amistoso, não foi muito surpreendente a revelação de que sua ausência do grupo do bar da 403 Sul era devido à “Lei Seca”. Essa mudança nos hábitos, nas práticas de alguns frequentadores de bar, é apenas um dos aspectos das novas formas de sociabilidade. Outro impacto da “Lei Seca”, que tende a fixar os frequentadores de bares na superquadra, próximo à sua residência, traz para essa mesma quadra comercial a necessidade de novos bares.

A transformação que a “Lei Seca” trouxe para as práticas do grupo pode ser observada nas práticas de outros grupos de frequentadores de outros bares. Porém, fixando os moradores das superquadras nos estabelecimentos comerciais próximos de suas residências, desloca-se, também, o espaço do bar para dentro das áreas comerciais. Ou seja, o deslocamento de frequentadores provocado pela “Lei Seca” resulta em novos problemas para a paisagem urbana de Brasília. O aumento do número de bares em várias quadras pode também resultar dessas novas restrições.

A legislação sobre consumo de álcool e direção afeta diretamente uma rede de atores. Alguns legisladores, técnicos e pesquisadores em saúde e medicina defendem a tolerância zero para o álcool e recomendam a proibição. De outro lado, entidades classistas representantes dos bares defendem medidas menos rígidas. Empresários e frequentadores de bares são afetados. Quando o *Sr. Advogado* afirma que nunca teve problemas com beber e dirigir, em que ele estaria falseando a lei?

Os problemas que envolvem uso de bebida alcoólica e condução de veículo automotor podem ser mais bem estudados e balizados. E, no extremo, podem não ter nenhuma relação com frequência de bares. A observação nos bares pesquisados revelou que um número grande de motoristas, amadores e profissionais, bebe durante o período diurno, inclusive em horário de trabalho e/ou estudo. Uma lista de casos pode ser trazida para se discutir sobre a relação entre bar, bebida e trânsito, e ainda assim não se esgotaria o problema.

Um caso listável e recorrente, em particular, são de trabalhadores que bebem durante o serviço. Por exemplo, o de entregadores de bebidas alcoólicas, particularmente de cervejas. No *Bar do Careca* foi observado motorista e entregadores, depois de descarregarem a cerveja, beberem doses de bebidas destiladas. *Sr. Entrega*, negro alto, forte, adulto, passa duas vezes por semana no *Careca* para a entrega de bebida. Ele é o motorista do caminhão de carga. Enquanto os seus dois ajudantes entregam as bebidas e recolhem os vasilhames, ele bebe de três a quatro doses de conhaque. Depois, seus dois ajudantes se juntam para mais umas duas ou três doses. Pagam a conta, entram no caminhão e seguem para outra entrega.

Um profissional, advogado e bebedor contumaz, frequentou o bar *Piauí* durante os anos de 2007 e 2008. Era adulto, de aproximadamente 40 anos. Ele bebia sempre acompanhado de algum assistente. Seu horário de chegada no bar era por volta das 10h. Bebia vinho da marca *Mioranza*, gelado. O consumo matinal girava em torno de duas a três garrafas de 720 ml, sorvidas entre telefonemas e ordens ao assistente. Parecia estar trabalhando. Seu comportamento era o de quem poderia “estar em apuros”: falava pouco, não sorria. Estava sempre vestido de terno, nas cores cinza ou azul escuro, como se aprontado para uma reunião. Seu *hobby* parecia ser carros, sempre aparecia com algum modelo diferente. Por volta do horário do almoço, ele pedia a conta, se aprumava, entrava no seu veículo e partia. No outro dia aparecia às 10h no *Piauí*. Isso durante dois anos, depois não apareceu mais. Talvez a “Lei Seca” o tenha alcançado, para o bem ou para o mal.

No bar *Distribuidora Paixão*, na 216 N, outro profissional, médico, motorista e bebedor contumaz, aparece sempre pela tarde, entre as 14h e 17h. *Dr. Cirurgião* bebe uísque com água mineral, a quantidade variando entre 3 a 6 doses. Às vezes traz sua própria garrafa de uísque, nesses dias pode beber de meia garrafa a uma garrafa inteira. É uma pessoa ao mesmo tempo simpática e sarcástica. É um cirurgião plástico. Enquanto bebe costuma falar de seu trabalho e da facilidade “pra ganhar dinheiro das mulheres”. O que mais tem ocupado seu tempo, no entanto, além da bebedeira diária, são os negócios da fazenda que mantém nos arredores de Brasília. Quase sempre, após algumas doses de uísque, convida um “amigo”, presente no bar e na bebida, para conhecer sua fazenda. Se consegue algum “amigo”, vão juntos, se não, entra no carro e vai sozinho. A fazenda

fica nos arredores de Planaltina, cidade distante aproximadamente 50 quilômetros do bar *Distribuidora Paixão*.

Em relação ao período das fiscalizações feitas pelas *blitzes* policiais, foi determinado, na maioria das cidades, o horário de 20h às 5h (REVISTA DA SEMANA, 2008:11). Em alguns períodos e dias da semana, essas *blitzes* podem se estender até as 7h. De certo modo, os “amigos do *Piauí*”, os profissionais, estudantes que consomem bebida no período diurno ficam fora do público-alvo das *blitzes*. Podem continuar a beber e a dirigir, na luz do dia, de um lado para outro da cidade. O que leva os “amigos do *Piauí*” a evitar beber e dirigir não é a fiscalização, pois ela não ocorre enquanto bebem, mas talvez, certo senso de “ajuste” e “acordo” com a lei.

Ainda, uma série de espetáculos e performances de motoristas bêbados, veiculados nas mídias eletrônica e digital, envolvidos em acidentes ou em barreiras de fiscalização informa sobre o uso de bebida, mas não podem ser diretamente relacionados à frequência em bares. Os bares proporcionam, em muitos casos, uma ambiência propícia, instalada e equipada para o consumo etílico e gastronômico, para a conversação e o encontro, e, como espaço público ou semipúblico, abrigam e recebem os mais variados tipos de bebida e bebedores. Talvez seja em outros elementos que se deva estruturar a discussão em torno do consumo de bebida e trânsito.

2.2.4 Vizinhança e *outsiders*



Foto 33 – Formas de ocupação de áreas públicas

Além dos problemas resultantes da ocupação de áreas públicas da superquadra (o puxadinho das lojas e a ocupação dos estacionamentos pelos frequentadores; a emissão de som e barulho; a “Lei Seca” e o consumo de álcool e veículo), existe outro, relacionando o bar à vida na cidade: a circulação de indivíduos e grupos estranhos, de pessoas de fora da vizinhança. Em linhas gerais, seriam quatro os principais elementos da sociabilidade do bar com a cidade, em sua face exterior: barulho; ocupação de áreas públicas; consumo de álcool e trânsito; *outsiders* ou pessoas estranhas à quadra.

A circulação de pessoas estranhas ao ambiente da quadra é um dos importantes elementos na relação conflituosa do bar com seu espaço exterior. Essa é uma imagem que alguns vizinhos têm do bar. Uma moradora, da quadra 109 sul, nas proximidades do bar *Beirute*, *Senhora Q*, diz:

Antigamente a gente saía e encontrava umas pessoas amigas. Hoje, a gente desce e já não encontra mais ninguém, é tudo gente desconhecida. A gente fica com medo. Ontem mesmo tinha um monte de moça e rapaz atrás daquelas lojas, pessoas que nunca vi por aqui. A gente mora aqui, mas nem pode sair nas ruas... tá cheio de gente desconhecida, que vem de outros lugares pra fazer bagunça. Isso atrapalha a quadra. Eles estacionam o carro, ligam o som. (*Senhora Q*, vizinha).

Na obra clássica de Norbert Elias *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (2000), surge uma proposta metodológica apropriada para se observar e pensar a relação entre habitantes de uma mesma localidade. No caso de Brasília, tal proposta ajuda na observação de como moradores e frequentadores de bar, vivendo lado a lado, elaboram representações sobre o outro. Os frequentadores dos bares aparecem como invasores para os moradores. Os moradores das quadras residenciais são representados como “velhos moralistas” por frequentadores. O lúdico, a brincadeira, a graça muitas vezes não ocupa uma boa posição nesse espaço da moral e da ordem.

Esse “monte de moça e rapaz”, que vem ocupar a quadra, segundo a moradora, não teria direito à cidade. Tomando a perspectiva da *Senhora Q*, e o modo de vida que ela defende para a quadra, provavelmente não haveria vida no lugar. Hoje, parte dos moradores que ela conheceu, provavelmente, estaria na mesma faixa etária que ela. São moradores que, talvez, façam um uso muito restrito dos espaços da quadra, principalmente de bares, particularmente as mulheres. Há um grande número de bares que têm entre seus frequentadores senhores aposentados, moradores das superquadras, no entorno do bar.

O *Beirute*, na Asa Sul, tem convivido com esse problema. A quadra em que está instalado é das mais antigas da cidade. Seus moradores são, em sua maioria, pioneiros da primeira geração brasiliense. Por isso, quando a *Senhora Q* “desce”, “já não encontra mais ninguém, é tudo gente desconhecida”. Entre esses desconhecidos estão flanelinhas⁷⁴, ambulantes, usuários e traficantes de drogas. Ainda mais, sobre estes últimos, desde aproximadamente o ano de 2002, vêm se

⁷⁴ “Flanelinhas” é o codinome de pessoas que trabalham nas entrequadras, “regulando” e tomando conta de carros nas áreas de estacionamento. Alguns são regulamentados, têm registro e autorização para trabalharem na área, mas a maioria, principalmente os que exercem a atividade no período noturno, são trabalhadores autônomos, avulsos, sem nenhum registro ou respaldo legal para a atividade no local.

instalando no local, grupos de traficantes e usuários de drogas que praticamente moram nas imediações. O “medo” da *Senhora Q* tem fundamento.

“O monte de moça e rapaz atrás daquelas lojas”, citados pela *Senhora Q*, não são o tipo de frequentador do *Beirute*. A observação direta e prolongada possibilitou ver e acompanhar a conduta e o comportamento desse grupo, desse “monte” ou ajuntamento de pessoas, atrás das lojas comerciais. Mas, alguns entre os frequentadores desse bar estabelecem relações com o “monte de moça e rapaz”. Em um artigo publicado no livro *Beirute, final de século*, o editor Fernando de Oliveira Fonseca, descreve o público *outsider*, os “de fora” da vizinhança:

Alguns vendedores de artesanato insistem em vender suas quinquilharias na penumbra, com seus olhos vermelhos e movimentos hesitantes; bêbados, que fingem tomar conta dos carros; homens e mulheres, sem as atitudes funcional-burocráticas da rua; rapazes e moças bastante jovens, que ficam sentadas nos batentes das lojas vizinhas, fechadas no horário noturno, encostados nos carros ou apoiados sobre seus capôs, com olhares desconfiados e à espera de suas primeiras experiências. Nos extremos convivem pessoas terminais, definitivamente entregues ao fracasso. (FONSECA, 2010: 269).

Uma relação, em termos de estabelecidos e *outsiders*, pode ser apresentada de quando da chegada dos pioneiros moradores, os burocratas que viriam ocupar os edifícios públicos e residenciais da cidade. Como informou *Sr. Generoso*, os moradores foram chegando e expulsando os trabalhadores para outros lugares, para outros bares. Relembrando sua fala, temos que

de repente foram chegando os novos moradores de Brasília e eles precisavam de um lugar pra conversar. E eles foram ficando por aqui, eu atendia eles... e os antigos fregueses... os trabalhadores começaram a só passar aqui, beber alguma coisa e ir embora. Depois eles foram sumindo, e foram ficando os que moravam por aqui. (*Sr. Generoso*).

“Os novos moradores de Brasília, precisando de um lugar para conversar”, “invadem” os espaços dos pioneiros construtores, expulsando-os para outros lugares. Já estava previsto para os “pioneiros construtores” que eles deveriam abandonar a cidade quando terminassem seus trabalhos⁷⁵. Para além da

⁷⁵ Esse “acordo” entre governo, empreiteiras e, na ponta, os operários é um tema polêmico que se traduziu de diversas maneiras na vida política, social e cultural da cidade. O filme *As idades de*

invasão e ocupação, um outro abandono e exclusão os “pioneiros moradores” irão fomentar na sociabilidade local. Em seus papéis de administradores, burocratas e migrantes da linhagem “impoluta” das metrópoles do Sudeste e Nordeste, que chegam para “inaugurar” e fazer funcionar a Capital Federal, eles reproduzem a dominação cultural e simbólica dos seus estados de origem. Invocam mais que o espaço social do bar, a vida do lugar, da superquadra, de Brasília.

O processo de exclusão dos “pioneiros construtores” de Brasília para suas cidades de origem, ou para as outras cidades do Distrito Federal e do entorno do estado de Goiás tem início com a chegada dos “pioneiros moradores”. Ao “ir ficando” na superquadra, nos edifícios e nas áreas públicas, esses moradores criam condições, condutas e comportamentos para uma reconfiguração do espaço público na experiência urbana da cidade que se inicia. Por isso, essa ocupação e “invasão” inicial podem se estender até o momento, gerando essa configuração atual. A *Senhora Q*, quando, por exemplo, busca explicar sua insegurança, aponta os de “outros lugares” como responsáveis por seu medo.

Ao construir seu texto poético para o livro *Beirute, final de século*, o editor Fernando Fonseca deixa sua marca de *habitué* das estirpes “impolutas”. No entanto, o importante no texto de Fonseca não é tão somente a sua “marca de estirpe”, mas sobretudo o apontamento das “atitudes funcional-burocráticas” como estilo de vida e comportamento “da rua” do *Beirute*, bar em que se apresenta a cena, que ele descreve nesse seu texto, sobre os tipos *outsiders* que “invadem” o espaço da vizinhança da superquadra 109 Sul.

2.3 COTIDIANO DE BARES: INTERIORES



Foto 34 – 408 N – Bar, boteco, botequim...

Na obra *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1996) desenvolve um estudo dos espaços considerando-os como centrais para a constituição da subjetividade. Para esse filósofo, as primeiras experiências imagéticas dos indivíduos são trazidas pela vivência em relação aos diferentes elementos do espaço interior da casa. Essas primeiras imagens, no interior da casa, preparam os indivíduos para outros “devaneios” nos espaços exteriores e alhures. São elas que estabelecem a função de habitar e revelam os modos de se ocupar um espaço.

Para Bachelard (id.), a casa é o nosso “canto do mundo”, que se estabelece no cotidiano de vivências efetivas dos espaços. Ela é o primeiro universo, permitindo ao indivíduo habitar com segurança, desenvoltura e intimidade outras partes do mundo. Ao se aventurar por novos lugares, por outras moradias, um passado original e primevo surge para esse indivíduo, e se transpõe para o

presente, vindo sutilmente colorir suas novas experiências do habitar. As primeiras experiências da imaginação, feitas no espaço interior, íntimo da casa, permitem aos indivíduos novas percepções dos espaços que serão posteriormente percorridos. Assim, os indivíduos adquirem a experiência do habitar, do morar e ao mesmo tempo do viver, do representar. Nas experiências nos espaços externos, a aprendizagem dos interiores da casa ajuda a afirmar a subjetividade: “serei um habitante do mundo, apesar do mundo”. (BACHELARD, 1996, p. 62).

Essas reflexões são tomadas para se pensar o espaço do bar, sua relação exterior/interior, como uma relação do tipo “casa” e “rua”. A aproximação que se faz não se reduz apenas às expressões do tipo semipúblico ou semiprivado. O bar, entendido assim, carrega a duplicidade dos espaços, que é, ao mesmo tempo, interior e exterior, esferas complementares e opostas, mas carregadas de significados.

Bar, espaço não somente pertencente a uma instituição, mas lugar destinado aos ajuntamentos sociais. Definição que o torna espaço público, coletivo, simbolizado como local onde, teoricamente, todas as pessoas, sem distinção, podem livremente se reunir e trafegar. Esse entendimento do espaço público permite compreender que, mesmo dentro de uma propriedade privada, existem zonas públicas ou, pelo menos, mais públicas do que outras, por possibilitarem o convívio de grupos sociais distintos.

O bar recebe as pessoas de fora e, dentro de sua esfera privada, torna-se um espaço público. Assim como o espaço público, o privado não pode ser definido apenas como aquele pertencente a uma instituição particular. O espaço privado se configura mais íntimo, mas a mesma sensação de intimidade pode ser conferida aos espaços públicos. Por isso, algumas pessoas tomam espaços como o ambiente de trabalho e outros como sendo a “casa”, como lugar onde encontram intimidade.



Foto 35 – Serviços de um garçom: o bar e a rua



Ilustração 6 – Serviços de garçom: o bar e a casa – imitação do bar ou representação no lar?

O bar, como extensão do lar, aparece em dois casos observados nos bares *Beirute* e *Piauí*. O caso do *Beirute* tem como protagonista um “ilustre

frequentador” que possui uma réplica das mesas e cadeiras deste bar em sua residência. Esporadicamente, esse “ilustre frequentador” promove em sua casa encontros com amigos onde é reproduzido o espaço do *Beirute* em sua moradia: tira-gostos do bar, bebida, amigos e familiares compartilham a mesa. Essa recriação do bar em seu lar se completa com a contratação de um garçom do *Beirute*, devidamente uniformizado, para o serviço de mesa.

Nessa *mimesis*, o bar é a rua, espaço público, semipúblico ou semiprivado levado para dentro da privacidade da casa, que abriga a cordialidade, a intimidade. A linha de separação entre o público e o privado torna-se tênue: oposição e complementariedade se realizam entre esses espaços. Os comensais da mesa no lar são também “ilustres frequentadores” do bar. Se o bar é o refúgio do lar, replicar sua ambiência em casa significa transformá-lo no lar: um bar doce lar. Lugar de refúgio imitando o próprio refúgio: um porto seguro tanto para os anfitriões quanto para os convidados dessa casa que vira rua.



Ilustração 7 – “Tenho o Beirute estando em casa. Desculpem, sou feliz e sei disso”

Fernando de Oliveira Fonseca, “ilustre frequentador” do *Beirute*, compreendendo o bar como o refúgio do lar, fez mais, trouxe a ambiência do bar para dentro de sua casa. Assim, ele apresenta a curiosa cena:

Por fim, peço licença aos caros leitores para resumir a felicidade e a gratidão resultantes da minha eterna paixão pelo Beirute. Creiam, literalmente, levei o Bar-restaurant para meu apartamento. Tenho uma mesa como aquelas do Beirute (inclusive com os “bancos duros e desconfortáveis”). Quando descobriram a réplica, fui presenteado com dois conjuntos completos de pratos personalizados do Beirute. Regularmente sou suprido de cardápios, toalhas americanas (“Balaio do Beirute”) e também com as indispensáveis “bolachas” que suportam os copos americanos suados com cervejas geladíssimas, prevenindo o alagamento da mesa. Como se não bastasse, ainda recebo todas as novidades que, com o tempo, surgem sobre o Bar.

Nem precisaria dizer que, com a eficácia do serviço de entrega, tenho o Beirute estando em casa. Desculpem, sou feliz e sei disso. (FONSECA, 2010).

No *Piauí*, o grupo de frequentadores, os “amigos do bar *Piauí*”, falam do bar em termos de extensão do lar. Em entrevista, Sr. *Bancário*, um dos membros desse grupo, afirma que “muitas vezes está cansado em casa e desce para o bar para descansar e quando vê está voltando para casa cansado do bar”. Para Sr. *Bancário*, o ir e vir, o subir e descer entre a casa e o bar, seria como transitar entre cômodos da casa. Seu modo e maneira de viver o ambiente do bar revelam seu interesse e necessidade que se transmuta na intimidade com o lugar.

Sr. *Bancário* conversa:

Cada um faz seu lazer, cada um escolhe o que fazer... Como eu sou uma pessoa muito caseira, meu tempo livre é muito mais restrito, eu fico em casa com minha esposa, juntamente com ela. De vez em quando desço, encontro os amigos e logo volto pra casa. Ela sabe que eu estou aqui embaixo.

Bachelard (1996) afirma que “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. Assim, ele argumenta que o significado de intimidade que faz com que determinado espaço passe a ser percebido como espaço privado, como casa mesmo fora dos limites físicos da moradia deriva do ato de frequentar, morar, habitar. Na sua perspectiva, o espaço habitado passa a ser chamado de lugar e, por isso, ganha o sentido de casa. Fenomenologicamente, a noção de lugar tem a ver com a presença da experiência. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo.

Para o antropólogo Roberto da Matta (1987), os indivíduos e os grupos sociais instituem valores e significados diferentes para a casa e para a rua. Na esfera privada e na esfera pública, os indivíduos desenvolvem comportamentos distintos e, conseqüentemente, sensações de conflito, pois, não se podem viver da mesma maneira os qualificativos ligados ao interior e ao exterior. Todavia, se a casa e a rua são dois mundos opostos, eles também são complementares, pois é a existência de um que justifica a presença do outro, permitindo a sua compreensão.

Igualmente, como bem descreve Bachelard (*op. cit.*), o exterior e o interior tramam-se em uma dialética que não se restringe ao limite físico, mas que engloba também comportamentos sociais, uma vez que, para esse mesmo autor, a casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. O diálogo entre a casa e

a rua, entre o interior e o exterior – marcados por suas diferenças –, se complementam.

O bar, enquanto espaço e tempo de lazer, se conecta a um lugar exterior e a outro interior. Em sua relação com o exterior, da forma como tratado até aqui, parece carregar um valor de interação conflituosa com a lei e a ordem. Mas, ele existe, e se projeta. Não é mais um lugar que reúne marginais da sociedade. Dessa maneira, a representação simbólica do bar como “lugar do vício e da solidão” não cabe mais, considerando o bar como espaço e tempo de consumo de lazer nos dias atuais. Agora o bar, observado e vivido, é lugar agregador, de frequência e ajuntamento de pessoas.

Em seu interior, o bar possibilita representações e vivências múltiplas. Na intimidade de seus espaços internos, ele agrega proprietários, funcionários, ajudantes e frequentadores. Atores da trama que é urdida cotidianamente e que faz dos bares um lugar de se frequentar. O que fariam os “amigos do *Piauí*” se não existissem as manhãs no bar, suas rodas de conversas, de brincadeiras, de riso e comensalidade? Onde se encontrariam os “amigos do *Maverick*” se não houvesse o *Paulicéia* para seus encontros pontuais das quartas-feiras?

As pessoas não se reúnem para conversar em uma sala de cinema, em um teatro ou em um estádio de futebol. No bar se pode conversar sobre filmes, espetáculos, jogos. O bar é o lugar da fala, do palpite, da crítica, onde se pode falar e escutar. O vídeo-entrevista *Alcoolistas anônimos no bar*, produzido para o quadro *A palmatória*, do site Viver em Brasília, mostra um roteiro de entrevistas que confirma esse argumento. Em outro produto audiovisual, realizado no *Meu Bar*, o proprietário, Zé, em conversa afirma: “você já viu alguém conversando no cinema? No cinema ninguém conversa não!”⁷⁶.

Observando os bares, pode-se ficar a imaginar que espécie de outro negócio poderia ocupar os proprietários e alguns funcionários desses estabelecimentos. O papel de proprietário de bar cai tão bem ao Zé do *Meu Bar*, ao *Chiquim do Piauí*, ao Sr. *Generoso do Paulicéia* ou ao Sr. *Tradição do Beirute* que a imaginação cessa: atores presos a um papel único, impagável, eternizado. Por serem do *elenco* principal, às vezes, falta-lhes tempo para a conversa com

⁷⁶ *Memórias póstumas de bares e culpas*. Documentário. Direção: Jacques Sanfilippo, Gilberto Barral, Maíra Zenun. Brasil. 3min.

frequentadores, mas a generosidade com que se dão ao trabalho para a diversão do público compensa a passagem, o convite, a entrada no recinto.



Foto 36 – No meio da tarde, tranquilidade e espera

Muitos funcionários de bar encontram nesse trabalho sua vida. O garçom Sr. Ciço, do *Beirute*, por exemplo, devido aos “serviços prestados à cidade” foi agraciado em 2007, com o título de Cidadão Honorário de Brasília, láurea da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Vê-se que os créditos a esses funcionários e ajudantes vão além das gorjetas. O serviço que prestam ao funcionamento do bar é intrínseco ao crescimento e movimento do negócio. No bar

Piauí, ser atendido pelo *Soza* ou pelo *Cabelim* faz diferença. Há frequentadores que escolhem determinadas mesas porque sabem que nessas serão atendidos pelo seu garçom preferencial: bom trato, conforto, intimidade.

Embora a grande maioria dos bares seja locais públicos e semipúblicos, frequentá-los e consumir seus produtos e equipamentos é uma condição privada. Buscar um bar como lazer é ocupar um tempo e um espaço do cotidiano para o descanso, o prazer e, mesmo, uma reserva ou um distanciamento das obrigações sóbrias. O interior do bar pode proporcionar esse descanso e essa intimidade. Em uma sessão de fotos no bar dos *Cunhados*, pode-se compreender essa medida de intimidade que o frequentador busca na ambiência do lugar.

Em uma tarde de quarta-feira, conforme combinado com um dos proprietários do estabelecimento, compareci ao local equipado de máquina fotográfica e filmadora. A intenção era conversar com o proprietário e capturar a entrevista em material audiovisual para fins de pesquisa e de produção de um vídeo. Fotografava o ambiente, na intenção de selecionar os melhores enquadramentos para a filmagem, quando fui surpreendido por um casal que estava no bar. O casal quis explicações sobre as fotografias. Informei-lhe que se tratava de um trabalho de pesquisa. A explicação não serviu, o casal queria ver as fotos.

Em tom de intimidade, o casal me revelou que eram amantes e que corriam o risco de estarem sendo observados. Segundo a mulher, a esposa de seu amante, desconfiada do marido, já tinha “inclusive colocado detetive particular para espionar” o caso. O homem, com maior insistência, sugeria que eu seria um detetive. Em determinado momento, fez ameaças. Disse que se eu “complicasse a sua vida, ele iria atrás de mim”. A situação tornou-se mais íntima quando a mulher começou a chorar e pedir-me a “verdade”. A minha “verdade” de pesquisador não os satisfez, foi preciso abrir o arquivo de imagens da câmera fotográfica, mostrar-lhes as fotografias para trazer a “verdade” ao casal: não havia imagens deladoras, invasivas⁷⁷.

Outra situação semelhante, no que tange ao uso da fotografia e do vídeo, foi observada em dois outros bares durante a pesquisa. No bar *Paulicéia*, eu

⁷⁷ O diálogo entre o pesquisador e a fotógrafa Maíra Zenun é recorrente em conversas e sugestões sobre o uso de imagens e áudio para produção de imagem. Não passou ao largo a discussão de normas acerca do uso e reprodução de imagem e som. (Lei 9.610/1998).

produzia fotografias panorâmicas, com o objetivo de capturar imagens sobre a ocupação e o uso que os bares vêm fazendo das áreas públicas, particularmente das áreas verdes, quando fui interrompido por uma senhora⁷⁸. Ela havia sido atingida em sua busca de intimidade com seus convivas no bar. Era seu aniversário, o bolo sobre a mesa acusava o evento, contudo eram 13h. Pelas roupas que vestiam, parecia que o grupo era de colegas de trabalho, mas bebiam e se divertiam em um tempo provavelmente não apropriado, não livre para o lazer.

No bar *Piauí*, quando da realização de uma entrevista gravada com recursos do audiovisual, com o grupo dos “amigos do bar Piauí”, problema semelhante aos citados anteriormente ocorreu. O Sr. *Delegado*, policial aposentado da Polícia Federal, aceitou a entrevista; contudo, exigiu que seu rosto não aparecesse nas imagens. Em seu pedido, anexou a informação de que como delegado de polícia “não ficava bem aparecer em bar bebendo”, principalmente, acrescentou, em uma roda de amigos, se divertindo pela manhã, embora essa fosse conduta e comportamento cotidiano do grupo.

As condutas e comportamentos das pessoas no bar, espaço de sociabilidade e socialização, seguem as regras e as ordens que se constroem na vivência cotidiana. Mas, em muito, esse ordenamento interior do bar tem a ver com o modo como os indivíduos e os grupos se comportam em lugares públicos de ajuntamento de atores. Agências reguladoras, as leis, os proprietários e funcionários, os frequentadores, toda a rede de interdependência traz a demanda de como deve ser a ambiência do bar.

Nas paredes dos bares, encontram-se afixados cartazes e placas, alguns genéricos, outros específicos, com mensagens tais como: “é proibido fumar”, “é proibido entrar sem camisa”, “não vendo fiado”, “é proibido som automotivo”, “se for beber não dirija”, “é proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores”, entre outras. A lista é extensa. Essas tabuletas trazem informações mínimas aos frequentadores. Existem outros códigos de condutas que os bares, em suas especificidades, constroem nas práticas cotidianas de viver e representar o lugar.

⁷⁸ A fotografia panorâmica busca atingir o maior campo de visão possível da imagem. Esse enquadramento a fotografia panorâmica tem o objetivo de “ver” em uma angulação maior que a do olhar humano. Em termos de tecnologia digital, é possível hoje, com uso de softwares, produzir e combinar fotografias em imagens de até 360 graus. (ALMEIDA, 1985; SMITH, 1975; AUMONT, 2007).

Manter a ordem do bar, para os proprietários, é se envolver em uma série de leis e ordens. Para além da interação com a lei e a ordem da vizinhança em suas conexões com o espaço exterior, o bar ainda segue orientações, prescrições e regulações sobre seu espaço interior. A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), em nível nacional, e o Sindhobar, órgão dos bares em nível local, trazem cartilhas com

dicas e legislação sobre higiene no trabalho e conduta dos bares: alimentos de origem animal, proteção de alimento, higiene do pessoal manipulador dos alimentos, abastecimento de água, lavatórios, sanitários, lixo e restos de alimentos, insetos e roedores, limpeza de tetos, paredes e pisos, iluminação, ventilação, vestiários, outros cuidados. (*Sindhobar*). (Grifo meu).

O grifo da citação mostra como aspectos mais amplos da rede de interdependência regulam as maneiras de usar e ocupar o bar. A conduta dos bares também passa por outra série de regulações, que são as taxas e impostos. A *Abrasel* apresenta o rol: ISS, IPTU, Imposto de Renda, INSS, COFINS, Ecad, Contribuição Sindical, Alvará de Funcionamento, Bombeiro, Energia Elétrica, Água e Esgoto e outros tributos e tributáveis que orientam a conduta dos bares em Brasília⁷⁹. Esse documento, o Código de Conduta dos Bares e Restaurantes, com o apoio do Ministério do Turismo e do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) foi elaborado da seguinte forma:

O processo de produção deste documento foi iniciado em novembro de 2005. Ele passou por consulta pública para receber as contribuições da sociedade e foi concluído pelo Comitê de Ética da Abrasel que apreciou e acatou algumas das sugestões enviadas. O Código define valores e princípios que nortearão a atividade desenvolvida pelo setor de alimentação fora do lar e suas relações com os diversos públicos de relacionamento, como fornecedores, clientes, comunidade, entre outros. Ele abrange ainda os campos mais vulneráveis e importantes para o segmento, dentre os quais se destacam a implementação das Boas Práticas para fabricação e manipulação dos alimentos e o combate à exploração sexual infanto-juvenil. (ABRASEL, 2006).

⁷⁹ O Código de Conduta dos Bares e Restaurantes é um produto da Abrasel e disponibiliza uma série de informações aos seus associados.

2.4 BRIGAS DE BAR EM BRASÍLIA: SOCIABILIDADE E SOCIALIZAÇÃO

A vida cotidiana no bar tem regras, mas isso não impossibilita a sociabilidade. Existem outras normas e comportamentos que os proprietários, funcionários e frequentadores devem seguir e desenvolver, em se tratando de condutas de bar. Em uma manhã de sexta-feira, no bar *Paixão*, um frequentador trouxe o tira-gosto especial: carne de caça cozida. Seu nome, *Botafoguense*, jovem advogado, casado, filho de fazendeira, bebe o dia inteiro. Ele é muito querido pelo proprietário do estabelecimento e por grande parte dos frequentadores. Morador da superquadra desde o nascimento, todos o conhecem na vizinhança. Mas bebe muito, e isso não agrada grande parte dos frequentadores, que são em geral aposentados, que “venceram na vida”. Migrantes que vieram construir Brasília e agora podem descansar. Em outras palavras, têm o lazer como direito, a preguiça como direito. (LAFARGUE, 1980).

Em conversas com *Planaltino*, o proprietário do bar, e com “ilustres frequentadores” do lugar, a informação generalizada era a de que *Botafoguense* não se comportava mais dentro da normalidade. Todos os frequentadores do *Paixão* consumiam bebidas alcoólicas, mas não como *Botafoguense*. Ele estava exagerando e mudando seu comportamento e conduta. O que a comunidade esperava de *Botafoguense* era sua simpatia de sóbrio e comportamento alcoólico como o de seus pares: beber, mas não ficar bêbado. Bêbado é uma categoria que os bares pesquisados não aprovam, estes têm sua graduação e limite.

O saber beber e as maneiras de beber tangenciam a biologia e as ciências médicas; contudo, a sociologia e a antropologia consideram que as práticas sociais e culturais do ato de beber e de frequentar bares transcendem apenas o consumo de bebidas alcoólicas. O pesquisador Eduardo Zanella, tomando o conceito de “maneiras de beber” da antropóloga Delma Pessanha Neves (2003), coloca da seguinte forma:

O conceito “maneiras de beber” de Neves sintetiza bem essa abordagem: tratam de “construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem ‘prescrições e proscricões’”. A prática social de beber está, então, inserida em um conjunto de valores, representações e organizações sociais, e estas, por sua vez, nunca são as únicas possíveis: cada sociedade, grupo ou cultura elabora

momentos, bebidas e lugares propícios para sua realização. Assim, para compreender quais são os limites, os excessos e as permissões das maneiras de beber, é necessário tanto entender as relações entre essas noções, visto que são definidas pelo mesmo conjunto de valores, quanto situar o consumo alcoólico dentro da conjuntura particular em que sua prática se realiza. Isso implica não se ater às bebidas em si, mas atentar para sua relação com outros elementos importantes para a configuração do contexto em que seu consumo acontece. (ZANELLA, 2011: 1-3).

É nesse sentido que esta tese compreende o significado do bar para as pessoas que ali bebem e na sociabilidade que se origina a partir dessa prática. A observação do comportamento de dois frequentadores de bar, o jovem *Botafoguense* e o adulto *Bombeiro Militar*, consiste na apresentação dos elementos, a partir dos quais proprietários, funcionários e frequentadores de alguns bares de Brasília constroem as permissões e transgressões referentes aos usos e abusos do álcool.



Foto 37 – Autênticos tira-gostos em autêntica vitrine

A comida que *Botafoguense* trouxe como tira-gosto, um prato à base de carne de tatu, cozida com cebola, tomate e pimentão, veio servida em uma bandeja enfeitada com folhas de alface. À mesa da lateral do bar, estavam sentadas quatro pessoas, foi nela que *Botafoguense* depositou o prato, alcançou uma cadeira e

sentou-se. Eram 10 horas, as pessoas bebiam, mas o tira-gosto não agradou a ninguém da mesa.



Foto 38 – Mais bebida e comida: uma receita contra a bebedeira

O movimento no comércio já era intenso. Os domicílios e as lojas ocupavam o telefone e os serviços de *Bicicletino*, entregador de bebidas do bar *Paixão*. A sexta-feira é um dia especial para os bares. *Bicicletino* gosta, pois a gorjeta aumenta. No entra e sai com a bicicleta e os pedidos, ele está sempre sorrindo e brincando. Sentado em um banco de madeira, ao lado dessa mesa acompanhando a situação, perguntei para *Botafoguense* onde tinha conseguido o tatu e ele disse, meio desdizendo, em um sussurro, quase não falando, que foi para “as bandas da fazenda” de sua mãe.

Um frequentador do bar, *Sr. Atleta*, que acabara de chegar e fora apresentado para o prato do tira-gosto disse, com um sorriso, misto de zombaria e repreensão: “Você foi longe, hein! Isso é crime, hein! Não, obrigado”. Deu um “tapinha” no braço de *Botafoguense* e foi para um outro lado da mesa cumprimentar as outras pessoas. *Mineirinha*, a cozinheira de um restaurante próximo, passando pelo *Paixão*, viu o prato de tira-gosto. *Botafoguense* falando sobre a comida lhe ofereceu, ela, recusando, disse: “Eu não gosto desse bicho não!”.

Botafoguense já estava bêbado, eram 10h30min. O tira-gosto se esfriava sobre a mesa. Ou *Botafoguense* chegara cedo demais com a iguaria, ou as pessoas não gostavam ou conheciam carne de tatu. Ou até mesmo se sentiram constrangidas em “participar de um crime ecológico”. *Botafoguense* começou a andar pelo bar com a bandeja com o tira-gosto à mão e a oferecer para os presentes e os que iam chegando. Por curiosidade em saber o gosto da carne, apanhei um pedaço, tentei comer, mas estava um pouco fria e parecia pouco cozida, o gosto era razoável, mas fria e dura não me apeteceu. É uma carne com linhas de gordura, de modo que, fria, fica meio empastada, tornando-se insossa ao paladar.

Irritado com a recepção e o fiasco de seu tira-gosto, *Botafoguense* pegou a garrafa de uísque que trouxera consigo e foi sentar sozinho em outra mesa. Ele, a bebida, o tira-gosto e seu mau humor de bêbado. Sóbrio ele era simpático e querido. Agora, bêbado, todos no bar falavam dele, riam, faziam chacotas e piadas, com razão. A ordem dos frequentadores e do proprietário do *Paixão* não suportava a condição atual de *Botafoguense*. Ele precisava reagir, agora que teve uma lição da ordem do bar. Sentar em outra mesa aumentou o grotesco em seu comportamento e exagerou o riso da plateia. *Botafoguense* era a piada. A cena a não ser repetida e a pessoa virar a *figura carimbada*⁸⁰.

Outra maneira de beber “como direito” foi observada em uma quinta-feira, aproximadamente às 20h. No *Bar do Careca*, encontram-se dois grupos de homens sentados em mesas separadas. Em uma delas estão quatro homens, com idades entre 25 e 40 anos. Em cima da mesa deles 12 garrafas de cerveja, nesse momento, e uma bandeja com tira-gosto, *frango à passarinho*⁸¹. Em outra mesa, na lateral do bar, outros quatro homens, na mesma faixa etária, também entre 25 e 40 anos, bebem. Quatro garrafas de cerveja sobre essa mesa. Este último, grupo de moradores da Vila Planalto; o primeiro, da outra mesa, trabalhadores da construção

⁸⁰ *Figura carimbada* é gíria que designa a pessoa que sempre repete o lugar de frequência. Gíria provavelmente surgida nos anos 1960 que mais à frente será aplicada em outra situação onde pode ser mais bem compreendida.

⁸¹ *Frango à passarinho* é um tipo de prato feito à base de cortes de frango, geralmente a asa. Os cortes são fritos em óleo quente e depois são servidos com um molho de alho e azeite por cima dos pedaços de frango. O *frango à passarinho* é um tira-gosto tipicamente brasileiro, é servido em muitos bares, em vários lugares do país. Uma porção deste tira-gosto custa em média de R\$ 14,00 a R\$ 19,00 nos bares pesquisados. Imagens e receitas disponíveis em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3pG2d9n7kz4>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

civil que estão acampados em Brasília, na Vila Planalto, para construírem as “obras da copa do mundo”. São de outras regiões do país, trabalhadores de uma empresa que faz grandes obras em vários estados.

A prática de enfileirar vasilhames de cerveja sobre a mesa tem uma série de significados: transparência na contabilidade para os frequentadores e o bar; concursos etílicos; masculinidade e moral; comemorações e festejos; capacidade de consumo; ajuntamento juvenil, entre outros. Enfim, é uma maneira de beber que já havia observado na pesquisa para dissertação de mestrado entre jovens em Brasília. Observo que essa prática, nos bares pesquisados, informa sobretudo comportamentos masculinos entre jovens e adultos. Contudo, nem todos os ajuntamentos de pessoas e nem todos os bares pesquisados adotam ou permitem essa prática.

Outra forma de beber, que aponta a capacidade de consumo do grupo, é colocar uma grade⁸² vazia de vasilhames de cerveja ao lado ou sob a mesa, como o fazem alguns grupos de “ilustres frequentadores”, no bar do *Piauí* ou do *Meu Bar*. Quando esses grupos chegam e ocupam uma mesa, os funcionários ou proprietários que lhes atendem, já conhecendo essas suas práticas, trazem uma grade vazia para eles irem depositando os vasilhames de cerveja consumidos, vazios.

Esse beber em grandes quantidades é analisado por Pierre Bourdieu como sendo o alimento masculino dos bares; e a bebida alcoólica, considerada uma substância que sustenta o corpo masculino. O controle social de sua ingestão ensina que o homem tem que saber beber. A bebida reproduz a virilidade: beber muito e continuar de pé se relaciona ao fálico. Agindo dessa maneira, conquista o respeito dos demais e se “torna homem”. (BOURDIEU, 2011).

Da mesa desses trabalhadores vinham assuntos relacionados ao dia de trabalho. Um dos homens, o mais loquaz, falava dos feitos do dia, com orgulho da equipe. Um lazer como forma de alívio das tensões do trabalho. Em sua fala, ele era um herói, um trabalhador melhor que os outros, e isso era fruto do trabalho de sua

⁸² Segundo o site da empresa Gerais Plástico Indústria e Comércio, a grade de cerveja é “um produto resistente com alta qualidade e durabilidade ideal para transporte e armazenamento de cerveja”. Suas dimensões externas são (altura x largura x comprimento, em cm): 15,8 x 58,4 x 66,6 cm. É feita de Polietileno de Alta Densidade (PEAD). Seu peso é de 2,190 kg. Informações disponíveis em: <<http://www.geraisplasticos.com.br/produtos/pt-br/ler/19/grade-de-cerveja-litro>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

equipe. “Nós batemos as outras turmas. Eu ficava rindo, vendo a gente já lá na frente e eles lá atrás. Amanhã nós vamos fazer do mesmo jeito”. E brindava e bebia com gosto sua cerveja.



Foto 39 – Dedicção e cuidado com as normas de higiene

Em conversa com *Negomano*, funcionário do *Careca*, surge a conversa sobre o “saber beber”. Ele diz que quando vai ao bar, sua proposta “é ficar bebo”. Perguntando sobre a condição do bêbado no bar onde trabalha, ele responde:

Aí vai da administração da sua casa. Porque o botequero tem que saber até que ponto ele pode servir a pessoa. Bêbado é diferente de chato. Eu não vou servir o cara até ele cair... eu tenho que falar com ele. (*Negomano*, funcionário).

Uma situação inusitada, que somente a observação direta e prolongada pode ocasionar, acontece. Nesse momento de nossa conversa, um frequentador, levantando da mesa em direção ao balcão, tropeça, como se estivesse bêbado. *Negomano* logo diz: “Oxi!”. Expressão que nesse contexto, significou um alerta do tipo “calma”, “se segura”. E se o frequentador não estava bêbado, contudo, caminhava com dificuldade. Entretanto, ele pediu mais uma dose da bebida que

consumia e foi-lhe concedido o pedido. Questionado na sua conduta, *Negomano* informou que aquele frequentador era “gente boa”, ou seja, podia beber mais.

O estabelecimento comercial denominado *bar*, entendido como um lugar sobretudo de conversação, entretenimento é uma forma de lazer que contribui para aspectos significativos da vida urbana. A comunidade do espaço do bar tem força e ordena determinadas ações e condutas. Aproximando o bar da categorização proposta pelo professor Luís Antonio Machado Silva⁸³, em sua pesquisa sobre um tipo específico de bar, o *botequim*, percebe-se que

as características “comunitárias” do botequim são redefinidas, pois inserem-se num contexto novo. Pelo menos em termos ideais, a comunidade tradicional basta-se a si mesma, é um sistema fechado. Neste sentido, ela se autojustifica: ela é o mundo. O botequim, pelo contrário, está inserido no meio urbano, faz parte integrante do sistema de mercado, relacionado à sociedade de consumo. Apesar disso, o tipo de relações sociais que se desenvolvem no botequim permite que surja um “sentimento de comunidade” entre os fregueses. Entretanto, é uma comunidade com roupagem nova: o “mundo” é a cidade, o sistema urbano-industrial – muitíssimo mais amplo que ela. Assim, o botequim como “comunidade” transforma-se numa “ótica” que contribui para dar sentido àquele mundo, interpretando-o. Além disso, frequentar o botequim, na medida em que ele é parte do “novo mundo”, é “conquistar” o sistema urbano-industrial. O freguês sente-se integrado e participante de um todo mais amplo, enquanto parte de um microcosmo que é, ao mesmo tempo, uma defesa contra o macrocosmo desconhecido e incompreensível. Em resumo, o botequim é o símbolo de um esforço no sentido de participar de um universo novo (e uma “ponte” para isso) por parte de certos grupos desamparados pela ruptura dos esquemas referenciais da “sociedade tradicional” (SILVA, 2011)⁸⁴.

Embora estudando um tipo específico de bar, que são os botequins da periferia do Rio de Janeiro, Silva (2011) nos traz questões importantes para se pensar sobre a sociabilidade do bar: bebidas e comidas que são consumidas, as conversas entre frequentadores, os conteúdos dessas conversas, as brincadeiras, a interação lúdica, a relação entre proprietários, funcionários e clientes. É rica sua

⁸³ Professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luís Antonio Machado Silva coordenou pesquisa pioneira no campo da sociologia em bares do Rio de Janeiro em 1969.

⁸⁴ O sentimento de comunidade se estende às redes sociais do tipo *Orkut* e *Facebook*. As comunidades do *Orkut* e as páginas do *Facebook* dos bares são, em sua grande maioria, criadas por frequentadores do bar. O tom é o mesmo do bar: futebol, política, recomendações éticas e gastronômicas, humor, brincadeiras.

perspectiva metodológica e seu trabalho etnográfico. Contudo, as conclusões a que chega o autor não podem ser apreendidas para se pensar os bares de maneira mais ampla e, especificamente, os bares de Brasília.

Observando e descrevendo a sociabilidade dos botequins, uma das conclusões a que chega Luís Antonio Machado Silva é que deve haver entre o proprietário do estabelecimento e o frequentador uma distância necessária, um não envolvimento. O proprietário não deve dar regalias ao cliente, pois senão pode se tornar uma relação amistosa, o que abriria o precedente para, por exemplo, o proprietário não conseguir colocar ordem no estabelecimento, ou dar a chance de o frequentador, em algum caso, “pedir fiado”⁸⁵.

Os bares pesquisados em Brasília não oferecem esses riscos apontados por Silva (2011). A “ordem no estabelecimento” depende em muito de seu proprietário, mas diz respeito também aos funcionários e frequentadores. O que perturbaria a ordem do bar, em sua ambiência interna: desentendimentos, brigas ou confusões; qualidade do atendimento, produtos e serviços; comportamento ou conduta de determinados indivíduos e grupos; lugar de encontro. Contudo, nos bares pesquisados, muito raramente se observaram situações de “perturbação da ordem”.

Embora não seja intenção aqui discutir, teoricamente, violência em suas formas e conteúdos, não se pode deixar de lado esse tema, pois muitas são as representações de bares como lugar perigoso, violento⁸⁶. Contudo, os bares como lugares violentos aparecem com maior recorrência nas estatísticas das periferias. Mata-se e morre muito em bares na periferia: o frequentador fica bêbado e torna-se agressivo, violento. Poucos foram os casos de violência observados nos bares

⁸⁵ É muito comum em bares pequenos, em botecos ou botequins, que são modelos de pequenos bares, alguns frequentadores recorrerem a esse tipo de negócio para consumirem. Fiado, diz-se da venda para se pagar em outra oportunidade. O fiado, diz-se, é um péssimo negócio para o proprietário e em muitos casos para o cliente. É muito comum, em estabelecimentos comerciais dessa natureza, placas, cartazes e outros meios de publicidade, em muitos casos jocosos, sarcásticos que indicam a proibição do fiado. Do ponto de vista da sociologia dos bares, o fiado mereceria, em lugar oportuno, um estudo à parte. Os casos e as representações sobre essa prática comercial são riquíssimos. Comerciantes e alguns consumidores afirmam que “bebida e cigarro somente no dinheiro”. Tem sido prática de alguns mercados, armazéns, mercearias, e mesmo bares e restaurantes, por exemplo, de não venderem esses produtos – cigarro e bebida – em transações com cartão de crédito ou cartões-alimentação.

⁸⁶ A discussão sobre violência pode ser teorizada a partir de autores como Yvés Michaud (1989), Pierre Bourdieu (1989), Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (2001), entre outros autores.

pesquisados. Em termos de uma relação centro/periferia, os bares pesquisados ocupam o centro.

Delegacias, páginas policiais e pesquisas mostram dados sobre perturbação da ordem e brigas em bares⁸⁷. Em bares alhures⁸⁸. O bar, em realidade imaginada e em seu espaço interno, é lugar de lazer, mas o lazer conduz a ações e atos. O lazer existe como atividade, como fazer. Um bar na cidade de São Paulo oferece, como lazer residual, brigas entre frequentadores. Por isto, é preciso relatar e compreender esse tipo de vivência e representação sobre o bar. Esse imaginário pesa sobre as representações e vivências em bares. Um caso interessante sobre brigas nesses estabelecimentos acontece em um bar em São Paulo, conforme a reportagem “Mortes e violência, esse é o lema do Bar do Viola, na periferia de São Paulo”:

Brigas, mortes, safanões e pancadaria. Essa é a rotina do Bar do Viola, no Jardim Ângela. Parece coisa de filme, mas não é. O Bar do Viola, situado numa das regiões mais pobres de São Paulo, tem uma fama funesta de ser um reduto de violência. Os vizinhos já se acostumaram com as brigas quase diárias e a polícia já não se importa. O botequim virou uma terra sem lei.

O pequeno estabelecimento comercial além de abrigar criminosos e trombadinhas de diversas estirpes, ainda atrai muitos curiosos e frequentadores fiéis, animados com a violência rotineira.

⁸⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cfM4PdiAJ2U&feature=related>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=cfM4PdiAJ2U&feature=related>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=vq7y0c8PTg8>>. Acessos em: 04 nov. 2011.

⁸⁸ O audiovisual, a literatura, a música e as artes sempre exploraram o bar em seus produtos. No caso dos produtos audiovisuais, muito raramente o bar não aparece em alguma cena. Em alguns casos, como o foi no cinema *western*, o bar torna-se uma locação central, e é representado como lugar de confusão, brigas e acerto de contas, de justiça pelas próprias mãos.



O balconista Maikol Souza, frequentador do bar, conta que sempre aparece no bar para tomar uma cerveja depois do expediente e assistir algumas brigas. “Eu sempre venho com o pessoal da firma aqui pra tomar umas cangibrina e assistir umas porradas. Mas a gente gosta mesmo é quando dá morte.” conta.

Seu Viola, dono do bar, conta que já cansou de baixar as portas e somente se incomoda em limpar as poças de sangue, tarefa quase diária. “Todo dia tem briga, bate-boca e o pessoal sai no braço mesmo. Eu não me incomodo mais, pelo contrário, isso aumentou muito a clientela. É meu ganha pão, não posso ficar sem abrir o bar por causa de um ou outro que morre. Senão ficava fechado todo dia.”

O dono do estabelecimento antes cansado com a violência, diz que resolveu investir nela. “Antes eu permitia que entrassem com revólver, mas agora eu proibi qualquer tipo de armamento. Aqui no bar quem quiser brigar tem que ser na mão ou alugar alguma arma daqui.”

O bar já conta com diversos tipos de armas para aluguel como: facas, punhais, facões, porretes, tacos de baseball, estiletes, *nunchakus* e mais algumas outras armas brancas.⁸⁹ Seu Viola avisa que proibiu arma de fogo porque as brigas acabavam muito rápido com elas. “O pessoal aqui quer ver sangue, mas com um pouco de pancadaria antes. Com revólver o pessoal já atirava e acabava. Isso afastava a freguesia.”

Quando a noite acaba sem mortes, as vendas caem e os clientes reclamam. O garçom Reginal lamenta noites assim “Quando não tem morte o pessoal se recusa a pagar os 10%. Eles acham que a culpa é nossa. Por isso eu sempre estimulo as brigas, conto uma fofoca aqui e outra ali para atizar os ânimos e não ficar sem a minha grana” ri.

⁸⁹ *Nunchakus* é uma arma de artes marciais do conjunto de armas do kobudo e consiste de dois bastões pequenos conectados em seus fins por uma corda ou corrente. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Nunchaku>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

A sinuca é o esporte preferido dos frequentadores do bar e é geralmente durante os jogos, que a maioria das discussões tem início. “O pessoal joga valendo torresmo e *rollmops*⁹⁰. Depois de umas e outras pingas já começa a discussão e o pessoal bota lenha na fogueira, porque a negada quer ver é briga.” Conta um cliente que não quis se identificar.

Outro cliente que não quis se identificar, disse que apostou a vida num jogo de sinuca. “Eu tinha uma rixa com um sujeito aí e decidimos resolver na sinuca. Quem perdesse, pagava com a vida. Ia ser decisão na melhor de três, e na ‘nega’ o fulano perdeu e disse que era melhor de cinco. Aí eu perdi e o quebra pau começou, tomei 12 facadas, mas graças a Deus sobrevivi.”

Os vizinhos do bar reclamam do barulho, da violência e da inércia da Polícia. A faxineira Jussara diz que a PM sempre aparece no final da noite, quando a confusão já acabou. “Eles sempre aparecem aqui depois do ocorrido, nunca no meio ou antes. Inclusive eu fiquei sabendo que os policiais fazem um bolão com prêmio pra quem acerta o número de mortes da noite.”

Apesar das noites de sangue, Seu Viola diz que não pretende fechar o bar. “A violência é que atrai o meu público. Sem ela eu não seria nada.” Questionado sobre o motivo dos clientes sempre retornarem ao bar apesar dos pesares, Seu Viola ironiza “Eles voltam porque eu faço o melhor *rollmops* da região.” Procurada por nossa equipe, a polícia preferiu não emitir nenhuma opinião oficial, apenas que irão averiguar o alvará do estabelecimento⁹¹.

A relação entre bares e violência tem sido uma das grandes causas de homicídios, principalmente nas periferias das grandes cidades⁹². Como se pode verificar no relato, proprietário e funcionários do estabelecimento concorrem para o funcionamento e a organização do bar. A ordem que colocam em funcionamento no lugar é a ordem que se estabelece. Esta é perturbada apenas “quando a noite acaba sem mortes, as vendas caem e os clientes reclamam”, assim o bar se desordena.

O relato ainda informa como se deu o processo de transformação do lazer em violência no lugar. Uma violência tácita e rápida não favorecia a permanência do

⁹⁰ *Rollmops* é um tipo de tira-gosto ou petisco feito à base de peixe salgado e dessalgado, particularmente o arenque, enrolado com pepino e cebola em conserva. É uma comida típica da culinária alemã, temperada e com sabor forte. Disponível em: <<http://heikograbolle.wordpress.com/2012/03/18/receita-alema-rollmops/>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

⁹¹ Reportagem de Raphael Mendes para o *Jornal do Povo*. Disponível em: <<http://bobagento.com/mortes-e-violencia-esse-e-o-lema-do-bar-do-viola-na-periferia-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

⁹² O Núcleo de Estudos sobre Violência (NEV/USP) tem divulgado dados que apontam nexos dessa natureza. Dados disponíveis em <<http://www.nevusp.org>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

frequentador no bar. Assim, o proprietário “proibiu arma de fogo porque as brigas acabavam muito rápido com elas. (...). Com revólver o pessoal já atirava e acabava. Isso afastava a freguesia”. E para implantar a ordem no estabelecimento, ele informa que “aqui no bar quem quiser brigar tem que ser na mão ou alugar alguma arma daqui”. O proprietário do bar aluga “facas, punhais, facões, porretes, tacos de *baseball*, estiletes, *nunchakus*”. E seu funcionário usa de “fofoca aqui e outra ali para atizar os ânimos” dos frequentadores para as brigas. Assim, o estabelecimento não fica sem trabalho e dinheiro.

O lazer pode servir-se da violência e tornar-se até espetáculo. (SILVA, 2003). A violência nos bares pesquisados em Brasília não tem a amplitude da violência do *Bar Viola*. Aproximadamente em seis anos de observação, poucas brigas foram anotadas. Em uma delas, no *Meu Bar*, uma mulher jovem, lutadora de box, desferiu alguns socos e pontapés no rosto de outra mulher adulta. A briga ocorreu por ciúmes. A mulher, boxeadora, que espancava a outra, dizia entre socos e pontapés, o motivo da confusão. A mulher que apanhava tinha se intrometido com o namorado da que batia. E a que batia era lutadora profissional de *box* e artes marciais, conforme informou um frequentador do lugar que assistia à briga em uma mesa ao lado.

A briga entre as duas mulheres foi rápida e, em certo sentido, um espetáculo entre bizarro, cômico e trágico. A mulher jovem, *The Boxer*, queria bater mais e a mulher adulta, que apanhava, também não se furtava à luta. As duas mulheres chegaram ao bar correndo e se atracando, derrubando cadeiras e mesas. O proprietário do bar e os frequentadores, final de noite, o bar quase fechando, incentivavam a confusão. No corredor lateral da loja, as duas pararam de correr, e foi o tempo necessário para a boxeadora desferir um soco direto no nariz da adversária, que esta caiu nocauteada. E o público intercedeu, fim do *round*. E fim de noite, *Zé* fechou as contas e encerrou o expediente.

Uma segunda confusão a ser relatada aconteceu no bar *Piauí*. Uma noite agitada de terça-feira, quando começa novamente a rotina semanal dos bares⁹³. A

⁹³ De terça a quinta-feira, o movimento noturno no *Piauí* é composto por um público mais conhecido, frequentadores mais assíduos: *DJs*, produtores de eventos noturnos, distribuidores de *fly*, estudantes de cursos diurnos, jovens e adultos homens e mulheres, moradores da quadra, frequentadores da casa noturna *Gate's Pub*, que oferece eventos, muito procurados, nesses dias, por um público jovem mais específico.

violência envolveu o *Sr. Bombeiro Militar*, de aproximadamente 40 anos. Filho de pai policial civil aposentado, mora na superquadra desse bar. Está sempre de bermuda, tênis, camiseta e boné. Frequenta o bar passando a maior parte do tempo embriagado. Transpirando violência, está sempre excitado, tenso, falando alto. Nessa confusão que o envolveu, agrediu um vendedor de incenso com uma cabeçada.

O agressor investiu várias vezes sobre o agredido, contudo este se safou como pôde, apesar do golpe na cabeça. A reação dos frequentadores e funcionários ficou entre passiva e atônita. Coincidência ou não, o vendedor personifica aquela vivência e representação mística incensada, quiçá incapaz de qualquer atitude violenta.

Seu motivo para a ação, descobriu-se com o vendedor de incensos, foi o de que este o “encarara”. “Encarar” ou ser “encarado” é um gesto ou conduta que encerra desconfiança, curiosidade, e pode ser motivo para interação. O sentido dessa interação vai depender dos interesses dos atores envolvidos. Uma pessoa “encarando” outra está, na maioria das vezes, esperando uma reação. Contudo, aqui “encarar” significa estritamente um “olhar chamando para briga”. Lutadores profissionais utilizam dessa performance em publicidade de suas lutas. O *Sr. Bombeiro Militar*, inclusive, pôde ser observado utilizando essa técnica, em busca de excitação e confusão.

“Figura carimbada”⁹⁴ no bar *Piauí*, esse *Sr. Bombeiro Militar* foi flagrado em outra confusão alguns meses depois. Em uma das raras exceções, estava sendo transmitido pela TV um jogo de futebol e o time para o qual torcia estava perdendo. Como quem já esperasse algo, voltei minha atenção para sua performance. Embriagado, ele torcia com ânimos exaltados, agredia, com palavrões e “encaradas”, alguns frequentadores que pareciam torcer pelo outro time. Expressões como “porra”, “caralho”, “merda” eram gritadas. Seu time jogava mal e ele ficava nervoso e barulhento com o jogo e, parecia, com todos no lugar.

⁹⁴ Muitos dessas *figuras carimbadas* frequentam o *Piauí* de bermuda, sem camisa, andam descalços ou de chinelos, são moradores da quadra. Num certo sentido, apresentam-se como os “donos do pedaço”, por morarem na quadra. Esse policial militar, segundo observações, pode ser enquadrado nessa tipologia. *Figura carimbada* diz respeito a uma gíria popular que designa “a coisa que se repete”. Esta gíria carrega um sentido pejorativo, principalmente quando no diminutivo “figurinha carimbada”, muito usado em outras situações, no cotidiano, para se referir a pessoas diminuídas socialmente.

Embora fosse “figura carimbada” nesse bar, alguns frequentadores não o conheciam. De repente, esse *Sr. Bombeiro Militar* soltou um grito mais alto e deu um soco em cima de uma das mesas do bar. A mesa partiu-se em duas, e ele ficou parado, na frente do frequentador dessa mesa, “encarando-o”. Esse frequentador, jovem de aparentes vinte anos de idade, “encarou-lhe”, entre enfurecido e seguro de si. Levantou, tomou a mão da jovem que o acompanhava, foi até o caixa, pagou a conta e saiu.

Em todos esses três casos de violência nos bares pesquisados, alguns podem ser relacionados a bebida, mas não aos bares. Diria, nos dois casos envolvendo o *Bombeiro Militar*, e o das mulheres, deveu-se mais ao comportamento do envolvidos. As brigas observadas nesses locais tiveram o bar como palco, mas o motivo pouco pode ser creditado às redes de interdependência de funcionamento e organização do bar.

Não há uma concorrência pela violência; tão logo iniciada, cessa. Não pela morte, como no *Bar Viola*, mas pela interferência do frequentador do bar, que se levanta, toma a mão da jovem que o acompanha, paga a despesa e vai embora; ou do vendedor de incensos que se defende, mas não reage. Limita-se, ainda, no constrangimento dos frequentadores e funcionários entre passivos e atônitos diante da violência. O “ajuste e acordo” é pela não violência.

Um caso de conflito sem briga pode ocorrer. No *Bar do Careca*, em uma segunda-feira à tarde, chegamos para jogar sinuca. Jogava com uma *Amiga*, quando fui surpreendido por um jovem que chegou e perguntou: “Por que você não pega alguém do seu tamanho?”. Parei, olhei para ele, eu não o conhecia, e quando preparei alguma resposta, apareceu um senhor com dois jovens ao seu lado. Nesse momento, o jovem que me abordou disse: “Ele tá dizendo que você vai quebrar a cara dele”, apontando para o senhor que se aproximou. De repente, a *Amiga* com quem eu estava jogando sinuca intervém e diz: “Que confusão é essa! O quê que vocês estão querendo, é briga!”.

Um dos jovens que chegava à mesa com o senhor, eu conhecia, era um dos pequenos traficantes das redondezas do bar. Ele também conhecia a amiga que estava comigo. A confusão parou por aí. As pessoas se dispersaram e voltamos ao jogo de sinuca. Após algum tempo, fomos embora. Voltei outras vezes nesse bar. Algumas vezes encontrei esse senhor e um dos jovens da confusão, mas não houve

nenhuma rusga. Tempos mais tarde, encontrei o jovem e acabamos falando da confusão. Ele não se lembrava direito do acontecido.

Sobre esse episódio, nada ficou esclarecido. A confusão fora bastante rápida, mas tanto pode ter relação com a presença da minha companhia, quanto da minha condição de, até então, estranho no bar, no lugar. Eu não morava na Vila Planalto, trazia algumas características de alguns moradores do Plano Piloto (embora a Vila Planalto também esteja no PP): chegar ao bar de carro, com uma mulher ao volante; jogar sinuca com uma mulher; algum gestual ou atitude *blasé* em relação aos outros frequentadores do lugar.

Em determinados dias e horas, o *Bar do Careca* potencializava algum tipo de conflito, isso porque se tornava um lugar de frequência de determinados tipos: grupos de jovens adultos frequentadores de academia, usuários de anabolizantes, moradores do bairro, filhos de pioneiros da vila e que possuem um certo sentido de posse do lugar, de “donos do pedaço”; um outro grupo de pequenos traficantes de drogas, particularmente maconha, cocaína e anabolizantes. Entre esses dois grupos era muito raro acontecer algum tipo de conflito. Ambos se sentindo, mais ou menos, os “donos” do bar. Tanto os proprietários do bar quanto seu funcionário mantinham relações com ambos os grupos. Membros do primeiro grupo, dos “ilustres frequentadores”, dividiam hábitos de lazer esportivo, musical e de diversão com *Gato*, proprietário do bar.

O que se quer afirmar aqui é que, embora o bar seja representado entre vários grupos sociais como lugar de violência, as brigas de bar em Brasília, aqui acompanhadas, foram solucionadas de forma razoável, sem vítimas fatais, ainda que isto não retire as conotações violentas dos eventos. Essas violências, contudo, não caracterizam os bares pesquisados. A teia de interdependência entre proprietários, funcionários e frequentadores se urde pela gentileza, pelo encontro, essa é a ordem.

O *modus operandis* do Sr. Bombeiro Militar no bar *Piauí*, em seu ato de violência se difere em muito de brigas de bares de determinadas áreas precarizadas da cidade. O caso do *Piauí* é uma ação isolada, de um ator em fúria consigo, com o outro, diria o senso comum, de “mal com o mundo”. Essas brigas ensinaram ao bombeiro militar as regras do bar. Seu pai frequenta o bar com “os amigos do Piauí” e as performances do filho pouco lhe agradaram, e ao grupo de amigos que

frequenta. O *Chiquim*, proprietário, desaprovou o comportamento do *Bombeiro Militar* e lhe indicou uma possível proibição de uso e permanência no bar.

A vida para o briguento *Sr. Bombeiro Militar* não estava tranquila. As pessoas do bar sabiam com quem ele andava: funcionários públicos usuários de maconha e cocaína, homens jovens e alguns adultos desempregados moradores da superquadra, mulheres jovens e adultas. Esse grupo não frequentava mais o *Piauí*, na realidade nunca frequentou cotidianamente. Eles apareciam entre a quinta-feira ao anoitecer e o entardecer do sábado. Também não era toda semana, às vezes davam um tempo, um intervalo quinzenal.

O *Sr. Bombeiro Militar*, desse grupo, era o que aparecia com mais frequência no bar, por ser morador da quadra, por ter dinheiro para gastar e de certo modo devido à figura do pai, “ilustre frequentador” e tido com muito respeito pelo *Chiquim*, pelos funcionários e ajudantes do *Piauí*. Em conversas, o *Sr. Bombeiro Militar* sempre falava com respeito do pai, dizendo que tinha que mudar os hábitos, pois seu pai andava triste com ele, chateado. E ainda dizia que, como bombeiro militar, ele não podia se comportar como vinha fazendo. Ele morava com os pais. Para continuar a frequentar sua casa, e mesmo o *Piauí*, teria que mudar sua conduta.

Suas confusões e brigas no *Piauí* lhe despertou um imperativo para a dignidade, uma necessidade de aprendizado de novas formas de interação social. Para ele, tornara-se importante gerenciar sua fachada, disciplinar seu comportamento social. Para voltar a ter crédito moral no bar, era preciso “arrumar sua aparência e sua apresentação pessoal (...) e começar a trilhar de volta o caminho da ‘realidade’”. (GOFFMAN, 2010: 37-38). Tanto no caso do *Sr. Bombeiro Militar* quanto no do *Botafoguense*, o que falava por eles eram suas origens familiares, seus laços de amizade no bar, seus comportamentos e condutas no lugar.

2.4.1 Proprietários



Foto 40 – Viúva do Careca, atual proprietária do bar

O que *Chiquim*, quando bêbado, encena e representa para seus frequentadores e a cidade, não tem muita ligação com o homem sóbrio, nervoso, incansável, do cotidiano do bar *Piauí*. No ano de 2010 abriu um novo negócio. Um restaurante, sob a administração de sua filha e seus três filhos. Fica do outro lado da “rua dos restaurantes”, na quadra 402 sul. O imóvel, uma loja de esquina no bloco D, com área construída no subsolo, no térreo e no segundo piso, soma aproximadamente 150 metros quadrados. A área externa lateral da loja é utilizada contígua ao restaurante. Sua localização é, em termos de área comercial de bares e restaurantes, um dos pontos mais valorizados na cidade.

A cobertura publicitária de Paula Pratini e Renato Acha, para um *site* da Internet, disponibiliza o seguinte conteúdo:

Considerado *point* da galera jovem da Asa Sul, o Piauí Distribuidora de Bebidas, localizado na CLS 403 sul desde 1985, agora tem nova filial na CLS 402 sul, praticamente em frente à matriz. Os famosos churrasquinhos servidos no prato acompanhados de mandioca, feijão tropeiro, vinagrete e farofa serão servidos em porções generosas no

famoso *happy hour* e durante toda a noite. “Só fecharemos quando o último cliente sair”, declarou empolgado Maico Gurgel, um dos filhos de “Seu Francisco”, dono dos dois estabelecimentos.

Com funcionamento a partir das 11:30 para almoço *self service*, o novo Restaurante e Bar Piauí promete agradar todas as tribos. “Serviremos comida caseira e saladas variadas durante o dia, e a noite petiscos e as tradicionais cervejas geladíssimas. Para incrementar o lugar serão transmitidos jogos dos campeonatos de futebol e vídeos musicais. A novidade também se estende ao acesso aos deficientes proporcionando maior conforto no bar e também nos banheiros”, conclui Maico. (Disponível em: Acesso em:)

Os bares pesquisados são, em sua maioria, propriedades familiares. Os bares *Piauí*, *Beirute*, *Paulicéia* e *Careca* já estão se encaminhando para uma segunda geração de administração, com os filhos dos proprietários, não somente assumindo funções no negócio, mas também, como no caso do *Piauí* e *Beirute*, abrindo novas lojas, filiais. O *Meu Bar*, na Asa Norte, é de propriedade de dois irmãos. O bar dos *Cunhados* de dois cunhados. Somente os bares *Paixão* e *Só Drink's* são de propriedades individuais, mas a esposa de *Planaltino*, proprietário do *Paixão*, nos dias de maior movimento, ajuda nos serviços.

Os filhos de *Chiquim* cresceram dentro do bar. Desde cedo vivenciando, experimentando e internalizando a sociabilidade de bar. A sociabilidade, aqui apresentada, marca o bar como lugar de vivência de comportamentos, condutas, performances, ordenamentos sociais de uso e ordenamento físico de ocupação do lugar. Os filhos de *Chiquim* não bebem. Muitos filhos de pais que bebem não desenvolvem os hábitos dos pais. Os filhos do *Chiquim* brigam com o pai quando este bebe, embora ele não beba sempre. Relacionam bebida com as cenas grotescas que assistiram de *Chiquim* bêbado no bar, mas *Chiquim* está firme e prossegue prosperando nos negócios. Segundo Morena, a balconista do turno diurno no *Piauí*, ele parou de beber. A ordem do bar, de excluir da brincadeira o bêbado, pode lhe ter alcançado.



Ilustração 8 – Família e Propriedade

Fonte: <http://dicasdacapital.com.br/veja_tambem/2982/inauguracao-do-novo-restaurant-e-bar-piaui/>. Acesso em: 23 jun. 2012.

Chiquim dá emprego a seus familiares, parentes e conterrâneos, é nervoso e irritadiço, mas é “bom patrão”. Com seu andar apressado e cigarro no canto da boca, trata todos os frequentadores e funcionários de forma rápida, sem muita conversa, mas faz algumas brincadeiras, cumprimenta as pessoas do lugar. No *Piauí*, o trabalho e o entretenimento começam cedo. Por volta das 9h30min, o bar, se organizando, recebe “os amigos do *Piauí*” que chegam. *Chiquim* aproxima-se sempre dessa mesa para cumprimentar os que já estão no lugar; com seu copo de café com leite à mão, conversa. Sua conversa preferida é sobre o bar e trabalho.

O trabalho em bar é pesado. O filho de um dos proprietários do *Beirute* afirmou em conversas que o seu estabelecimento seria um “bar-máquina”, devido ao enorme trabalho que demanda. Nas conversas com *Planaltino*, ele me confidenciou que teve de alugar um apartamento perto do seu bar, pois não estava tendo tempo de ver a esposa e a filha pequena. Ainda disse que, mesmo assim, o tempo era pouco e que, às vezes, sua esposa e filha tinham de ir até o seu trabalho para ele as verem. Sua residência é em Planaltina-DF, e seu comércio na entrequadra 216 N de

Brasília. Nem mesmo o aluguel do apartamento na superquadra 210 N, menos de cinco quilômetros de distância entre casa e trabalho, lhe aproximou do seu lar.

Os filhos de *Chiquim* cresceram no bar. A observação prolongada pôde ver isso. A presença deles no lugar propiciou uma socialização na sociabilidade do bar como o lugar do lazer, do entretenimento, do lúdico e do não violento. A violência que *Chiquim* emprestara ao seu papel de bêbado foi apresentada a seus filhos. Por isto, talvez, eles se tornaram céleres empreendedores, à sombra do pai, pioneiro construtor dos bares em Brasília como espaço de lazer. Sob a paciência de um dos filhos, a organização da filha e o corpanzil do filho mais novo, o bar construiu sua rotina atual, dezoito horas de funcionamento na vida social da cidade.

Todos os filhos de *Chiquim* estudaram e estudam, mas estão envolvidos nos negócios do bar. Começaram no *Piauí*, nesse bar aprenderam a trabalhar desde cedo, após as rotinas de estudo e nos intervalos de outras atividades. Seu filho *Caçula* fazia o trabalho pesado de reposição de estoque, era sua ginástica; em seu tempo livre, fazia musculação. Alguns funcionários do bar, os da reposição de estoque, principalmente, apreciavam o corpo cultivado musculoso, *Caçula* crescia entre eles, aprendia a cultivar o corpo e também aprendia sobre produtos e estoques.

Outro filho de *Chiquim*, o *Segundo*, crescia mais perto do pai, anotando os pedidos da loja contígua ao bar, a distribuidora de bebidas, e preparando as entregas. Sua relação era mais próxima com os motoristas-entregadores e com os carregadores. Mas crescia em contato também com os fornecedores, funcionários e frequentadores do *Piauí*. *Segundo*, crescendo ao lado do pai, ganhava autonomia para palpites nos negócios do bar e na vida pessoal do pai. Algumas vezes, nas bebedeiras de *Chiquim*, *Segundo* assumia o primeiro lugar no bar.

A *Filha* de *Chiquim* cresceu no *Piauí*, tendo como companhia as funcionárias do bar. As funcionárias do *Piauí* são em número de quatro: *Moreninha*, *Morena*, *Lora* e *Lorinha*. *Moreninha* e *Lora* trabalham no bar faz aproximadamente oito anos. *Morena* e *Lorinha*, cinco e quatro anos respectivamente. No bar o trabalho dessas funcionárias é o atendimento no balcão e no caixa de pagamento. No turno diurno, as funcionárias também atendem as mesas. *Filha* crescia perto do caixa de pagamento, mas estava mais presente na parte contígua da distribuidora, onde o pai sempre está e de onde este administra o estabelecimento.

O bar, em alguns estudos, tem sido apresentado como lugar do masculino. (NEVES, 2003; GASTALDO, 2006; ZANELA, 2011). Embora os aspectos da dominação masculina estejam presentes na ambiência de bares, pode-se afirmar que as mulheres estão em todos os lugares no bar *Piauí*: na propriedade, no funcionamento e entre o público frequentador. Os lugares ocupados pelas mulheres no *Piauí*, assim como em outros bares da pesquisa, mostram especificidades em relação à questão da mulher no espaço dos bares.

Como documentado na reportagem publicitária de Paula Pratini e Renato Acha, a filha e os filhos de *Chiquim* inauguraram um negócio próprio e próximo ao comércio do pai. Assim como o pai, os filhos, com essa filial, ampliam o comércio de bares em Brasília e participam da rede de interdependência que torna possível esse tipo de lazer e de ocupação dos espaços físicos e sociais da cidade⁹⁵.

O bar *Beirute* também já encaminhou uma filial. No ano de 2007, os filhos dos proprietários da matriz na Asa Sul abriram uma filial na Asa Norte. No artigo “Bastidores”, publicado no livro *Beirute, bar que inventamos*, Francisco Emílio, autor do texto e um dos proprietários do *Beirute* descreve “todas as atividades e dificuldades para montar o ‘palco do Beirute’”. (FONSECA, *op. cit.*: 47). Segundo Francisco Emílio e seu “bar-máquina”,

o horário de funcionamento do bar é normal, abre às 11 horas da manhã e fecha às 2 horas da madrugada. (...). O esquema é acordar cedo e dormir tarde. Por volta das 6 horas já tem gente no bar em plena atividade. A turma da limpeza não pode enrolar com o serviço. (...). Enquanto a limpeza acontece, há o pedido do Ceasa para ser feito e os cozinheiros iniciam os preparativos de suas respectivas praças. (...). O trabalho começa cedo e estende-se ao longo de todo o dia. (...). São produzidos em média 2.500 quibes por semana, 500 quibeirutes, 300 mexués, 1000 esfias; 150 charutos, 35 quilos de pastas de grão-de-bico, coalhada, quibe-cru e berinjela, mais de 100 filés empanados. (...). Além do que receber as bebidas, conferir, estocar e abastecer os refrigeradores. São 22 geladeiras exclusivas para bebida. (...). Algumas pessoas que já pensaram em montar um bar na vida, depois de acompanhar esse processo de perto, preferiram ficar do lado de fora do balcão bebendo “uma gelada”. (EMÍLIO, 2010: 46-53).

⁹⁵ O bar *Piauí* em junho de 2012 inaugurou uma nova filial na Vila Planalto, região administrativa de Brasília.

O *Beirute* possui uma série de similaridades com os outros bares pesquisados, mas é um bar maior. Seus proprietários possuem uma íntima relação com jornalistas, políticos, pessoas importantes do meio artístico e intelectual. Isso auxilia, mas também exige mais de seus proprietários. É um estabelecimento que investe na qualidade dos serviços e também em sua própria imagem e história. Dois livros, um filme, vídeos, poemas, uma série de matérias e reportagens em revistas e jornais, uma enorme quantidade de certificações engrossam as referências a este bar.

No ano de 2010, quando do lançamento do livro *Beirute, bar que inventamos*, seus proprietários, em um esforço maior lançaram conjuntamente uma marca de cerveja. Em um evento privado, realizado no *Cine Brasília*, equipamento de lazer simbólico e pioneiro da cidade, entre copos da nova marca *Beira bier*, cerveja do bar *Beirute*, artistas, jornalistas, arquitetos e outros frequentadores do bar e convidados abraçavam entusiasmados a causa de se tornar o *Beirute* como patrimônio da cidade. Nesse momento, seus proprietários vislumbravam a possibilidade de se pensar o *Beirute* com um patrimônio cultural de Brasília. Fernando Fonseca, organizador do livro em lançamento nessa noite, e entusiasta frequentador do *Beirute*, falava em termos de “o tombo do povo, um tombamento menos burocrático”.

A história do *Beirute* remete a dois irmãos, migrantes da região Nordeste, do estado do Ceará, que chegaram a Brasília, nesse bar como funcionários, garçons. Trabalhavam no bar e, tempos após estarem empregados, viram-se com a possibilidade de se tornarem proprietários do estabelecimento. Sem dinheiro, mas com o respeito e o prestígio conseguido junto aos frequentadores, puderam acreditar, “levantaram” o dinheiro a ser pago pelo comércio e fecharam o negócio. Quarenta e seis anos passados, esses antigos funcionários do *Beirute* possuem dois grandes bares na cidade, uma marca própria de cerveja e uma tradição a ser considerada.

No bar *Paulicéia*, a família trabalha sob as taxas e tributos do *Código de Conduta dos Bares e Restaurantes*. Seu proprietário, Sr. Generoso, diz:

Aqui não tem sonegação de imposto não, aqui a gente paga imposto. Os funcionários são todos registrados. Tem funcionário que tá aqui há vinte anos... a cozinheira... o outro que trabalha aqui em cima, na praça tá há dez anos. (Sr. Generoso).

Sr. Generoso é correto, paga seus impostos, registra os funcionários. Alguns funcionários estão construindo uma vida no *Paulicéia*, isso é motivo de orgulho para a conduta reta que *Sr. Generoso* representa. Manter o funcionário amarra a rede de interdependência. E possibilita que o espaço praticado, vivido como lugar, dê forma à tradição que o bar reivindica e constrói.

O *Paulicéia* transmite os noticiários da TV aberta em seu único aparelho de televisão, instalado ao fundo do balcão, um aparelho pequeno, 24 polegadas. Os programas jornalísticos fomentam sua sociabilidade. Um programa da emissora pública *TV Senado*, enquanto acontecia uma de nossas conversas, apresentava uma reportagem sobre política e corrupção. *Sr. Generoso* se mostrava irritado com os políticos, mas não com a política. Sua fala era um comentário focado na reportagem que se acompanhava na TV. O espírito do proprietário do bar, sua vida mental remetia a um imaginário do bar como lugar da democracia e do republicanismo. Ele disse:

o bar é o lugar mais democrático do mundo. Não só esse bar, mas qualquer bar. Aqui já foi chamado do bar da democracia, de bar da república, pode olhar nos quadros na parede. Pode olhar, dá uma volta, conversa com os clientes que você vai ver! (*Sr. Generoso*, entrevistado).

As paredes do *Paulicéia* falam por ele. Reportagens de jornais emolduradas, certificados de revistas especializadas nos segmentos étílico, gastronômico e turístico diplomam o bar. Mas *Sr. Generoso* propõe mais à pesquisa, ele quer que se vá até as mesas e se busquem outras certificações do bar junto aos frequentadores. Juntamente com o *Beirute*, esse bar é um dos mais antigos de Brasília. Foi inaugurado pelo pai do atual proprietário em 1966. *Sr. Generoso* cresceu nesse bar, casou e criou a família, e hoje seus dois filhos e uma nora participam do negócio.

Segundo *Sr. Generoso*, o nome do bar remete “a uns paulistas que andavam por aqui”, isto nos anos 1970, e à obra literária *Paulicéia desvairada*, do poeta Mário de Andrade, autor clássico da literatura nacional. *Sr. Generoso* fala de política e de literatura. O *Beirute* é material para produção de livro, poesia e audiovisual, pelo seu espaço circulam artistas e intelectuais. No bar *Paixão*, seu antigo proprietário produzia “faixas cáusticas” e intervenções político-artísticas na cidade. O *Meu Bar* é lugar de ajuntamento de estudantes. Enfim, os bares

pesquisados ambientam alguns elementos de uma cultura da boêmia. Ambiência construída por migrantes de zonas urbanas, socializados nos espaços citadinos, particularmente das regiões sudeste e nordeste.

A representação da boêmia como uma cosmologia negativa, de vícios e maldições parece não possuir ressonâncias no caso aqui. Os “ilustres frequentadores” parecem representar melhor um imaginário romântico do bar como lugar de uma vivência intelectual, lúdica, positiva. Lugar de encontro, do agito, do burburinho, da excitação, do desenvolvimento de um *estilo de viver e curtir a vida*, segundo algumas falas recorrentes. “O temor persistente de que a boêmia esteja contaminando a juventude”, nos dizeres de David Matza (1968: 94), pode ser reavaliado, agora, sob outro olhar. Uma contaminação que, antes de desviar de algum caminho, aproxima-o de novas experiências socioculturais, em outros espaços e tempos sociais.



Foto 41 – Pioneiros moradores e segunda geração de frequentadores

O processo de substituição dos frequentadores do *Paulicéia*, como dito pelo Sr. Generoso, passando dos pioneiros construtores aos pioneiros moradores, reforça essa proximidade com alguma boêmia, particularmente no sentido de que a boêmia é mais que um fenômeno isolado do século XIX, de migração de proletários e intelectuais para os novos centros urbanos. A boêmia remete ao próprio processo

civilizatório de controle de pulsões e ao mesmo tempo de criação de utopias. (ELIAS, *apud* ZOLBERG, 1985). O movimento romântico, de onde brotou a boêmia, encontra nos bares um excelente espaço de socialização de suas propostas.

Todavia, não se podem tomar os bares pesquisados para se pensar uma cultura de boêmia, seja em seu sentido histórico ou sociológico. À ambiência desses bares faltam o beber solitário, a música, os saraus, a figura do indivíduo doentio que os românticos, precursores da boêmia perscrutaram. Os bares pesquisados se estabeleceram como lugar de ajuntamento, antes que no isolamento do indivíduo que as boêmias representam. Talvez em algum sentido se possa pensar em novas formas de boêmia se desenvolvendo. Ademais, é fundamental a relação entre boêmia e bar para a afirmação deste como espaço de lazer e ocupação do tempo livre. (GONZALEZ, 1986).

Construir vida social em Brasília, nos inícios da cidade se apresentava senão como utopia, no mínimo um desafio. Embora o projeto original desse ênfase aos espaços de lazer como lugar de sociabilidade e produção de ajuntamentos, os equipamentos e setores destinados ao lazer eram insatisfatórios, quando não inexistentes. *Sr. Generoso*, sua família e sua verve de negociante apostaram no bar como empresa de trabalho para o lazer. Espalhando mesas e cadeiras sob as árvores, *Sr. Generoso* espera, desde 1970, para “uma cerveja geladinha”, seus “utopistas” pioneiros moradores de Brasília, seus “ilustres frequentadores”⁹⁶.

O surgimento, crescimento e cristalização dos bares em Brasília é, em grande parte, resultado dos esforços de seus proprietários e das condições encontradas para o estabelecimento do negócio. Nesses anos de funcionamento, *Sr. Generoso* vem realizando uma série de “ajustes e acordos” para manter-se no mercado, às vezes até contra sua vontade, contra suas pulsões. Marcela Benet (2012) na reportagem que produziu para a revista *Meia Um* informa que:

A grande inovação (do *Paulicéia*) foi há 25 anos, quando passou a servir a comida, no horário do almoço, no sistema *self-service*. Um esquema que realmente não agrada muito ao proprietário, mas que não prejudica a boa fama do lugar. Deve ser a maneira como os donos encontraram para se manter no mercado há tanto tempo.

⁹⁶ Embora *Sr. Generoso* se encontre nesse estabelecimento desde 1966, somente a partir dos anos 1970 é que o negócio passa a ser administrado por ele. A partir desse momento, o bar muda o nome, passando de bar do *Raul*, para bar *Paulicéia*.

Afinal, não é fácil manter um bar aberto durante 46 anos, e sempre lotado. (BENET, 2012: 56).

Planaltino, proprietário do *Paixão*, adquiriu seu bar em situação inusitada. Quando o antigo proprietário do *Paixão*, *Sêo César*, faleceu, o negócio do bar pareceu que estaria encerrado. Esse antigo proprietário administrava o bar sozinho. Quando faleceu, sua esposa comunicou a *Planaltino*, que à época era funcionário do *Paixão*, o fechamento do comércio. *Planaltino*, contudo, se interessou por continuar os negócios e propôs parceria com a viúva. A parceria foi estabelecida. *Planaltino*, de funcionário, passa a sócio-proprietário. Mas em menos de seis meses, sua sócia, a esposa do falecido *Sêo César*, lhe comunica que não há mais interesse em continuar no negócio.

Planaltino conhecia os filhos de *Sêo César*, conhecia a família de seu antigo empregador. Os três filhos de *Sêo César* estudaram e foram preparados, pelo pai e pela mãe, para serem outras coisas na vida: uma formara-se psicóloga, outra médica e o outro, advogado. Os três moravam fora da cidade. A viúva de *Sêo César*, considerando a situação de *Planaltino* e do bar *Paixão*, abriu mão da sociedade. Com aprovação da família, passou os negócios do *Paixão* para *Planaltino* de forma bastante “amigável”, com facilidades para o comprador. A família do falecido *Sêo Cesar*, segundo *Planaltino*, não precisava do bar. Eles possuíam novas perspectivas de vida e fonte de renda que não incluíam o estabelecimento.

Em vida, *Sêo César*, proprietário dedicado ao seu negócio, estabeleceu uma interação lúdica não somente com os frequentadores de seu bar, mas com toda a cidade de Brasília. A atividade que exerceu com suas “faixas cáusticas”, abordando o universo da política e da cultura, apresenta um proprietário lúcido, enérgico, mas sobretudo brincalhão. Prefaciando o livro *Brasil enfaixado: o humor cáustico de Cesar Abreu* (s/d.), o jornalista Ari Cunha assim descreve esse negociante:

Comerciante, desabrido, talvez seja quem mais tenha recebido fiscais em seu estabelecimento. Ele paga tudo em ordem, mas não abre mão do direito que lhe assiste, pelo menos em protestar. Não toca fogo na rua, mas na testada de sua casa, quem for podre que se quebre. Poucos acompanham a mundialização dos costumes, o comportamento da sociedade, ou a marcha contra a corrupção. Hoje, sua casa virou atração, e muita gente prefere dar uma voltinha pela 216 Comercial Norte, pelo menos para saber o que há de novidade, e onde a coisa está pegando.

De repente, um dono de armazém ficou famoso na cidade, pela maneira como trata as autoridades. Com ele não tem conversa. Escreveu não leu, tome pau. Mas Cesar não tem fígado inflamado. Ele é cruel na expressão de suas opiniões, mas não deixa de manter *fair-play*, o humor, embora cáustico como uma lata de soda. (CUNHA, s/d: 5-6).

O comportamento de *Sêo Cesar* mostra como o bar, em muitos casos, participa da vida política e cultural de uma cidade. Como informa o jornalista Ari Cunha, a relação desse bar com a lei, com a fiscalização sempre foi tensa, conflituosa. Com a ordem social da vizinhança e da cidade contudo, uma interação de *fair-play*, sem “fígado inflamado”. Assim, “sua casa virou atração, e muita gente prefere dar uma voltinha pela 216 Comercial Norte, pelo menos para saber o que há de novidade, e onde a coisa está pegando”. No caso do bar *Paixão*, a rua vira casa, e seu proprietário, o ator em cena trazendo as novidades.

O bar *Paixão* não exhibe mais as “faixas cáusticas”, mas *Planaltino*, novo proprietário, mantém vivo o humor no trato com seus frequentadores, funcionários e vizinhança. A seu modo, ele conserva parte do trabalho e da memória do antigo proprietário. Com *Sêo Cesar* ele aprendeu a ser austero, porém bem-humorado. Em conversas, muitas vezes *Planaltino* se referiu ao ensinamento das tarefas do bar para seus funcionários, usando a “metodologia” que *Sêo Cesar* lhe aplicou. Tem dado certo, o *Paixão* mantém-se como espaço de lazer e sociabilidade na Comercial da 216 Norte há 21 anos; sob nova direção já são sete anos⁹⁷.

⁹⁷ *Planaltino*, atual proprietário do *Paixão*, conserva parte das faixas produzidas pelo *Sêo Cesar* preservadas em sua residência; também possui alguns números dos três livretos publicados por César Abreu com as “faixas cáusticas”. Ainda segundo *Planaltino*, a viúva de *Sêo Cesar* guarda um enorme acervo dessas “faixas cáusticas” em sua residência, contudo, conforme ele, a viúva reluta em apresentar esse material, devido a “questões sentimentais”.

2.4.2 Funcionários



Foto 42 – Sagrado descanso: funcionários no intervalo

Devido a essa configuração familiar, que “ajunta” proprietários, frequentadores e funcionários, uns com outros, é possível este modelo de bar em Brasília. A solidariedade entre eles é uma contribuição suplementar para a aplicação das normas de conduta no bar. Um dia de limpeza das mesas e cadeiras no *Piauí* mostrou uma cena de *mutualidade*, de solidariedade e reciprocidade nas ações entre funcionários que, em muito, propicia o crescimento e cristalização dos negócios. Um dos garçons, *Goiano*, chegando para o evento diz, com um sorriso largo no rosto, em tom de brincadeira e zombaria, como uma espécie de cumprimento, de bom-dia, a um outro funcionário, *Calango*, que está sentado a uma mesa: “Olha a cara do pião!”. Ao que *Calango* responde, perguntando: “Cadê o *Soza*”?

Soza é um outro garçom do *Piauí* que deveria estar presente para a limpeza das mesas. Na noite anterior, ele havia bebido depois do trabalho, chegou

tarde em casa e faltou à tarefa matinal. Essa tarefa de limpeza das mesas diz respeito aos cuidados com a higiene e é realizada uma vez por semana. Não é a limpeza ordinária da mesa de bar que se faz a todo momento, e a cada troca de frequentador; é uma limpeza em que as mesas e as cadeiras são lavadas, escovadas e higienizadas com mais cuidado.

Essa limpeza não é uma atribuição direta dos garçons, mas eles, como funcionários do *Piauí*, engajam-se voluntariamente na tarefa. Esse trabalho semanal de limpeza e cadeiras é como um ato de ajuntamento da teia privada do estabelecimento. Participam dela os filhos do proprietário, garçons, balconistas, cozinheiros e ajudantes. A cada semana um grupo se articula para a lavagem dessa mobília. Nesse dia, *Soza* não veio, mas a tarefa foi realizada com sucesso e divertimento. O sistema de solidariedade e reciprocidade mútuas funcionou entre eles.

“Ih, moço, o *Soza* não vem aqui hoje não!”. Entre sorrisos e cumprimentos aos presentes, *Goiano* chega ao puxadinho do bar conversando com *Calango*, mas sua fala alcança mais pessoas que estão no bar. “Ele bebeu até de manhã, eu já liguei pra ele”, fala *Goiano*. “Então, vamo embora lá nós dois!”, sugere *Calango*. Antes de se levantarem e irem para o serviço, eles conversam um pouco mais, enquanto fazem o lanche da manhã: refrigerante e pão com linguiça. Na conversa falam da noite anterior.

Goiano diz para *Calango*: “A galega tava no ônibus, aquela gaúcha, eu levei ela lá pra casa. Acordei, fiz sexo e vim embora trabalhar!”. “Cê faz sexo todo dia?!” , brinca *Calango*. “Eita rapaz!”, responde *Goiano*. “Tá até magro!”, zomba *Calango*. “Tô é amarelo de fome!”, completa *Goiano*.

O garçom, *Goiano*, olha pra mim, com um sorriso estampado no rosto, e continua a conversa. Seu sorriso denuncia que sua história é uma brincadeira, uma invenção de mentira para começar com bom humor o dia. *Chapeleiro*, ajudante no bar, está em pé, junto a *Goiano* e *Calango*, mas não participa da conversa-brincadeira. Sua atenção está voltada para mesa dos “amigos do bar *Piauí*”. *Chapeleiro* passa boa parte das manhãs, ajudando no bar, mas, sobretudo, cuida com atenção redobrada da mesa dos “amigos do *Piauí*”. É dessa mesa que vem grande parte de sua renda diária.

Funcionário, aqui, diz respeito a uma categoria ampla de trabalhadores de bar: balconista, cozinheiro e cozinheira, caixa, copeiro, garçom, auxiliar de limpeza,

ajudante. O ajudante *Chapeleiro* substituiu, por volta de 2007, o ajudante *Felipera* no *Piauí*. A tarefa deles é, em termos gerais, auxiliar na arrumação da área externa no bar; atender alguns frequentadores, lavando seus veículos, comprando jornais ou revistas nas bancas próximas para os frequentadores e outras tarefas que aparecem. *Felipera* cuidara com atenção do grupo dos “amigos do *Piauí*”, agora quem o faz é *Chapeleiro*. Ambos não possuem nenhum tipo de contrato formal com o bar. Os “amigos do *Piauí*” são generosos nas gorjetas e sabem que o ajudante precisa delas. Outros bares possuem seus ajudantes informais. No *Meu Bar* o ajudante é o *Perna*. No *Paixão* é o *Porteiro*. No *Careca* é o *Menino*.

Muitos garçons bebem e gostam de beber, e como *Francisco Emílio* disse em conversas, “é difícil ver passar aquela cerveja gelada e não ficar com água na boca”. Funcionários de bar, os que ingerem bebidas alcoólicas, têm que suportar esse sacrifício. Mas quando o expediente termina, alguns funcionários saem de seu trabalho para beber. Alguns funcionários do *Piauí* procuram algum bar para beber, encontrar outros amigos funcionários de outros bares. Eles saem do trabalho entre 1h e 3h e como têm que esperar os primeiros ônibus da manhã, por volta das 5h, acabam ficando em outros bares bebendo⁹⁸.

Nessa manhã, de limpeza de móveis no *Piauí*, o garçom *Soza* não compareceu à tarefa, mas ela foi realizada. Sua falta não se configura uma falha. O grupo que se articula para essa lavagem semanal das mesas conhece a rotina desse serviço “voluntário”. Sempre falta alguém, sempre pode aparecer alguém, ou a tarefa pode se realizar com os membros que se dispuseram a realiza-la e estão ali. Terminado o lanche, os dois funcionários começaram os preparativos para a tarefa: 40 mesas e mais de uma centena de cadeiras a serem lavadas, escovadas e higienizadas. *Soza* não esteve presente, mas “uma mão lava a outra”, e juntas fazem o serviço a ser feito, lavar as mesas e cadeiras e colocar o bar para funcionar.

No bar *Paixão*, por exemplo, o ajudante *Porteiro*, que é funcionário do bloco comercial onde está situado o bar, começa a limpeza desse bloco pela área em frente ao *Paixão*. Ele já conhece a rotina e sabe que *Planaltino* sempre chega sozinho no bar, por volta das 9h. *Bicicletino*, funcionário do *Paixão*, somente chega

⁹⁸ No Plano Piloto são raros os bares que atualmente ficam abertos na madrugada, mas pelo menos dois foram citados nas conversas. Outra prática também é ficar no bar, depois de encerrado o expediente ao público, bebendo.

às 10h. De modo que *Porteiro*, começando a limpeza pela área do bar, auxilia os serviços de *Planaltino* e *Bicicletino*. Faz 15 anos que *Porteiro* presta sua ajuda ao estabelecimento de *Planaltino*. Essa sua ação lhe traz benefícios: doses de bebida; tira-gosto; refrigerante. Às vezes, em alguns domingos e/ou feriados *Planaltino* tira seu dia de repouso. Como *Porteiro* está de folga do trabalho de zelador no bloco, ele cuida do expediente no *Paixão*, recebendo uma diária pelo serviço.

A participação dos funcionários é vital para o bar. E eles são muitos, alguns trabalham invisíveis, nos bastidores onde os frequentadores não enxergam. Um poema, escrito por *José de Andrade*, em seu artigo *Homenagem ao trabalhador do Beirute*, traz esse elenco recôndito de funcionários do bar:

Primo, Borjão & Companhia

Garçons, copeiros, serventes,

Entre eles cito o Primo,

De quem, de fato me esqueci.

Não esqueço o pessoal da limpeza,

Atendentes e cozinheiros,

Dos quais alguns eu nunca vi.

Não sei, tenho certeza,

São sempre bons companheiros.

Faço questão de citar,

Entre as personalidades,

O amigo José Borges,

Pelas suas qualidades. (ANDRADE, 2010: 139).

Outro poema escrito por José de Andrade fala com ainda mais ênfase desses funcionários que fazem o bar funcionar, e amplia a categoria *funcionário de bar*. Canta o poema:

Mestres-cucas do Beirute

Cozinheiros da retaguarda,
Nunca ficam na vanguarda;
Trabalhadores anônimos,
Labutam atrás dos panos,
Quase nunca aparecem.
Os fregueses não os conhecem,
Pois ficam sempre escondidos,
Nos bastidores revestidos,
Com missão muito específica:
Atendem ao que lhes ordenam
E não podem fazer futrica,
Pois o prato pode desagradar.
A culpa sempre os implica,
Se for contra o paladar!
Atendem com atenção
A todos os nossos pedidos,
Porque, se não atendidos,
Provocam sempre reação. (ANDRADE, id.: 141).

Quarta-feira, 18h20min. Chego ao *Bar do Careca* com a intenção de devolver o original de uma “carta” que o funcionário, *Negomano*, me emprestara⁹⁹. Sento à “minha mesa” e logo vem *Negomano* me cumprimentar e retirar meu pedido. Assim que ele se aproxima, devolvo-lhe a “carta”. Na noite anterior, tendo passado pelo estabelecimento ouvira, enquanto descansava, algumas reclamações e sugestões que *Negomano* vinha desenvolvendo em relação ao bar e aos seus patrões. Depois de conversarmos por alguns minutos, ele, entre envergonhado e

⁹⁹ O vocábulo “carta” está entre aspas devido apenas a problemas de categorização em termos de gênero textual.

orgulhoso, apresentou-me a seguinte "carta", que escrevera para seus patrões e que intentava lhes entregar:

Comunicado URGENTE!

- João e tia Antônia, estão aqui DATA: ___/___/___

Hes dizer que temos que mudar duas coisas, João você é um playboy! (Risos) desculpa!

- João você não percebeu que o seu Bar precisa de uma cozinheira, para que sua mãe não fique cheia de serviços todos os dias e que ela possa concluir suas Cominhadas matinais.

- João e querendo eu não ~~preciso~~ não precisamos de um ajudante porque até o quiqueiro do tem 6 dúzia de funcionários. É não vem falar que você, tia Antônia e eu damos conta de recados, porque não damos conta não! É precisamos de uma ho pessoa para que nosso bar seja o melhor, melhor da vila sem idiotas imbecil.

Precisamos também comprar um cardápio por que tá faltando. e três tipos de tira gosto não faz a cara do seu bar

tia antônia minha querida tia, mãe e amiga, você é a mulher mais prezada que pude ter o prazer de conviver ao longo de 30 anos.

~~o~~ - não me esqueço de agradecer a vocês dois por tudo que fizeram e fazem por mim.

Hã tia não precisam se preocupar, porque estou de olho lá fora e aqui dentro.

tia e João temos que ter uma máquina de Cartão querendo eu não.

homem flinta e vai ser bom pro comércio porque além de acabar com o fiasco vai umentar a produção do Bar.

É só estou aqui para ~~com~~ expressar minha opinião a vocês e se falei de mais me desculpe!

É dia

Ilustração 9 – A famigerada carta

Negomano pediu-me para lê-la. Li, e antes de terminar a leitura me interessei pelos escritos. Pedi-lhe emprestado o texto, fotocopiado, que ora transcrevo, para facilitar a compreensão:

Comunicado Urgente!

- João e tia Antônia, venho aqui lhes dizer que temos que mudar duas coisas, João você é um playboy! (Risos) desculpas!

- João você não percebeu que o seu Bar precisa de uma conzinheira, para que sua mãe não fique cheia de serviços todos os dias e que ela possa concluir suas caminhadas matinais.

- João e querendo ou não nos precisamos de um ajudante porque até o quiosque do tem 6 dúzia de funcionário. E não vem falar que você, tia Antôna e eu damos conta do recado, porquê não damos conta não! E precisamos de uma 4ª pessoas para que nosso bar seja o melhor, melhor da vila seu idiota imbecil.

Precisamos também criar um cardápio por que tá faltando. E três tipos de tira gostos não faz a cara do seu bar

Tia antônia minha querida tia, mãe e amiga, você é mulher mais prendada que pude ter o prazer de conviver ao longo desses 3 anos.

- não me esqueço de agradecer a vocês dois por tudo que fizeram e fazem por mim.

Há tia não precisas se preocupar, porquê estou de olho lá fora e aqui dentro.

Tia e João temos que ter uma maquina de Cartão querendo ou não.

Nossos Clientes e vai ser bom pro comércio porquê além de acabar com o fiado vai aumentar a produção do bar.

E só estou aqui para esspressar minha opinião a vocês e se falei de mas me desculpe!¹⁰⁰

A “carta” de *Negomano* traz informações que já se listou como características dos bares pesquisados: administração familiar; laços de parentesco, e/ou de solidariedade entre proprietários e funcionários. Os proprietários do *Bar do Careca* são mãe e filho. *Negomano*, funcionário, sobrinho e primo. Em seu “comunicado urgente”, o funcionário busca se colocar em relação ao

¹⁰⁰ Essa “carta” manuscrita e fotocopiada se encontra nos anexos.

empreendimento. Ele quer ver o “nosso bar ser o melhor”. No bar ele é garçom, caixa, balconista, cozinheiro, repositor de estoque, auxiliar de limpeza. Às vezes até mesmo gerente. Tem um contrato formal, é funcionário, as funções que desempenha são muitas.

Sua visão sobre administração parece-lhe melhor que a de seu primo e de sua tia para “aumentar a produção do bar”. Em termos de estrutura, ele pensa em equipar o bar com uma cozinheira, um ajudante, “uma máquina de cartão” para “acabar com o fiado”, “criar um cardápio por que tá faltando. E três tipos de tira gostos não faz a cara do bar”. *Negomano* faz seu diagnóstico do estabelecimento e apresenta propostas, mas o faz indiretamente, por carta, com todas as cerimônias das hierarquias parentais. Ele, o primo pobre, pede desculpas ao primo rico, “*playboy*”, quando vai fazer sua crítica. Para “tia antônia minha querida tia, mãe e amiga” ele apela cheio de cuidados e preocupações, até mesmo com as “caminhadas matinais” da tia.

Os laços familiares não permitem que *Negomano* avance sua crítica e sugestões ao *Bar do Careca*, sem antes pedir a benção à tia. Ele não quer de forma alguma ser mal interpretado, isto é certo. Passados alguns meses, perguntei-lhe sobre o desfecho da “carta” e da reunião que disse que faria com a sua tia e primo. *Negomano* ainda não havia entregado a carta, nem realizado a reunião, faltava-lhe a coragem. O modo respeitoso como deve tratar os parentes e patrões, nessa ordem de hierarquia, afeta-lhe algumas ações, restringe-lhe movimentos.

Poder-se-ia argumentar, que, ao contrário, os laços de família poderiam facilitar o acesso ao diálogo ou desinibir. Mas a saída de *Negomano* resulta em uma ação por medo do constrangimento. *Negomano* continua funcionário do bar, estável. Vendendo sua mão-de-obra, oferecendo suas contribuições, algumas invisíveis, para a manutenção e funcionamento do *Careca*. Enquanto sua tia administra a cozinha, seu primo negocia compras, estoques e contabilidade. *Negomano* faz a parte que lhe cabe para tornar o bar um espaço de descanso, acolhimento e lazer na Vila Planalto.

A interdição que se opera, na fala entre *Negomano* – *sobrinho* e *funcionário* – e a *Viúva do Careca* – *tia* e *patroa* –, revela a estrutura dos laços de parentesco que marca a rede de interdependência que se urde neste bar. Manter uma relação de trabalho e familiar, no mesmo espaço e tempo, é uma condição que orienta a conduta e o comportamento dos atores envolvidos.

As contribuições de outro funcionário de bar foram representativas da qualidade do trabalho dessa categoria. No ano de 2007, *Ciço*, um dos garçons do bar *Beirute*, foi agraciado com o título de *Cidadão Honorário de Brasília*. O agraciamento é feito pela Câmara Legislativa do Distrito Federal. Segundo o texto do jornalista Marcelo Abreu, para o jornal *Correio Braziliense*,

o título de cidadão honorário foi apresentado pela deputada distrital Érika Kokay (PT). A proposta foi aceita sem discussão pelos seus pares. Ela mesma, durante muitos anos, foi uma das frequentadoras assíduas do Beirute. “O Beirute faz parte da história libertária da cidade. Era ali, nos anos mais difíceis, que a polícia queria confiscar nossas ideias. E o Cícero faz parte disso. Ele é a identidade do lugar. Representa o acolhimento. E já é personalidade. Estamos apenas formalizando. E nada é mais justo do que reconhecer essa homenagem”. (ABREU, 2007).

O título de *Cidadania Honorária* é uma honraria concedida para pessoas que têm atuação destacada para a comunidade, mas que não são nascidas na cidade. As câmeras municipais têm essa prerrogativa e a deputada distrital corroborou o argumento de que “os serviços de *Ciço* para Brasília” são destacáveis para a comunidade. Certamente, pelo papel que este tem desempenhado, na teia de interdependências, para a constituição dos bares como um espaço de lazer, este título é legitimador de sua personagem do bar.

2.4.3 “Ilustres frequentadores”

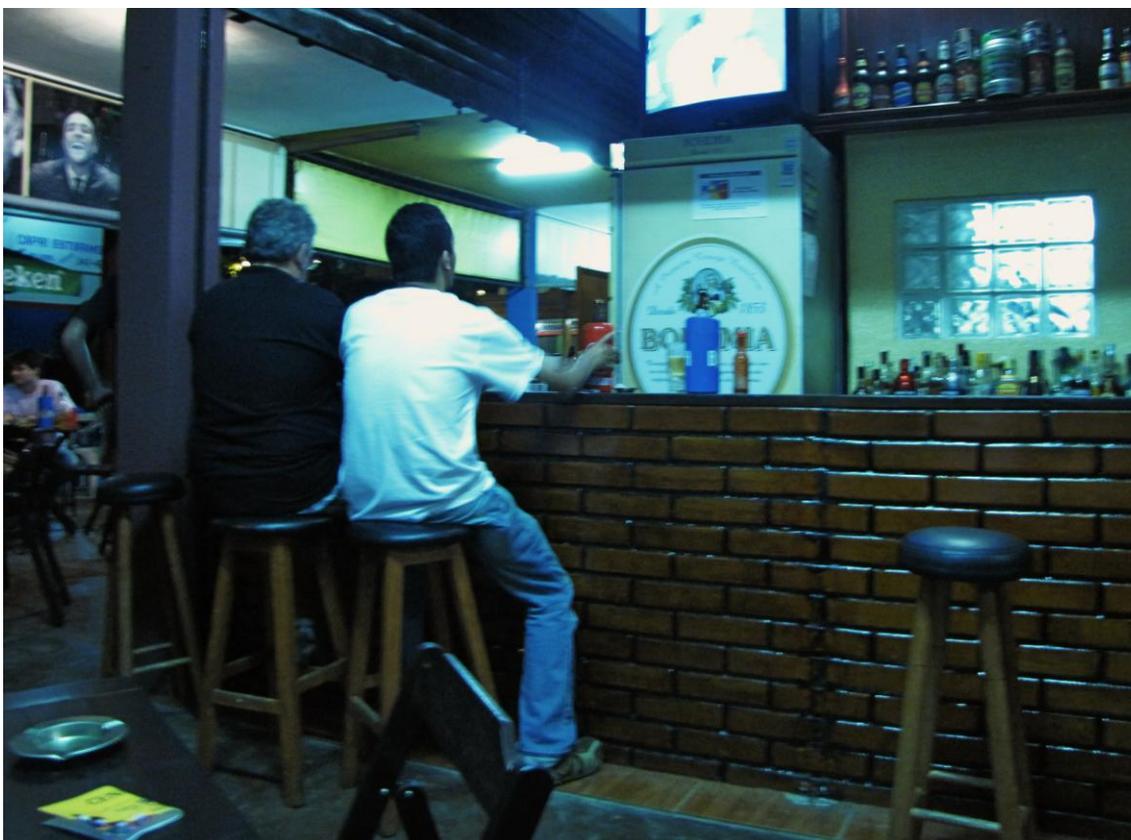


Foto 43 – Intimidades Lado B: banquinho, balcão, balconista

Ao procurar uma definição para *consumidores* e *usuários* de bar, foi comum encontrar, em textos acadêmicos, a palavra *frequentador* para designar esta categoria de ocupantes desses tipos de lugares. (COUCEIRO, 2007; ZANELLA, 2011; FONSECA, 1994, 2010). O *frequentador* vivenciando fidedignamente, assiduamente, com intensidade e envolvimento o ambiente do bar cria um espaço de lazer que participa das histórias e memórias da cidade. O bar pode ser percebido como um “pedaço” da cidade, um lugar, e no caso desses bares de Brasília, um pedaço vivo e dinâmico. A noção de “pedaço”, de José Guilherme Magnani (1984), ajuda a compreender a sociabilidade que esse lugar proporciona.

O “pedaço”, na *noção* de Magnani (id.), diz respeito a uma teia de dependências formada por laços de parentesco, vizinhança, amizades, organizando uma ordem espacial, de forma a proporcionar um sentimento de pertencimento e territorialidade. A noção de “pedaço” designa um espaço, entre o privado e o público.

Nesse espaço praticado se desenvolve uma sociabilidade básica, densa, significativa e estável. Espaço territorial e socialmente definido por meio de regras, marcas e acontecimentos que o torna pleno de significação. (MAGNANI, 1984, p. 38-39).

Nessa perspectiva, as interações entre os frequentadores dos bares estruturam uma ordem espacial porque são vinculadas ao lugar onde se realizam. O bar não está isolado da vida da cidade, é parte de sua localidade. Ele proporciona coesão e sentimento de pertencimento que configura a extensão de sua sociabilidade. Também, essa qualidade do pertencimento ao “pedaço” designa o caráter dessa sociabilidade. Entre os frequentadores do bar *Piauí*, a reciprocidade nas interações, o frequentar mútuo e o relacionamento são condições da permanência no lugar. Um frequentador do bar *Piauí*, Sr. *Caixa*, diz:

A chegada sempre é difícil... mas, aos poucos a gente vai se ambientando. Brasília tem muito do Rio de Janeiro, as pessoas são calorosas, gostam de conversar... a cidade tem muitas opções, mas depende da pessoa né...eu costumo frequentar os barzinhos pra bater papo com os colegas do trabalho, prá fazer a atualização do dia a dia, atualizar a vida cotidiana. Da vida política, seja ela política, econômica, social do país; Eu procuro, geralmente, eu ocupo a maior parte do meu tempo nesse aspecto, de frequentar o bar, e conversar com os amigos... O aspecto que eu acho muito positivo em ficar no bar é o relacionamento. (Sr. *Caixa*, entrevistado).

Muitos bares de Brasília, assim como os de alguns outros lugares, possuem seus frequentadores constantes, compulsórios, convictos. Sylvia Costa Couceiro, em sua pesquisa sobre os bares e cafés do Recife, considera os frequentadores em termos de assiduidade como “visitantes contumazes” (COUCEIRO, 2007)¹⁰¹. São estes que com sua frequência e presença, em muitos casos, dão vida a esses lugares, e ajudam a fixar o bar como espaço de sociabilidade e lazer. Em tese, proprietários e funcionários utilizariam o bar como forma de trabalho. Já os frequentadores de bares utilizariam esse lugar como um espaço de lazer.

Considero, a partir das observações colocadas, o usuário dos bares pesquisados como um “ilustre frequentador”. Ele se difere do cliente ou do freguês

¹⁰¹ Em sua pesquisa, Sylvia Costa Couceiro lista os “visitantes contumazes” de um famoso e tradicional Café do Recife, entre outros: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, José Lins do Rêgo, Ascenso Ferreira.

ocasional, que pode ser encontrado, por exemplo, em bares situados em lugares de passagem ou grandes avenidas, onde talvez esse cliente entre uma só vez e nunca mais retorne. O modelo do bar pesquisado possibilita a estabilidade do frequentador, assim este pode ser categorizado em termos de assiduidade e frequência ao lugar, mas se podem reconhecer nele outras disposições. A forma como este ocupa o bar, as relações que estabelece com outros frequentadores, com os proprietários e funcionários, o capital econômico que dispende, os produtos que consome, o capital cultural que coloca em circulação, as práticas de comensalidade que compartilha são atributos que compõem sua personagem.

Os bares pesquisados são lugares propícios ao ajuntamento de certos atores da vida social da cidade. Seus “ilustres frequentadores” sabem o que esperar do lugar. Ao irem ao *Meu Bar*, encontrarão o atendimento personalizado do proprietário Zé, que cumprimenta nominalmente os frequentadores, proporcionando acolhimento e licenciosidade ao lugar. O cumprimento de Zé encontra o cumprimento do frequentador, jovem universitário, que chega é dá “um tapa e um soquinho no tapa e um soquinho” do Zé. Um modo de se cumprimentar, no encontro entre algumas pessoas de Brasília, particularmente entre jovens. O “ilustre frequentador” do *Meu Bar* pode ser jovem homem ou mulher, estudante universitário, músico, artista, adulto, aposentado, morador das superquadras próximas. Mas a grande maioria dos frequentadores do *Meu Bar* é de jovens universitários.

São os “ilustres frequentadores” do *Meu Bar* os grandes responsáveis pela construção da imagem, *merchandising* e a fixação desse estabelecimento como espaço de lazer em Brasília. Na *Copa do Mundo de Futebol* dos anos de 2006 e 2010, foram esses “ilustres frequentadores” que tornaram possível o ajuntamento no lugar para a socialização desse evento. Em acordo entre frequentadores e proprietário, os primeiros disponibilizaram os equipamentos de projeção que tornou possível assistir aos jogos no *Meu Bar*. Nas redes sociais do *Meu Bar* na Internet são os “ilustres frequentadores” os moderadores de comunidades e páginas. Pode-se encontrar no *site* de vídeos do *Youtube* uma dezena de material audiovisual produzido por esses “ilustres frequentadores” que faz referência a este bar.

No caso do *Beirute*, entre seus “ilustres frequentadores”, se encontram, por exemplo, um grande número de jornalistas. E isso contribui em muito para a publicização desse bar e dos acontecimentos, que ali encontram eco e que se

relacionam com a vida da Capital Federal, nos principais veículos de mídia de Brasília. Segundo o jornalista Paulo José Cunha (2010: 112-117) as principais manifestações artísticas, políticas e culturais de Brasília passam pelo *Beirute*. O filme *Nove*, que pode ser acessado no *site* do *Youtube*, dirigido por Michel Gomes, documentando a vida social e cultural do bar *Beirute*, apresenta os tipos sociais ora apresentados como “ilustres frequentadores”: capital econômico e cultural do lugar, personagens que trazem as notícias, as novidades e o que acontece na cidade, no país e no mundo.

O frequentador do *Beirute* reivindica-se como “representante de uma classe média ilustrada” (DIAS, 2010). Um artigo do poeta Emanuel Medeiros Vieira (1994), ao falar de um grupo de frequentadores desse bar pontua com precisão qual é o lugar da fala deste, da psicóloga, do fotógrafo, do artista, enfim, de uma certa linhagem, do *impoluto*, para usar uma palavra sua.

Os “ilustres frequentadores”, em seus encontros, transformam o espaço do bar em lugar de informações sobre outros espaços e práticas de lazer na cidade. Informam e descobrem livros, autores, filmes, peças teatrais, festas, shows, boates, vernissages. Essas observações informam como é o “ilustre frequentador” dos bares pesquisados e que demandas culturais, intelectuais, políticas, artísticas eles reclamam e tecem. Informam também que redes de interdependências têm possibilitado a fixação do bar como espaço de sociabilidade e lazer.

Os “ilustres frequentadores” do *Piauí* chegam cedo ao bar. No turno matutino, “os amigos do Piauí” representam a assiduidade, a fidelidade e o compromisso de um grupo de amigos com o lugar, os conhecedores da “casa” bar *Piauí*. Eles chegam com os jornais, são os primeiros frequentadores a chegarem ao estabelecimento. O jornal, o jogo de *palavras-cruzadas* são material da unidade focal da interação inicial. Uma espécie de saudação de bom-dia, entre os membros do grupo. De cabeça baixa, fazendo as *palavras-cruzadas* ou acompanhando as notícias que leem a cada instante, algum deles anuncia a descoberta de alguma palavra mais difícil do jogo. Ou então, comenta-se alguma notícia da mídia, principalmente as da “ordem do dia”, as ordinárias: política, futebol, personalidades, artistas, novelas. E abre-se uma conversação, acompanhada de tragos nas bebidas, nos cigarros.

Fazer o jogo de *palavra-cruzada*, entre “os amigos do *Piauí*”, é realizar tarefa de *sabe tudo*, embora o jogo seja de nível médio de compreensão, em termos

de conteúdo. Ao realizarem tais jogos, o “ilustre frequentador” coloca na comensalidade seu capital cultural. Essa prática matinal pode ser observada entre frequentadores dos bares *Piauí*, *Paixão*, *Cunhados* e *Paulicéia*. É uma prática desenvolvida entre o público masculino, adulto e aposentados. O tempo de realização do jogo e a habilidade com vocábulos e sinônimos afirma o capital cultural desses “ilustres frequentadores” entre seus pares. Não é uma competição individualista, uns ajudam os outros e o jogo vai se resolvendo. Embora os brios individuais se reluzam com a descoberta das palavras “mais difíceis”.

Ler jornais, revistas, fazer *palavra-cruzada* são estratégias de interação dos “amigos do *Piauí*”. Fazem o jogo da *palavra-cruzada*, folheiam e leem o jornal, mas estão atentos à mesa. Esses comportamentos revelam que o “ilustre frequentador” não está submerso no entretenimento da leitura e do jogar. Não parece uma “simples adesão”, mas uma escolha. O jornal, a leitura, o jogo da *palavra-cruzada* é o liame interativo. Assim, Erving Goffman (2010) percebe esse tipo de situação:

O tipo de coisa que se lê no restaurante fala sobre a disponibilidade ou não para a interação e como a pessoa está se alimentando – por exemplo, ler jornal ou revista, leitura leve sugere que a pessoa pode estar mais aberta a algum tipo de interação. Ler livros acadêmicos, textos pesados sugerem que a pessoa está em estado de concentração, o almoço ou estar ali é subordinado, não é um envolvimento dominante o comer. (GOFFMAN, 2010: 63).

Esses “ilustres frequentadores” que iniciam com esses jogos e leituras parte do cotidiano do bar talvez não necessitassem desses jogos, revistas, ou jornais para a interação, eles são bastante próximos, envolvidos uns com outros, conhecedores do lugar, dos assuntos pessoais e das histórias do bar. Entretanto, outro papel dessas mídias, ao se tornarem conteúdos das interações, é moldar-se à sociabilidade. As mídias impressas, que esses “ilustres frequentadores” trazem para o bar, informam sobre suas formações. Essa observação de Goffman (2010) encontra eco, ainda, no comportamento de outro “ilustre frequentador” do *Piauí*, o Sr. *Embaixador*. Este chega com seus livros e textos. Sua leitura parece mais densa, exigindo-lhe mais concentração. Às vezes está lendo algum romance em inglês, francês ou alemão. Lê artigos científicos e especializados impressos. Seu envolvimento com outros frequentadores é à distância, mas gentil. Cumprimenta alguns frequentadores quando chega. É atendido pela funcionária, que já conhece

seus hábitos etílicos e gastronômicos. É simpático com o ajudante *Chapeleiro*, que sempre lhe cumprimenta e lhe oferece seus serviços. Mas fica nisso sua interação com o público do lugar. Beber e comer parecem um *envolvimento subordinado*, na noção de Goffman (2010), ao ato de estar no bar ensimesmado em leituras, envolvimento que *domina* seu estar ali.

Sanpaulino é um “ilustre frequentador” do *Paixão*. Para muitos frequentadores desse estabelecimento, *Sanpaulino* é tido como um dos mais ilustres dentre a maioria. Jovem, com 26 anos em 2009, é doutorando no Departamento de Biologia da Universidade de Brasília. Mora em um dos blocos da área comercial da superquadra, em frente ao bar. Sua educação, gentileza e polidez no trato com as pessoas, somadas ao seu bom humor são qualidades que o caracterizam como um “ilustre frequentador”.

Sanpaulino mora sozinho em uma quitinete alugada, vive de uma bolsa de estudos, tem uma namorada. Ela também frequenta o bar, embora com menos frequência que ele. Sua vida “é um livro aberto”. *Planaltino*, *Bicicletino* e muitos frequentadores conhecem sua vida, “muito simples”. Seu projeto é terminar o doutorado, fazer concursos e ser aprovado em alguma instituição de pesquisa ou universidade, casar com sua namorada, ter filhos.

Assiduidade, envolvimento, constância, participação na história do bar são condições que habilitam ao pertencimento, ao ajuntamento. Essas marcas de distinção possibilitam aos “ilustres frequentadores” certos privilégios no atendimento, no tratamento que recebem. Além do que, são queridos pelos funcionários e proprietários dos bares pela polidez, educação, gentileza e presteza com que frequentam o bar. Jornalistas, escritores e outros “ilustres frequentadores” do *Beirute* em vários textos escrevem gentilezas para os garçons do bar, os cozinheiros, os proprietários, como foi mostrado na seção sobre os funcionários.



Foto 44 – Humor e jocosidade: “se você tem olho gordo, use colírio diet”

Os “ilustres frequentadores” são no geral homens, é rara a mulher como “ilustre frequentadora”. Território masculino, por excelência, os bares, contudo vêm passando por uma série de transformações, no sentido de democratização de seu espaço e de suas práticas. Um fato novo, mas não tão recente na história dos bares, pode ser observado: de um lado, em relação às transformações nos produtos, serviços e ambiência; de outro, no público frequentador – as mulheres entram em cena.

Uma situação observada no bar *Piauí*: uma dupla de mulheres chega ao balcão do estabelecimento, pede duas doses de aguardente *Seleta*¹⁰² e bebem. Elas se vestem como iguais, com os mesmos estilos de corte de cabelo. Cinturão de couro preto com rebites de metal cromado. Carregam bolsas femininas de mão. Bebem simultaneamente as doses servidas. Acendem cigarros, conversam alguma

¹⁰² Um das marcas de aguardente que deu início ao *boom* dessa bebida “suavizada” entre o público feminino, em alguns bares de Brasília, em meados da década de 2000 foi a marca *Seleta*. *Seleta* é uma bebida destilada, uma aguardente de cana-de-açúcar fabricada na região do norte do estado de Minas Gerais, famosa por produzir as melhores aguardentes do país. As destilarias de aguardente têm, nos últimos anos, investido no *merchandising* dessa bebida, não somente no mercado nacional, mas sobretudo nos mercados internacionais.

coisa, dão gargalhadas. Em seguida pedem mais duas doses do destilado, riem. Bebem à maneira anterior, sorvem o líquido rapidamente.



Ilustração 10 – O lugar da mulher no bar: proprietária, funcionária, frequentadora

Em seguida, essas duas jovens mulheres saem do *Piauí* e vão em direção à boate ao lado do bar. Na porta dessa boate, outras mulheres, jovens e adultas bebem, fumam, conversam, riem. Enquanto esperam a abertura da boate, bebem cervejas e outras bebidas em uma banca de um ambulante. Frequentar bares, boates, *shows* tem sido uma prática de lazer entre homens e mulheres de Brasília. E nessa prática mulheres e homens compartilham, hábitos, “modos de ser” e “modos de fazer” da ambiência desses lugares.

Observando algumas jovens mulheres, bebendo cerveja e destilados, divertindo-se, rindo, beijando e abraçando homens e outras mulheres, no espaço público do bar, acredita-se estar em meio a acontecimentos calorosos, quentes e cheios de possibilidades. O relato da entrevistada *Patie*, de que gosta de “beber pinga antes de entrar na balada, por conta do preço e de ficar logo pronta”, revela

um dos segredos da jovem para enxugar os gastos com a bebedeira e se “aprontar” para a noite. Aqui, a bebida é uma maquiagem para o espírito. Maquiagem recente na *nécessaire* feminina.



Foto 45 – Ambiência feminina: nécessaire, batom e garrafa com flor

Nas seguidas observações nos bares, constataram-se regularidades quanto ao consumo feminino de aguardente da marca *Seleta*. Buscar compreender o significado cultural da bebida, particularmente a aguardente, tão em voga, entre algumas jovens mulheres é abandonar um olhar que vê as bebidas alcoólicas como vícios ou práticas masculinas. Também não se pode pensar a bebida, unicamente, de um ponto de vista patológico, como uma fonte de problemas sociais. Ou, considerá-la também como algo apenas recreativo. É preciso dar à bebida um lugar mais importante na vida cotidiana, já que em torno desses prazeres muitos têm encontrado seu lazer.

Embora não seja o caso aqui aprofundar, jovens mulheres observadas – bebendo destilados, e particularmente aguardente, nos bares – parecem sorver a

bebida, com propósitos de entorpecimento¹⁰³, de se aprontar para a noite. No entanto, parece haver outros conteúdos simbólicos nesse ato, embora o olhar da pesquisa não esteja treinado para tal observação. Recuperando a fala da entrevistada *Patie*, pode-se pensar na bebida consumida por ela antes de ir para a noite, como um “combustível” para os mistérios que a noite venha lhe revelar; por exemplo, um convite para dançar. Sabe-se que, como maquiagem para o espírito, a bebida salienta traços subjetivos. O filósofo Michel Montaigne afirma que:

para o bem ou para o mal, a embriaguez é uma maneira eficiente de ressaltar a natureza do indivíduo, e também, eminentemente, adequada a dar às pessoas coragem de participar dos prazeres da dança e da música. (MONTAIGNE, 1987: 107).

Ser mulher e frequentar espaços de lazer é um modo de vida que pesquisas empíricas comprovam (ALMEIDA, 2003; BARRAL, 2006; CAVALEIRO, 2001; PAÍM, 2006). Há espaços de entretenimento onde a presença da mulher se faz anotada há tempos: cinema, teatro, restaurantes, bailes, festas. Embora o bar represente ainda um lugar do masculino, e não é a presença da mulher que o torna feminino, há um número muito grande de bares que vem incluindo a mulher em seu espaço. Através dessa prática, de conteúdo associativo, as mulheres socializam seus universos para o bar. Conversam sobre assuntos que importam em suas vidas: estudo, filosofia, a vida de outrem, experiências pessoais. *Cravo e Canela*, estudante, diz que entre amigos, na mesa do bar, bebendo cerveja,

falam sobre como está indo a vida de cada um em casa, no trabalho, nos estudos. Combinamos de sair pra outros lugares, conversamos sobre política e principalmente comportamento social, pois a maioria dos meus amigos estuda sociologia, história ou algo do tipo. (*Cravo e Canela*, frequentadora).

O bar surge, agora, como espaço de lazer, *strictu sensu*, não destinado somente aos homens. As mulheres vêm frequentando os bares com a mesma recorrência, transformando-o em um espaço heterogêneo, de troca de experiências com o lugar, de conversação, de desconstrução e reconstrução de antigos hábitos e valores ligados a essa ambiência. O lugar da mulher no bar, como anotado, pode ser

¹⁰³ Isto está sendo dito à luz da rapidez dos tragos e do número de doses. Beber aguardente requer certo treinamento. O modo de beber de muitos jovens, e particularmente de algumas jovens mulheres, à luz de um autêntico bebedor desta bebida, denota falta de tato, de conhecimento das artes de beber aguardente, tão cultivado em algumas regiões brasileiras.

como comerciante, comerciária ou frequentadora. Mas, como em outros espaços, é uma posição que vem sendo marcada cotidianamente. Contudo, história a ser pesquisada, escrita, e, em muitos casos, reescrita. (RAGO, 1985; WOLFF, 2005).

Como comerciante ou proprietária, a mulher aparece, entre os bares pesquisados: *Paulicéia*, *Piauí* e *Careca*. Como comerciária ou funcionária nos bares: *Beirute*, *Paulicéia* e *Piauí*. Em ambos os casos, no entanto, são minoria. Em relação à categoria de frequentadora, a mulher está presente em todos os bares pesquisados, com exceção do *Paixão*, que, entre os bares observados, é no que menos se notou a presença da mulher. Como “ilustre frequentadora”, o lugar da mulher no bar ainda é incipiente. Mas o bar como lugar de lazer agrega todas as classes sociais, gêneros e faixas etárias¹⁰⁴.



Foto 46 – “Ilustres frequentadoras”

¹⁰⁴ A inclusão de todas as faixas etárias tem a ver com a forma de frequentação e os produtos a serem consumidos. A venda de bebidas alcoólicas e cigarros nos bares somente é permitida a maiores de 18 anos. Mas existem “ajustes” e “acordos” para viabilizar a frequentação e o consumo de menores dessa idade no bar. O *Beirute*, por exemplo, possui um pequeno parque com brinquedos que fomenta a frequentação familiar no lugar. O vídeo *Alcoolistas anônimos no bar* discute essa relação entre crianças e família no bar. Disponível em: <<http://www.viverembrasilia.com.br>>. Acesso em:

CAPÍTULO 3 LAZER, TEMPO LIVRE E SOCIABILIDADE



Foto 47 – Práticas de lazer no Plano Piloto

Uma sociologia do lazer no bar apresenta-se necessária, contudo complexa. No quadro teórico em que se prende o *lazer* são postos os seguintes elementos constitutivos desta categoria: práticas físicas, artísticas, manuais, intelectuais, formativas, políticas, de ocupação do tempo livre. Há um quê de sadio, de nobre, de rejuvenescedor, de puro nessa formulação teórica imediata, fechada. Além do que, em sua formulação de senso comum, o bar comparece com sentidos de perdição e vícios. Sendo assim, como considerar o tempo ocupado no bar como uma forma de lazer?

Diante desse questionamento, parece ser precioso considerar outras práticas e ocupações do tempo livre no sentido de ampliação da categoria *lazer*. Assim seria mais fácil compreender o significado do bar em suas potencialidades como prática cultural. Ainda, hoje os bares são um dos principais espaços e tempos de entretenimento em quase todas as cidades do mundo, entre quase todas as faixas etárias e todos os gêneros.

Os estudos sobre o lazer envolvem questões culturais, econômicas, políticas, biológicas, sociais, tornando-o assim, uma categoria tensa, ambígua, complexa, polissêmica. No campo das ciências sociais tem-se, entre as grandes tradições dominantes sobre o lazer: o pensamento americano; a abordagem antropológica; o pensamento social britânico; a tradição popular iniciada com Paul Lafargue e sistematizada em Joffre Dumazedier; a sociologia dos tempos sociais. (PRONOVOST, 2011). Embora sempre, em todas as sociedades históricas, possam ser observadas formas de divertimento, jogos e brincadeiras, é somente a partir de meados dos anos 1800 que aparecem os primeiros estudos sobre essas práticas.

Historicamente, o lazer, da forma como encontrado hoje nas grandes cidades, vem sendo basicamente desenvolvido, no meio urbano, a partir dos finais do século XIX, exponencialmente no século XX (CAMARGO, 1986, 2003; DUMAZEDIER, 1976, 1978 e 1994; GAELZER, 1979). Desde seu surgimento na forma moderna, o lazer multiplica produtos e equipamentos, ao mesmo tempo em que hibridiza culturas: a indústria internacional do *entertainment* prolifera modelos e representações; de outro lado, as culturas populares atingem a esfera da produção e consumo de bens simbólicos, ocupando espaços no mercado de bens culturais, em parte reservado às práticas de lazer.

O filósofo Johan Huizinga (1971), por exemplo, no início do século XX, retomando, teoricamente, o ponto de vista da civilização grega, propõe a discussão sobre o lazer em termos de um novo *ethos* humano. Um vínculo social não mais pelo trabalho, mas pelos jogos e brincadeiras, no que ele chama de novo *homo ludens*. Essa perspectiva orienta o pensamento sociológico americano, e deriva sobretudo da prosperidade americana no início do século XX. E por outro lado, soma-se a esse processo a incipiente indústria do entretenimento e recreação posta em curso nos Estados Unidos. A ênfase é colocada na liberdade de escolha e na satisfação pessoal, marcas do individualismo liberal. Óbvio que a apresentação do problema do lazer, sob este prisma de um *homem ludens*, está longe de uma realidade na qual o trabalho ainda é fonte de riqueza. Para a grande maioria, o trabalho é condição para o lazer.

Nesse contexto americano, de surgimento da indústria do lazer, a antropologia urbana irá apresentar o lazer como parte integrante do *American Way of Life*. Para essa corrente, o lazer seria mais uma adesão que uma escolha

individual. Partindo das análises de David Riesman sobre os lazeres de massa, Pronovost afirma que

a abordagem antropológica americana está na origem de uma importante corrente de reflexão que demorou para pensar o lazer em suas relações com a cultura. Ela também inspirou a problemática da cultura de massa, a partir da qual os pesquisadores se interessaram particularmente pelos fenômenos da estandardização, do lazer passivo, da baixa “qualidade” dos lazeres de massa, sem esquecer a questão das mídias. (PRONOVOST, 2011: 23).

No pensamento social britânico, a tentativa de definir lazer remete a dimensões históricas mais amplas, e às contradições do capitalismo. O lazer, em sua constituição moderna, estaria diretamente relacionado ao problema do mundo do trabalho e da decorrente estratificação social (PRONOVOST, 2011; CAMARGO, 1986: 143-149). Assim, para analisar teoricamente o lazer, deve-se compreender, em primeiro lugar, o trabalho em sua dimensão plena de esforço físico e mental aliado à modificação histórica que o mesmo produz na humanidade.

A tradição do pensamento social britânico, apropriando-se das reflexões de Karl Marx (1976) e Paul Lafargue (1980), pensa o lazer mais como um espaço para se compensar os esforços do trabalho, ou de reproduzir energias para o trabalho posterior, do que para práticas de lazer em seu sentido pleno, de busca de prazer e escolha espontânea. Todavia, Marx (*op. cit.*) acreditava que o homem seria livre, não alienado,

na sociedade comunista onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividade exclusiva, fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico. (MARX, 1976: 41).

Para Paul Lafargue (1980), o tempo livre era um espaço central para o fortalecimento e o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude,

mas para que tenha consciência de sua força, é preciso que o proletariado pisoteie os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora: é preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame os Direitos à preguiça, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os físicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite. (LAFARGUE, 1980: 84).

A reflexão sobre o lazer, que se inspira na educação popular e no desenvolvimento cultural, é de onde se originara uma sociologia do lazer, que toma essa categoria de forma plena, separada da sociologia do trabalho. Segundo estudiosos dessa corrente (DUMAZEDIER: 1976; GAELZER: 1979), as pessoas podem desenvolver ocupações, laços de sociabilidade, adquirir comportamentos, produzidos por normas e códigos muito distintos dos desenvolvidos na disciplina da escola ou do trabalho.

Para Dumazedier (id.) o tempo livre propicia o lazer que contribui, implicitamente, no processo de socialização e inserção dos indivíduos nos jogos, regras e rituais sociais. Pelas práticas do lazer, ocorreria um tipo de prazer social oculto. Ainda, a fruição pelo lazer e o entretenimento influenciaria nas vivências e representações coletivas e particulares de aspectos da vida social. Ao construir sua definição de lazer, o sociólogo Joffre Dumazedier (1976: 165-175) afirma que este “enriquece, informa, constrói e educa, tendo ainda as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento”.

A reflexão de Dumazedier leva a pensar o lazer e suas dimensões de socialização, de produção de novos e outros valores. Gilles Pronovost comenta:

A abordagem de Dumazedier deve ser inscrita em uma perspectiva mais ampla de desenvolvimento cultural, na qual são levadas em consideração a questão dos valores, da educação permanente e da educação popular. Ele enfatizou o papel do lazer enquanto esfera autônoma de produção de novos valores sociais, bem como a importância das dimensões educativas que o lazer moderno veicula. (PRONOVOST, 2011: 24).

A partir da relação trabalho-lazer, a abordagem da sociologia dos tempos sociais extraiu uma discussão interna entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho. Como regra geral, essa sociologia trata da distinção dos vários tempos sociais: trabalho, escola, família, obrigações religiosas etc. Mas essa sociologia trata de observar entre esses tempos, um tempo livre, que diz respeito ao tempo para o lazer. A reflexão que faz é que “o conteúdo do tempo livre refere-se essencialmente a atividades dotadas de atributos distintivos: liberdade, satisfação pessoal, espontaneidade, criatividade, ludicidade, etc”. (PRONOVOST, id.: 25).

A luta por tempo livre será um dos pontos centrais na pauta dos movimentos socialistas e trabalhistas do século XIX. Ou, muito mais que isso, significará um terço da reivindicação, se pensarmos na frase “*eight hours to work*,

eight hours to play, eight hours to sleep”, palavra de ordem dos trabalhadores diante da opressiva jornada inglesa de quatorze/quinze horas diárias. Para Lenea Gaelzer,

a conquista das oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas de lazer, preconizada na Inglaterra, em meados do século passado (século XIX), marcou o início da humanização do trabalho e transformou a recreação e o lazer como um fato social. (GAELZER, 1979: 46).

Considerar o lazer como um fato social é reconhecer-lhe como procedimento de socialização decorrente dos resultados da luta pelo tempo livre. O lazer vem cumprir, neste caso, as funções de: convergir indivíduos e grupos sociais para si; atrair grandes públicos; agir ou realizar ações. Por isso, se torna uma das atividades prediletas de escolha ou adesão ao tempo livre. O debate mais amplo nas ciências sociais, sobre o problema do lazer, reúne essas cinco correntes apresentadas. Todas, abordagens sobre o lazer que tocam no problema da escolha ligada à liberdade ou da adesão como alienação.

3.1 LAZER, ESCOLHA OU ADESÃO?

Com a organização do tempo social e a conquista do tempo livre, uma das primeiras e definitivas instituições a buscar uma ocupação para esse tempo livre das pessoas foi a chamada indústria cultural: produtos e equipamentos para a diversão e o entretenimento. Já nos finais do século XIX começa a se desenvolver a indústria do lazer articulada em torno de determinados equipamentos culturais e grupos sociais. Como atividades para o tempo livre, a indústria cultural, associada aos desenvolvimentos tecnológicos, traz transformações radicais: cinema, música, teatro, circo, revistas em quadrinhos, meios de comunicação de massa, rádio, televisão e outras mídias. É o que Karl Mannheim (1967) vai chamar de lazer maquinofaturado. Na percepção deste autor,

o rádio, a vitrola e o cinema são agora instrumentos para produzir e distribuir novos padrões de lazer. São essencialmente democráticos e trazem novos estímulos à vida dos mais humildes, mas poucos deles já conseguiram criar os valores autênticos que poderiam humanizar e espiritualizar o tempo gasto fora da oficina, da fábrica e do escritório (MANNHEIM, 1967: 34).



Foto 48 – Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília: cinema, teatro, exposições... entretenimento

Com a nascente indústria do lazer, a invenção do cinema, do rádio e posteriormente do disco e da televisão, inicia-se um intenso e tenso processo de construção de equipamentos e ambiências de lazer que passam a atuar de modo mais significativo sobre o tempo livre, abrindo espaço para uma heterogeneidade de opções de lazer. Porém, ao lado dessas possibilidades múltiplas, há uma forte tendência de homogeneização dos conteúdos do lazer pela incipiente indústria cultural. Na esteira do desenvolvimento e crescimento da indústria cultural, as opções e as respectivas escolhas tornam-se outro dos problemas a ser enfrentado pelos teóricos do lazer.

Para o filósofo da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno (2004), opções e escolhas seriam dois lados de uma mesma moeda. Segundo seu argumento, a indústria cultural (que produz lazer e entretenimento) seria um dos braços da indústria capitalista monopolista e globalizante. Nesse sentido, sua produção está inteiramente voltada para o consumo massificado e massificante, não havendo possibilidade real de escolha pelos indivíduos. Este estaria encerrado num quadro de consumo alienado, ou de adesão cultural.

Ainda, segundo Adorno (id.) o sentido que a indústria cultural imprime aos seus produtos é sempre de padronização, de repetição, de homogeneização dos

desejos e das realizações. Divertimento, música, cinema, arte, tudo é transformado em mercadoria para o consumo imediato e desprovido de sensações mais profundas de satisfação e prazer. Para a crítica radical da indústria cultural, as possibilidades de uma escolha livre são remotas, quando não inexistentes.

O problema da escolha ou adesão é um das dificuldades na construção do conceito de lazer. Descobriu-se que as escolhas estariam sempre cingidas por fatores socioculturais ou econômicos. Não se pode escolher tudo. A própria ideia de escolha exclui outros objetos. Quando se escolhe, deixa-se de escolher. O modo como se ocupa o tempo livre estará intrinsecamente ligado às opções que são oferecidas. Cada sociedade, cada cultura oferecem determinadas opções de lazer para sua população. A disponibilização e a disponibilidade de determinados equipamentos e recursos para o lazer definem formas de relação dos indivíduos com essas práticas.

A indústria cultural efetivamente vem contribuindo para a constituição de um mercado pouco crítico em relação aos seus produtos. A inumerável quantidade de mercadorias oferecidas tende o lazer e o entretenimento mais para o consumo e a homogeneização e padronização do gosto e das mentalidades, enredando um processo de embotamento da capacidade de discernimento entre os objetos (SIMMEL, 1987). Em muitos casos, a rotatividade não permite um tempo para uma apreciação qualitativa mínima dos produtos oferecidos. Os bares pesquisados vêm passando por um crescente processo de homogeneização de seus espaços, tempos e práticas, sob a influência da indústria do lazer e do entretenimento.

No entanto, são muitos os produtos, daí a possibilidade dos gostos múltiplos: opções, escolhas, adesões. Assim, não se pode perder de vista a possibilidade de inventividade e liberdade inerentes à dinâmica social, à cultura, e às práticas sociais. (HUIZINGA, 1971; BAKTHIN, 1994). Esse argumento, segundo Gilles Pronovost (2011), guia o argumento de Joffre Dumazedier. Para Pronovost, a discussão proposta por Dumazedier sobre o tempo livre redimensiona a categoria *lazer*, e propõe que

o tempo liberado do trabalho produtivo, a princípio concebido como simples complemento reparador das forças produtivas, tende a transformar-se cada vez mais em um tempo privilegiado, decisivo, no qual se elaboram novos valores coletivos. Estes ampliam a exigência da individualidade e tendem a reduzir as restrições do trabalho para,

em seguida, reduzir todas as outras obrigações institucionais. (PRONOVOST, *op. cit.*: 26).

Historicamente, a partir dos anos 1950, as condições sociais do tempo livre e do lazer são radicalmente diferentes do contexto do seu surgimento. O tempo livre se torna uma realidade para muitos grupos sociais. As relações que se estabelecem entre lazer e sociedade vão propiciar o incremento da indústria cultural, havendo, em certo sentido, uma massificação dos estilos de vida. Numa sociedade onde já se ouve falar em produto cultural para o consumo, o lazer aparece não mais apenas como atividade gratuita, espontânea e prazerosa, mas também como consumo, diversão, alienação, contestação ou contemplação, mas, enfim, como atitude diante do mundo e do tempo livre.

Nos EUA, a indústria cultural, desse período, constrói e afirma um imaginário e um estilo de vida do consumo. Paralela à indústria do lazer e do entretenimento, *strictu sensu*, também se desenvolvem outras indústrias (química, petroquímica, veículos, moda) que se relacionam diretamente com as novas práticas culturais. Nesses anos 1950, um eixo de análise suscitado pelos estudiosos do tempo livre, particularmente da perspectiva crítica da indústria cultural de massas, é a condição da atividade ou passividade do lazer. O lazer seria alienante ou transformador? Um caminho teórico aproxima lazer de hedonismo, ou seja, o lazer associado à indústria cultural, ao entretenimento, à diversão ligeira e fácil estaria ligado à passividade. Da perspectiva dos pensadores da teoria crítica, a indústria cultural contribuiria para a alienação e passividade dos indivíduos (ADORNO, 2004: *passim*).

Tentando responder à questão *atividade* ou *passividade*, Camargo (1989) argumenta que não existiria lazer passivo nem ativo, pois para ele “quem faz, age”. Nesse sentido, não haveria o fazer-por-fazer apenas, ou o *dolce far niente*, já que esta ação seria sempre condicionada por determinados fatores sociais, culturais, econômicos. Daí a legitimidade do *dolce far niente*, em uma condição de tempo livre.

No mesmo sentido, Joffre Dumazedier (1978) demonstra, através de ampla pesquisa empírica, que o lazer ocupa a maior parte do tempo livre das pessoas, e as atividades nele desenvolvidas buscam sempre, além do descanso, alguma forma de ludicidade e algum tipo de desenvolvimento pessoal, e não apenas uma passividade diante da realidade. Nas palavras de Dumazedier, o lazer no tempo livre cria para a maioria da população, de todas as faixas etárias e de todos os

meios, as condições de uma liberação pessoal, mais profunda de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos antigamente reprimidos, “repelidos” e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea, mais renovada, mais passional a grupos de “iguais”, de “torcedores ou fãs”; sob formas cotidianas de participação como espectador ou amador (DUMAZEDIER, 1994: 49).

Aqui foram abordados três aspectos do lazer: primeiro, sua relação com o tempo do trabalho, associando-o ao tempo livre. Depois, a percepção do lazer enquanto uma ação entre escolha ou adesão, considerando, contudo, que o lazer é sempre algo que se faz. Esta ação ou atividade desenvolve-se no tempo livre e, apesar dos limites socioculturais e econômicos, liga-se ao prazer, ao gratuito e espontâneo, tendo também a função de descanso, reparo das energias para o trabalho, desenvolvimento e criatividade.

Também se deteve no argumento e na afirmação do lazer enquanto valor em si. (DUMAZEDIER, 1978). Neste momento, o estado, a educação e a indústria cultural percebem a importância e a centralidade do lazer e passam a investir nesse segmento. As práticas de lazer indicam uma atitude, um comportamento ativo ou passivo, dos indivíduos diante das ofertas para a vivência do tempo livre, mas uma prática real e preferencial de muitos indivíduos e grupos sociais.

3.2 FORMAS E CONTEÚDOS DO LAZER

A influência do lazer sobre os indivíduos ainda não foi devidamente estudada, particularmente o lazer em bar. Que formas de lazer se têm à disposição na cidade de Brasília, quais os conteúdos desses lazeres? Relembrando, para Joffre Dumazedier (1976), ao desenvolver práticas de lazer os indivíduos estariam se relacionando com determinados valores e conteúdos culturais. Segundo a classificação que este autor fez das atividades de lazer, estas podem ser do tipo físicas, manuais, intelectuais, artístico-musicais, associativo-sociais e turístico-ecológicas. Entretanto, essas atividades possuem conteúdos e valores que são inseparáveis na realidade. O indivíduo ao encontrar amigos no bar, por exemplo, estaria desenvolvendo uma prática associativa, mas ao mesmo tempo, por exemplo, intelectual ou turística.

Tomando a classificação proposta por Joffre Dumazedier (id.: 1976), a professora Lenea Gaelzer (1979) considera que os conteúdos culturais do lazer podem ser os mais variados,

ao mesmo tempo férias e trabalhos voluntários, nadar e fazer esportes, prazeres gastronômicos e entretenimentos musicais, atividades de azar, leitura de jornal e estudo de uma obra-prima, conversa fútil e conversa cultural, atividades desinteressadas e realizadas livremente, a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam (GAELZER, 1979: 49).

Seguindo a conceituação de Dumazedier (1976: 165-75), também o lazer teria três funções essenciais: descanso; distração, entretenimento, divertimento; desenvolvimento humano. Para esse autor, o lazer-consumo tem muito mais de descanso e divertimento que de desenvolvimento. Contudo, como forma de desenvolvimento, ele aparece implícito. No caso dos bares, o lazer, em toda sua extensão, de escolha espontânea ou adesão gratuita, produz ações de reciprocidade, de desenvolvimento de amizades, laços de sociabilidade que impactam nas vivências e representações coletivas e individuais.

A sociologia do lazer recorta melhor seu objeto de estudo, na medida em que considere o lazer como uma prática interativa que desenvolve a sociabilidade. A partir dos espaços e práticas de lazer, os indivíduos podem trocar vivências e experiências de estar juntos coletivamente. Momento em que “cada indivíduo deve garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo”. (SIMMEL, 2006: 69).

Os traços da sociabilidade, conceito formulado por Georg Simmel, podem ser observados nas relações que se desenvolvem no bar: a interação entre frequentadores, proprietários e funcionários “não se traduz na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade”. Não há interesses de grupo que suplantam os interesses individuais, entretanto, em participar do espaço social dos grupos. O sociólogo Óscar Soares Barata sumariza que as “formas específicas de estar com e para os outros” se caracterizam pelo sentimento que os participantes da relação têm de estar associados e que dessa interação retiram prazer. Para Barata,

estas formas, que estão incluídas no conceito geral de interação, existem por si próprias e pela fascinação que na sua própria

libertação destes laços difundem. É precisamente este o fenómeno a que chamamos sociabilidade. (BARATA: 1989).

No encontro no bar, o estar junto, que requer tato nas interações, simpatia, cordialidade, significa o prazer da ligação social sem qualquer outro interesse. Segundo o sociólogo Jean Baechler, os bares como espaço de interação poderiam ser definidos “por redes de algum modo deliberadas onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros”. (BAECHLER, 1995).



Foto 49 – “Amigos do Piauí”, sob o sol da manhã

Considero que, entre os “amigos do Piauí”, trazer tira-gostos, jornais, cds para compartilhar com os outros frequentadores, pode ser observado como uma atitude de gratificação pelo estar juntos. Quando *Botafoguense* traz seu cozido de carne de tatu, para oferecer aos frequentadores e funcionário do *Paixão*, embora não seja bem recebido, é um gesto de “troca gratuita”, um compartilhar sem cobrança. O mesmo gesto gratuito é observado quando os “ilustres frequentadores” do *Meu Bar* equipam o espaço para a transmissão dos jogos da *Copa do Mundo de Futebol*. Para Simmel,

la gratitud es el residuo subjetivo del acto de recibir o del acto de entregar. (...) Aunque la gratitud es un afecto personal o si se quiere lírico, se convierte en el más intenso lazo de unión, merced a su movimiento de lanzadera por el interior de la sociedad. La gratitud es el fértil terreno sentimental en el que sólo fructifican acciones aisladas de uno a otro, sino que, por su existencia, a menudo inconsciente y entretejida con motivos de otro género, prolifera en los actos humanos una modificación o intensidad peculiar, un enlace con los anteriores, una entrega desinteresada de la personalidad, una continuidad de la vida común¹⁰⁵. (SIMMEL, 1939: 185-186).



Foto 50 – Lazer gratuito, artístico e espontâneo

A gratuidade, na proposição de Simmel, não se formula em termos de escolha ou adesão, mas como um jogo pelo jogo, um encontro pelo próprio encontro, entre aceitação e recusa, em um interesse desinteressado. É a interação face a face, proporcionada pelos encontros cotidianos em alguns espaços, no lugar em que o encontro se realiza concretamente, é que se produz ação de reciprocidade entre os indivíduos. Para Simmel, a sociedade, concebida de forma ampla, se

¹⁰⁵ “A gratidão é um resíduo subjetivo do ato de receber ou do ato de entregar. (...) Ainda que a gratidão seja um afeto pessoal ou que se quer lírico, converte-se no mais intenso laço de união, graças ao movimento de ser lançado (indo e vindo) para o interior da sociedade. A gratuidade é um fértil terreno sentimental onde só fructificam ações isoladas de um (indivíduo) a outro, senão que, por sua existência, com inconsciente frequência e entretida com motivos de outro gênero, prolifera na ação humana uma modificação ou intensidade peculiar, um enlace com os anteriores, uma entrega desinteressada da personalidade, uma continuidade da vida comum”. (Tradução deste Autor).

realiza nas ações cotidianas entre os indivíduos. Em encontros em um bar, por exemplo, se pode recolher uma série de dados sobre as normas e regras sociais de etiqueta, comportamento, estilo de vida.

3.3 FORMAS E CONTEÚDOS DO LAZER EM BAR



Foto 51 – Fim de jogo: observação direta, aberta e prolongada

Muitas pessoas reclamam da falta de lazer em Brasília, justamente uma cidade planejada para o lazer. A carência de condições adequadas para a prática do lazer, principalmente os ligados à cultura artístico-intelectual, como cinema, teatro, espetáculos, é, para alguns frequentadores de bar, um dos motivos de sua escolha ou adesão ao lazer, optando pelo bar. Como afirmou um funcionário do *Beirute*, “as pessoas não têm muitas opções, aí vão para os bares, restaurantes”. A busca por lugares alternativos, que supram certas carências do lazer, aproxima indivíduos e grupos de bares, principalmente quando se percebe que em Brasília os bares estão em todos os lugares.

O lazer ligado a bares é visto por algumas pessoas como uma prática cheia de perigos, senão lugar de perda do próprio sentido lúdico da vida. Importa

menos que o caráter lúdico, associativo, cultural do lazer, para esta pesquisa, este discurso, não descoberto de razão, de determinados grupos sociais. Interessou observar aqui os conteúdos e valores que essa prática de lazer carrega, que formas de sociabilidade desenvolvem.

Ancorado nessas reflexões das ciências sociais sobre a categoria *lazer*, particularmente na sociologia do lazer de Dumazedier, afirma-se que o lazer em bares cumpre as três funções apresentadas, porque, *strictu sensu*, estas funções se interpenetram, quando não possuem fronteiras muito fluídas. Também o lazer ligado a bares explora interesses culturais os mais diversos, sendo neste sentido não somente diversão ou entretenimento hedonista, mas espaço de construção e desenvolvimento de valores culturais e identitários, individuais e coletivos, como amizades, estimas, afetos. É onde atores se encontram trocando seus sentidos, cosmologias e representações do mundo, da cidade, do cotidiano.

As opiniões sobre o lazer em Brasília, para alguns “ilustres frequentadores” de bares, dos sexos masculino e feminino, em certos pontos se aproximam, em outros se afastam. Entre os homens, por exemplo, perguntados se Brasília oferece lazer, alguns afirmaram negativamente; outros concordam que os espaços existem mas ainda são poucos; e uma maioria de afirma positivamente. O jovem *Let's boy*, respondendo a pergunta sobre os lazeres que Brasília oferece, apresenta seu guia turístico:

um lago nojento, um clube público extremamente lotado, alguns bons parques, *shopping center* com salas de cinema caríssimas, muitos bares e botecos, e algumas boates degradantes. Poucos eventos de grande porte, e coisas culturais mais elitistas como teatro e coisas do tipo. (*Let's boy*, entrevistado.).(BARRAL, 2006).

Entre as mulheres, algumas opiniões mostram não haver lazer em Brasília; outras afirmam serem poucos os espaços de lazer. Outras mulheres informam que a cidade oferece espaços de lazer. As respostas intermediárias, entre o sim e o não, acabam esbarrando na opção por bares e festas. Embora haja opiniões divergentes quanto ao lazer na cidade, tanto entre homens quanto entre mulheres, a afirmação de que a cidade não oferece espaços de lazer é a de menor

proporção. A precariedade de lazer associa-se, em alguns casos, a outras variáveis já apontadas, como transporte, custos, pouca variedade.¹⁰⁶

Antes de iniciarmos uma incursão pelos espaços, formas e conteúdos de lazer, cabe apresentar o que alguns “ilustres frequentadores” entendem e praticam como lazer. As respostas mostram que o lazer associado ao divertimento apresenta um percentual maior de escolha ou adesão em ambos os sexos. Como descanso, o lazer aparece em segundo lugar. E como forma de desenvolvimento pessoal, embora pouco citado, aparece em falas como a da entrevistada *Asanortina*. Diz a mulher sobre o lazer no bar, como forma de crescimento pessoal:

Eu acho bom. Eu acho que as crianças têm de frequentar todo tipo de lugar, pra que ficar maquiando uma situação como se a gente não bebesse, não poder levar uma criança para um espaço que num bebe, acho que não tem problema nenhum de levar uma criança para um bar, beber uma cerveja, tudo com equilíbrio... não vejo problema nenhum. Eu, por exemplo, venho aqui com meu marido, bebemos uma cervejinha... tudo com equilíbrio é legal. (*Asanortina*, entrevistada).

Outro entrevistado vai dizer, sobre o lazer em bar, que:

Os laços da amizade crescem... por exemplo, meu pai não está aqui, são todos amigos deles, mas eu tô aqui! Tem meu padrinho que está aqui, que eu escolhi a partir dos amigos do meu pai, tá meu avô aqui do lado. (*Netinho*, entrevistado).

Observo que homens e mulheres, frequentadores de alguns bares de Brasília desenvolvem práticas de lazer que têm como conteúdos centrais os ligados à fruição intelectual, artística, associativa. O “estar entre amigos” é motivo recorrente do estar ali. Fazendo crer, em grande medida, que a fruição e o prazer retirados das práticas de lazer decorreriam do encontro com o outro no tempo livre. Como se o outro fosse condição *sine qua non* para o gozo pleno do lazer. Nesse sentido, há certa heteronomia do outro, como observou bem Michel Maffesoli (2004), a respeito do seu argumento de que o “lugar faz o elo”.

Voltando aos conteúdos culturais, na proposição da sociologia do lazer, estes dizem respeito a atividades como cinema, teatro, *shows*, exposições. O bar

¹⁰⁶ Em 2006, em pesquisa realizada para dissertação de mestrado os dados sobre lazer em Brasília apresentaram opiniões divergentes sobre o tema. Aqui na tese não foi possível realizar uma pesquisa quantitativa sobre o lazer na cidade, mas em perguntas em conversas e entrevistas, foi observado que o lazer em Brasília é um componente das atividades do dia a dia das pessoas.

não é colocado nessa categoria. Mas, em uma concepção polissêmica de lazer, há que se considerar que a sociabilidade, a comensalidade, resultante do caráter associativista do estar no bar, em um ajuntamento de atores, coloca em circulação conteúdos culturais. Por isso, o bar pode ser percebido como espaço de sociabilidade, onde o estar-junto é prenhe de valores e significados. Ancorando-se em Michel Maffesoli, tem-se que o bar pode representar

um daqueles lugares em que, sem nos preocuparmos com o controle do futuro, administramos nosso presente, espaço vivenciado não para o refúgio de um individualismo amedrontado e imóvel, mas a base a partir da qual se efetuam as incursões e investidas que, pouco a pouco, vão constituindo a órbita de uma nova socialidade (MAFFESOLI, 2004: 66).

Esse estar-junto que Maffesoli aponta como uma das características das sociabilidades atuais fundamenta os lazes da jovem brasileira *Nathalia C.* Sobre o lazer, ela diz:

Saio com os amigos pra me divertir de montão. Geralmente frequentando bares, festas de música eletrônica, shows de reggae, casa dos amigos, a orla do lago, cinema, teatro. Os dois últimos com menos frequência. Estar com os amigos, ter amigos divertidos, sair para tomar umas, conhecer, amar, viajar!! Não ser careta, saber que essa passagem não será julgada e que aqui se faz e se paga. Lazer pra mim é estar com pessoas queridas em um ambiente legal, seja um bar ou uma canga estendida na beira do lago, é esquecer os problemas e sorrir junto. (BARRAL, 2006).

Ao frequentar bares sozinho, em grupos, pares, esses atores socializam “sensibilidades e espiritualidades”. Daí, por exemplo, a participação coletiva na construção de representações sobre maneiras de beber, de se comportar, dos hábitos a serem desenvolvidos. Através das “cores vivas e cores apagadas que aparecem na colcha de retalhos composta pelos relatos dos entrevistados”, percebe-se a formação do bar como espaço de lazer pelas vivências e experiências: interessante espaço associativo, de interações e sociabilidade.

O bar pode ser espaço de encontro, celebração, comemoração, consumo, paquera, mas é sobretudo um lugar onde o lúdico se desenvolve. A diversão lúdica, o riso, a brincadeira, em suas mais variadas formas, são vividas e representadas em torno das mesas, da bebida, do ajuntamento. As bebedeiras de *Chiquim* no *Piauí* não são apenas eventos de comicidade e riso, mas lúdicos, e, portanto, carregadas de significados e prescrições. O cômico aparece como regulador repressivo do ato

de embebedar. E no caso do *Chiquim*, como foi dito, especialmente por sua posição moral no lugar. (CONCETTA, 2007: 10).

O bar é, também, espaço específico com forte carga afetiva: encontros, amizades e outros sentimentos. Podemos, ainda, seguindo os argumentos de Michel Maffesoli, definir o bar como

espaços de celebração feitos por e para iniciados, aos quais se vai em busca de iniciação e onde se observam os iniciados: no sentido etimológico do termo, portanto, espaços onde se celebram mistérios. As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas. (MAFFESOLI, 2004: 58).

Hoje se pode compreender o tempo livre, teoricamente, como um tempo em que a escolha pessoal se torna importante e o próprio não fazer nada, o *dolce far niente*, pode ser considerado como um dos elementos enriquecedores do sentido do tempo livre e do lazer. Nesse sentido, o próprio tédio pode ser fecundo. O próprio estar sozinho no bar pode ser uma proposta, escolha ou adesão pessoal, diferente de se estar em isolamento doentio, como no imaginário romântico. Por isso, pode-se pensar o bar como ambiência para o desenvolvimento de novas formas de boêmias.

Algumas informações colhidas no bar dão conta de que a vivência no tempo livre favorece o desregramento, e o prazer. A entrevistada *Linda Issa* assim diz sobre o lazer:

um estado de pouca cobrança e preocupações. Algo fora da rotina. Muitas vezes lazer para mim é apenas dormir. Acredito que lazer é extremamente importante para as pessoas, porque não acho prazeroso só ter responsabilidades num mundo competitivo, misógino, extremamente formal todos os dias da semana. (BARRAL, 2006).

Diferente do que costuma fomentar determinadas abordagens, o tempo livre pode ser um tempo para uma atividade de escolha individual, e não tempo morto ou ocioso, mesmo que essa atividade seja o não fazer nada. O fazer nada já encerra uma ação. O não fazer nada remete à concepção de Martha Wolfenstein, do *fun morality* ou da moral da distração: “O lazer como um valor em si. O lazer tão imbricado na vida cotidiana que não é identificado como lazer em si”. “O lazer como um novo tipo de ética social, do divertimento” (WOLFENSTEIN apud DUMAZEDIER, 1994: 58). Ao ganhar o status de valor em si, as práticas de lazer remetem a possibilidades e imaginários múltiplos.

Seguindo estes percursos teóricos, na incursão empírica nos espaços de lazer vivenciados por alguns moradores de Brasília, encontram-se práticas no cotidiano do tempo livre que informam sobre as teorias. Nos encontros em bares, por exemplo, valores e conteúdos do lazer revelam-se em performances e práticas em torno da bebida, da conversa, do riso, do encontro gratuito. O que, de início, remete a formas “hedonistas” de vivência do tempo livre, em que parece imperar o princípio do prazer, são, em realidade concreta, o viver junto, o conviver dos indivíduos e grupos sociais na cidade. Talvez, no caso dos bares, “um ajuste e acordo” nos prazeres.

3.4 LAZER E SOCIABILIDADE EM BRASÍLIA

O bar é onde as pessoas se reúnem e se encontram. Onde a cidade fala de si, de seus moradores, dos assuntos da vida pública e privada de seus habitantes e de alhures, entre bebidas e comidas. Se, em algum momento ou representação, o bar se fez como o lugar da notícia e dos acontecimentos, ainda hoje se pode perceber essa sua trajetória e contingência. Uma sociabilidade do bar, do estar junto à mesa para beber, comer e sobretudo compartilhar conversas, pode ser pensada a partir da ideia de comensalidade (ALTHOFF, 1998; ROMAGNOLI, 1998). O *cum vivere*, o comer e o beber em um convívio como imagem de uma vida vivida em comum. Como afirmam os historiadores Jean-Louis Flandrim e Massimo Montanari,

o homem civilizado come não somente (e menos) por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas, também (e sobretudo), para transformar essa ocasião em um momento de sociabilidade, em um ato carregado de forte conteúdo social e de grande poder de comunicação. Não nos sentamos à mesa para comer, mas para comer junto. (...).

O banquete torna-se assim, o sinal, por excelência da identidade do grupo (...). O banquete é, portanto, não apenas o espaço por excelência onde se expressam as identidades, mas também, o da mudança social, conforme o mecanismo antropológico bem conhecido do dom e de sua contrapartida, que confere, à oferta de alimentos, valores sempre diferentes em função da posição que ocupa o oferente: de cima para baixo, a oferta denota uma condescendência generosa e a preeminência social; de baixo para cima, ela denota a veneração e a sujeição; no plano horizontal, ela significa, simplesmente, a pertença comum (que pode ser ocasional) a um grupo (FLANDRIM; MONTANARI, 1998: 108-109).

Ou, nos dizeres de Daniela Romagnoli,

a mesa é, por excelência, o lugar da sociabilidade assim como o espaço onde se encontram o corpo e a alma, a matéria e o espírito, a exterioridade da etiqueta e a interioridade da ética. O comportamento à mesa é regido, portanto, por uma dupla preocupação: trata-se ao mesmo tempo de controlar e conter os gestos, os movimentos do corpo e de zelar pelos movimentos do espírito e guiá-los, com o objetivo ético e social que as circunstâncias exigem (ROMAGNOLI, 1998: 497).

Ao se pensar a relação entre lazer e sociabilidade, no caso, da perspectiva do “ilustre frequentador”, pode-se pensar em suas práticas como uma otimização de sua forma de ocupar o tempo livre. Isto porque a sociabilidade do lazer, do entretenimento carrega, nos dizeres do sociólogo Michel Maffesoli, uma “sabedoria dos limites” em contraposição a um dever-ser dos indivíduos ou grupos sociais. Na diversão mais elementar, bem como em práticas de lazer que exijam mais dos indivíduos, sempre se apresenta um elemento de escolha, fruição, gozo e distensão. Comentando o lazer noturno, Maffesoli especula:

O mundo da noite possui um mecanismo de circulação capaz de ultrapassar a atomização; o que chamamos de libertinagem ou orgia é a expressão desse sentido poético profundo (...). esta lei atua de fato em todos os sentidos e seria melhor falar de coletivização dos sentidos. Existe uma errância irreprimível dos costumes que é a metáfora da errância existencial (...). a troca, a pluralidade, o imoralismo, o jogo das diferenças, tudo isto mostra que a socialidade tem como única dimensão o imediato sem partilhas (MAFFESOLI, 1984:41-49).

Se Brasília foi, nas canções da banda de *pop-rock* *Legião Urbana* e de uma juventude dos anos 1980, a “cidade do tédio”, hoje não se pode pensar o mesmo dela, e, particularmente, do Plano Piloto. As formas, conteúdos e espaços de lazer são variados. O número de espaços, equipamentos e eventos de lazer tem crescido a cada dia. No que diz respeito ao lazer e entretenimento, a cidade não deixa a desejar em relação à outras cidades brasileiras. No Plano Piloto pode-se, cotidianamente, ir a cinemas, festas, bares, restaurantes, teatros, shows musicais nacionais e internacionais, exposições, museus. As transformações ocorridas no espaço de lazer na cidade de Brasília podem ser acompanhadas, perseguindo alguns dados estatísticos. Em 1974, por exemplo, a cidade contava 4 auditórios, 3 bibliotecas, apenas 1 museu e 1 sala de música, 8 salas de cinema, 3 teatros. Ainda segundo esses dados, foram realizados 156 concertos e recitais, 419 sessões de

cinema, 107 representações teatrais. Em 1975, embora o número de museus tenha aumentado para 3, Brasília ainda constava, em termos de oferta de lazer, entre os menores índices do país. Em 1979, têm-se, por exemplo, 25 associações desportivas, um índice muito baixo em relação a outros estados e cidades do Brasil.

Já em 1980, têm-se, na cidade, 4 teatros, 22 salas de cinema, 6 auditórios, 3 bibliotecas populares, 7 bibliotecas universitárias, 3 museus, 50 associações desportivas. Exibiram-se 285 sessões de teatro; 44.909 entradas de cinema foram vendidas para 865 filmes exibidos. As transformações não são pequenas. Contudo, comparadas com São Paulo – e a comparação extrema pode ser confrontada, mais à frente com outros estados, que exibiu 30.411 filmes com 1.430.000 ingressos vendidos, ou Rio de Janeiro com 1.870.000 entradas –, o lazer ainda é problema para a cidade. Em 1980, Brasília, apesar das mudanças, ocupa o 21º lugar no país em termos de exibição de filmes, o que reduz o lazer. Comparando dados de espetáculos encenados em Brasília, em 1984, têm-se 146 peças teatrais nacionais e 36 estrangeiras, muito pouco em relação aos estados, por exemplo, do Amazonas (362), Pará (473), Rio Grande do Norte (301), Minas Gerais (1612), Rio de Janeiro (4226), São Paulo (10269) ou Curitiba (1230).¹⁰⁷

Foi-se o tempo em que Brasília não oferecia opções de lazer e entretenimento aos seus moradores e visitantes. Embora haja divergências quanto às condições de lazer, a cidade, que é centro do poder político e das grandes decisões do país, oferece, cotidianamente, diversas opções para todas as idades, estilos, gostos. Das visitas aos monumentos à agitação noturna, Brasília oferece várias possibilidades de vivência e experiências no tempo livre. Em termos quantitativos e qualitativos, a cidade apresenta uma multiplicidade de opções de lazer. Não é tarefa fácil conceituar o lazer e apontar onde ele se realiza, porquanto escolha pessoal, mais ou menos espontânea, prazerosa e que pode significar para uma pessoa o que não significa para outra. O que pode ser observado é que, de todas as modalidades de lazer oferecidas na cidade, frequentar bares tem sido das práticas preferenciais no tempo livre.

¹⁰⁷ Esses dados, levantados entre 2004 e 2006, embora desatualizados mostram mudanças na oferta de equipamentos e produtos de lazer em Brasília, em um crescimento ascendente ao longo das últimas décadas. Estatísticas do século XX. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bar surgiu como local de pesquisa empírica a partir do interesse em pensar os sentidos e significados de algumas formas de lazer. As perguntas que guiaram a curiosidade foram: como os bares usam e ocupam os espaços da cidade e se afirmam como espaço de lazer?; com quais atrativos esses espaços de lazer operam?; por que algumas pessoas escolhem o bar como lazer?; qual o lugar do bar nas interações sociais?; que forma de sociabilidade se desenvolve no bar?

No primeiro capítulo, ao descrever os bares, argumento que a preposição “desde” que acompanha o nome do bar nas tabuletas, placas e letreiros representa o projeto de continuidade e formação de raízes desses estabelecimentos. Dos bares, o mais antigo, o *Beirute*, fundado em 1966, é o que mais tem investido em termos de construção de uma memória e um enraizamento. A quadra comercial 109 S, onde este está instalado, foi, em termos históricos, o lugar da constituição da primeira rede de lazer em bares na cidade.

Conforme foi mostrado, entre os anos 1960 e 1970, pelo menos seis bares se instalaram nessa quadra. O modo como esses estabelecimentos ocuparam as lojas comerciais subverteu a ordem planejada para o local. Ao mesmo tempo, essa forma de ocupação traz movimento para a quadra, traz vida para o lugar. A rua, condenada ao uso restrito para automóveis, ganha ares de cidade, com a inversão das vitrines e das entradas das lojas, o que provoca a circulação de pedestres entre os veículos nos espaços da superquadra.

Nos primeiros anos da cidade, uma das primeiras formas de lazer a se estabelecer na cidade foram os bares, e, já nos inícios dessa ocupação vão definindo os redesenhos da Capital Federal. Na medida em que se estabelecem, articulam redes de interdependência que irão propiciar a participação nos “ajustes e acordos”, em torno das regulamentações e usos dos espaços e tempos da cidade. Ocupando os espaços urbanos, entre a lei e a ordem, proprietários de bar, prefeitos de superquadras, administradores e legisladores públicos vão definindo os desenhos e a ordem social da capital da república.

Pensar o espaço do bar como prática polissêmica de lazer é pensá-lo como o lugar onde, por exemplo, nas manhãs, na comercial da 403 S, reúnem-se “os amigos do Piauí, que ocupam o tempo livre com jornais, palavras-cruzadas,

bebidas e tira-gostos, tudo sempre envolto em conversas, brincadeiras, jogos, risos. Ocupando esse espaço, esses frequentadores conduzem suas atividades de lazer ao mesmo tempo que dão vida ao lugar, conformando uma sociabilidade: nesses momentos de convívio, estabelecem a moral do divertimento no bar.

Ao se buscar ancoragem teórica em Joffre Dumazedier para abordar o lazer em torno dos bares como categoria sociológica, percebe-se, na explanação desse autor, uma lacuna em sua formulação conceitual que dê conta dessas práticas. Daí a necessidade de ampliação desta categoria, dentro de seu sentido polissêmico. Ou seja, na classificação que esse autor faz de lazer, considera o bar como lugar de práticas com conteúdo cultural associativo. Parece correto, mas o lazer em bares sugere mais que isto, pois envolve, além do encontro com o outro, um conjunto de elementos como bebidas, comidas, e outros atrativos, que vão além do sentido apenas associativo, ativando outros conteúdos que não aparecem na classificação desse sociólogo.

Analisando o recorte empírico, proponho que alguns bares da cidade de Brasília se constituem como importantes lugares de lazer e de ocupação do tempo livre e, por outro lado, especialmente de frequência cotidiana. Ao mesmo tempo, constituem-se enquanto espaço social, lugar de múltiplas atrações ligadas à participação na vida pública da vizinhança, da cidade e de suas práticas socioculturais. Dentro dos bares se desenvolvem formas de sociabilidade que poderiam tratar de consumo, exibição, performances, espetáculo, como, igualmente, do diálogo ou da discussão ordinária, moderada e mediada por acontecimentos da vida cotidiana local, nacional e global.

A sociabilidade do bar pode facilitar, em grande medida, a compreensão de como a sociedade é possível. Nesse espaço se desenvolvem afetividades, formas de estar um com o outro, onde um e outro são indivíduos em interação cara a cara, com todas as suas qualidades. (SIMMEL, 1939). Um argumento da tese, a partir da observação direta dos lugares empíricos de pesquisa, é a de que esses estabelecimentos não se constituem apenas como espaços de lazer étlico e gastronômico, mas lugar de sociabilidade, práticas e representações, de uma certa comensalidade (FLANDRIM, 1998). A comensalidade implica uma atitude de desfrute à mesa, que propicia aprendizagens e experiências de construção da realidade social.

A escolha do bar como objeto de pesquisa teve a ver com a centralidade que esse espaço veio conquistando como prática de lazer em Brasília, entre várias gerações. Ao colocar determinados elementos em cena, como consumo étílico e gastronômico, conversação, vizinhança, performances e “frequentadores ilustres”, esses espaços se configuram como espaços de socialização. Pensemos na existência de dois bares, um interior: palco de consumo de bebida, comida e tempo, da brincadeira, do riso, do lúdico; e outro exterior: espaço de conflitos com determinada ordem social e espacial. Na sua interação com a cidade, o bar vem, aqui e ali, vivendo e provocando “ajustes e acordos”, novos modos de viver o tempo livre em Brasília.

A abordagem que se quis do bar foi observá-lo como lugar de uso e ocupação dos espaços e tempos de lazer. Ao mesmo tempo se quis descrevê-lo como o lugar do lúdico, do prazer e da escolha espontânea em termos de opção para o tempo livre. Embora muito se fale de Brasília, uma cidade fria, tediosa, sem opções, o bar pode ser apresentado como um lugar quente, carinhoso, íntimo, familiar. Nestes termos, antes de representar transgressão de valores, o bar representa o desdobramento de valores tradicionais de amizade, parentesco, família.

No artigo “Beirute: flor étlica do cerrado”, de Ilge I. Gomes, Marcelo A. de Sousa e de Reginaldo S. Costa, aparece a seguinte passagem: “não há necessidade de reinventar-se a cada dia, antes, pode-se repetir chavões, rediscutir...por isso o cenário é tão equilibrado”. Este argumento indica que o sentido de transgressão, de subversão, vício ou perdição não se realiza nesses bares. Por isso, concordo com os autores desse artigo quando afirmam que no bar, “sua esquerda se revela no nível do discurso caloroso, profano, familiar”. Uma elite tranquila.

Por isso, talvez, o bar não seja um espaço marginal ou periférico, mas central nas práticas do tempo livre voltadas à conversação, ao encontro, ao consumo na cidade de Brasília. Enfim, o bar, representa um lugar de contestação, de novas formas de sociabilidade, de transgressão, mas, observo, uma subversão planejada, comedida, voltada aos valores da civilidade, do cultivo de determinadas e específicas práticas e representações culturais. Pontuando com precisão qual é o lugar do bar, observa-se a perspectiva do “ilustre frequentador”: engenheiro, político, dentista, psicóloga, fotógrafo, artista, estudante, enfim, de uma certa linhagem, do *impoluto*. Ou seja, a conquista e fixação do bar como uma afirmação da burguesia.

Aqui cabe entender o sentido de burguesia da perspectiva sociológica e não histórica. A burguesia como uma classe ilustrada e, sobretudo urbana. Construir esse espaço privilegiado de encontro, frequência, conversação e fazê-lo durar no espaço e no tempo requer integrá-lo, com se fez, a uma rede de interdependências, “ajustes e acordos” entre: proprietários, frequentadores, funcionários, vizinhança, moradores, administradores públicos, e às leis e ordens na capital federal.

Na primeira parte do capítulo segundo, viu-se que leis, código de conduta de bares e a ordem da vizinhança atuam externamente sobre o funcionamento e a organização do bar. Nesse sentido, acabam impactando sobre a ambiência interna do estabelecimento. Horário de funcionamento, uso e ocupação de área pública, tipo de frequentador são “moeda de troca”, em debates e encaminhamentos, que se constroem e se formulam fora do espaço físico do bar, mas urdido nas redes de interdependências que informam o espaço social no interior do estabelecimento.

A “Lei Seca”, que estabelece normas de conduta no trânsito, constrange determinadas formas de frequentar o bar. De um lado, essa lei tende a limitar o trânsito e o fluxo de indivíduos e grupos, em determinados dias e horários na cidade. De outro lado, propicia e fomenta o surgimento de novos bares e outras formas de lazer no interior da superquadra, limitando determinados moradores ao lazer em seu espaço de residência.

A chamada “Lei dos Puxadinhos”, que se transformou em uma “batalha” entre diferentes interesses e grupos, coloca em perspectiva o problema do uso e da ocupação de áreas públicas na cidade. Percebe-se que, em Brasília, há normas e leis que são aplicadas de formas diferenciadas nos espaços e nos seus usos. As orientações para o funcionamento do comércio e para o modelo de lojas diferem da Asa Sul para a Asa Norte do Plano Piloto.

Ainda, a “Lei do Silêncio”, que estabelece, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), as normas de preservação ambiental quanto à poluição sonora, visando o conforto da comunidade no que diz respeito aos níveis de som e ruído, é aplicada, em alguns casos, sem uso de equipamentos técnicos e de forma aleatória. Como foi apresentado, em uma mesma área pública, três estabelecimentos produziam gradientes diferenciados de emissão de som, entretanto apenas um deles, o bar, foi notificado, em determinada situação, contudo sem a devida medição técnica, segundo as normas da ABNT, como prevê a lei.

O bar, como espaço de lazer, sofre restrições externas para seu funcionamento e organização. Outras regras e limites também são criados e estabelecidos para seu espaço interno. As normas e regras que são desenvolvidas internamente no bar colocam em interação proprietários, funcionários e frequentadores. Em grande medida estas dizem respeito à conduta e ao comportamento no bar. Observando e descrevendo a atuação desses atores em interação, é encaminhada a noção de sociabilidade do bar, que, conforme a leitura do sociólogo Édison Gastaldo, diz respeito ao jogo lúdico e jocoso que ocorre no interior de alguns bares.

Uma das características observadas nos bares é que, em sua maioria, são propriedades familiares: negócio que foi iniciado pelos pais e agora vem se transferindo para os filhos. Dos oito bares observados, apenas dois são administrações individuais. Ainda, desses oito estabelecimentos, dois já encaminharam e firmaram filiais. O *Beirute* iniciou seus negócios na Asa Sul, nos anos 1960, e agora possui filial na Asa Norte. O *Piauí*, fundado em 1985, na 403 S, atualmente possui uma filial na 402 S, e está construindo uma terceira loja na Vila Planalto, Asa Norte.

Para os bares funcionarem e se fixarem na cidade importa a sua organização interna. Contribui em grande parcela para a qualidade desse trabalho os funcionários do estabelecimento. Em alguns dos bares (*Piauí*, *Paixão*, *Careca* e *Paulicéia*) verificou-se a preferência por funcionários com laços de parentesco com os proprietários ou com outros funcionários do lugar. O trabalho desenvolvido por muitos funcionários do bar estão em estreita relação com o crescimento e o fortalecimento do negócio. No bar do *Careca*, o funcionário cuida de praticamente todas as funções. Além de, no seu tempo livre, pensar a estrutura e a organização do negócio, conforme seu relato na “carta” que elaborou para seus patrões. *Ciço*, um funcionário do *Beirute*, teve seu trabalho reconhecido pela Câmara Legislativa da Cidade, que o congratulou com o título de Cidadão Honorário.

Ao se buscar a definição para o freguês ou cliente do bar, encontrou-se a expressão “frequentador”, que foi ampliada para “ilustre frequentador”, categoria mais ampla que envolve não somente o consumo no bar, mas a maneira de frequentar o lugar: assiduidade, cordialidade, capital econômico e cultural, simpatia e educação, maneira de beber e comer, entre outros atributos de sociabilidade. Em

sua grande maioria o frequentador do bar é do sexo masculino, jovem e adulto, de classe média de Brasília.

O lugar da mulher no bar é como proprietária, funcionária e frequentadora. Como proprietária, ela está presente nos bares *Paulicéia*, *Piauí*, *Careca*. Como funcionária, no bar *Piauí*, viu-se que ela possui uma série de tarefas, particularmente os serviços de balconista, caixa e atendimento. No bar *Paulicéia*, a mulher é responsável pela cozinha do estabelecimento. No outros bares, a maioria é de funcionários homens.

Como “ilustre frequentadora”, a presença da mulher ainda é rara. Mas como frequentadora eventual do bar, ela ocupa um lugar ainda sob o olhar masculino. No *Só Drink’s*, proprietário e “ilustre frequentador” estão a falar das mulheres como objeto de posse; a luta das mulheres no *Meu Bar* não é apartada porque se torna divertimento entre homens; a curiosidade do pesquisador com a “maneira masculina” de beber de duas jovens mulheres no *Piauí* aguça sua curiosidade sobre a sociabilidade do bar.

A sociabilidade do bar apresenta as características de ludicidade, gratuidade e desinteresse nas interações. Em certo sentido, há uma relação de intimidade entre proprietários, funcionários e frequentadores, marcada pela reciprocidade nas interações. O tipo de sociabilidade que é adquirida e produzida no bar emerge das concepções que proprietários, funcionários e frequentadores têm sobre o uso e a ocupação do lugar, a maneira de consumir bebida alcoólica, o trato com os “outros” no lugar.

Frequentar o bar revela uma sociabilidade que é um fim em si mesmo, sendo suficiente para esses frequentadores estarem juntos, na expressão de Simmel, “sociados”. Portanto, a maneira de frequentar o bar está associada a uma condição de pertencimento, que se traduz na formação de laços sociais de amizade, de reciprocidade. Tal noção de sociabilidade requer ainda participação nas conversas, nas brincadeiras, na teatralidade que fazem parte da vida social do bar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcelo. (2007, 21 mar.). “Ciço, o Cidadão”. *Correio Braziliense*, Brasília.
- ACHUTTI, Luiz E. R. (1997). *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarica.
- ADORNO, Theodor. (2004). *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra.
- ALABARCES, P. (org.) (2000). *Peligro de gol: estudos sobre deporte y sociedade em America Latina*. Buenos Aires: Clacso.
- ALMEIDA, Cândido J. M. (1985). *O que é vídeo*. São Paulo: Nova cultural/Brasiliense.
- ALMEIDA, Maria I. M.; TRACY, Kátia M. A. (2003). *Noites nômade: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ALTHOFF, Gerd. (1998). “Comer compromete: refeições, banquetes e festas”. In: FLANDRIN, Jean-Louis. (org.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- AMORIM, Diego. (2010, 30 jul.). “Sabor e prazer na Asa Norte”. *Correio Braziliense*, Brasília.
- ANDRADE, José de. (2010). “Homenagem ao trabalhador do Beirute”. In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. (2007). *Dicionário teórico e crítico do cinema*. São Paulo: Papirus.
- BAKHTIN, Mikhail. (2002). *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Annablume/Hucitec.
- BARRAL, Gilberto L. L. (2006). *Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso dos bares*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- _____. (2008). “Origens do rock, pop, MPB e forró – características”. *Usina das Letras*. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=274&cat=Ensaios&vinda=S>>. Acesso em: 22 set. 2011.
- BATISTA, Geraldo R. (1965). *Um estudo do comércio local de Brasília*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura, Universidade de Brasília, Brasília-DF..
- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BENET, Marcela. (2012). “Quer tomar uma cerveja geladinha debaixo da árvore? Vá ao Paulicéia”. *Revista Meia Um*, Brasília, ano 2, n. 14.
- BERGSON, Henri. (2001). *O riso: ensaio sobre o significado da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, Pierre. (2011). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- _____. (1992). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- _____. (1983). "Gosto de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato. (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática. p. 82-121.
- BRANCO, Mariana. (2011, 1º maio). "Compra com endereço certo". *Correio Braziliense*, Brasília, Caderno Cidades, p. 34.
- _____. (2008). "Lucros em verde e amarelo, promoções nos bares". *Correio Braziliense*, Brasília.
- CAMARGO, Luís O. L. (1986). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.
- CANCLINI, Nestor G. (2005). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- CANEVACCI, Massimo. (2001). *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A.
- CASCUDO, Luís C. (1986). *Prelúdio da cachaça: etnologia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CASTELLS, Manuel. (1972). *Problemas de investigación en sociología urbana*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- CATALDO, Beth; RAMOS, Graça. (2010). *Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?* Brasília: Tema Editorial.
- CAVALEIRO, Maria C. (2005). "Mulheres em movimento: lazer e educação no espaço urbano". GT: Movimentos Sociais e Educação. *28ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu-MG.
- COHEN, Renato. (2009). *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- CONCETTA, D'Angeli. (2007). *O cômico*. Curitiba: Ed. UFPR.
- COSTA, Eduardo A. (2001). "No caminho com Maiakovski". In: PINTO, José Nêumanne (org.). *Os cem melhores poetas do século XX*. São Paulo: Geração Editorial.
- COSTA, Lúcio. (1991). *Relatório do plano-piloto de Brasília*. Brasília: Codeplan-GDF.
- _____. (1965). "Relatório do plano-piloto de Brasília". *Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro: IBAM.
- COUCEIRO, Sylvia Costa. "A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões". *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Sylvia%20Costa%20Couceiro.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.
- CUNHA, Ari. (s/d). "Prefácio". In: ABREU, César. *Brasil enfaixado: o humor cáustico de César Abreu*. Brasília.
- CUNHA, Murilo B. (1982, jun.-dez) "Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica". *Revista Biblioteconomia de Brasília*. Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19.
- CUNHA, Paulo J. (2010). "Nove". In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- DIAS, Fernando C. (2010). "Apresentação". In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.

- DUMAZEDIER, Joffre. (1994). *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel.
- _____. (1978). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- DURKHEIM, Émile. (1999). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1989). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas.
- _____. (1988). *Pragmatismo e sociologia*. Porto: RES Editorial.
- _____.; MAUSS, Marcel. (1978). “Algumas formas primitivas de classificação”. In: RODRIGUES, José Albertino (org). *Durkheim*. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- ELIAS, Norbert. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: WVA.
- _____. (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1994a). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1994b). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____.; DUNNING, Eric. (1987). *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.
- EMÍLIO, Francisco. (2010). “Bastidores”. In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- FERREIRA, Diogo C. S. (2007). *Efeitos da música ambiente sobre o comportamento do consumidor: análise comportamental do cenário de consumo*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- FERREIRA, Jorge. (2010). “Espalhando semente de cevada”. In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. (1998). “Sistemas alimentares e modelos de civilização”. In: FLANDRIN, Jean-Louis (org.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- FONSECA, Fernando O. (2010). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- _____. (1994). *Beirute, final de século*. Brasília: Coronário.
- GAELZER, Lenea. (1979). “Lazer: benção ou maldição?”. In: GROPPPO, Luis Antonio (org.). *A participação social dos excluídos*. Porto Alegre: Sulina.
- GARCIA, Diego B. (2010). “Santino”. In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- GARFINKEL, Harold. (1967). *Studies in Ethnomethodology*. New Jersey: Prenticehall.
- GASTALDO, Édison. (2005, jul.-dez.). “O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123.
- GOFFMAN, Erving. (2012). *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes.

- _____. (2011). *Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2010) *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes.
- GOIFMAN, Kiko. (1998). *Valetes em slow motion: a morte do tempo na prisão*. Campinas: Editora Unicamp.
- _____.; MÜLLER, Jurandir. (1998). *Valetes em slow motion: a morte do tempo na prisão*. CDRom multimídia.
- GONZALEZ, Demóstenes. (1986). *Roteiro de um boêmio*. Porto Alegre: Sulina.
- HALBWACHS, Maurice. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- HALL, Stuart. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____. (1973). *Encoding and Decoding in the Television Discourse*. Birmingham: University of Birmingham.
- HOLSTON, James. (1993). *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HUIZINGA, Johan. (1971). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- JACOBS, Jane. (2010). *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: WWF/Martins Fontes.
- JATOBÁ, Sérgio. (2010). “A batalha dos “puxadinhos”, que vença a cidade”. In: FONSECA, Fernando Oliveira (org.). *Beirute, bar que inventamos*. Brasília: Ideal.
- JOHNSON, Allan G. (1997). *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- JORNAL de Brasília. (2010, 18 abr.). “Puxadinho”. Brasília, p. 13.
- LAFARGUE, Paul. (1980). *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós.
- MADER, Helena. (2006a, 03 jul.). “Patrimônio ameaçado”. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 15.
- _____. (2006b). “Quatro soluções para um problema”. *Correio Braziliense*, Brasília.
- MAFFESOLI, Michel. (2004). *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- _____. (2000). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MAGALHÃES, Themis Q. (1985). *Brasília, mitos e vivências: análise do discurso brasiliense*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- MAGNANI, José G. C. (1984). *A festa no pedaço: lazer e cultura popular na cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- MANNHEIM, Karl. (1967). *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (2001). *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

- MARTINS, José de S. (2009). *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto.
- MARX, Karl. (1976). *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec.
- MATTA, Roberto da. (1987). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- MATZA, David. (1968). "As tradições ocultas da juventude". In: BRITO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. (1975). *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- _____. (1965). Planejamento da recreação municipal. *Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro: IBAM.
- MEDINA, Cremilda. (1998). *Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver em Brasília*. Brasília: Editora da UnB.
- MELLO, Raquel de S. (2011). *Topofilia: sociabilidade, arte e patrimônio em uma utopia urbana*. No prelo.
- MELLO, Thereza F. N. (2006). *Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE*. Brasília: Petrobrás.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. (1997). "Fragmentos para um discurso sociológico sobre Brasília". In: _____ (org.). *Brasília: a construção do cotidiano*. Brasília: Paralelo Quinze.
- _____. (jan.-abr. 2003). A "sociologia" de um edifício urbano: o Conic no Plano Piloto de Brasília. *Urbanidades*. Revista Eletrônica do Projeto Integrado de Pesquisa – PIP – CNPQ, Itinerâncias Urbanas, n. 1.
- _____. (2004). *Brasília: a fantasia corporificada*. Brasília: Paralelo Quinze.
- _____. (2009). "Eixo Monumental de Brasília: a obsessão da integração". Texto apresentado no GT As cidades nas Ciências Sociais: teoria, pesquisa e contexto. ANPOCS. Anais.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.
- MONGIN, Olivier. (2009). *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação liberdade.
- MONTAIGNE, Michel E. (1987). *Ensaio*. v. 2. Brasília: Ed. UnB/Hucitec.
- NEVES, Delma Pessanha. (2003). "O consumo de bebidas alcoólicas: prescrições sociais". *BIB*, São Paulo, n. 55.
- PAIM, Maria C. C. (2006). "O que as mulheres e os homens fazem em suas horas de lazer". *Revista digital*, Buenos Aires, ano 10, n. 92.
- PAVIANI, Aldo. (1985). "Brasília: mito e realidade". In: PAVIANI, Aldo. (org.). *Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão*. São Paulo: CNPQ.
- _____. (1991). *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: Ed. UnB.
- PRATINI, Renata. "Inauguração do novo Restaurante e Bar Piauí". *Dicas da Capital*. Disponível em: <<http://dicasdacapital.com.br/veja-tambem/2982/inauguracao-do-novo-restaurante-e-bar-piaui/>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

- PRONOVOST, Gilles. (2011). *Introdução à sociologia do lazer*. São Paulo: Ed. Senac.
- PROPP, Vladimir. (1992). *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática.
- PULJIZ, Mara. (2010). “O jazz pede licença, mas...”. *Correio Braziliense*, Brasília.
- RAGO, Luíza Margareth. (1985). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil: 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- REVISTA *Carta Capital*. (2012, 18 abr.). “Mais Rigor na ‘Lei Seca’”, ano XVII, n. 693.
- REVISTA da Semana. “O Brasil adere à Lei Seca”. (2008, jul.). *Revista da Semana*, São Paulo, Editora Abril, ed. 43, ano 2, n. 25, p. 1011.
- ROMAGNOLI, Daniela. (1998). “Guarda no sii vilan: as boas maneiras à mesa”. In: FLANDRIN, Jean-Louis (org.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- RUSSO, Renato. (2006). “Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)”. *Capital Inicial. Renato Russo: uma celebração*. Multishow; EMI.
- SANTOS, Milton. (1996). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.
- SCHUTZ, Alfred. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- SENNET, Richard. (2006). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.
- SILVA, Elisabeth Murilho da. (2003). *A violência diletante: um estudo sobre as brigas juvenis no contexto do lazer*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SILVA, Gislene M. B. L. F. (2008). *Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- SILVA, Inaé Magno da. (2008, jan.-jun.). “Utopia e silêncio: vida pedestre, imagem e emoção em Brasília”. *Revista Cronos*, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 35-64.
- _____. (2003). *Brasília, a cidade do silêncio*. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- SILVA, Luis A. M. (2011, maio). “O significado do botequim”. *Enfoques – Revista dos alunos do PPGSA – UFRJ*, v. 10, n. 1. *Online*. p. 115-136. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifes.ufrj.br/~enfoques/>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
- SIMMEL, Georg. (1998). “O indivíduo e a liberdade”. In: SOUZA, Jessé; OËLZE, Berthold (org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- _____. (1983). “Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (1967). “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SMITH, Edwin. (1975). *Fotografia: técnicas e truques 2*. Lisboa: Editorial Presença.
- SPANG, Rebeca L. (2003). *A invenção do restaurante: Paris e a moderna cultura gastronômica*. Rio de Janeiro: Record.

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (2011). *Brasília 50 anos: arte e cultura*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

VIEIRA, Emanuel M. (1994). “Águias do Beirute”. In: FONSECA, Fernando O. (org.). *Beirute, final de século*. Brasília: Coronário.

VIDAL, Laurent. (2009). *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WOLFF, Cristina S. (2005, set.-dez.). *Escrevendo a história no feminino*. *Revista de Estudos Femininos*, v. 13, n. 3, Florianópolis.

YÚDICE, George. (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. (2001, fev.). “Violência extra e intramuros”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 16. n. 45, p. 145-165.

ZANELLA, Eduardo. (2011). “Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre”. *Plural – Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 18.

ZOLBERG, Vera. (1985). “Bohemia: utopian antidote for the alienated?”. In: *Alienation and participation in culture*. International Conference on Sociology of Art, Ljubljana. Ljubljana: Lidija Herek/Dimitrij Rupel.

Referências audiovisuais

“Alcoolistas anônimos no bar”. In: *A palmatória: “Viver em Brasília”*. Realização: Gilberto Barral, Jacques Sanfilippo e Maíra Zenun.

As idades de Brasília. (2010). Dir. Renato Barbieri. Brasil. Cor.

Bar Esperança, o último que fecha. Direção: Hugo Carvana. Ficção. 35 mm, cor, Brasil, 1983.

Brigas de Bar no Brasil. Direção: Jacques Sanfillipo, Ficção. Digital. 4’35, cor, Brasília, 2009.

“Hora do recreio”. In: *A palmatória: “Viver em Brasília”*. Realização: Gilberto Barral, Jacques Sanfilippo e Maíra Zenun.

Jurema. Direção: Maoro da Rocha Pitta. Documentário. 35 mm, 16’00, cor, Brasil, 2000/05.

Memórias Póstumas de Bares e Culpas. Direção: Jacques Sanfillipo, Gilberto Barral e Maíra Zenun. Documentário. Digital. 3’28, cor, Brasília, 2009.

Nove, uma rua em Brasília. Direção: César Henrique Arrais, Krishna Aum de Faria, Michel de Oliveira Gomes. Documentário. Digital. 26’06, cor, Brasília, 2002.

O chiclete e a rosa. Direção: Dácia Ibiapina. Documentário. 35 mm, 13’30, cor, Brasília, 2002.

“Ocupem seus lugares”. *In: A palmartória: “Viver em Brasília”*. Realização: Gilberto Barral, Jacques Sanfilippo e Maíra Zenun.

Memórias póstumas de bares e culpas. Direção: Gilberto Barral, Jacques Sanfilippo e Maíra Zenun. 3min. Brasil. Cor.

Um cigarro, por favor. Direção: Gilberto Barral e Maíra Zenun. 6min. Brasil. P&B.

Sites consultados

www.abrasel.com.br

www.anpuh.org

www.correioweb.com.br

www.enfoques.ifes.ufrj.br

www.facebook.com

www.orkut.com

www.sindhobar.com.br

www.unesp.br

www.wikipedia.com

www.youtube.com

www.ibge.gov.br